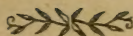
EDUARDO DE NORONHA

A SOCIEDADE DO DELIRIO

CONTINUAÇÃO DO ROMANCE

O CONDE DE FARROBO E A SUA EPOCA

LISBOA

João Romano Torres & C.ª — Editores
70 — Rua Alexandre Herculano — 76

EXPLICAÇÃO

Colhi, em factos averiguados e na tradicção, em livros e nos boatos, em biografias e nas anecdotas, em memorias e na lenda, em panegiricos e na maledicencia, em criticas dos erudítos e historiadores e na ingenua crença e admiração do vulgo, quanto aqui vae. Não me responsabilizo porque tudo quanto registo seja de uma verdade axiomatica, mas tambem declaro que em todo o romance não recorri uma só vez á invenção. Não me sendo possivel, por motivos varios, incluir nas obras anteriores a decima parte dos casos e aventuras atribuidas ao marquês de Niza e ao conde de Farrobo, pacientemente coligidas por mim durante bastantes anos, julguei oportuno o momento de submeter á apreciação do leitor este trecho dos costumes e dos homens de hontem.

O marquês de Niza e o conde de Farrobo, os dois *leões* mais falados da sociedade do seu tempo, não foram apenas dois extravagantes, dois gastadores, que deixaram os seus nomes vincados a esturdias proezas e a deslumbrantes festas. Não. Ambos prestaram serviços importantes ao paiz. Cada um na sua esfera de acção. Todos eles são evidenciados neste estudo. Intercalando as suas rapaziadas com actos em extremo meritorios e de subido patriotismo, ambos souberam ser estroinas e cavalleiros

ousados e artistas, galanteadores e religiosos, lhanos e cortezãos. Fizeram-se respeitar pelos inferiores e impuzeram-se nos paços reaes. Equilibraram com afavel galhardia a popularidade adquirida, sem nenhum esforço de adulação, com a remota aristocracia do nascimento. Singularizaram-se de tal modo que nenhuma individualidade posterior, do mesmo genero, apagou da reminiscencia das gerações os seus perfis inconfundiveis.

Lisboa, 16 de junho de 1921.

Eduardo de Noronha

PRIMEIRA PARTE

O marquez de Niza

I

Singular campainha!

— Bom gosto! Bom gosto!
— Coisas que valham! Coisas que valham!
— O barão de Quintela!
— Queremos para empresario o conde de Farrobo!
— Fóra batoteiros!
— Trampolineiros!
— Contrabandistas!
— O nosso dinheiro! O nosso dinheiro!

A estas injuncções e insultos sucede uma formidavel pateada digna das suas ruidosas predecessoras e modelo aperfeiçoadissimo, depressa ultrapassado, na copia, pelas descendentes.

Este teatro de S. Carlos chegou ao ultimo grau de decadencia.

— Dá saudades da praça do Salitre quando lá picam toiros.

— E' pecha que trazem as companhias quando veem representar a S. Carlos (1).

— Isto é peor que uma cavalariça.

— Pois se se trata de cavalos...

— Tambem só empresarios como estes, como os caixas do contracto do tabaco, os taes senhores Manuel José de Freitas Guimarães e Jeronimo de Almeida Brandão e Sousa! (2).

(1) Ainda em 24 de julho de 1843 a companhia do teatro do Salitre representou no palco de S. Carlos *O Peão fidalgo*, de Molière, um bailado e córos, musica de Casimiro, e o drama jocoso, *O medico da nova escola,* ornado de musica do mesmo maestro.

(2) Depois barão da Folgoza.

— Este ultimo então é muito antipatico !

— Intrigas de bastidores !

— Isto logo em seguida á esplendida e valiosa empresa do conde de Farrobo.

— Ainda o que existe de toleravel são os artistas e escriturados do tempo dele e os espectaculos que deixou organizados.

— Mas vocês malsinaram sem escrupulo a sua obra.

— Esta idéa genial de nos querer impingir a dansa de York, *Os Cuscos e os Quitos* sem cavalos, brada aos céos !

— Se os não teem, como os hão de apresentar ? !

— Vão-nos buscar, como até aqui, á Guarda Municipal...

— Ora ! Tomara o governo do Costa Cabral mais para reprimir a revolução sempre latente !

A pateada cresceu outra vez num ribombar de trovoada que se aproxima ameaçadora. Na verdade, como se tratava de solípedes, parece que todos os exemplares dessa familia enumerados na zoologia ali se tinham reunido, e que, á compíta, queriam demonstrar de forma pratica e ruidosa qual dispunha de maior poder muscular nos jarretes e de maior resistencia nos cascos.

— Espera, espera, que parece quererem botar fala.

— Venham explicações.

— Salta o discurso.

Nesta altura, entre o pano e o regulador da esquerda, esboçava-se o perfil e entrevia-se a fisionomia contrariadissima, lívida, apesar do vermelhão, de um corista. O homem instigado por alguem, talvez o director de scena oculto com as lonas e veludos, enche-se de coragem e arrisca alguns passos mais para o centro da ribalta em direcção da caixa do ponto,

— Schiu ! Schiu !

— Silencio ! Deixem ouvir !

Com esta imposição a ciciar de diversos pontos obteve-se um relativo mutismo. O orador, a titubear, gaguejando, perorou :

— A dansa... não... se... pode... executar... por... que... não... ha... cavalos.

— E porque não ha ? — perguntam centenas de vozes em unânime estentor.

— Tiveram... serviço... extraordinario... — responde com voz progressivamente entaremelada o discursador, e aduz com visivel esforço : — pede... desculpa... a... empresa... não... tem... cavalos...

— A empresa, se não tem cavalos, tem burros.

— Bravo, marquês, bravo! Bem dito! — saudaram homens e senhoras da platéa e dos camarotes.

Joaquim Pedro Quintela
CONDE DE FARROBO

Copia de um retrato a oleo

— Este marquês de Niza ha de dar sempre que falar de si.

— Que quer que faça um rapaz daquela edade, que herdou e tem extravaganciado uma enorme riqueza, e que é herdeiro unico de mais duas ou três?!

Rodeavam o titular indicado um bando de amigos, de lisonjeiros, de expoliadores, de tafues vestidos á ultima moda, com as camisas luzidias de imaculada alvura e, uma parte, com a consciencia enegrecida como um cano de exgoto de aguas turvas.

O fidalgo, objectivo de todos os olhares e alvo de todas as atenções, recebera na pia baptismal o aristocratico nome de D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama Castro Noronha Ataíde Silveira e Sousa. No seu nobilissimo brasão esmaltavam-se as armas do nono conde de Unhão, decimo terceiro conde da Vidígueira e nono marquês de Niza. Descendia do audaz e implacavel descobridor da India, de Vasco da Gama, de extirpe mais antiga que a do proprio fundador da dinastia afonsina, de escudo cortado pelo travessão da bastardia, ao passo que na casa da Vidigueira ele se apresentava esquartelado por legitimos consorcios santificados pela Igreja.

Nascera esse rapaz a 17 de janeiro de 1817, portanto, em 1842, época em que principia esta mui veridica cronica, com vinte e cinco anos. Filho do oitavo marquês de Niza, D. Thomás Xavier Teles de Castro da Gama Ataíde Noronha Silveira e Sousa e de D. Thomasia Francisca de Melo Breyner, perdera o pae em 1820, quando apenas tateava os seus puerís três anos. Não conheceu o avô paterno, o ultimo grande almirante português. Criou-o sua santa mãe, filha de D. Pedro de Melo Breyner e de D. Ana Rufina Soares de Melo. O avô materno, desembargador da Casa da Suplicação, fiscal da Junta dos Três Estados, Governador das justiças da Relação e Casa do Porto, senhor da vila da Trofa, ministro da Justiça durante a regencia da infanta D. Isabel Maria, conselheiro de Estado, veio a morrer, acusado de liberal, na Torre de S. Julião da Barra, em 1830.

D. Domingos acumulava, então, em 1842, com o seu titulo de marquês de Niza, o de alcaide-mór da mesma vila, almirante do mar da India, senhor da Vidigueira e de Unhão, administrador do morgado de Santo Eutropio, par do reino, adido honorario á legação de Portugal em Paris e comendador de varias ordens. Aparentado com familias de ilustre extirpe e abastadas, herdeiro forçado de algumas delas, só apreciava o dinheiro pela satisfação que o numerario lhe proporcionava de quantas fantasias e caprichos, comesinhos ou estupendos, lhe assaltavam a mente vulcanica.

A sua viva imaginação sempre em incessante labuta, servida

e acicatada por uma intelectualidade nervosa, clarividente, abrangendo todas as concepções mesmo as mais delirantes e vertiginosas, assemelhava-se a uma moderna ventoinha electrica, que rodopia em desvario e arrasta nas lufadas insensatamente impulsivas quanto, de pouco pêso, lhe fica proximo.

* * *

Ao estralejante vendaval, que parecia ter reunido e posto em acção as agitadas matracas de todas as Quartas Feiras de Trevas, desde o inicio da comemoração liturgica da Quaresma, sobreveio uma relativa calma. A dansa terminou sem novidade de maior, mercê da elegancia e boas formas da dansarina Carolina Filippini, que se estreara em meados de maio desse ano.

Como sempre, a platéa dividira se em partidos. A maioria, no entanto, pronunciava-se desfavoravel á empresa. Só um numero diminuto de amigos defendiam a sua gerencia.

— Não sei o que esta gente quer mais ? ! — increpava um dos patronos dos empresarios — O ano passado, 1841, primeiro da sua administração, escriturou as damas Augusta Gazzuoli Boccabadati, filha da grande artista, que ainda por cá se demora, e Luigia Schieroni Nulli, os baixos Gaetano Antoldi, Pietro Luy e Gaetano Nulli.

— Pois sim, queria ver o que sucederia se não estivessem cá Caterina Barili, Luiza Boccabadati, Clara Delmastro, Ana Mollo, Domingos Conti, barítono Felice Varesi, Luciano Fornazari, José Sinico, J. Belinzaghi, Ferretti, Eckerlini, Crosa — argumenta outro dilettante esquecendo-se das entradas de graça.

— Mais ainda : esses artistas, se são bons, devemos a sua acquisição á anterior empresa — confirma outro "borlista„.

— E operas ?! Todas conhecidas : do maestro Coppola ouvimos : *Giovanna di Napoli*, *La figlia del Spadaio*, *Nina pazza per amore* e *Inés di Castro*. Nem uma nova — aponta um censor.

— De Donizetti cantaram-se : *Marino Faliero*, *L'Elisire d'amore*, *Belisario*, *Il furioso*, *Betby*, *La Figlia del Regimento* e *Elena di Feitri* — expõe um assinante de boa memoria.

— Rossini concorreu com *Mathilda di Shabran*.

— Bellini com *I Puritani*, *La Somnanbula* e *Norma*.

— Ha ainda mais, repetidas : *Le prigioni d'Edimburgo*, de Fre-

derico Ricci; *Caterina di Clevis*, de Savi; *Il Bravo* e *Gabriella di Vergy*, de Mercadante; e *La Muta di Portici*, de Auber.

— Sem meter em linha de conta *L'assedio de Diu*, de Manuel Inocencio dos Santos; e *Terno al loto*, farça de Angelo Frondoni.

— Bonito reportorio!

— Ha outros peores.

— Peores?! Não pode ser! — acentua um dos interlocutores que nunca deixara cinco réis no bilheteiro.

— Ha coisas ainda peores, ha: «Pedindo favores é como mais se desfavorecem os homens».

A discussão principiava a azedar-se. Um dos do grupo para deitar agua na fervura, lembrou:

— E com relação a dansas?

— Bonita obra, não se desfaçam: Tivemos: *Telemaco na ilha de Calipso*, a *Corôa de Ariadne*, *O anel encantado*, a *Festa de Terpsicore*, *Narciso á fonte*, de York; *O casamento em mascara ou o ultimo dia de Entrudo em Roma*, *Rugero conde da Sicilia e Osmina*, de Montani; *Quinteto* e *O Facho*, de Casati; *João o Cruel* ou *O cerco de Pisa*, de Molinari; *A doida fingida* e *Força do Destino*. Todas elas bailadas por Carolina Devechi, M. Moreno, J. Soller, Nery e Casatti.

— Operas e dansas que se cantaram desde 6 de janeiro a 26 de dezembro.

— E os beneficios, que são praga?!

— Nem por isso se tem abusado muito deles. Houve o dos artistas, o que é da escritura.

— Que pouca memoria tens, homem! — acode um dos interlocutores. — A 2 de junho fez beneficio o maestro João Guilherme Daddi, em recita de assinatura, com uma opera do reportorio e respectiva dansa; ele executou ao piano uma fantasia de Thalberg e o concerto de Weber, acompanhado pela orquestra.

— Em 19 de julho ha outro, a favor das victimas do terramoto na Vila da Praia. Cantou-se uma opera, os duetos do *Othelo* e da *Anna Bolena*, o Vicente Tito Masoni tocou uma fantasia na rebeca e houve dansa.

— E o do bailarino e coreógrafo York em outubro? Em que reapareceu a Carolina Neri-Passerini, que cantou uma aria de Paccini e houve dansas, como não podia deixar de haver?

— E ainda não citam o beneficio das casas de asilo da infancia desvalida, no sabado da Aleluia, 10 de abril, em que se representou tambem uma especie de pantomima: *As lagrimas da Quaresma ou o Triunfo da Páscoa*, além dos bailes de mascaras nas noites de 21, 22 e 23 de fevereiro.

Corrido o pano sobre o ultimo acto, o marquês de Niza e os seus amigos, rapazes e homens de edade madura, mais daqueles que destes, demoram-se algum tempo no salão de entrada a presencear o desfile das senhoras á procura das carruagens, como é de uso desde a fundação do teatro.

— Receberam o meu convite, não é verdade? — pergunta D. Domingos aos que o cercam.

— Recebi — respondem em côro os interrogados.

— Que carta tão sibilina! E' um verdadeiro enigma! —comenta um como se tivesse procuração dos outros, e após uma pausa aduz — Que significa?

— Depois o saberás.

— E tua mulher?

— Está na quinta da Foz.

Devemos informar o leitor que o nono marquês de Niza casara a 3 de março de 1835, tendo dezoito anos, com D. Maria Constança Saldanha da Gama, filha dos setimos condes da Ponte, Manuel Saldanha da Gama Melo e Torres Guedes de Brito e D. Joaquina de Castelo Branco, uma das mais preclaras e virtuosas senhoras da sociedade portuguesa.

A caminho de casa os que saiam do teatro, D. Domingos toma pelo Chiado, a pé, e dirige-se para o seu palacio ali situado, [1] do lado esquerdo, indo para baixo, perto do antigo Marrare do *Polimento* e do actual Turf Club. As trazeiras debruçavam-se sobre o hoje largo da Abegoaria, travessa e largo do Carmo.

D. Domingos transpõe os humbraes da porta, ampla, de madeira do Brasil, corresponde com uma rapida inclinação de cabeça ao cumprimento feito pelo guarda-portão, sobe a vasta escadaria e entra no seu escritorio. Ahi, ergue a cabeça e estende

[1] Os marqueses de Niza tinham um palacio a S. Roque no local onde está hoje a Companhia de Carruagens. O terramoto de 1755 danificou-o bastante. Ficou devoluto No pateo, chamado do Patriarca, e no largo, edificaram-se barracas, onde se alojaram os criados invalidos da casa Vidigueira e Niza. Em principios do seculo XIX instalou-se ali o denominado Teatro do Bairro Alto.

a mão para colher o cordão da campainha. Recúa o braço. A sua vista incide na esplendida secretária, artisticamente marchetada, sumptuosa obra do celebre entalhador francês André Boule, obras, pagas já então por somas avultadas, e os seus olhos fixam se num par de pistolas, de coronhas incrustadas de prata e oiro, dispostas em cima da mesa, da forma mais pratica para serem empunhadas com rapidez. Olha para cima, como a escolher um ponto, e monológa :

— Ali !

Pega numa, aponta para o tecto, puxa pelo gatilho, ouve-se uma detonação e a bala crava-se num dos rendilhados artezões do estuque, mosqueado aqui e ali pelos sinaes dos redondos projecteis anteriores áquele.

— *Doze !* Pronto ! Que ordena V. Ex.ª, senhor marquês ? — inquere da porta um lacaio de farda luxuosa, de cabeça curva.

D. Domingos pega na outra pistola e desfecha-a como a primeira.

— *Dez !* Pronto ! Que ordena V. Ex.ª, senhor marquês ? — pergunta egualmente da entrada, em tom respeitoso, outro creado, vestido com a mesma libré.

— O numero *onze* enganou-se ; ainda não aprendeu o algarismo porque deve responder. Já tinha tempo de o saber. Apliquem-lhe a receita do costume, para lhe avivar a memoria — ordena D. Domingos.

— Perdõe-me por esta vez, senhor marquês, juro não tornar a enganar-me — suplicou o primeiro serviçal.

— Não, não, vae lá levar a tareia regulamentar ; a disciplina da casa não póde ser postergada, originaría outros esquecimentos : quem dá o pão dá o pau.

— Senhor marquês, — repetiu ainda em tom súplice o condenado — lembre-se que "mais aproveita uma reprehensão ao prudente que cem pauladas ao insensato ?!„

— Devia mandar aplicar-te o dôbro da receita, por teres a audacia de seres filósofo, mas, por esta vez, perdôo-te — retorquiu meio serio e meio risonho D. Domingos, e, em seguida noutro tom interroga : — Veio a pessoa que esperava ?

— Veio, sim, senhor marquês ; aguarda V. Ex.ª na saleta vermelha — informa o lacaio numero *onze.*

D. Domingos dirige-se ao local indicado. Um homem que

ali se conservava assentado ergue-se apenas divisa o perfil elegante do dono da casa, e declara:

— Fui pontual.

— Eu não; o interesse é seu e não meu.

— Tambem do senhor marquês. Como...

— Poupemos palavras que nada significam e vamos ao assunto.

* * *

Tipo singular o desse homem. Luzia lhe a calva numa especie de fosforencia lívida, o que lhe transmitia o aspecto de uma auréola de fulgores de cemiterio. As feições angulosas, traçando na face uma linha quebrada, lembravam o desenho da moderna escola dos cubistas. Vincavam ainda mais os traços as rugas fundas que dir-se-íam valas á espera de cadaveres. A contracção dos musculos delineava figuras raras, como signos de feiticeiras. A bôca, apenas um tenue córte rubro escuro entre as duas depressões da face, ou se escancarava mostrando um covil hediondo, onde não se divisava a claridade, nem mesmo verde negra de um dente cariado, ou se refolhava com crispações de ferocidade diabolica, uma boceta de venenos lentos, mas implacaveis, prestes a destapar-se e a empeçonhar quem lhe aspirasse as exalações deleterias. Os olhos, punções de ferro candente, a rebrilhar no interior de um antro, relampejavam sangue, perversidade fria e calculada, cobiça que nenhum tesouro saciava. Emfim, parecia uma dessas creaturas assinaladas por um estigma de Satanaz, em lucta constante com o Bem, para satisfazer os seus instinctos de maldade e o seu destino orientado pelo inferno.

— Aceita as minhas condições? — pergunta de chofre D. Domingos vibrando-lhe um olhar de desprezo.

— Aceito — confirma a misteriosa personagem — Forneço-lhe todo o dinheiro que o senhor precisar para o banquete de ámanhan e ainda para a sua projectada viagem; em compensação V. Ex.ª outorga-me o direito de guardar e ficar como propriedade minha todos os objectos da baixela de prata e ouro em serviço nesse banquete, e de assistir a ele.

— O que representa um juro de dez mil por cento — objectou o marquês de Niza.

— E' pegar ou...

O homemsinho não concluiu a frase. Viu faiscar nas pupilas de D. Domingos um relampago precursor de tal tempestade, que cerrou prudentemente a catadupa das suas impertinencias.

— Que dizes, velhaco ?! — exclamou o descendente de Vasco da Gama com acento que não revelava nada bom para a integridade das costelas do agiota.

— Que cumprirei todas as clausulas do nosso ajuste desde que V. Ex.ª aceda a elas.

— Acederei – declarou D. Domingos em tom perentorio.

A conferencia durou ainda alguns minutos. Depois a turva personagem saíu. Os olhos tremeluziam-lhe ainda mais dentro das orbitas. Ao dobrar a primeira esquina murmurou, baixinho, muito baixinho, de fórma só ouvida por ele.

— Que negocio ! Que negocio ! (1)

No dia imediato reunia-se no mesmo palacio desusado numero dos tafues e estroinas mais em voga em Lisboa. Dois deles encostados ao vão de uma das janelas conversavam :

— Esplendida recepção !

— A festa pode hombrear com a de qualquer rajah do Industão.

— Deve considerar-se superior em opulencia e bom gosto.

— Todos o supunham arruinado.

— Os recursos da familia são inexauriveis. Quanto mais dissipa, mais os parentes morrem e lhe legam riquezas avultadissimas.

— Como quem diz um novo tonel das Danaides.

— Tão depressa vasio como cheio.

— Essa perspectiva abre-lhe uma longa vida de estouvanices e de estravagancias.

— E para nós uma serie ininterrupta de festins opiparos. Que importa o resto ?!

— Lá diz a maxima : "Só vivemos felizes quando a nossa imaginação é superior a todas as nossas potencias."

— D. Domingos se não conhece o proverbio, de que : «Não

(1) Não fantasio. Tudo quanto se afirma neste e nos outros capitulos subsequentes narra-o Hippolite Souverain, general francês, que veio a Portugal, numa missão diplomatica, em 1842, num livro intitulado *Lisbonne et le Portugal*. Esse general, em virtude da lei francêsa, assinava as suas obras com o pseudonimo de J. Pourcet de Fondeyre.

ha meio mais eficaz para nos vermos livres dos que nos adulam que é não lhes fazer nenhum favor», pratica-o, enchendo-nos de liberalidades.

— E de que maneira ?! Não quer ver-se isolado ; deseja que muita gente o ajude a comer o que tem.

— Vamos para a mesa, meus senhores, — insinua D. Domingos.

Os convivas entram na sala de jantar. Não se pode conceber nada mais esplendido e luxuoso. Nenhuma vivenda da capital reunia maior magnificencias. Tornava-se necessario recuar um seculo para encontrar qualquer similar na sumptuosidade. O espirito e a memoria viam-se obrigados a regressar á epoca deslumbrante de D. João V para cessar de admirar. Das paredes do encantado recinto pendiam o que a India e a China teceram de mais fino, de mais delicado, de côres melhor combinadas. Nos reposteiros, bordados a relêvo, a fio de oiro, alardeavam a sua prosapia o brasão de armas dos Gamas. Pompeavam os dez escaques de oiro e vermelho, as tres peças em faixa, e cinco em pala, as peças vermelhas com duas faixas de prata, no meio o escudo das armas reaes, o timbre com um naire da cintura para cima vestido á moda da India, com um escudo das mesmas armas na mão. Pousavam os pés em alfombras de brocado.

— Assentem-se, meus amigos,—intíma o dono da casa.

Cada comensal dirige-se para o logar indicado por uma linda placa de prata onde o seu nome estava inscrito, deitando primeiro um rapido olhar, através das janelas da varanda, situada na retaguarda da principesca moradía, sobre os largos e vias contiguas.

— Um momento de espera, meus senhores, — roga ainda o moço titular.

Ao proferir estas palavras D. Domingos assume um ar de gravidade, raro nele, um ar de quem se lembra, de subito, de qualquer acontecimento de ponderação. As gargalhadas, que começavam a casquinar, interrompem-se como as notas de uma orquestra ao gesto rapido e expressivo da batuta do regente.

— Que será ? — murmuram uns para os outros os convidados pregando no anfitrião um olhar interrogativo.

D. Domingos agarra numa das pistolas, colocadas em frente do seu talher, como as havia em todos os sitios onde costumava estacionar. Levanta a fronte alta e inteligente. Fita uma pequena

borla que mal se divisa entre a franja de uma sanefa, aponta a arma e desfecha. A borla, atingida pelo projectil, separa-se do estofo a que estava presa e cáe no pavimento, onde, embora amortecido pelo tapete, o seu choque se ouve.

— *Oito! Nove!* Pronto! — respondem imediatamente dois lacaios descerrando o reposteiro, apresentando-se como se subissem de um alçapão e curvando-se em respeitosa mesura.

— Venham cá — ordena o marquês de Niza.

Os dois creados acercam-se. D. Domingos fala com eles de forma que ninguem ouve as recomendações que lhes faz. Os lacaios sáem pressurosos no cumprimento da missão determinada.

— Que novidade teremos? — pergunta um dos convidados ao outro.

Os amigos do marquês de Niza, embora habituados, como estavam, ás suas excentricidades, sentiam uma vaga inquietação e perguntavam de si para si que surpresa lhes preparava o estroina, afamado pelos seus desvarios, mesmo no estrangeiro.

— Temos estouvanice de vulto -- comenta um ponderado.

Os creados não se demoram. Impelem deante de si doze galegos, com os seus trajes caracteristicos, de modos comprometidos e expressão contrariada.

— A que demonio virão aqui os galegos? E' partida grossa, com certeza! — opina um dos convidados.

— Meus senhores — explica o marquês de Niza, — esses homens veem aqui para lhes facultar uma diversão que ainda não saborearam.

Reluziram interrogações em todas as pupilas.

— Vão saltar da varanda para a rua a pés juntos.

Na duzia dos apavorados cidadãos de Tuy e Porriños esboça-se um gesto de protesto. D. Domingos pega na pistola ainda carregada e aponta-a. Os creados abrem as janelas da varanda. Os galegos entre um tiro e o pulo, optam pelo pulo.

Saltam todos.

II

Festim macabro

Os convidados erguem-se da mesa, de roldão, e correm ás janelas. Lá em baixo os improvisados acrobatas apalpam as diferentes partes do corpo. Uns, os mais leves, os que tinham sabido caír melhor, depois de, com as mãos e vista passarem uma rapida inspecção aos principaes membros, desfeito o primeiro atordoamento, deitam a fugir sem olhar para trás; outros pesados, tocam ruidosamente o solo, fazem uma bulha enorme com os sapatos ferrados: dão a impressão á visinhança que desabara a empena do predio. Estes ultimos estrebucham soltando gritos clamorosos e evocam em todos os tons, dictados pela dôr, pela raiva mal contida, pelo medo a transbordar das suas almas pusilânimes, pela angustia de lesão em qualquer orgão importante, os santos patronos das suas provincias e aldeias.

— Valh-me Sant'Iago da Compostela!

— Meu querido S. Cristovam de Tuy acode-me!

— Esses pobre diabos são capazes de terem quebrado as pernas! — exclama na varanda um convidado humanitario.

— Qual, por terem saltado de uma altura que não chega a cinco côvados?i — objectou outro.

— Mas atiraram-se para baixo desamparados — observa outro, sentimental.

— Ora, não quebraram nenhuma costela! — explica outro apopletico, comprimindo a barriga com as mãos e contorcendo-se com o rizo.

— E cada um ganha uma moeda — informou outro.

— Por esse dinheiro atiravam-se eles do arco grande das Aguas Livres abaixo! — comenta outro.

— O diabo é que não houve prévio ajuste — observa um.

— Foi melhor assim. Duas surpresas: a do pulo e a da moeda. Olha como eles se levantam ageis depois do mordomo lhes distribuir o dinheiro indica outro.

— E os que fugiram? – inquere um dos espectadores.

— Voltarão depressa apenas souberem que ganharam tantos pintos em tão pouco tempo, e á custa de tão pouco trabalho — responde de pronto o interrogado.

Cada um aprecía o acto do marquês de Niza a seu modo, mas todos o aprovam ostensivamente com palavras elogiosas. Extinctos os ultimos écos das retumbantes gargalhadas com que fôra saudada a obrigatoria gimnastica dos doze galegos, os convidados dirigem-se de novo para a mesa. Um deles aproxima-se de Thiago Horta, intimo de D. Domingos e amiude suscitador de bastantes das suas estroinices, e inquire:

— Que significação tem a carta do marquês de Niza, que eu recebi hontem convidando-me para este festim?

— Qual carta? pergunta o futuro ministro das Obras Publicas.

— O quê?! Não sabes?! Esta em que me diz — e o interrogante recita, de cór: - "Ha reunião amanhan em minha casa. Escreve uma elegia. Eu a cantarei. Celebraremos com dignidade os funeraes da minha riqueza. E' uma festa da minha invenção e adequada. Juro-te que não darei motivo a censuras. Reservo-lhes um sacrificio que faltou ás pompas funebres dos Césares. O céo, por puro capricho, e um coveiro, por algum dinheiro, forneceram-me, para a cerimonia, um caixão que faria inveja a um rei." Que é isto?

— A primeira parte, já sabes o que era: o salto dos galegos. O mais não cogito, mas não levará muito tempo a patentear-se. Até lá constitue segredo de D. Domingos, não adivinho, nem mesmo que o adivinhasse estava autorizado a revelar-to — retorquiu Thiago Horta misteriosamente.

O banquete começa a ser servido. Rarissimas porcelanas do Japão, mais tenues, delgadas e transparentes que papel de seda alternam com soberbas peças de uma baixela de oiro. Em redor da mesa, nos topos da sala, destacam-se nos tons austeros dos panos de Arras, cadeiras, bufetes, aparadores, das madeiras apreciadissimas de Damão, da peninsula industanica, da Ocea-

nia: o mogno, o ébano, o pau santo, o olho de perdiz, a teca, maravilhosamente trabalhadas, entalhadas, pelas mãos engenhosas e particulamente habeis dos filhos de Macau e de Manilla. Dentro de ânforas e de garrafas de cristal, provenientes das melhores fabricas do Universo, sintilavam, através das facetas e dos lapidados, licôres policromos, vinhos afamados de regiões longiquas e procuradas e de idades que assinalavam colheitas pagas a peso de ouro por apreciadores exigentes.

D. Constança Lodi
parente da condessa de Farrobo

Os lustres, através dos seus inúmeros e diáfanos pingentes, espargiam milhares de luzes, como os reflexos iriados de outras tantas gemas facetadas por qualquer habil lapidario judeu português de Amsterdam. Como se esta enorme profusão de lumes não bastasse, cincoenta lacaios hirtos nas galas das suas fardas resplandecentes empunhavam candelabros de prata, pacientemente rendilhados pelo frade Jeronimo Fernandes e contrastavam na sua imobilidade de estatuas pintalgadas com as atitudes irrequietas dos comensaes de trajes severos e fisionomias devassas.

— Que quantia fabulosa deve ter custado este banquete! — acentúa um conviva.

— Ora, ao marquês de Niza todas as estroinices são permittidas! — redargue o visinho.

O festim segue os seus trâmites. Ao relativo silencio do tomar da sôpa, seguem-se as conversas em voz baixa. A' medida, porém, que, a cada prato, os escanções vão deitando vinho diferente, e que os copos depressa se despejam, os dialogos parciaes sobem de diapasão e não demora muito que retumbe por toda a sala um alarido ensurdecedor.

— Não tenhas a menor duvida, o idioma mais suave, o que só por si mesmo exprime amor, é o italiano.

— Protesto, é o inglês! Que pronúncia! Com certeza Adão e Eva falavam inglês.

— Foi por isso que os expulsaram do paraizo.

Estas e outras conversações, registadas pelos jornaes do tempo, então com pouco noticiario, ouvem-se por toda a parte, num crescendo de tom que revela a boa constituição dos pulmões e laringe dos presentes e a acção capitosa dos nectares que correm com diluviana prodigalidade.

Deslizam as horas e as expansões consequentes do festim avivam-se de minuto para minuto. Os pendulos dos altos e preciosos relogios, encerrados em lenhos escolhidos como os dos violinos, com os quaes se assemelham no exterior, sobem e descem com lentidão; o seu forte tic-tac marca isócrono o compasso da vida, mas ninguem presta ouvidos ao despertador importuno que lembra a cada segundo a morte sempre mais perto. A galhofa ruidosa assume proporções de girândolas olímpicas.

— Quem é aquele misantropo que afivela a soturnidade de um gato pingado na alacre massa dos convidados? — observa um cérebro menos toldado pelas frequentes libações.

— E' verdade. Como veio parar aqui aquela coruja, que parece passear pela lua, de tal maneira está simultaneamente distrahido e preocupado?

— Não é dos nossos. Alguem o conhece?

— Ninguem.

— Deve ser algum antiquario: não desprega os olhos da baixela e das riquezas aqui entesouradas.

— Não bebe nada. Os creados deitam-lhe vinho, mas o selvagem mal roça com os beiços na borda do copo ou sorve tudo de um trago.

— Donde viria aquela mumia?

— Reparem: Quando o riso e os berros lhe ofendem o tímpano, como as notas desconcertantes de uma orquestra do Averno, acorda como de um letargo, levanta o craneo luzidio como um seixo e estremece como se dentro a garra da bacanal lhe lacerasse o coração.

— Mal empregadas palavras em bruto tão desageitado.

— Deve ser um usurario; não profere uma palavra. "O que fala semeia; o que cala recolhe."

— Vamos perguntar a D. Domingos quem é essa sorumbatica ave de mau agouro.

— Vamos antes perguntar-lhe porque é que neste banquete não ha mulheres ..

Corta o proseguimento do aturdido dialogo a detonação de um tiro de pistola. As frases extinguem-se á flor dos labios, as gargalhadas apagam-se num rictus de amedrontada surpresa, as pupilas dos dissolutos fixam-se com atonito susto no ponto donde partira o estampido.

O marquês de Niza apruma-se e a sua esvelta figura desenha os contornos graciosos no espaldar da cadeira. Corôa-o, á guisa de nimbo bizantino, o anel de fumo branco saído do cano da pequenina arma, que esvoaça por instantes e se funde nos vapores de tabaco e outros que saturam o ambiente. Arreda de si a poltrona e encaminha-se para um dos sitios afastados do vasto recinto, lança mão á tapeçaria, puxa-a com força, patenteia um luxuoso toucador, e exclama em tom vibrante:

— A pé, quem não tem medo!

* * *

Os convivas, que ainda conservam alguma lucidez no espirito e sensibilidade nos nervos, sentem arrepiar-se-lhe a espinha num calafrio de pavor. A alguns, a tremura das pernas provém tanto do excesso das bebidas ingeridas como do terror supersticioso, que, de repente, os invade.

— A pé! — repetem uns aos outros num recíproco incitamento.

Num esforço trabalhoso erguem-se aqueles a quem a embriaguez não aparafusa ás cadeiras, ou que perdendo o equilibrio em sucessivas fases rolam até alcatifa, e ahi, nas posições mais extravagantes e incómodas, resonam num cantochão roufenho e profundo como nunca entoou o côro do convento de Mafra.

— Que é?! — perguntam alguns com um nó corrido na garganta, sêca como se o baraço do verdugo a laçasse na patibular pressão.

— Que será? Que será? — murmuram outros com susto.

— Que nova extravagante surpresa nos prepara o marquês?— inquirem anciosos, bastantes.

Toda esta gente, com as expressões mais contradictorias vinca-

das nos rostos, equilibrando-se conforme podem, arroja-se num alude para o local onde ainda se conservava D. Domingos na postura teatral de um protagonista de melodrama.

Como eu desejaria vêr-me daqui para fóra! balbucia um cuja sinceridade fura a camada de intrepidez convencional.

Os encontrões dados pelos impetuosos derrubam os mais debeis. O estrépito do arredar dos pesados assentos, a queda de algumas poltronas, apesar da bulha ser abafada, em parte, pelo alto filamento do fôfo tapete, o choque dos cristaes e o *clic* espepecial dos vidros partidos ainda mais aumentam a confusão do sensacional momento. Num ápice, a tão abundantemente povoada mesa fica erma.

— Que é isto?! Que é isto?! — exclamam os que correm menos velozes.

Sugere a interrogação a entrada de uma leva de creados. Transportam um comprido biombo japonês. Colocam-no entre a porta do misterioso toucador e o resto da sala de jantar. Assemelha-se a uma cortina cerrada sobre uma scena em preparo.

— Meu Deus! Meu Deus! Que ocorrerá? De que maleficio se terá lembrado este endemoninhado marquês? — monológa um menos afoito.

O vasto ambito, agora quasi ás escuras, mergulha num silencio de tumulo. Apagados os lustres, depostos os candelabros, tombados os castiçaes, espalham-se umas meias sombras que, aumentadas nas projecções sobre os panos de Arras, imprimem um aspecto de cripta, mais sinistra ainda com as antífonas soturnas dos que roncam em dissonancias profundas debaixo da mesa, no meio de despojos de toda a casta. A' insania e ao desvario da bacanal sucede o mutismo do cemiterio. Os corpos arquejantes e roncadores, espalhados pelo solo, negros, fúnebres nas trévas que os envolvem, dir-se-hiam vermes introduzidos nas urnas de um jazigo.

Um unico comensal em estado de se manter nas pernas, não acorrera ao singular apêlo do marquês de Niza: o mesmo que servira de alvo aos comentarios dos que nele repararam.

— E' tempo de principiar a minha tarefa — resmoneia.

O embate dos que se arremessam para a porta do enigmatico gabinete, obriga-o a rolar pela alfombra. Ahi permanece quieto durante minutos com receio de novo choque. Quando o tropel passa e tudo volve ao socego, arrasta-se como um reptil, coleia

como uma serpente, desembaraça-se dos braços e pernas dos ébrios que, em movimentos inconscientes de membros lassos, o procuram envolver á guisa de tentaculos de polvo. Quando consegue pôr-se de joelhos e tomar depois a posição vertical, solta um suspiro vindo dos arcanos do seu busto franzino e osseo, assenta se um segundo na borda de uma cadeira, e articula:

— Custou-me a desenvencilhar destes ôdres.

Com cuidado, para não tropeçar e tornar a caír, desliza com infinita cautela por meio de toda essa barafunda de moveis, louças, tapeçarias e ébrios, e dardeja sobre tudo e todos um olhar indefinivel.

Um mortiço reflexo de luz, vindo da rua e coado através da cortina de uma janela, ilumina durante segundos o semblante encorreado, contrahido, da repulsiva creatura, agora tornado ainda mais lívido pela dubia claridade do exterior.

— E se quebraram tudo?! Se diminuiram o valor de tudo quanto é meu?!

O resultado destes pensamentos estampa-se-lhe na face, que se ensombra de uma primeira e indescriptivel nuvem de furia. Depois, raciocinios íntimos varrem essa tempestade de avareza e desanuviam-lhe a fronte. Imerge de novo nas regiões tenebrosas da parte inferior da mesa, repletas de vultos informes, á semelhança de cadaveres estendidos e sobrepostos na noite de um campo de batalha. Nova diligencia de que não se adivinha o objectivo.

— Vamos á colheita! — resmunga o vampiro.

Estende o braço que se adivinha esqualido por baixo da manga apertada. Treme. Puxa para si um enorme saco de coiro. Os dedos transformados em garras cravam-se aduncos, crispados, nas diversas peças da baixela. Os objectos espalhados pela mesa, os que se ostentam ao alto nos bufetes e contadores, tudo de precioso quanto é possivel introduzir na sacola e transportar, tudo se some no estupendo alforge. Quando nem mais um talher de prata, nem uma bandeja de oiro podem ser ali recalcados, arrasta-a a muito custo, em esforços nervosos, sacudidos, extenuantes, até a entrada do salão. Ahi aguarda-o uma velha repugnante e esqualida.

Toma! — diz com voz sêca o nojento personagem.

— E' pesadissimo — recalcitra a megera.

— Pena tenho que o não seja mais — retorquiu o morcego,

virando as costas e não esboçando o mínimo gesto para auxiliar a sua colaboradora, que puxa pelo saco como uma formiga arrasta após si qualquer victualha, três ou quatro vezes mais volumosa que o corpo.

Em seguida a estranha personalidade acerca-se de um sofá, enrodilha-se num velho capote de que se munira e estiraça-se ao comprido no macio e primorosamente entalhado movel.

Os lampeões das ruas apagam-se pouco a pouco. O derradeiro reverbero do mais proximo esparge um clarão dubio sobre a decrepita e enrugada personalidade, que, antes de adormecer, contorce a boca num satânico sorriso, e tartamudeia:

— Que belo negocio!

Esse sorriso, mostra num relance, quem é: o homem misterioso com quem o marquês de Niza estipulara as rapidas condições que o leitor conhece.

Fóra, na rua, o silencio contrasta com alguns sons indecisos que, de ora em quando, se distinguem longe do palacio. Nenhuma claridade bruxoleia. A extinção das luzes, a completa ausencia do movimento, o aniquilamento de qualquer manifestação de vida, criam ainda mais poderosa a sugestão de que o massiço edificio se volvera num frio mausoleu, absorvendo nos seus arcanos, como os alçapões de um tablado, tudo quanto revelasse sintoma de existencia.

* * *

Que sucedia dentro e á porta do recôndito toucador?

Forrava a linda e relativamente espaçosa boceta, de alto a baixo, ás bastas, o melhor setim de Lyão. A bulha das passadas, o cicío das palavras, a aspereza das exclamações, o roçar dos tecidos, abafavam-nas o alto estofo.

— Que incidente inesperado nos prepara D. Domingos? — inquerem de si para si os que, em tumulto, correm até ali.

— Queremos sensações novas! O resto não vale nada! — brada um com a lingua tartamudeante.

— Atrás da orgia o que virá?

— Qualquer coisa que nos impila a ir mais além...

— Novas exitações...

— Que nos proporcionem um céo...

— Ou um inferno...

De subito tudo emudece. Dir-se-hia que uma intensa corrente

electrica paralisara todas as linguas e estrangulara todos os ruidos. Houve imobilidade geral. Os braços permaneceram erguidos, os labios entreabertos, as pernas sem acção, os arcabouços alterados, o sangue suspenso. O pasmo deteve por instantes todas as funcções vitaes. Os vapores alcoolicos, que escureciam a maior parte dos cerebros, sahiram dali expulsos como o fumo se escapa por uma chaminé de boa tiragem.

— Um cadaver!

— Uma mulher morta!

Estas duas frases, proferidas pelos que tinham entrado mais a dentro do toucador e repetidas pelos que se comprimiam á entrada, dissipam num instante o pouco que já resta dos efeitos capitosos dos vinhos.

Não produziram as exclamações nenhuma especie de ilusão. A realidade patenteia-se evidente, insofismavel. Reclinada, mais que deitada, num alto tálamo de veludo azul, desenham-se as formas airosas, ainda flexiveis de uma rapariga, sobre a fronte da qual a primavera mal desfolhara as primeiras pétalas de rosa. Envolve-a um finissimo traje de linho, tão delgado e ténue como um véo, mais alvo que as camadas de neve sobrepostas nos montes Herminios, nas noites luarentas de janeiro. Entrelaçam-se-lhe nos cabelos, pretos como o tom oleoso de uma pedra de hulha, e fórmam uma especie de folhada e rescendente almofada, geranios, magnolias e camelias. O seu aspecto era o de uma desposada, que, recostada no leito nupcial, repousasse das fortes e imprevistas comoções da cerimonia do himeneu, num sono profundo, conservando ainda no semblante toda a pureza virginal, alheia a qualquer tentativa de contacto voluptuoso. Afirmar-se-ía que o noivo ainda não tivera tempo de a despojar dos fresquissimos e naturaes enfeites com que a conduzira ao altar.

— Olha, é o *Sonho de Rafael*! - murmura um dos convidados, que se acerca mais do leito, sentindo os joelhos vergarem-se-lhe sob o pêso do corpo.

— Como está Maria aqui?!

— Morta! Não pode ser!

— Isto é um pesadêlo!

Os presentes, após estas locuções entrecortadas, recuam, os que podem, com o assombro estereotipado no semblante. Os murmurios não cessam. Ouve-se:

— A rapariga mais bonita de Lisboa!

— Não se topava com outra mais formosa!

— Não existia quem fosse mais modesta e possuisse mais virtudes!

— Todos nós lhe rendemos as nossas homenagens...

— A todos as recusou...

— Como está aqui?! E nestas circunstancias?!

A esta aluvião de observações e de comentarios sucede um mutismo aflictivo.

D. Domingos dá um ou dois passos em direcção do ataúde, e diz:

— A sua beleza irradia agora ainda mais que antes, não é assim?! Morreu. Dediquei-lhe a minha admiração mais ardente. Repudiou-a. Empreguei todos os esforços, recorri a todas as audacias, nada obtive. Quanto mais me humilhava, mais crescia o seu orgulho. Morreu...

No sumptuoso toucador sentia se o bater dos corações e o latejar dos pulsos.

— ...Morreu.. Enterrou-se ha dois dias. A dôr pela sua perda foi enorme. Chorou-a a mãe, chorámo-la todos nós...

A respiração dos presentes tornava-se cada vez mais opressa.

— ...Ei-la ali — continúa o dono da casa, — com as suas galas de noiva quando as nossas faces e as nossas almas se cobrem de luto; ás suas flores, correspondem as nossas lagrimas, que poderiam encher o coval onde descansou por algumas horas. Ela ainda sorri, como a despedir-se das alegrias do mundo; nós deixamos caír o nosso pranto num preito, imarcescivel de saudade e de magua...

Alguns olhos humedeceram-se, varios rostos contrahiram-se num tragico esgar de pena.

— ..Nunca um tão altivo espirito de mulher se encerrou num mais escultural escrinio de Madona — e o panegirista sublinhou a oração fúnebre arrancando o tenuissimo véo que apenas disfarçava uma parte das impecaveis formas da imovel creatura.

Acentua-se no estupefacto auditorio um pronunciado movimento de retrocesso motivado pelo horror.

— ...O quê? — prosegue em tom cada vez mais vibrante o orador, mas sem se mostrar impressionado. — Não reconhecem nesse ente tão branco como a mortalha que a envolve a cubi-

çada donzela da rua do Ouro, o *Sonho de Rafael*, a mais linda virgem de Lisboa?

Alguns dos circunstantes levaram as mãos aos olhos como para afugentar a sinistra visão.

— ...Esqueceram já essa creança, altiva como uma rainha, casta como a personificação da inocencia, que sempre tomou como vindas da lama as nossas declarações e que na lama as deixava atascar, que nos afugentava como a matilha uivante e irreverente, que nos arredava para longe com as suas pupilas desdenhosas como com o açoite se disciplinam servos? Esqueceram-na?!..

Ninguem ousava falar.

...Aqui a teem! Para lhes patentear mais uma vez, o mais proximo possivel, os íntimos encantos dessa maravilha da natureza, subornei o coveiro, investi com a Morte, trouxe para aqui o seu invólucro perecivel, a sua carne que ainda parece palpitar, as suas tranças que ainda se contorcem, os seus labios que se contráem num meio sorriso de ironico chasqueio. Tudo ahi está deante de vós. Presumia que ainda encontrassem dentro desses peitos abastardados o ânimo preciso para não tremer deante dela...

O mesmo tumular silencio.

— ...Trémem!... Nobres degenerados! Dissorou-se-vos o sangue nas veias! Vão rezar a *Magnificat* com os lacaios porque a trovoada ribomba e acerca-se. Vamos, fujam para os corredores, projetem ahi as suas sombras de fidalgos poltrões: mandarei ahi acender todos os lustres e candelabros! Quero assistir a essa dansa macabra da aristocracia portuguesa a fugir ante o cadaver de uma mulher vehementemente requestada em quanto viva, a evitar, amedrontada, as proprias sombras. Quero ouvir ámanhan os boatos em curso afirmando que aqui neste palacio todos conversaram e bailaram com duendes e almas do outro mundo.

— O marquês endoideceria? — murmuraram ainda mais aterradas algumas das transidas testemunhas da shakspeareana scena.

D. Domingos acerca-se agora muito de perto do florido ataúde. Prega com fixidez os olhos no corpo inerte. Toma uma das eburneas mãos do *Sonho de Rafael* e comprime-a entre as suas. Debruça-se com lentidão e, aproximando o seu rosto, com o halito incendido numa labareda, imprime um beijo calcinante,

um beijo de suprema volupia, nos labios frios da donzela da rua do Ouro, que a todos se afigura ter estremecido, como se o fogo da Vida incendesse, agitasse, electrizasse, o gelo da Morte.

— Que sacrilegio! — balbuciam os religiosos e os timoratos.

Num unânime gesto de recuo, breve acelerado, depressa vertiginoso, tudo retrocede, foge, some-se, tomado de invencivel pânico.

De repente sôa pelo esplendido toucador e repercute-se fora uma gargalhada estrepitosa, retumbante, de Democrito; gargalhada que não se poderia afirmar ao certo quem a soltava, se ente vulgar da terra, se ser enviado das regiões de Plutão, para ensinar aos habitantes deste mundo sublunar como as furias geradas pela rainha Proserpina riem no meio da flamejante côrte do filho de Saturno.

Quando o ultimo éco se amortece e expira na rua deserta, dentro do palacio não resta um unico convidado. Nem mesmo o usurario que adormecera no sofá Com este ultimo desaparece todo o recheio portatil, quanto coube no solido e enorme saco de coiro, do palacio do marquês de Niza.

III

Rapto malogrado

— De regresso já?

— Que andava a fazer lá por fóra se uma tia riquissima levou o seu espirito de sacrificio, por êle, a deixar-se morrer e a legar-lhe mais uns duzentos ou trezentos contos?!

— Que rapaz tão feliz, esse marquês de Niza!

— Ao menos tem graça e sabe ser estroina... Olha a travessura que ele fez aos convidados na vespera da partida para o estrangeiro...

— Estavas lá?

— Não; fui convidado; mas não pude assistir por ter de acompanhar minha familia a Leiria. Tive pena...

— E eu, de não ser do numero dos comensaes.

— Tambem fugirias...

— Não sei.

— Preparou admiravelmente o scenario.

— Durante um mez não se falou noutro assunto em Lisboa.

— Contaram-se as coisas mais mirabolantes...

— Depois de um festim daqueles, com taes iguarias e tão farta e licorosa copia de vinhos, não é para admirar que a imaginação trabalhasse a todo o vapor e os comensaes vissem idealidades que, ao certo, só existiam nos seus cerebros esquentadissimos.

— Alguma verdade houve. O que houve?

— O usurario ajustara com D. Domingos fornecer-lhe o dinheiro preciso para o banquete, tendo êle direito a levar todos os objectos de prata e oiro da baixela que coubessem dentro de determinado saco.

— Fez um optimo negocio. A versão de que comprara o palacio pelo custo das despesas da vespera ?!...

— Pura invenção, como invenção é que no dia seguinte, o feliz agiota mandasse picar em todos os frontaes os escudos da casa do marquês.

— Tambem se espalhou e corre escrito que no momento de beijar a mão da tal rapariga, do *Sonho de Rafael*, as suas pupilas ficaram quietas, a lingua paralizou-se-lhe, todos os seus membros se crisparam em arrepios convulsivos, do arcabouço saíram-lhe sons cavos e roufenhos e tombou para o lado hirto, inteiriçado, lívido, tão gélido como o cadaver que acabava de profanar.

Manuel da Silva Passos

— Caramba ! Se te parece ! ..

— A rapariga estava tão morta como tu ou eu e tinha-se prestado da melhor vontade ao desempenho da comedia, com o que muito riram os dois na mais doce intimidade e os mais vivos e espertos possivel !

— Os outros é que não ganharam para o susto. Inclinaram todos as cabeças como se o gume da foice roçadoira da Morte impendesse sobre elas, não desfitaram a vista do tapete e abandonaram o campo calados como ratos.

Decorria este dialogo entre dois tafues da época no Marrare do *Polimento*. Abria êle as suas portas no Chiado, antigos numeros 25 e 26, hoje 58 e 60, onde esteve a chapelaria Augusto Ribeiro, outros estabelecimentos e onde existe hoje a joalheria Reis e Filhos. Era o mais nomeado e temido dos botequins da

capital. Ali se reunia o que Lisboa possuia, em homens, de mais valioso e de mais futil. Ahi se combinaram conjuras politicas, quedas de governo, cotações de mulheres bonitas, conquistas ruidosas, assaltos a virtudes, oposições nas Côrtes, pateadas em S. Carlos, delineamentos de livros, bases de artigos de fundo e materia para cronicas scintilantes.

A principio, a tal severidade guindaram o regulamento da casa que não se podia fumar ali. As bebidas fornecidas eram das melhores do mercado. Os sorvetes confeccionavam-se com a neve vinda da Serra da Estrela ; o chocolate, tão puro e saboroso, competia com o da fabrica matritense de Doña Mariquita ; as torradas de especial pão de Meleças, afofava-se como uma cadeira de molas ; o café, importado por via mais curta, procedia do Mar Vermelho ; o Champagne, comprado directamente, trazia o carimbo das melhores adegas de Reims. Tudo isto servido em massiças e autenticas peças de prata, com a marca bem visivel da contrastaria, gosava de justificada fama em toda a cidade.

Para o frequentar necessitava-se de uma especie de iniciação como nas lojas maçonicas. Poucos, apenas os estrangeiros e os ignorantes, ousavam penetrar ali sósinhos. Para uma dama obter nomeada de elegante, um escritor grangear credito de talento, um artista criar gloria, um governo ser considerado solido, uma toirada alcançar fóros de notavel, precisava merecer o beneplacito do Marrare do *Polimento*, assim denominado por estar revestido até certa altura, á moda inglesa, de madeira envernizada.

A escolhida frequencia de muitos anos autorizava estes assomos de universidade de bom tom. Ahi tramara conjuras contra os Cabraes, com a sua palavra calorosa, José Estevam ; ali desenvolvera as suas doutrinas sobre a maçonaria o mais puro dos politicos portugueses, Passos Manuel ; ali rememoraram as suas noites de triunfo o tenor Tamberlick, o Volpini, Fiori, Conti, Baldanza ; ali se juntavam entidades populares como o anafado Miraglia, pugilistas como Sant'Ana e Vasconcelos, estroinas como o marquês de Niza, cavaleiros como o Vimioso, D. João de Menezes, o Casuza, etc.

Conversava-se muito em politica, bastante em literatura, sempre em aventuras galantes. Poder-se-lhe-ía chamar o templo da tafularia, o mercado da intelectualidade alfacinha, a galeria de tipos hoje considerados exoticos.

As senhoras fingiam arrecear-se de desfilar ante as suas por-

tas. As mães consideravam aquele recinto antro mais perigoso que um covil de lobos em estrada erma. Mas quem tinha um chapéo novo para mostrar, um vestido feito na Lombré ou na Levaillant, um par de botinas com a fôrma do Stelpflug, um chaile obediente aos ultimos modelos, deambulava desde a rua do Carmo até a rua larga do Loreto, simulando arredar-se dos peraltas ociosos encostados ás humbreiras, mas deitando a vista de soslaio para quem as analisava da cabeça aos pés, trocando comentarios, aventurando juizos, disparando galanteios, mimoseando-as com madrigaes, nem sempre aprendidos na cartilha das mais estrictas maximas da moral.

A *seita do marrarismo*, como apodou Silva Tullio aos que se entrincheiravam lá dentro com os seus trajes exageradamente casquilhos, com as policromas flores tufadas na lapela do casaco, bem como aqueles que, principiando por censurar asperamente os que ali se encontravam, empregavam as mais altas diligencias e empenhos para fazer parte dessa legião sagrada, tornava-se alvo das conversações entre amigas; das palestras das meninas casadoiras; ponto obrigatorio e de reticencias de algumas senhoras casadas e o motivo principal das que fluctuavam entre essas duas categorias, classificadas ou não.

— Gostava que falassem de mim como do marquês de Niza; é um heroe de romance — declarou um dos dois cavaqueadores para o companheiro.

— Nem tudo são rosas na arte de ser excentrico. Estás ainda muito rapaz para o comprehenderes, meu caro Ruy Mendes. O marquês passou maus bocados. Depois de gastar quanto dinheiro levava em Inglaterra, não se cohibiu de extravagancias. Ameaçado de ser preso por dívidas parte para a Italia. Vende ahi o que lhe é lícito alienar e entra em transacções absolutamente ruinosas. O seu passivo atinge somas avultadas e ninguem lhe adianta nem mais um pinto...

— Achou sempre meio de se salvar de apuros, meu bom D. José de Sousa.

— Ah! isso achou. Como possue excelente voz e aprendeu a tocar varios instrumentos entrou para uma companhia de cantores ambulantes. Ora cantava, ora tocava...

— E o que se conta de um creado, que se lhe dedicou até o crime, na Italia, e que por esse facto foi enforcado no patibulo estando tambem para o ser o amo, que chegou a estar encar-

cerado. Afirma-se que a execução se efectuaria se não fossem os correios expedidos uns atraz outros pelo duque de...

— Lendas, fantasias...

— ..Que se viu obrigado a afastar-se da Italia, que se refugiou em Bruxelas e que então ahi se escriturou num teatro, na orquestra, como rabequista...

— Ora, as atoardas multiplicam-se.

— A morte do conde de .. restitue-lhe a pretérita opulencia. O tilintar do ouro recebido desperta nele o irreprimivel genio das extravagancias, reassume o seu titulo, joga aos punhados de oiro, gasta como um nababo, deixa após si um rastro de dobrões.

— Os inventores fixam nessa época a anecdota do embaixador.

— Sim, quando um dia se apresenta na embaixada de Portugal e pede ao embaixador a carruagem para experimentar uns cavalos que tencionava adquirir. Apenas o cocheiro lhe aparece com o vehiculo, nunca mais ninguem lhe põe a vista em cima. Decorridos trinta dias um emissario incognito entrega ao confiado diplomata um bilhete deste teor: "Meu caro. Se precisa da sua carruagem pode mandá-la buscar a Madrid, ao meu palacio."

— Tudo isso é falso, insubsistente, apócrifo. Ao marquês podem censurar-se-lhe muitas leviandades e estroinices, mas não actos que o arriscassem a ser punido pelo Codigo penal.

— Olha ahi o tens!

— E' verdade ahi vem o marquês de Niza com o seu inseparavel amigo Thiago Horta.

* * *

As duas conhecidissimas personalidades assentam-se a uma das mesas e pedem café e Cognac.

— Estou resolvido a não consentir que a Ólivier vá cantar ao Porto — declara o marquês de Niza.

— Pediu-te ela; não te quer largar. Como vaes arranjar isso? — pergunta Tiago Horta.

— Ao certo ainda não sei. Estou a amadurecer um plano. Depois to esplanarei e conto comtigo.

— Como sempre.

— Lembras-te de quando o Fidié requestava a Fabbrica?

Quando combinou comigo, com o Antonio Palha e com o Salema darmos cabo da empresa do Antonio Porto?

— Se lembro... E quando ocupamos as torrinhas de S. Carlos com as praças da fragata *Diana*, disfarçadas em ferros velhos e colocamos na platéa a bigorna do ferreiro da rua da Figueira, do Daniel?

— Quando toda essa gente começou a fazer barulho parecia que se acabava o mundo. Uns marinheiros a baterem com as solas das botas de agua, outros a malharem na bigorna, outros lá de cima com os bancos suspensos a ameaçar que deixavam caír os moveis em cima da plateia e com a voz das manobras de bordo a berrarem: "Guarda de baixo!"

— O D. Carlos de Mascarenhas mandou uma companhia da Guarda Municipal formar no salão e o capitão Barreto, cruzou os braços, mas sem se atraverem a intervir.

— E a pateada com que desfeitearam hontem a Perelli no *Stabat Mater* de Rossini?! Nunca houve nada mais acíntoso. O governador civil teve de discúrsar ao publico e até o D. Carlos de Mascarenhas se julgou na obrigação de defender o camarim, postando á porta duas sentinelas para protegera a cantora da furia dos pateantes.

— Ah, tiraremos a nossa desforra! Distribuir-se-á inteira justiça. Faremos sentir o pêso do nosso desgosto á Boldrini e atrahiremos sobre os nossos actos a gratidão da Perelli, que é bem bonita.

— Então vamos que são horas — propôs Tiago Horta.

— Preciso ainda falar primeiro com o Feliciano das seges..

— Se o *Sonho do Rafael* o sabe?!...

— Não precisa sabê-lo.

Sáem ambos, sobem o Chiado e estacam á esquina onde existe hoje a loja de quinquilharias de Elie Bernard, e onde poucos anos depois se havia de se celebrízar o Café Central. Assentado á esquina, num banquinho de tapete, a roer num pequeno cachimbo ao canto da bôca, enxerga-se um vulto.

— O' Feliciano! — chama o marquês.

Solícito, agil, acerca-se dos dois amigos, um sugeito de pele branca, face rosada, olhos azues, de arcabouço forte, hombros largos. Leva a mão ao chapéo desabado e descobre-se com a cortezia de um bolieiro da casa fidalga.

Merece a biografia que dele fizeram, este tipo, dos mais conhecidos das ruas de Lisboa. [1]

Filho de bolieiro, proprietario de uma cocheira, adquirida por compra aos herdeiros de José Maria Cabeleireiro, que a juventude do tempo preferia para as corridas a Cintra e Dáfundo, legara ao filho a propriedade e a profissão. Mais tarde, este comprou outro estabelecimento do mesmo genero, sito á esquina da travessa da Espera onde se ostentavam os retratos de José Estevam e de D. Miguel.

Bom português, como era, sente um dia picar-lhe a tarântula da politica. Frequenta com assiduidade a galeria da Camara dos deputados, apaixona-se pela fluencia arrebatadora de Passos Manuel, delicia-se com os rasgos de tribuno eloquente de José Estevam, exulta com os tropos da retorica de Almeida Garrett. Desde então o Feliciano pertence, êle, as carruagens e os badanos á causa popular. O seu material circulante e os animais servem de graça quem serve a causa em que êle se filiou. Um dia, numa discussão mais exaltada, esquece-se da cadeia, lembra-se de uma navalha sua companheira inseparavel, e espeta-a na perna dum moço de estrebaria.

Este impensado movimento condú-lo á sala n.º 7 do Limoeiro, O seu convivio do Parlamento faculta lhe para defensor o dr. Mattos. Na audiencia o advogado, seguindo uma tactica peculiar aos da sua nobre profissão, faz impender sobre o réo todas as acusações do ministerio publico. O incriminado sua por todos os poros. Só começa a recuperar algum animo quando a defesa destroe uma a uma todas as increpações acumuladas no libelo. O jury ou o absolveu ou o condenou em penalidade insignificante, mercê da fogosa oração do seu patrôno e dos depoimentos abonatorios das testemunhas de defesa, entre outras os do conde da Fonte Nova e do primoroso escritor Teixeira de Vasconcelos.

O progresso intromete-se no oficio do Feliciano. Aparecem os omnibus, com os seus doze logares no interior e quatro na almofada, a barateza e facilidade dos meios de conducção, o caminho de ferro Larmanjat, os caleches descobertos, etc. Adeus bandeirinhas nas seges de praça, corridas diurnas e nocturnas, pândegas, de que hoje não se faz nenhuma ideia!

[1] Xavier Palmeirim, Pinto de Carvalho, etc.

No período em que decorre esta veridica historia o Feliciano das seges campeava no alto do seu banquinho vendo florescer a sua incomparavel industria, representada por tipoias inconcebiveis, verdadeiros caixotes em cima de um rodado, tudo a estralejar, a gemer, a queixar-se, ameaça iminente de um desconjuntamento geral, puxada por pilecas esparvonadas, algumas com môrmo, protuberantes de alifafes, a rouquejarem de pulmoeira, obliterando de todo o que tinham sido possantes cardões, luzidios russilhos ou alvejantes murzêlos, oriundos do Mecklumburgo, de Alter, d. dez outras coudelarias afamadas.

Pagava de modo original aos automedontes que tosquenejavam no alto da boleia. Não ganhavam ordenado fixo. Optava pela divisão de lucros: de cada *carinha* ganha, o cocheiro recebia seis vintens. Se, como sucedia com tal ou qual frequencia, o freguez se pronunciava pelo calote, o Feliciano tinha de desembolsar a quota parte devida ao bolieiro. Com os anos cresceu-lhe o abdomen. Passava uma parte do dia no que pomposamente chamava a sua oficina de carruagens na travessa da Agua de Flor. A' boquinha da noite aconchegava o estomago na *Cova Funda*, taberna subterranea na travessa de Estevam Galhardo, n.º 14, onde durante largo tempo se conservou desenhado a carvão o aspecto de bola do típico ségeiro.

De ora em hontem. quando a idade o obrigou a esquecer-se de que fôra, até a Maria da Fonte, das melhores mãos de redea de Lisboa. galgando como nenhum outro a calçada da Pampulha abria consultas sobre transacções de pôltros que os marialvas embrionarios procuravam efectuar na feira da Agualva e outras.

As ultimas manifestações da sua actividade consistiam em manobrar com as carripanas enfileiradas á porta do Café Central Finou-se na indigencia. Proporcionou-lhe uma certa decencia no enterro a subscripção aberta por Alfredo Ruy da Silva. o Silva *Canelas*.

— Conheces o bolieiro que costuma levar a Perelli a casa? — pergunta D. Domingos sem mais preambulos.

— Conheço. sim. senhor marquês — responde o Feliciano.

— Manda-o chamar.

— Calha bem porque está acolá.

O Feliciano das seges leva as mãos á boca. á guisa de porta voz, e berra:

— *O' José dos Pingalhos!*

Dentro de poucos minutos apresenta-se o cocheiro que dava por esta alcunha, Feliciano explica-lhe:

— O senhor marquês precisa dos teus serviços,

— Pronto, senhor marquês, para quanto fôr preciso na terra e no inferno.

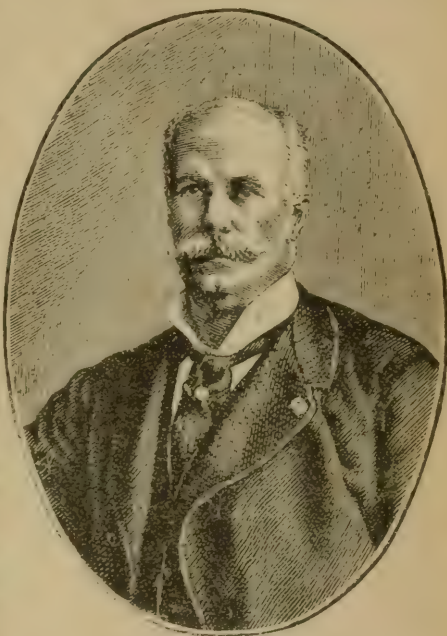
— Queres ganhar duas moedas?

Com quem é preciso fugir?

— Esta noite depois do teatro em vez de levares a Perelli para o hotel léva-la para...

D. Domingos inclina-se um tanto sobre o ouvido do cocheiro e fala-lhe baixinho.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos

Nenhum dos dois reparou que, perto, o Meireles, segurava os cavalos do carro do velho Francisco Antonio Lodi, sege de linhas ainda mais antidiluvianas que as congéneres, e que em geral esperava o antigo empresario de S. Carlos e sôgro do conde de Farrobo á esquina da travessa do Estevão Galhardo. Este Meireles era um moço de recados, coxo, e conhecidissimo naquelas regiões do Chiado, como o era o *Nini*, o *Lerias* os *Tres Focas*, o Luiz das Neves, o Guimarães, o *Meio Arratel*, o *rei Wamba* ou *rei Bambas*, garotos travessos e espertos nessa época, *paquetes* como então os denominavam, incumbidos de quantas mensagens Cupido preparava. Mostravam-se tão lépidos em entregar um bilhete nas bochechas dos maridos, dos paes, dos amantes, como em segurar os cavalos de mais fina

raça ou as pilecas aldrabadas como em ir levar ás casas de penhores qualquer prenda ou joia de muita ou nenhuma valia. O essencial era trazer de lá com a urgencia requerida a importancia que havia de ser derretida á batota, em qualquer ceia alegre, batida de espavento ou para satisfazer as exigencias e o goso dos encantos de qualqual Venus de acquisição mercenaria.

O Meireles surprehendera no ar com a sua viva inteligencia de endiabrado Gavroche alfacinha a confidencia trocada entre o bolieiro e D. Domingos, e murmurou:

— Esta descoberta sempre me hade valer alguns *cruzios!*

O marquês de Niza, transmitidas as suas ultimas instruções, faz um gesto de derradeira recomendação e encaminha-se com o seu amigo para o largo de S. Carlos.

A empresa do teatro lirico escriturara em 1842 as damas Emilia Boldrini, Adelaide Perelli e Tereza Fasciotti; os tenores Giovanni Confortini, Rafaelle Vitali; o barítono Natale Constantini e o baixo buffo Vicenzo Galli. Não se recomendava por notavel nenhum destes artistas. No entanto a formosura da Perelli causara fundas devastações nos peitos dos dilettantes e semeara daninhos grãos de discordia.

Nessa época de 1842 cantaram-se de janeiro a dezembro, as operas: de Coppola: *Nina pazza per amore e Ignez de Castro;* a de Auber: *La Muta di Portici*; as de Bellini: *Norma, I Cappuletti ed i Montecchi* e *Beatrici di Tenda;* as de Donizetti: *Gemma di Vergy, Betty, Maria di Rudenz, Adelia, Regina di Golconda, L'Elisire d'amore, Lucia di Lammermoor* e *La Favorita;* de Mercadante: *Il Bravo, La Vestale* e *Il Giuramiento;* de Nicolai: *Il Templario;* de Rossini: *Il Barbiere di Siviglia*; de Meyerbeer: *Roberto il Diavolo.*

Cantaram este reportorio, além dos artistas já citados, neste e no anterior capitulo: Vergani, Ramonda e Solari Fontana. Adelaide Perelli estreara-se a 18 de maio na opera *Il Templario.*

* * *

O espectaculo seguia o seu curso normal quando os dois *leões* penetraram na sala. Todos os olhos se fixaram neles.

Presumo que a noite não terminará tão socegada como principiou — comenta um dos frequentadores ao divizar certos si-

naes trocados entre os recemvindos e alguns dos seus dedicados prosélitos.

—Mais uma prova da má educação destes senhores que convertem esta sala em praça de toiros, sem sequer respeitar as senhoras observa um azedo.

— Ha mais gente mal educada por ter esquecido a educação que por não a ter recebido — conceitúa um terceiro.

Acaba o acto e conversa-se no peristilo.

— A temporada tem sido má; se não fosse uma ou outra novidade que apareceu, em logar de nos recrearmos, aborreciamo-nos.

— Luiz Cossoul, professor da orquestra, concorreu para salvar a situação, tocando variações n'um instrumento novo, na noite do seu beneficio, a 20 de abril, no *melóphono*; acompanhou-o o filho, o Guilherme Cossoul, tocando no violencello uma peça de Anglois...

— Por signal que o espectaculo completou-se com o primeiro e segundo actos da opera *Carmen* e a dansa *Orestes*.

- Não foi só nessa noite. A 10 de junho tocou no *melóphono* um trecho a solo e fez-se ouvir num duetto deste instrumento e harpa com o filho, o Guilherme, bem como se cantou *Il Templario* e se dansou o bailado *Adina*.

— Este Luiz Cossoul é indio.

— E'. Veio para Portugal em 1818 com o famoso fisico e prestidigitador Robertson. Era então conhecido pelo Louis *o Malabar*. Consorciou-se com uma sobrinha do tal Robertson e principiou a ser conhecido pelo apelido de Cossoul. Do casamento nasceu o Guilherme que já é um bom musico, e promete vir a ser melhor. (1)

(1) Robertson gosou de grande fama como fisico e magico. Inventor da fantasmagoria em 1789, aperfeiçoou diversos aparelhos e instrumentos de que se servia. A primeira sessão da sua arte deu-a a 12 de outubro de 1818, aniversario natalicio do principe real, no salão de S. Carlos, que tinha então camarotes alugados a 3$200, platéa a 800 réis e galerias a 480 réis. Os espectaculos demoraram-se até 9 de novembro, época em que chegou a nova companhia lirica, da empresa Luiz Chiari. O prestidigitador Robertson tambem dava sessões em sua casa, no Caes do Sodré, n.º 3 onde tinha um belo gabinete de mecanica, optica. Cada pessoa pagava 480 réis de entrada. Em companhia de Robertson tinham vindo seu filho Eugenio, sua sobrinha Virginia e o moço indio Louis, a quem chamavam o malabar. Este po-

— O José Miró, ha pouco chegado de Paris, nos intervalos dos actos da opera *Regina di Golconda* e do bailado *Lago das Fadas,* tocou duas fantasias no piano, no noite de 17 de agosto.

— E beneficios?

Em 10 de outubro houve o do cofre dos socorros dos professores de musica com o *Barbeiro de Sevilha,* e a dansa dos *Cuscos;* Luiz Cossoul tocou um solo no *melóphono,* Masoni uma fantasia de rabeca, a orquestra uma sinfonia de Cherubini, outra concertante de Lindpaintner, Gaspar Campos um solo de clarinete, Antonio Cotinelli um de oboé, José Gazul um de flauta, João Gazul, um de trompa e Antonio Avilez outro de fagote.

— Depois veio o beneficio da Carlota "aleman„, a 30 de novembro, com a opera *Vestal,* um passo a dois, bailado, e ela tocou uma fantansia no piano.

— Seguiu-se-lhe o do Vicente Tito Masoni e Tereza Fasciotti, a 5 de dezembro com a opera *Juramento,* um passo a dois e bailado. Masoni tocou um trecho na rebeca e a Fascioti cantou uma aria.

— Fechou a serie, o das victimas das inundações na ilha da Madeira, a 29 de dezembro com o *Barbeiro de Sevilha* e a dansa *Procida.* A orquestra executou a sinfonia de *Guilherme Tell.* Masoni tocou uma peça de rabeca, e Nery e Filippini dansaram um passo a dois e bailado.

— O ano de 1842 não correu bem para os musicos; a 14 de julho morre José Avelino Canongia, discipulo do famoso Bis, apreciadissimo tocador de clarinete; e a 13 de agosto entregou a alma ao Criador, João Domingos Bomtempo, pianista e compositor português.

rém, nasceu em Paris em 29 de janeiro de 1800; seu pae era indio, e o filho conservava a côr e as feições paternas. Apareceu aqui vestindo um casaco vermelho curto e de turbante na cabeça. Colaborava nas experiencias de Robertson e exibia diversas sortes de equilibrio. A que o tornou celebre era a de engulir espadas, de grandes dimensões, mantendo a lâmina no esófago por bastante tempo. O malabar casou com a sobrinha de Robertson, Virginia. Do consorcio nasceram tres filhos: Sofia, em 20 de agosto de 1824; Guilherme, em 22 de abril de 1828 e Ricardo em 14 de junho de 1840. Virginia veio a ser uma bela harpista e o antigo acrobata um distincto violinista, bem como seus filhos Sofia e Guilherme, ela uma harpista notavel e ele um executante de violino e compositor de merecimento.

— Finou-se com sessenta e sete anos, pois tinha nascido em 1775 e viveu durante largos anos em Paris e Londres, onde apreciaram pelo seu justo valor as suas consideraveis qualidades e onde publicou as suas melhores obras.

— Dizia-se tão mal da empreza dos caixas do Contracto do Tabaco! (1) A que a substituiu, a do Vicente Corradini e Domingos Lombardi, não se tem mostrado melhor. Abriram, assinatura por quatro meses, prometeram barateá-la, obrigaram-se a dar as operas *Martyres* e *Sapho*, a apresentar dansas e espectaculos de grande novidade ..

— A primeira parte cumpriram ...

— A segunda não.

— A nova empresa conseguiu uma coisa, com o que muito tem a lucrar. As épocas deixaram de ser anuaes este ano de 1843. Durante o ano não se podiam dar mais de cento e sessenta recitas de assinatura. Pagar doze mensalidades á companhia puxava do peito. Ora a concorrencia do publico nunca primou pela abundancia e, nos mezes de verão, não vinham ao teatro duas duzias de pessoas.

— Vem aqui mais gente quando representa a companhia do teatro da Rua dos Condes, como sucedeu a 31 de julho deste ano de 1843, com *O ramo de carvalho.* (2)

— Preparemo-nos para ouvir mais uma vez o *Stabat Mater*, com os mesmos cantores, porque esta empresa não escriturou um unico novo.

Dado o sinal respectivo, cada espectador reocupa o seu logar. A orquestra ataca as primeiras notas desse admiravel trecho de Rossini. Executara-se pela primeira vez no septenario da Senhora das Dôres. Todos os executantes vestiam traje de sala, preto, seguravam os papeis na mão e pronunciavam as palavras em latim. A interpretação deixava a desejar. Parecia terem-se combinado para cada um entoar para seu lado.

(1) Freitas Guimarães e Brandão.

(2) Durante os quatro meses a empreza citada cantaram-se em 1843, as operas: *Roberto do Diabo*, de Meyerbeer; a 4, *A Favorita*, de Donizetti; a 6, *Norma*, de Bellini; a 9, *Clara de Rosemberg*, de L. e F. Ricci, em beneficio do baixo Luiz Maggiorotti; a 13, *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini; a 10 de fevereiro, *Beatriz de Tenda*, de Bellini; a 15, *Os Martires*, de Donizetti; a 23 de março, *Saffo*, de Paccini; em 26 de abril o *Stabat Mater*, de Rossini.

— Isto é um horror! Não se pode conceber nada mais detestavel!

Cantava agora, a solo, a sua parte, Emilia Boldrini.

— Esta cadela não se contenta só em ladrar, tambem uiva — diz em alta voz um dos apaniguados do marquês de Niza.

A frase teve condão de voz de comando.

A pateada estrondeia com a furia das noites tempestuosas. Cantores, instrumentos, não mais se ouvem, abafados pelo estrépito dos tacões a baterem no sobrado.

— E' a desforra das manifestações de desagrado hontem feitas a Adelaide Perelli — explica um neutral.

Os pateantes, afigurando-se-lhes, que as solas constituiam elementos pouco ruidosos no concerto infernal quebram os bancos da plateia, batem com eles no chão e nos outros assentos, e ainda, como em obediencia a ordens cumpridas sem pestanejar, arremessam os cavacos para o tablado, onde os artistas se defendem furtando o corpo aos arremessos, mas — honra lhes seja! — sem desertar do seu posto.

Saibamos o que acontecia no palco.

Ao terminar o bulhento *Stabat Mater*, que talvez, nem antes nem depois tivesse sido objectivo de um desacato de tal jaez, quando Adelaide Perelli vae para entrar no seu camarim, a sua criada participa-lhe:

— *Signorina* está ali, á sua espera, uma dama que lhe deseja falar com urgencia e a sós.

— Quem é?

— Não conheço; rebuça-se cuidadosamente num manto.

Demoraram-se as duas, em conversa íntima, por alguns minutos. Depois uma saíu primeiro; decorrido algum tempo saíu a segunda, que, como o costume, desceu as escadas da porta da rua dos Martires e esperou um instante no limiar.

— A sege da *signorina* Adelaide Perelli — grita uma voz.

Logo se aproxima o carro guiado pelo *José dos Pingalhos*. Um dos *paquetes*, que por ali andava, desce o estribo e abre, nos tres tempos do cerimonial, a caixa, para a passageira tomar o seu logar.

O vehiculo parte numa carreira doida. Ao cabo de um certo percurso o bolieiro sopeia as pilecas. Da sombra destaca-se um vulto airoso. Acerca-se do bolieiro, dá-se a conhecer e sóbe para o carro.

Boa noite, minha cara Perelli ; deve estranhar um pouco que a sége não tenha seguido pelo caminho do costume. Queira desculpar-me. Preciso dizer-lhe algumas palavras em particular e o unico meio que se me deparou para o fazer foi este — explicou o desconhecido.

A passageira nem sequer moveu os labios para responder.

— Amo-a ! Amo-a com todo o ardor da minha alma ! — declarou o marquês de Niza, pois o leitor com certeza já adivinhou quem era.

Acolheu a declaração o mesmo mutismo da banda da sua companheira obrigada. D. Domingos não toma á má parte o silencio e torna-se mais emprehendedor. Não encontra sombra de resistencia. Embora habituado a *conquistas* faceis, a facilidade desta desnorteia-o um pouco. Espera que a sege, que continuava a rodar, passe perto de um lampeão. Nesse instante lança a mão ao véo da raptada e arranca-lho.

— Amo-a, amo-a, deixe-me contemplar agora de perto o que tenho contemplado tantas vezes, de longe, a meu pesar !

Retumba dentro da sege uma gargalhada sarcasticamente feminina, e após ela as seguintes palavras casquinadas em tom chocarreiro.

— Desta vez enganaste-te ou te enganaram nos planos, meu caro marquês, sou eu e não ela !

— Tu !

— Sim eu, o teu *Sonho de Rafael*, que está aqui bem acordada a teu lado.

— Como o soubeste ?

— Dir-to-ei logo. Ordena ao cocheiro que *bata* para casa.

D. Domingos condescende, e murmura por entre dentes, mas sem se agastar.

— Uma lição ; aproveitá-la-ei.

IV

A orgia do castelo do Queijo

— E' hoje.
— Ao teu dispôr.
— Como sabes está na hospedaria da rua Nova do Carmo. (1)
— Bem sei. Já tens sege ?
— Já : a do *Mulato*.
— E' um dos melhores de Lisboa.
- Está tudo a postos.
— Somos só nós dois ?
— Não, preciso tambem dos serviços do Manuel Machado. (2)
— Mãos á obra !
— O rapido dialogo produzia-se á porta do botequim Marrare do *Polimento*, ao Chiado, entre o marquês de Niza e o seu inseparavel Tiago Horta.
— Tomaste as tuas precauções com referencia á *Sonho de Rafael ?* — pergunta o segundo.
— Tomei ; foi a Vila Franca em visita a uma tia — responde o primeiro.
— E' capaz de aparecer por ahi quando menos o esperes.
— Desta vez não ha perigo. Para partida bastou a que me pregou com a Perelli. Tenho a ajustar umas contas com o Meirelles. Ouviu a minha conversa com o bolieiro, contou o caso ao Todi, e o velho, para defender a cantora, revelou tudo á *Sonho de Rafael,* que se avistou com a italiana e tomou o seu logar. Aqui tens como eu raptei, quem estava farta de ser raptada.

(1) Mais tarde Hotel Europe.
(2) Então empregado do teatro de S. Carlos, depois empresario do Gimnasio.

— Muito se riram os teus amigos.

— Principalmente os que o fingem ser: "Si la perfection n'etait pas chimerique, elle n'aurait pas tant de succés„.

Dentro, numa mesa, conversam varios professores. Entre eles encontra-se um, que muito aprecía os liquidos. As alusões ricochetam.

— Facto singular! — exclama um dos interlocutores.

— Assim é, embora te pareça mentira — replica outro.

— Completa transformação. De modo que não bebes agua nunca?

— Nunca!

— E porquê?

— E' muito simples. Porque com a minha constituição de ferro, recèio que a agua me oxide [1].

Uma gargalhada geral acolheu a declaração.

Aposto que sei qual é o assunto em que palestram o Tiago Horta e o marquês de Niza — declara um.

— Não custa nada a adivinhar: de mulheres — conceitua outro.

— No presente momento é de mulher, e não de mulheres.

— De que mulher?

— Ora, não se fala noutra coisa!

— Na Jenny Olivier.

— Na baroneza de Montebello, dobre a lingua.

— Viuva muito apetecivel. O marido deixou-se colher pela politica durante a revolução de Julho e perdeu tudo quanto tinha. Ao morrer só deixou dividas. Então a esposa inconsolavel optou, em frente das circumstancias precarias em que se encontrava, para poder sustentar os filhos, abraçar a carreira lirica.

— Escriturou-a para S. Carlos o Antonio Porto [2] para a época teatral de 1843-1844.

— Junto com as damas J. Rossi-Caccia, a contralto Isabel Fab-

[1] Anecdota inserta num jornal da época.

[2] A empresa de S, Carlos fôra adjudicada por portaria de 15 de dezembro de 1842, por tres anos, a A. G. Lima. A direcção tecnica coube a A. Porto, professor de piano e canto, mestre da rainha D. Maria II. Era homem inteligente e conhecedor de assuntos de teatro. Gostava de escriturar artistas de nomeada e conhecia as vantagens do *réclame*. Faltava-lhe dinheiro, mas encontrou sempre socios que lho facultassem. *Fonseca Benevides*.

brica, as comprimarias Luigia Dalti, Erminia Carmini e as segundas Amalia Rossini, e C. Persoli..

— E os tenores: Luigi Flavio, Antonio Paterni; os segundos Antonio Picazzo e Antonio Bruni; os barítonos Felice Botelli, Valentino Sermattey; de genero Lorenzo Mantemesli; os segundos Giacomo Galoardi e Antouio Casanova.

— Maestro Francisco Xavier Migoni ([1]).

— Alguns dos artistas passam, outros podiam ter ficado na sua terra.

— A Rossi-Caccia, francesa, pertence ao genero da opera-comica.

— Mas tem a voz extensa, canta com correcção e applaudem-na.

— A voz nem é bela nem ela foi nunca uma artistá de primeira ordem,

— E o tenor Flavio, não é um bonito homem, com voz de meio caracter ? Vocaliza com grande facilidade e grande força notas agudas em falsete.

— O que lhe tem valido algumas pateadas.

— E o tenor Zoboli, o *Jacaré*, mais feio que Judas e com uma voz aspera!...

— Pois sim, mas é uma voz forte, do peito, canta a *Somnambula*, como se trauteasse, sem transporte nenhum...

— Mas vamos á Jenny Olivier, foi formosa, mas a voz está bastante decadente...

— Todos estes artistas teem sido pateados excepto a Rossi-Caccia.

— Deixemo-nos do resto, ela vai ou não vai cantar ao Porto, como o seu contracto a obriga ?

([1]) Era ensaiador de córos. Havia dezoito coristas homens e doze mulheres: Ponto: Caetano Fontana. Adressista: Giuseppe Fornari; alfaiate e director, Giuseppe Dyolli. Maquinista, João de Deus. Pintores: Rambois e Cinatti.

A nova empresa abriu assinatura por cem recitas, em tres series, sendo as duas primeiras de quarenta recitas cada uma, e a terceira de vinte, pelos seguintes preços: Frizas, 1$900 réis por cado recita ou 76$000 réis por quarenta; primeira ordem, 2$600 ou 104$000; segunda, 1$900 ou 76$000; terceira, 1$600 ou 64$000 rèis. Superior 6$000 por mês, ou 5$000 assinando por mais de dois meses. As torrinhas foram abertas em tres divisões: uma só para senhoras, outro para homens e outra para familias. Cada logar custava 320 réis Os logares nas galerias ordinarias custavam 200 réis.

— Afirma se que não, que prefere até fugir.

— Talvez seja com receio de que realize a ameaça, que a empresa mandou postar uma sentinela á porta da vivenda.

Assim acontecia, na verdade.

Nessa noite o Manuel Machado entra na hospedaria onde se aloja Jenny Olivier, com um pequeno embrulho debaixo do braço. Não chama a atenção de ninguem.

Antes da hora de principiar o espectaculo em S. Carlos desce com desembaraço a escada do hotel um aspirante de marinha, imberbe, de rosto efeminado, de expressão travessa. Fumega-lhe ao canto da boca um purissimo Breva, nas espiraes do qual o rosto se divisa como através de diáfano véo de cassa e maneja na destra, como o bastão de um tambor-mór, uma preciosa bengala de junco da India.

O rapazelho desliza airoso pela frente do cão de guarda que a previdencia do empresario Antonio Porto colocára á entrada e que envolve o futuro oficial da armada com o olhar mais apatico e indiferente de quantos o carcereiro se lembra lançar sobre o detido que se evade nas suas bochechas. Saltita esvelto e donairoso pelo declive da rua do Carmo, dobra a esquina da rua do Principe e ahi mete se numa sege, onde dentro se lhes abrem uns braços que o enleiam.

— Vem, meu amor, que hoje quem dará o dó de peito em S. Carlos não será o tenor · · — chasqueia um inflexo varonil.

— · · · Será a empresa – completa o rapazola deixando-se comprimir com o maior desvergonhamento pela pessoa que o aguardava.

— Gosem — deseja, apeando-se pelo outro lado da sege, o timbre conhecido de Tiago Horta.

Bate para Cintra, *Mulato !* — ordena pressuroso o marquês de Niza.

— Arrulhem como dois pombos á sombra dos plátanos — grita já de longe o amigo íntimo de D. Domingos.

— Prefiro um quarto confortavel do hotel Costa ; faz bastante frio para se fazer ninho por baixo do arvoredo — redargue de longe o aventuroso titular aconchegando a si e imprimindo um beijo na face setínea do aspirante, ao mesmo tempo que murmura : «A mulher é o primeiro domicilio do homem.»

A pileca da mão azorragada pelo açoite do bolieiro e a da

sela pelas suas colossaes esporas de latão chouteiam pela estrada fóra arrastando em solavancos doidos a incómoda carripana onde os dois arroubados fugitivos, mau grado, bom grado, se veem obrigados a contínuos embates, devidos ás condições do pavimento das arterias extra-muros, quasi tão más como as de hoje, e a de cada vez trocarem sonoros e repenicados beijos, que a bulha do rodado não deixa ouvir.

Quanto tempo se demoram na umbrosa estancia, primeiro exilio de D. Afonso VI e ninho bucolico de tanto rouxinol, canoro ou mudo, mas todos eles enlevados nos trilos do amor platonico ou nos transportes das caricias voluptuosas?

O que se sabe é que Jenny Olivier, ou obrigada pela acção da policia requerida pela empresa ou por a terem convencido com qualquer argumento decisivamente concludente ou por versatilidade do proprio caracter parte para o Porto com outros elementos da companhia lirica de Lisboa.

* * *

O teatro de S. João erguia-se, como se ergue o seu sucedaneo, na praça da Batalha. Fundara-o a iniciativa e a energia, como o de S. Carlos de Lisboa, de um corregedor, Francisco de Almada e Mendonça. A sua persistencia consegue agrupar uma sociedade de capitalistas que adiantam a soma necessaria para a sua edificação. Sucedia isto no reinado de D. Maria I, mas sendo já principe regente o principe da Beira, mais tarde D. João VI.

Não apresentava nada de notavel nem externa nem internamente. A sala desenhava a forma de uma ferradura, ascendendo em quatro ordens de camarotes, cada uma com vinte. A primeira ampliava-se com mais dois. Ao centro da segunda, rasgava-se a tribuna real. Na plateia superior enfileiravam-se cento e onze cadeiras e na inferior duzentas e vinte. As varandas acomodavam setenta pessoas. Na altura da segunda ordem e em frente da tribuna real estendia-se um amplo salão de contorno oval, ornamentado com luxo.

Desenhou a planta do teatro o pintor, e ao que parece arquiteto, italiano, Vicente Manzoneschi. Chamara-o antes a Lisboa Sebastião da Cruz Sobral, que o incumbira de pintar o scenario do teatro da Rua dos Condes. Não foi feliz na obra da capital do norte. O que ali havia de bom copiara-o servilmente do

teatro de S. Carlos de Lisboa. A fachada mediocrizava-se no estilo anguloso da decadencia do Renascimento. Despida de quaesquer ornamentos, voltada a E. N. E., apenas se viam esculpidas as armas reaes. Não obstante dispôr de um largo salão de pintura, de razoaveis camarins e das dependencias essenciaes a uma casa de espectaculos de primeira ordem, não possuia vestibulo ou salão de entrada adequado ás circumstancias e a sua ornamentação deixava a desejar.

O novo teatro, que tomou o nome de S. João, em homenagem ao principe regente, inaugurou-se a 13 de maio de 1798. Pintou o pano de boca o famoso artista nacional Domingos Antonio de Sequeira. A peça representada foi a *Vivandeira.* (1)

Se Jenny Olivier e os seus colegas não tinham conseguido insinuar as suas graças e a sua arte no publíco de Lisboa, menos ainda no do Porto. Os atrativos da mulher não bastaram para encobrir as deficiencias da cantora. O marquês de Niza acompanhara a dama ao norte. Supunha o estouvado titular que a sua presença e a fama de compartilhante nos favores do carinho da *diva* serviriam de viatico ás incorrecções da laringe da madura beldade e intimidaria os apreciadores portuenses, que, não se importando se o diminuto subsidio concedido ás empresas pelo governo chega para contractar celebridades, exigem sempre o melhor.

Jenny Olivier canta, para estreia, *O Dóminó Negro.* Após um silencio de espectativa pouco benévola, rastejam os pés e dentro em pouco erguem-se e baixam os tacões. Crepita a pateada. O

(1) Antes deste houve outro teatro lirico no Porto. Inaugurou-se a 1? de maio de 1762. Erguia se no largo do Corpo da Guarda, que embandeirou, bem como a rua Chan. Dotou a cidade com este melhoramento D. João de Almeida e Melo, governador geral da provincia, em 1765, governador das justiças, presidente da Camara Municipal e da administração da marinha, conselheiro do rei e tenente general dos seus exercitos, pae do grande Francisco de Almada. No inicio só havia uma vista, uma sala régia, e com ela se representavam e cantavam todas as operas. A unidade do logar considerava-se predicado secundario. A primeira opera ali posta em scena foi o *Il Transcurato* («O Descuidado») de Pergholesi. No entrecho predominava o comico. A *prima dona* chamava-se Giuntini. O titulo por extenso do libretto era: *Il trascurato, dramma grazioso per musica da representar-se nel Teatro della molto ilustre citá del Porto.* Na oficina do capitão Manoel Pedroso, 1762. Era dedicado a D. Anna Joaquina de Lencastre. *Pinho Leal.*

marquês de Niza, que se encontrava na plateia, sáe, toma pelo corredor e encaminha-se para a porta do proscenio.

— Que vaes fazer? — pergunta-lhe Tiago Horta, que o acompanhara ao Porto e que nesse momento lhe ia no encalço.

— Vou ao palco mostrar este chicote a esses grosseirões que não sabem apreciar uma artista e respeitar uma mulher — responde D. Domingos exaltadissimo e brandindo um chicote.

Para quê?

— Para lhes cortar a cara com ele.

Joaquim Augusto Kopke Schewirin de Sousa, barão de Massarelos, coronel do Batalhão Nacional do Porto, presidente da Associação Comercial, benemerito e grande taful do seu tempo.

E o marquês de Niza num repente, sem conseguir acalmar os nervos, cheio de arrebatamento, sentindo-se ferido no amor proprio, julgando um atentado á sua dignidade, outros não venerarem a dama que lhe pertence e a artista que protege, forceja, esbraveja nos braços do amigo, que lhe custa a segurá-lo.

— Deixa-te disso — recomenda Tiago Horta — eles são muitos e tu um só. Arvoras-te em D. Quixote e tornas-te caricato. Lembra-te da maxima de Madame de Flahaut: "A vaidade nas mulheres torna a mocidade criminosa e a velhice ridicula."

— Chamas-me velho?

— Não, não chamo, mas não quero que se riam de ti. Tens uma boa maneira de te vingares.

— Como?

— Ouve.

Tiago Horta inclina-se para o ouvido do seu amigo e explica-lhe baixinho o seu plano.

Na noite imediata, no intervalo do primeiro para o segundo acto, esvoaçam dos ultimos camarotes, descendo em voltas caprichosas como modernos e brancos aviões procurando chegar a terra em vôo pairado, uma infinidade de papelinhos alvejantes, geada poetica incidente sobre a cabeça dos espectadores e que em vez de lhes esfriar a ira como um "douche„ lhes encandesceu o sangue numa erupção de furia.

Nos papelinhos liam-se os seguintes versos :

> Esta do Porto plateia,
> E' toda de gente fina,
> Já birrou com a menina,
> Fez motim de patuleia.
> Com patas é que pateia,
> E a polidez é de moiros.
> Tenho visto correr toiros,
> Sem motivos. sem algazarra :
> Viva a plateia que marra
> Quando o vinho tem nos coiros. (1)

De subito, como se a sala se convertesse na enfermaria de um manicomio, toda a gente se levanta, de punhos fechados, de murros iminentes, de bengalas prestes a abrir no couro cabeludo do insolente ou insolentes vates brechas rubras, num alarido ensurdecedor :

— Quebra-se-lhe a cara !

— Parte-se-lhe uma perna !

— Não sáe daqui inteiro !

— Não, senhor, pague-se-lhe na mesma moeda.

A um dos camarotes assoma-se um aedo, semelhante aos dos tempos heroicos da Grecia, e num repto de inspiração indignada, como se dedilhasse na harpa eolia, recíta :

> «Chichisbéo» muito indecente
> Que deslustra e assim desmente
> As cinzas do ilustre Gama.

O marquês de Niza, furioso, pensa em desafiar todos e chega

(1) Serve de base a este episodio uma brilhante cronica de João Grave, publicada no *Diario de Noticias*, de Lisboa.

a puxar por uma das suas magnificas pistolas de algibeira, que nunca o abandonavam. Mas ainda o bom senso e a prudencia dos amigos prevalecem sobre o feitio impulsivo e colerico do irrequieto, evitando assim um conflicto que poderia atingir um caracter grave.

— Tu, a quem não falta o genio inventivo, porque não encontras qualquer coisa para te divertires em logar de te fatigares a esgrimir contra os moinhos, o que é indigno de ti e de nós todos — diz Tiago Horta para deitar agua na fervura.

— Tens razão — concorda D. Domingos, e após uns segundos de cogitação, exclama : —Achei ; ámanhan todo o Porto falará de nós.

— Ainda bem que, como Archimedes podes atirar com o teu *Eureka* ás bochechas destes eunucos, que não sabem galantear mulheres formosas.

— Talvez ámanhan os espicace a treda mordedura da inveja.

— Não se pode saber o que é ?

— Pode. Vamos esta noite, em acabando o teatro, a Jenny, todos que lhe rendem preito e que se alistaram nas nossas hostes, tomar de escala o castelo do Queijo.

— Tomar de escala o castelo do Queijo... — repete Tiago Horta, como esmagado pela incomensurabilidade da estroinice — para quê ?

— Para lá cearmos.

— Mas no castelo ha uma guarnição militar...

— Aprisionâmo-la ?

— A brincadeira póde sair cara.

— Maior será a fama e portanto mais arreliadora a inveja.

— Ha muralhas e não sei se... artilharia.

— Assaltamos e apoderamo-nos de tudo. Faremos ao castelo um assédio em forma. Investimos a fortificação com todas as regras da arte da guerra. Se os defensores resistirem mais tempo do que lhes permite os artigos do conde de Lippe, obrigá-los-emos a capitular sem lhes conceder nenhuma das honras regulamentares.

— Homem, vê em que te vaes e nos vaes meter — observou Tiago Horta já a pular-lhe o pé para a inaudita estravagancia.

— Só o que falta são munições.

— Que munições ?

— Vaes ver.

O marquês de Niza tira de dentro da bolsa, recheada até á boca, um punhado de soberanos, chama o encarregado do bufete do teatro, e encomenda-lhe :

— Traga quanto encontrar de comer, fiambres, carnes frias, vinhos de pasto e fino, Champagne e licores. Quero que não falte nada, ouviu ? !

— Ouvi, sim, senhor marquês, — responde o mensageiro fazendo tilintar as libras no côncavo da mão e calculando a enorme percentagem que lhe caberia.

— Como vamos ? De sege ? – inquere um dos expedicionarios ardendo em desejos de se encontrar já no meio da refrega.

— De sege, para um empreendimento belico dessa natureza ? ! — exclama D. Domingos — Não, senhores ; a cavalo ! Cada um tem direito a levar a sua dama á garupa como eu levo Jenny Olivier sobre o pescoço do meu ginete.

* * *

Terminado o ultimo acto partia da praça da Batalha um luzido esquadrão. Cada cavaleiro transportava ou á frente ou á retaguarda da sela a castelan que acedera em o acompanhar. O tropel de tantos corceis, ferindo lume no silex das ruas da cidade invicta, acordava estremunhado os bons burgueses, que se tinham deitado á mesma hora em que as galinhas se alcandoram num só pé nos poleiros da capoeira. O esquadrão galopou como um meteoro. A's raras patrulhas que vigiavam as ruas antolhou-se-lhe a visão de que era uma cavalgada infernal, um troço de almas penadas que encontrando mau alojamento no cemiterio do Repouso se transferiam com todo aquele estrépito para o de Agramonte. Alguns mais ilustrados pensavam na carreira doida das walkirias que Wagner acabava de pôr em musica. Os mais medrosos acreditaram na existencia de uma conjura de largas ramificações e que esses conspiradores iam a caminho de um antro tenebroso para celebrar os misterios de uma orgia satânica em que rcdopiariam com vertiginosa rapidez lobishomens, bruxas, gnomos, feiliceiras, duendes, fantasmas, sombras, toda a cohorte das cabalas no exercicio das sciencias ocultas.

A auctoridade portuense não foi incomodada e sobresaltada por todos os seus delegados ficarem estarrecidos nas vias publicas ante a diabolica e fugaz miragem. Não existiam naquele tempo

telefones e ninguem ousou, tomado de pânico, arredar-se donde estava com receio de ser arrebatado naquele volteio de Belzebuth. Eis o motivo porque a cavalgada desfilou pelas ruas do Porto como uma corrente electrica por um fio de cobre e chegou sem ser incomodada nem detida ás proximidades do castelo do Queijo.

Só os grilos, as cigarras, os insectos ruidosos das noites de estio interrompiam o silencio bucolico dessa tepida noite de julho. Nenhuma especie de precaução, de qualquer ordem, dificultava o acesso ao fortim, de sistema Vauban, que parecia abandonado.

— Preparam-nos uma emboscada, verás! — advertiu um dos mais timoratos do esquadrão.

— Tanto maior será a nossa gloria! — replíca impávido D. Domingos.

— Sant'lago e S. Jorge! — clama o futuro ministro das Obras Publicas lembrando-se do seu nome e dos patronos que tantas vezes tinham servido de marcial guião á furia impetuosa da cavalaria portuguesa.

Galopou como um tornado do golfo da Guiné a cavalgada nocturna. Dir-se-íam os simbolicos cavaleiros da Apocalypse de S. João Batista, os quatro ministros das vinganças divinas, os personificadores da Victoria, da Guerra, do Julgamento e da Morte com numeroso acompanhamento; ou os da seita dos fanaticos do seculo XVII de igual designação; os do Cysne; os de Saint-George; os da Cruz; os da Liberdade, carbonarios da Bretanha de 1820; da Mãe de Deus; da Távola Redonda; de Malta ou de Rhodes; os da Porta Cruz; Redemptores de Mantua; teutonicos; a efectivação da famosa litografía de Raffet, inspirada na balada impressionante do poeta alemão Zedlitz, a celebre *Revista Nocturna*, passada nas nuvens, ao luar, por Napoleão I, de chapéo e uniforme lendarios, montado no cavalo branco, aos seus formidaveis esquadrões de couraceiros, de estandartes esburacados desfraldados ao vento, que desfilam numa carga desenfreada e se somem nas profundezas do horizonte.

Nem uma esculca, nem uma atalaia no fortim. Tudo dorme a sono sôlto, Os tres ou quatro veteranos, a quem fôra confiada a guarda daquelas invictas muralhas, sonham com os pretéritos combates do cerco do Porto, com as investidas constantes das milicias e tropas de linha de D. Miguel, tossindo com o catarro,

rememorando no crepusculo da sonolencia dessa noite encalmada como tinham ganho a sua Torre e Espada.

-- Avante e sem temor ! — comanda o marquês de Niza fustigando o ar com o chicote, agora emblema de comando.

O pobre castelo, tão dorminhoco como os seus defensores, enfrentando com o mar que vem esfarelar-se em espuma nos cachopos rendilhados da praia, olhando de um lado para a Foz do Douro e do outro para Matosinhos, como se marcasse a meia distancia entre as duas povoações, com as muralhas revestidas de parietarias e de musgo de tonalidades glaucas como o Oceano nos seus dias de furia, modesto ponto de vigia que outrora intimidou os piratas, que as forças das campanhas da Liberdade utilizaram com diversos objectivos, que o fisco aproveitou para reprimir o contrabando, sempre constante e intercalado com as garnas ou correrias dos argelinos raptando e violentando mulheres, assolando e roubando as povoações ribeirinhas, incendiando e deixando tudo em labaredas como o facho de um poderoso farol, não se animava com um unico arfar da vida.

— Ninguem se mostra ! — comentam satisfeitos alguns dos menos audaciosos da incursão.

Em redor, as terras arenosas, as cultivadas, aquelas que nunca tinham sentido o golpe fino e cortante do arado, as elevações largamente onduladas e verdejantes, os pinhaes raros e frescos, as devesas que se tornavam mais espessas a distancia, as carvalheiras tão convidativas á hora do sol pela sua benéfica sombra, quasi se escandalizavam com a bulha feita pelos noctívagos excursionistas. Afirmar-se-ía que, como noutro tempo, por convocação do bailio dos Templarios de Leça, as mesnadas se reuniam e ia tudo em som de guerra, munido com os instrumentos, ferramentas e armas da época, desde o belico-agricola bisagudo das lides da lavoira até a pesada e tosca barda ou massa de madeira cravejada de pregos.

— A pé, minhas senhoras e senhores — ordenou o chefe da cavalgada.

Num instante houve um roçagar de saias e de ranger de botas de polimento.

— Eu subo pelas pedras salientes da muralha, surprehendo a guarnição, obrigo-a a vir correr a ponte levadiça e a abrir a porta — declarou D. Domingos.

Lépido, agil, lembrando-se dos seus avoengos marinheiros, o marquês de Niza ascende pelo lanço da cantaria acima seguido de quantos perdem o amor ás suas casacas talhadas pela ultima moda e ao lustre irreprehensivel do seu calçado luxuoso e fulgurante. Os velhos soldados colhidos em pleno sono, não esboçam sequer o menor sinal de resistencia. Rendem-se á discreção. Os invasores confinam-nos numa das casernas e fecham a porta á chave. Para atenuar o momentaneo cativeiro deixam-lhe um cesto com as melhores iguarias e os mais saborosos vinhos do fornecimento. Os anciãos esfregam os olhos quando na sua frente se alinham varias garrafas de Porto e de Champagne.

O castelo de Queijo pertence agora por completo aos invasores. Come-se e bebe-se. Bebe-se mais do que se come. Ao saltar estralejante das rolhas dos vinhos espumosos sucede o cicío tipico dos beijos voluptuosos, alguns crepitantes, quasi de ribombo, como uma tempestade de amor que se desencadeia com impetuosa furia no inicio e que se acalma, com lentidão, apenas entrecortada aqui e ali com alguns espasmos e abalos mais sacudidos.

— Venus espera que cada um cumpra o seu dever! — exclama D. Domingos parafraseando o historico sinal feito á esquadra britanica por Nelson ao começar a batalha de Trafalgar, pensando talvez em Lady Hamilton.

Ao proferir estas palavras uniu demoradamente os seus labios aos labios de Jenny Olivier. Todos os mais o imitaram.

Lá em cima, nas alturas, a doce Phebe iluminava com a sua discreta e suave claridade uma sucessão de quadros como nunca o fortim presenceara, nem mesmo no ominoso período das razias argelinas. Ao mesmo tempo as aguas, no seu plangente marulho, acalentavam numa balada de carinho os multiplos pares, que não pensavam em dormir.

V

O ataque da «Mala Posta»

O boato da estupenda e vertiginosa cavalgada espalhara-se pela cidade da Virgem como um acontecimento insólito, um atentado dirigido aos bons e pacatos costumes da pautada burguezia. Não havia loja, botequim, locanda, armazem, lar, onde não se discutisse, comentasse e ampliasse, com os naturaes exageros da inventiva meridional, o escândalo da vespera.

A's três da tarde, depois de um regresso efectuado já com o sol nado, e á vista indignada de quantos se dirigiam para as labutas do campo ou para os afazeres da industria e do comercio, o marquês de Niza dorme um sôno profundo no quarto confortavel do melhor hotel. Alguem bate á porta, a principio discretamente e depois com mais força. O adormecido titular ouve primeiro o ruido indistintamente, pois o cerebro entorpecido pelos excessos de toda a casta da vespera, não lhe consente a percepção nítida, mas acaba por despertar muito mal humorado e, de num movimento de colera, estender a mão para o par de pistolas suas companheiras inseparaveis.

— Quem é? — pergunta com intonação ameaçadora.

— Sou eu — responde a voz bem conhecida de Tiago Horta.

Que queres, vem depois, tenho muito sôno — redargue D. Domingos sem nenhuma vontade de saltar abaixo da entalhada e fôfa cama para facultar o ingresso do seu íntimo.

— Tem paciencia, é urgente — parlamenta o importuno.

— Que urgencia justifica vires despertar um homem cançado quando apenas começa a dormir — censura o dorminhoco.

— O *Sonho de Rafael*... — principia o emissario.

— Oh! com a fortuna! — exclama o estouvado fidalgo, ati-

rando-se de um pulo do leito abaixo, correndo a chave na fechadura, e concluindo: — .. está aqui?...

— Ainda não, mas vem a caminho, pela Mala Posta, segundo uma participação que me mandam pelo telégrafo de taboinhas.

— Muito me contraría essa tua participação. Queria ouvir e saborear os pitorescos conceitos com que a austera população da leal e invicta cidade deve mimosear a nossa inocente excursão desta madrugada.

— Ha de formar bonita opinião de nós, ha-de, não tenhas duvida!...

— Estou vingado da pateada com que acolheram a Jenny; prometi que todo o Porto falaria hoje de mim, e nem um dos moradores contidos nas barreiras e talvez nos arredores deixa a esta hora de pronunciar o meu nome...

— Como o de um estouvado impenitente.

—Como o de um homem de imaginação viva que realiza projectos inverosimeis, que crava nas nádegas da opinião publica um alfinete de cinco réis para ela gemer e vociferar. Poderei um dia dizer, como Nero, quando ordenou ao liberto que o matasse: "Que artista o mundo vae perder!„

—Quando um artista só serve para deformar a arte, pode muito bem dispensar-se-lhe a vaidade, porque, por cima de tudo, é perigosa.

— Deixa-te de sermões. Com que então temos de levantar arraiaes? ..

— Se não queres que ela se encontre aqui comtigo e com a Jenny Olivier!?...

— Era capaz de matar a pobre da cantora francesa...

— Ao menos a *Sonho de Rafael* é a unica mulher, a unica pessoa, capaz de te meter medo.

— Se soubesses!... Quem lhe diria que eu estava no Porto?

— Os jornaes.

— Manda tirar dois bilhetes na Mala Posta.

— Utilizas-te desse meio de transporte?

— Utilizo. Vamos os dois, tu e eu. A Jenny fica aqui. Assim tenho esperança de encontrar a ciumenta *Sonho de Rafael* em qualquer estação de muda e levo-a comigo para Lisboa.

A jornada daqui para o Porto ou vice-versa exigia primeiro oito dias, mais tarde, uma série de melhoramentos introduzidos

na viação coeva, reduzem-na a seis. Depois organiza-se a Companhia dos Canaes da Azambuja, o que encurta um tanto a viagem. Edificou-se neste ultimo ponto um magnificente palacio, uma hospedaria de amplas dimensões, onde os passageiros comiam e dormiam até no dia seguinte continuarem o trajecto por via terrestre. O edificio, construido em solo oscilante e humido, começou a criar limos nas paredes e a abrir fendas. Isto e outros erros cometidos pela empresa levaram o publico a abandonar essa parte do percurso por via fluvial e a aproveitar de novo a Mala Posta.

Quem tencionava dirigir-se á capital do norte ou vir dali para a do Reino tomava as suas disposições. Os mais previdentes dictavam o seu testamento a um tabelião, tal qual como os antepassados que embarcavam para a India, e tomavam as suas providencias contra qualquer possivel e frequente ataque dos bandoleiros durante o caminho.

O vehiculo embora conhecido, por estar reproduzido em milhares de gravuras merece ser descripto. A pesada e deselegante carruagem formava dois todos: uma especie de insecto colossal, visto de cima, com a sua cabeça e o seu abdomen, em estreita ligação. Quatro ou cinco janelas de cada lado simulavam formar outras tantas portinholas. A entrada fazia-se pela parte posterior. Subia-se até ao estrado por um estribo que se desdobrava em dois ou tres degraus. Na parte anterior abriam-se duas janelas, ao lado do guarda-lama do cocheiro e por baixo da "concha„ deste acendia-se de noite um enorme e unico lanternão. Em cima, sobrepunham-se duas e mesmo tres almofadas. Em geral, a primeira comportava tres passageiros e as outras quatro. Tudo isto oscilava, equilibrado, em cima dos eixos das quatro rodas, solidas, de pinas largas, de rastos de ferro, de raios e cubos á prova dos mais desencontrados solavancos, solavancos que obrigavam os viajantes, tanto os das almofadas como os do interior do carro, estes nos assentos lateraes, a contínuas e obrigatorias mesuras e embates. No tejadilho alteiavam-se as bagagens, seguras com cordas passadas de um a outro varão do quadrilátero de ferro ahi pregado. Nalguns vehiculos uma capota abrigava do sol ou da chuva quem não obtivera logar dentro dessa verdadeira arca de Noé. Puxavam este edificio ambulante duas ou tres sôltas, ás vezes constituidas por tres cavalos, com ou sem postilhão. Nas ladeiras íngremes, dificeis de vencer, uma

ou duas dianteiras prestavam o seu auxilio aos outros animaes.

Como é de prevêr, os logares do interior pagavam-se mais caros; os das duas ou tres almofadas expunham os seus alugadores ás intemperies e até a receber os primeiros tiros dos bandidos que assaltavam os viandantes. Em compensação, porque todas as coisas a teem, gosavam do panorama que se lhes desenrolavam ante a vista, quando o arvoredo das orlas da estrada o permitia.

O marquês de Niza e Tiago Horta, não obstante terem comprado bilhetes para os melhores cómodos, cederam-nos a uma senhora de idade e a sua filha por cortezia, para jornadearem ao ar livre e vêr assim se, ao cruzar com o carro ido de Lisboa, enxergavam o *Sonho de Rafael*, quando não a encontrassem em qualquer estação de muda. Ambos na almofada, ao lado do cocheiro. não tardaram a entabolar conversa com êle e com os demais passageiros e a trocarem impressões como se todos se conhecessem de longa data.

* * *

Ao quinto dia da enfadonha jornada entrava-se no misterioso pinhal da Azambuja.

— Tenho feito varias vezes esta travessia, mas nunca me aproximo destes sitios sem sentir arrepiar-se-me a espinha num calafrio — declara um dos viajantes.

— Pois o senhor não tem nada de medroso — sentenceia o cocheiro, com ares de entendido e assumindo, a autoridade de quem pode passar qualquer diploma de valentia.

— A tradição, a lenda, ainda mais avoluma a realidade — observa D. Domingos.

— Pois olha que a realidade hombreia e rivaliza com as façanhas praticadas nos recessos celebrizados das serras dos Abruzzos e da Calabria ou com as dos bandos mais ferozes do Epiro e da Albania — moteja Tiago Horta.

— E a zona perigosa estende-se além de Coimbra — informa um negociante conhecedor das peripecias do itinerario.

— Na nossa terra, e principalmente por estes sitios os ladrões nascem como escalracho. Lembro-me de meu pae contar as proezas da *Nova Sucia*, que se espalhava por todo o paiz.Armava

desordens nas feiras e depois fazia mão baixa em tudo quanto podia — relata um velhote.

— E o Francisco Carrilho? Ao menos a esse deram-lhe cabo do canastro em 1791 — evocou outro passageiro.

— Ai, senhores! Depois da invasão francesa, a audacia dos ladrões de estrada chegou a tal descaramento que a Regencia pelo seu decreto de 26 de dezembro de 1812 determinou que os acusados d'esses crimes fossem autoados em simples processos verbaes e enviados ao desembargador Costa Pinto, que os levaria á Relação para sentencear sumaria e verbalmente. Em 1816 a ladroagem recrudesceu de tal modo que se tornou preciso pôr de novo em vigor os mesmos trâmites de processos em iguaes casos, por isso que alguns elementos que não tinham sido presos formaram novas quadrilhas no Alemtejo e Algarve [1] — explica um escrivão de direito que regressava de licença.

— E o *Chuço*, o Antonio Chuço, de Trancoso, como ele se assinava, e que assolava a Beira em 1821?!

— Que era esse comparado com o celebre *Ruivo da Espera*? Espanhol de origem, não se podem contar os roubos que praticou. De uma das vezes apanhou setenta e seis contos de réis aos portadores das mezadas do tabaco na estrada do Cartaxo a Alcoentre. Afinal, depois de muitas diligencias, sempre o prenderam em 1806, na Trindade, em Lisboa — relata outro.

— E o *Boca Negra* e o *Assoreiras*, que não deixavam ninguem pôr pé em ramo verde no districto de Coimbra, ahi por volta de 1823? — lembra outro.

— Nenhuma das quadrilhas que por aqui enxameavam, deixou taes recordações de horror na população como o *Rancho da Carqueja*, constituido quasi todo por estudantes! O chefe, Jorge Ayres, que frequentava teologia, acusado de assassinio e fogo posto, foi degolado na praça do Pelourinho — pormenoriza outro.

— Nessa época até exportávamos ladrões para Londres. A policia d'ali cançada dos roubos cometidos pelos portugueses João da Silva, José Antonio e Bernardo José, mas não os colhendo nunca em flagrante, nem obtendo provas bastantes dos factos que tanto terror inspiravam aos londrinos, encarcerou-os na nova prisão de Clerkenwell e aproveitou o ensejo de os remeterem para Lisboa na fragata *Melpomene* — historiou outro.

[1] Pinto de Carvalho.

— Que pena não os terem atirado ao mar! — lamentou um, pouco sentimental.

— Se ao menos esses ladrões fossem cavalheirescos como Claudio Duval... notou o marquês de Niza.

— Quem era esse Duval? — pergunta Tiago Horta.

— Um bandido francez, que, exercendo a sua profissão em Inglaterra, mandou parar no meio da estrada a carruagem de uma dama. Ela trazia comsigo quatrocentas libras esterlinas. Como era formosa e elegante o salteador contentou-se em tirar apenas cem libras, deixando o resto á beldade, com a condição de dançar com ele uma *courante* [1] — explica D. Domingos.

Se não houvesse receptadores, não medrariam os ladrões. Em Lisboa pululam e a policia conhece todos esses coios. Por exemplo no botequim da rua do Principe n.º 7 e no botequim do José Chalaça, no n.º 6, por baixo do Jardim do Regedor, todas as noites, desde tempo imemoriaes, se reuniam jacobinos e larapios.

— Ora! No largo do Terreirinho, no tôpo da rua dos Cavaleiros, ha outro café, muito frequentado ha anos por um musico que tocava bombo na *Legião Luzitana*, onde se juntam cardumes de ratoneiros.

— Em tempos o juiz do Crime do Limoeiro mandou fechar um botequim perto da Sé. Agremiavam-se ali quantas pécoras, gatunos, rufiões e desordeiros espaireciam pelos arredores. A visinhança e principalmente os eclesiasticos da basilica de Santa Maria Maior protestaram e d'ahi o encerramento.

— No numero dos receptadores mais curiosos e dos que gosaram de maior imunidade entra o *Troca* — indica o velhote.

— O nome não me é estranho; quem era? — inquire Tiago Horta.

— Chamava-se Antonio Ferreira. Atravancavam o largo do Passeio Publico [2] umas barracas de madeira, onde os adelos faziam o seu negocio. Uma d'elas servia tambem de cocheira, ahi por 1829. No mesmo largo, á boca da rua do Principe, a meio d'esses pardieiros, abria-se o pateo do *Troca* com um poço ao fundo. Popularidade não lhe faltava...

— Porquê?

[1] Dança do seculo XVIII.
[2] Onde está hoje o *Avenida Palace*.

— Magro, com as pernas sempre metidas em botas altas, principiara a carreira por contrabandista e marchante, continuou-a como alquilador por grosso e acabou-a em receptador de furtos. Prestou grandes serviços a muita gente.

— Serviços ?!...

— Serviços, sim, senhor. Conhecia os capitães de todas as quadrilhas de ladrões, e muito em especial os das que operavam no Alemtejo. Quem precisava levar dinheiro para aquela provincia e não queria entregá-lo em frente de uns poucos de bacamartes, com o cano atufado de metralha, e de uma intimação perentoria, munia-se de um passaporte com a assignatura do *Troca*.

D. Joanna da Cunha

— Em que consistia esse documento ?

— O pae do *Troca* esquecera-se de o mandar á escola; esboçava umas garatujas, mas de modo tão particular, que os malandrins descobriam á legua qualquer falsificação. As verdadeiras valiam oiro de lei.

— Custava muito caro o *passe* de livre transito ?

— Um salvo-conducto para atravessar, *sem perigo*, este pinhal da Azambuja custava uma moeda ou seja 4$800 réis. Gosava de valimento. Assegura-se que o Troca exercia tanta influencia sobre um alto magistrado, conhecido pela alcunha do *Tim-Tim*, que tirava, devido á protecção deste, criminosos da cadeia e os livrava de cumprirem o degredo. [1]

— Já morreu ?

— Já, e rico. Mandou construir alguns dos predios da rua de Santo Antão. Tinha uma filha, que casou com um tal senhor Cró. Deixou descendentes. Um deles é um medico de nomeada. [2]

(1) *A anthropologia criminal*, F. Deusdado.
(2) *Lisboa doutros tempos*.

— Ainda falta muito para chegar á primeira muda ? —pergunta um impaciente.

— Não falta, devemos lá chegar ao caír da tarde — responde o cocheiro.

— Que é isto ?! — exclamam os passageiros das almofadas ao mesmo tempo e em tom sobresaltado.

— São tiros — replíca o automedonte com o maior socego, como se ouvisse o ruido mais natural.

— Talvez os ladravazes ataquem a outra diligencia... — aventa Tiago Horta.

— E' possivel — redargue o bolieiro com invejavel placidez.

— Fustiga as sôltas, vamos socorrê-la — incitou o marquês de Niza lembrando-se d. *Sonho de Rafael.*

O cocheiro estendeu toda a trança do açoite, obrigou-a a descrever varios arcos de circulo e despediu repetidas chicotadas acompanhando-as com guturaes interjeições de animação e com brados de fingida ira !

— Seee ! Vá ! Que... que .. que ! Andem calaceiros !

As sôltas apressaram o chouto, mas a marcha da pesada massa do vehiculo pouco aumentou de velocidade. As detonações, mais espaçadas, resoavam agora perto.

— Não ha que vêr, os salteadores acometem a Mala Posta e os passageiros defendem-se — conversa Tiago Horta.

Nesta altura já os viajantes, homens, tinham tirado as suas armas, em geral pistolas, pois nesse tempo ninguem jornadeava de mãos a abanar, como vulgarmente se diz.

A distancia encurtava. O estrépito tornava-se de momento para momento mais distinto. O sol declinava no horizonte e descia sobre a terra o manto suave do crepusculo, hora melancolica, a que as longinquas badaladas das Ave-Marias prestavam o dulcissimo encanto do seu tanger bronzeo, as notas plangentemente sonoras de um hino que ninguem ouve sem instinctivamente levar a mão á cabeça para a descobrir, sem que a memoria evoque as orações aprendidas em creança, sem que o pensamento abranja num relance toda a nossa infancia. O tronco esguio dos pinheiros, com a sua folhagem em agulhas verde-negro, projectava sombras sobre a estrada e clareiras e escurecia com manchas precoces o saibro doirado da faixa do mac-adam.

* * *

Ao dobrar um cotovêlo da carreteira, aos viajantes vindos do Porto depara-se-lhes uma diligencia imovel, um dos cavalos deitados no chão, morto talvez, os passageiros entrincheirados por traz das portinholas, os do tejadilho deitado sobre ele, abrigados com malas e sacos. Adivinhava-se que os bandidos depois de ferir um dos animaes, e de ter feito as intimações do costume, sustentavam o tiroteio a coberto do pinhal, esperando que da parte dos atacados se exgotassem as munições para então assaltar e pilhar a salvo.

Saúda a repentina aparição do vehiculo, que transporta o marquês de Niza, uma descarga. Felizmente, as pontarias altas fazem que as balas apenas esgalhem as pernadas dalgumas arvores.

— Valham-nos por amor de Deus! — imploravam de dentro da primeira carruagem atacada varias e angustiadissimas vozes femininas.

— Não façam fogo por ora — recomendou o marquês de Niza a alguns dos seus companheiros de viagem que se dispunham a responder precipitadamente.

— Jesus! Jesus! Que vae ser de nós! — gemiam de dentro as passageiras do carro vindos do Porto.

— Descancem, não é nada! — confortou Tiago Horta descendo da almofada.

A' primeira descarga dada pelos salteadores seguiu-se um relativo silencio. Apenas se distinguia o quebrar de ramos por gente que não tinha tempo de escolher caminho.

— Os scelerados fogem — diz D. Domingos.

— Ou vão buscar reforços — argumenta Tiago Horta.

Esta ultima hipótese justificava-se infelizmente. Não tardou que dos dois caireis da estrada o tiroteio recomeçasse mais nutrido.

— O melhor seria todos os homens juntarem-se, assim a defesa, com a união, seria mais forte — opinou o marquês de Niza.

— Toca os cavalos para nos aproximarmos da outra diligencia — ordena Tiago Horta ao cocheiro,

Resoaram umas chicotadas, os cavalos iniciaram uma curta trotada, mas logo uns quinze a vinte homens, de barretes e chapéos desabados, descaídos sobre o rosto, de jalecos curtos ou

envôltos em capas á alemtejana, empunhando enormes trabucos de bôca de sino saíram do pinhal e se interpuzeram entre os dois vehiculos.

— Adivinharam o nosso plano, os velhacos! — resmoneou por entre dentes Tiago Horta engatilhando as suas pistolas.

— Não dispares, por ora — recomenda de novo D. Domingos; — quero ver se descubro quem é o chefe da quadrilha para lhe quebrar um dente com uma bala.

No entrementes, os bandidos reconhecendo que se encontravam em farta maioria, adquiriram maior audacia e um dêles em tom cavernoso, ordenou:

— Passageiros e passageiras sáiam da diligencia e ponham para aqui tudo quanto levam! Entregando tudo não se lhes fará mal, se tentam resistir arrancamos-lhes as vidas.

— Ha aqui quem traga um salvo conduto do *Troca* — declara com inflexo sonoro Tiago Horta.

— Quem? — pergunta um dos facínoras,

— O chefe que o venha verificar repetiu o janota lisboeta.

Um homem baixo, atarracado, de barba intensa, de modos bruscos, mas decididos, afasta-se do grosso dos malvados e aproxima-se.

— Você é que é o chefe? — interroga o marquês de Niza.

— Mostre o salvo conducto do sô *Troca* — exige o capitão da quadrilha.

— Aqui está!

Ao proferir estas palavras, D. Domingos aponta a pistola ao caudilho dos bandoleiros, então isolado e bastante afastado dos seus sequazes, e aduz:

— Se você mexe com os olhos ou a sua gente faz o mínimo gesto considere-se morto! Para que não imagine que erro a pontaria dir-lhe-hei o meu nome, que talvez conheça: chamo-me o marquês de Niza.

O lance assumia foros de teatral. Todos, passageiros e bandidos, ficaram perplexos. A fama de atirador emérito do descendente de Vasco da Gama espalhara-se por todo o paiz. O capitão da quadrilha percebeu que se êle ou os seus homens fizessem o menor movimento uma bala lhe cortaria cerce a existencia. Ao mesmo tempo Tiago Horta, egualmente de pistolas empunhadas e engatilhadas, percorria com a vista, atento, vigilante, que ne-

nhum dos bandidos se lembrasse de pôr em execução qualquer treda acometida.

Interrompe o curto e expressivo silencio que se segue á intimação de D. Domingos um lancinante grito de mulher.

— E' a voz da *Sonho de Rafael* exclama o marquês de Niza.

— Socorro! Acudam-me! — brada de novo a mesma voz com inflexo ainda mais angustioso.

— Não podemos ficar aqui de braços cruzados ante essa instante solicitação — declara Tiago Horta com energia.

— Dá ordem para que não façam mal áquela senhora — ordena o marquês de Niza em tom significativo para o chefe dos bandidos.

Resôa um tiro. Retumba mais um aflicto grito feminino. O capitão da quadrilha dá um passo á retaguarda, mas ao mesmo tempo cáe para trás como fulminado. Uma bala da pistola de D. Domingos quebra-lhe os dedos da mão direita com que segurava o bacamarte. A dôr e o medo são tão intensos que o malfeitor julga ter transposto as portas do inferno. Tiago Horta desfecha as suas duas pistolas e dois salteadores tombam varados. Os restantes bandidos experimentam um momento de pânico. Uns recuam numa deliberação bem acentuada de fugir; outros, os mais corajosos, dispõem-se a atacar e disparam as armas; os passageiros, presumindo uma acometida geral, servem-se do heterogeneo armamento e fazem uso dele conforme o estado do seu espirito. Durante alguns segundos a fuzilaria crepíta estralejante, sêca, como os buscapés nas vesperas do dia de Santo Antonio. Felizmente, a precipitação com que todos apontam só victíma a ramagem do arvoredo. Ao mesmo tempo, retumbando mais forte que as detonações, ouve-se alguem ordenar:

— Abaixo as armas ou fuzilo todos!

Passageiros e salteadores entreolharam-se atonitos de surpresa. Que nova intervenção era aquela?

A orla do pinhal mostra se, como em virtude de um encantamento, acairelada de soldados, de espingardas apontadas. A' sua frente, em atitude resoluta e de expressão energica, vía se um official que ostentava nas mangas os galões de major. A seu lado, em atitude não menos animosa, a *Sonho de Rafael* apontava para o grupo do marquês de Niza. Nenhum final de acto, de efeitos bem previstos e cuidadosamente ensaiados, obteria triumpho tão consumado.

— O Joaquim Bento! — exclamam os numerosos actores da empolgante scena.

Era na verdade Joaquim Bento Pereira, mais tarde general, barão de Rio Zézere, por antonomazia *barão do Chicote*, commandante geral das Guardas Municipaes. Fizera as campanhas de Montevideu, da Liberdade e devia desempenhar papel preponderante na revolução da Maria da Fonte. Tornara-se proverbial a sua inteligencia e bravura.

— Estamos salvos! — comenta Tiago Horta.

— A tropa chegou a tempo — balbucía um dos transidos passageiros.

— Quem é este oficial? — pergunta outro viajante detendo por um braço Tiago Horta, que se preparava para acompanhar D. Domingos a caminho de abraçar a *Sonho de Rafael.*

— É o major Joaquim Bento, já ouviu — responde Tiago Horta contrariado pela detenção e com certa secura. — O governo entregou-lhe o comando de uma columna volante e investiu-o de poderes descricionarios.

— E não deixa os salteadores pôrem pé em ramo verde, abençoado seja! — observa o interlocutor.

— Mais, prepara-lhes uma boa pernada com um cânhamo bem forte para elles meterem o pescoço — aduz Tiago Horta.

— O quê! Assim sem mais nem menos?! Sem julgamento, juizes e advogados?!...

— Com alguns mais, mas nunca menos. Olhe, meu caro senhor — conclue Tiago Horta para se desembaraçar da pressão do logista — O "habito dos factos mais violentos cança menos que as abstracções; os militares valem mais que os advogados".

VI

Os dois ultimos carrascos

Joaquim Bento Pereira iniciou uma implacavel batida aos ladrões das estradas em toda a area do pinhal da Azambuja, batida dificil de levar a bom termo por causa da natureza do terreno e da cumplicidade dos habitantes dos povoados circunvisinhos. Aproveitavam-se estes dos latrocinios efectuados, escondiam e protegiam os salteadores e ludibriavam as forças. O major Joaquim Bento não desanimou com a escandalosa protecção dispensada ao banditismo. Captura chefes e sicarios.

— Que foi? Que te aconteceu? — perguntou D. Domingos acercando-se da *Sonho de Rafael.*

— Ia ao Porto, pérfido, saber até que ponto se justificavam as informações que, zêlo de amiga ou de inimiga, me tinham fornecido ácêrca da Jenny Olivier — responde a formosa mulher.

— Tontices, meu amor, tolices, bem sabes que só a ti amo! — afirma o marquês de Niza.

— Quando estás junto de mim, e Deus sabe por quanto tempo!

— Agora, ha pouco, porque gritaste? Foste tu quem gritaste, não é verdade?

— Fui. Um desses bandidos queria tirar-me á força de dentro da diligencia. Magoou-me um braço. Mas era mais forte que eu. Arrastou-me. No momento em que saía divisei por entre os pinhaes estes soldados. Bradei por socorro. O salteador tentou tapar-me a bôca com a mão. Mordi-lhe. Levantou a arma para me bater. Cravei-lhe este punhal numa perna, porque não me deixou enterrar-lho no peito.

— E's uma heroina!

— Uma víctima das tuas constantes traições, marquês!

Neste momento o major Joaquim Bento e os seus oficiaes dirigiam o serviço de meter dentro da escolta os facínoras capturados.

— Não os tratem mal, mas, se resistirem, matem-nos! — recomendava o intrépido comandante da coluna volante ao tenente incumbido de trazer os malvados a Lisboa.

— Sabes o que significa aquela recomendação? — perguntou Tiago Horta a D. Domingos.

— Que não façam mal a esses bandidos.

— Qual? Que lhes dêem cabo da pele pelo caminho. Dos chefes das quadrilhas ainda não chegou um á capital. Ficam todos pelo caminho com um tiro ou uma baionetada.

— Ora, faz muito bem, dessa maneira os soldados poupam trabalho aos juizes e aos carrascos!

— Agora por isso, nunca vi o carrasco de Lisboa. Tenho vontade de o conhecer. Em lá chegando hei de ir visitá-lo ao Limoeiro. Deve saber coisas interessantes — diz o marquês de Niza.

— Mais alguma extravagancia! — comenta Tiago Horta.

— Talvez a mulher seja bonita! — observa de lado a meia voz a *Sonho de Rafael*.

Os passageiros voltaram para as respectivas diligencias excepto a formosa amante de D. Domingos, que arrepiou caminho na sua companhia.

O caso é que o exemplo dado pelo denodado Joaquim Bento fructificou. Dentro em pouco o pinhal da Azambuja fica limpo de ladrões.

Os viajantes apeiam-se em Lisboa. Tiago Horta comenta.

— Quem gostar de sensações fortes não tem mais que empreender uma jornada de recreio ao Norte. Quando chega ao seu destino arranjou o principio de uma lesão cardíaca e tem os ossos feitos num feixe.

— Pois sim — conceitua a *Sonho de Rafael*, — mas estas jornadas recomendam-se pelos lances imprevistos, aventuras romanticas e scenas pitorescas. Olha o que nos aconteceu...

— O que farão a esses cavalheiros que se entregavam a uma industria tão lucrativa?

— Os principaes apanharão a sua conta pelo caminho, os outros apodrecerão nas enxovias ou irão para as costas de Africa.

— Ha muito tempo que o carrasco não trabalha pelo oficio...

— Ha. Desde as execuções do Diogo Alves e do Matos Lobo que não se tornou a armar a força nesta cidade.

— Nunca vi enforcar ninguem — declara a *Sonho de Rafael.*

— Em Portugal tambem eu nunca vi; o algoz deve fazer esse serviço com pouca arte... — graceja D. Domingos.

— Não brinques com coisas sérias — repreendeu Tiago Horta sentimental.

— Decididamente vou ámanhan ao Limoeiro, quero conhecer o verdugo. Queres vir, *Sonho de Rafael?*

— Eu não vou — declara perentoriamente a linda rapariga.

— Vou eu — acede Tiago Horta.

* * *

No dia imediato os dois amigos dirigem se para o antigo Paço dos Reis ou Paço da Moeda, onde o Mestre de Aviz matou o conde de Andeiro, amante da rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando I, na sala das Colunas, depois prisão n.º 1; mais tarde conhecido pelo Paço dos Infantes, por ali morarem D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique; Paço a par de S. Martinho; residencia das comendadeiras de Santos, etc., etc.

O director da cadeia recebeu os dois amigos com a maior deferencia e sabido o motivo da sua visita, disse-lhes:

— O melhor é antes de falar com o Simões ou com o *Negro* conversar com alguns dos cumplices do Diogo Alves que estão aqui á espera de navio para os transportar para o degredo.

— E com qual ha de ser? — inquere D. Domingos.

— Com *Pé de dança*, talvez; é o que se mostra mais arrependido; pode ser que narre as façanhas de todos com mais franqueza e verdade — informou o director.

— Pois seja esse — acederam as visitas.

Dali a instantes entra na secretaría da cadeia um preso. A fisionomia não denotava nada de particular.

— Conheceu bem o Diogo Alves? — interroga o director.

— V. S.ª bem sabe que sim, .. por meu mal.

— Diga então o que sabe a seu respeito.

— Que lhes posso eu dizer que não saibam já. "Tudo isto" sucedeu ha tão pouco tempo. O Diogo nasceu em Lugo na Galiza. O pae chamava-se Anselmo Alves e a mãe Rosa Alves; gosavam ambos da fama de trabalhadores e honestos. O rapaz veio

muito novo para Lisboa. Serviu primeiro como moço e mais tarde como bolieiro em casa dos marquezes de Penalva e Castelo Melhor, conde de Belmonte, Castro e Cunha e dr. João Thomaz de Carvalho, que o mandou embora por descobrir nele maus instinctos.

— De paes tão bons . .

— E' o destino. Um sugeito de Palhavan tomou-o como criado. Começou a frequentar uma taberna do sitio pertencente a Gertrudes Maria, mulher de Enxara de Bispo, concelho de Mafra, casada com Antonio José Saraiva, trabalhador do contracto do Tabaco, de quem estava separado, mas de quem tinha dois filhos, um rapaz e uma pequena Maria da Conceição.

Porque lhe chamavam a *Parreirinha?*

— Nunca se soube ao certo. E' mulher encorpada, alta e tem uma maneira de olhar que a gente não pode dizer que não ao que ela quer. Enfeitiçou o Diogo e atirou-o para a desgraça.

— Todos o supunham de boas contas.

— Todos. Emprestavam-lhe dinheiro que êle pagou sempre, conforme poude. Não sabia ler nem escrever e tão innocente parecia que o alcunharam de *Pancada.* Até os 26 anos, pois nasceu em 1810, toda a gente o considerou um homem de bem; depois desandou.

— Principiam então os roubos, os assassinios . . .

— O Diogo mandara fazer as chaves falsas de que precisava para entrar no Arco das Aguas Livres. Esperava ahi os que o seu mau fado levava a preferir esse trajecto ao do caminho de baixo. Roubava os viandantes, matava-os e atirava com eles do arco grande, por ser o mais alto. De começo o povo e as autoridades imaginaram que era gente cançada da vida e que se suicidava por esse modo. Só mais tarde se descobriu a verdade.

— E a *Parreirinha* sempre a espicaçá-lo.

— Sempre. Praticamos muitos crimes, mas o que deu mais brado, como V. S.as sabem e que o levou a êle á forca e me ha de levar a mim ao degredo, foi o assalto á casa do medico Dr. Pedro de Andrade, solteiro, na rua das Flores, e em que perderam a vida a familia que vivia em sua casa, outrora abastada e agora em precarias circunstancias pela perda do chefe Mourão, constituida por D. Maria da Conceição Correia Mourão, duas filhas de 19 e 17 anos, D. Emilia e D. Vicencia, e de um filho José Elias Correia Mourão, roubando quanto lá se encontrava. . .

— Antes houve o crime da estanqueira.

— Houve, a tentativa de assassinio e roubo da Antonia Maria com estanco na calçada da Estrella.

— Quem compunha a quadrilha?

— Antonio Palhares, soldado de infantaria 7; Manuel Joaquim da Silva, o *Beiço Rachado*, tambor de infantaria 10; João das Pedras, o *Enterrador*, porque lhe incumbia a êle fazer desaparecer os cadaveres; José Maria Lopes, o *Apalpador*, guarda barreira; Antonio Martins, o *Celeiro*; João Maria Arameiro; Cosme de Araujo, aguadeiro; Fernando Baleia; a *Parreirinha;* o Diogo Alves e eu...

— De nome José Claudino Coelho, o *Pe-de-dança*, larapio esperto, puxando para o fino e com idéas novas, mas que nunca enodoou as mãos de sangue — explica o director.

— Como se descobriu tudo?

— Quem ajudara a quadrilha a entrar em casa do medico Andrade foi um seu criado, Manuel Alves, primo do *Celeiro*. Praticado o crime o Diogo Alves, o *Enterrador* e a *Parreirinha* estrangularam-no e deram-lhe com um machado na cabeça.

— Excellente recompensa dos seus serviços.

— Decorridos dias o *Enterrador* entra numa excursão nocturna ali para os lados do Castello. Presentido, salta por uma janela e torce um pé. Surgem os cabos da policia e prégam com êle aqui no Limoeiro.

— Alguma vez havia de ser.

— O *Enterrador* escreve ao Martins pedindo-lhe dinheiro. Troca-se uma activa correspondencia. Nascem suspeitas. O juiz manda chamar o *Celeiro*. Este atrapalha-se e o *Enterrador* acaba por fazer uma confissão completa... Nada mais sei. O resto não é comigo.

— Vamos agora ao carrasco? — propõe D. Domingos.

* * *

Dali a pouco entrava o executor das altas obras, de olhar desconfiado, sem o fixar em ninguem, contrariadissimo.

— Diga o que sabe ácêrca da execução do Diogo Alves e dos seus cumplíces — intíma o director da cadeia em tom sêco e cominatorio.

— O julgamento efectuou-se a 13 de junho de 1840 numa

das salas do convento dos Paulistas. A audiencia durou três dias. Presidiu a ela o juiz de direito da segunda vara, Dr. José Luiz Rangel de Quadros. A' força armada custou-lhe a conter a concorrencia — narrou o carrasco Simões com voz monótona, quasi a gaguejar.

— E o Diogo Alves?

— Apresentou-se no tribunal de jaqueta de briche, cinta, calça de bôca de sino, sapato de meia prateleira com laços espalhafatosos, e com a cabeça amarrada por um lenço de ramagens, á moda aragonesa.

— Mostrava-se triste?

— Pensativo e reservado. Quem o perdeu a êle, aos cumplices e á *Parreirinha* foi a filha, a Maria da Conceição, que pôs em pratos limpos quanto vira e sabia. A acusação contra a mãe e os demais foi terrivel.

— Devia impressionar o auditorio essa rapariga de ar candido, pronunciar com os labios infantis a sentença da propria mãe — observou Thiago Horta.

— Havia quem sentisse calafrios na espinha! Ela com o seu aspecto angelico, desfiar os crimes mais hediondos da quadrilha — elucidou o director e, virando-se para o algôz, ordenou: — continue!

— Os primeiros a serem enforcados foram Antonio Palhares e o *Beiço-rachado*, ambos militares. Exautorados primeiro no Castello de S. Jorge mandaram-nos para aqui. A 11 de dezembro de 1840, cinco mezes depois do julgamento do Diogc Alves, e após os tres dias de oratorio, vesti a alva aos dois. O Palhares mostrava-se fanfarrão, não cessava de proferir insolencias e recusou-se em absoluto a aceitar o crucifixo, que é de costume levarem no trajecto até ao patíbulo. Parecia não acreditar que ia morrer...

— Porquê?

— Presumiu, creio eu, que os camaradas atacassem o préstito, e o salvassem. Ordenava aos padres que se calassem; quando, no meio da turba enxergava algum conhecido, fazia-lhe gestos de saudação; dir-se-ía que se encaminhava para uma patuscada...

— Isso não é coragem, é cinismo.

— Obriga o cortejo a parar em frente das tavernas, pede e bebe meio quartilho com tal prazer que toda a gente ficou pasmada. Para enternecer a multidão gritava alto e bom som que

o juiz o condenára á morte por êle não lhe ter querido dar trinta peças de oiro, que exigira.

— E foi assim até final ?

— Quando chegou perto da forca e que se convenceu que não tinha outro remedio senão morrer perdeu a fanfarronice. Tornou-se verde como um limo e só á força o atirei para o ar. O *Beiço-rachado* quasi não dava sinal de si.

— E os outros ?

— E o Diogo Alves ?

— A 17 de fevereiro de 1841 entraram êle e o *Celeiro* no oratorio. Assistiram-nos o padre Sales e o prior de Marvão...

— Querem vir vêr o oratorio ? — interrompe o director.

— Vamos — acedem os dois amigos.

Percorrido um corredor, não muito extenso, encontraram-se numa casa com pouca luz, ao fundo da qual se ergue um altar singelo, sem nenhuma especie de ornamentação. A meio, desenha as suas linhas sombrias um crucifixo, ladeado por seis velas. Em frente avulta um livro — os Santos Evangelhos, — e perto uma caldeirinha de agua benta com o respectivo hissope.

— Só isto apavora — comenta Thiago Horta.

— Conte lá o resto — determina o director da cadeia ao carrasco.

— Os dois padecentes resignaram-se com a sua sorte e escutaram contrictos as exortações dos sacerdotes. De tarde principiou a confissão, interrompida pelo jantar e que continuou durante a noite. O padre Sales de tal modo falou ao coração abalado dos dois que o Martins teve de ser conduzido á cama desfalecido, tão commovido estava !

— E o Diogo Alves ?

— Esse ainda estava mais amedrontado. A ninguem enganava, mas porfiava em se mostrar cinico, fingir de corajoso. Não o conseguia. Poltrão até á raiz dos cabellos, a visão de patíbulo reduzia-o a um frangalho.

— E essa morte lenta, terrivel, de minuto a minuto, durante dois dias ? ! — observou Thiago Horta.

— Dois dias.

— Ao meio dia de 19 — prosegue o algoz Simões — põe-se o cortejo em marcha. Havia o poder do mundo, desde aqui do Limoeiro ao caes do Tojo. Toda a gente de Lisboa queria presencear o espectaculo. Houve atropêlos, encontrões, pancada,

pranchadas, roubos, o diabo! Os poucos jornaes de Lisboa, tiraram suplementos e os garotos vendiam quantos levavam. Arrancavam-lhos das mãos. Era um vozear medonho por cima do qual se ouvia o pregão dos vendedores, arrazando os pulmões, gritando em voz estenterosa: "Suplemento, á ultima da hora!„

— Eram outros tantos dobres de finados aos ouvidos dos pacientes.

— O povo não perdoava os crimes aos dois malvados. As mulheres principalmente, que, com outros facínoras, quando chegava o momento de expiarem as suas faltas, se condoíam deles, não abrandavam no seu odio contra taes perversos.

— Instincto da justiça feminina!

— O Diogo Alves esforçava-se por aparentar indiferença; queria fingir que não se importava com os doestos que lhe dirigiam. Caminhava com tal ou qual firmesa e apartava dos olhos com as duas mãos amarradas e o crucifixo entalado nelas, as melenas que lhos tapavam. O Antonio Martins cambaleava, tinha o passo incerto e o olhar vago, mostrava-se abatidissimo. Quando nos aproximamos do cadafalso levantou-se do meio da turba um sussurro formidavel. O padre Sales fez-lhes nova prédica, exortou os a que se preparassem a comparecer ante Deus e depois entregou-mos.

— Quem foi o primeiro a morrer?

— O Diogo Alves. Os meus ajudantes ampararam-no para que subisse os degraus do patíbulo. A certa altura perguntou-me: "E' aqui?„ A resposta que lhe dei foi passar-lhe o baraço, atirá-lo ao espaço e escarranchar-me nele.

— E o outro? — perguntou D. Domingos sem poder reprimir um estremecimento de horror e de instinctiva repugnancia.

— Aconteceu-lhe pouco mais ou menos a mesma coisa, mas parece-me que já estava morto quando o atirei ao ar.

O marquês de Niza e Tiago Horta deram algumas moedas de prata ao executor das altas obras. O verdugo retirou-se. Quando elle já não podia ouvir, D. Domingos inquire do director:

— Como é que este homem veio a desempenhar este ignobil oficio.

— E' sempre a mesma historia. Cometem crimes. Para sal-

var a cabeça, quando ha vaga, oferecem-se para carrascos. Ainda este, o Simões, não é tão curioso como o *Negro*. [1]

— O tal de que ha pouco me falou.

— Exactamente. Chama-se Luiz Antonio Alves. Só assistiu a uma execução em Tavira. [2] Faltou-lhe, porém a coragem para exercer o oficio e deu ao seu imediato três pintos, unico dinheiro que dispunha, para o substituir nas suas repugnantes funcções.

— Um verdugo humanitario.

— O seu comportamento aqui tem sido irreprehensivel, mas que ninguem o ofenda. Tranforma-se numa fera. Uma vez o Simões disse que o Luiz Alves era um fracalhão, que nem ânimo mostrara para executar um condenado. Pois cobriu-lhe o corpo com facadas. Vi-me obrigado a separar os dois, que até ahi viviam juntos. Mandei levantar uma parede grossa nesse corredor em que habitavam e rasgar uma porta nova. [3]

— Parece impossivel que para salvar a vida se chegue a um tal grau de abjecção!

— Pois Luiz Alves, na sua qualidade de soldado de cavalaria miguelista, dos celebres dragões de Chaves, tomou parte em todas as acções em volta do Porto, de Lisboa, nas batalhas de Almoster, da Asseiceira, e obteve uma condecoração pelo seu valor em campanha.

— E' valente?

— Valentissimo. De genio brigão, irascivel, varreu feiras a pau, desarmou escoltas e fugiu umas poucas de vezes ao braço da Justiça. Respondeu por fim no julgado de Vila Pouca de Aguiar, a *dezoito* processos instaurados por diversos crimes. Defendeu-se alegando que em todos os demais estava inocente e que apenas matara dois homens em legítima defesa.

— Condenaram-no...

— A' morte. Foi então que aceitou a comutação da pena,

(1) Foi o ultimo carrasco português. Foi removido da Relação do Porto para o Limoeiro em 1845. Morreu nesta cadeia com sessenta e sete anos.

(2) Em 1845, andava a passear na enfermaria. Sente-se incomodado, encostou-se á cama e ali ficou. Sucumbiu a ataques epilepticos e asmaticos.

(3) Simões foi encontrado morto no seu quarto a 24 de outubro de 1855.

prestando-se ao vil mister, que, no meio de tudo, nunca desempenhou.

— Quanto ganha o carrasco?

Além de um tanto por cada execução 4$100 por mez.

— A que um homem desce!... — comenta D. Domingos.

— Pois sim, mas escreveu alguem que: "A sociedade reputa o verdugo o mais vil dos homens, sem considerar que os legisladores e tribunaes lhe chamam o executor da Justiça! — cita Tiago Horta.

Sáem os dois impressionados do Limoeiro, arrependidos talvez da visita e da sua doentia curiosidade. Quando ambos entram na moradía da *Sonho de Rafael*, a formosa rapariga interpela-os:

— Melhor cara traga o dia de ámanhan. Não gostaram. Vejam lá se eu tinha ou não razão.

— Tinhas, tinhas... — confirma D. Domingos.

— Estiveram aquí a procurar-te o conde de Farrobo, o visconde de Almeida Garrett e o Duarte de Sá.

— Não disseram para quê?

Apenas me pediram para te participar que logo que te fosse possivel desejavam falar comtigo para assumpto de não muita urgencia.

— Que me quererão eles? O Almeida Garrett deve estar magoado comigo por não ter ido assistir á primeira representação do seu drama *Frei Luiz de Souza.*

— Vamos a casa do conde de Farrobo.

— Vamos.

Encontraram o conde de Farrobo no seu sumptuoso palacio das Larangeiras.

Joaquim Pedro Quintela achava-se em plena pujança da maturidade, com os seus quarenta e quatro anos. Exercera uma acção decisiva na arte, na industria e no bom gosto da sociedade portuguesa. As suas residencias, multiplas, em Lisboa e nos arrabaldes, elevavam-se á categoria de templos de arte, valorizados com recheios de museus de maravilhosas raridades e de objectos inestimaveis.

O marquês de Niza e o seu inseparavel amigo Tiago Horta receberam ali o acolhimento com que o faustuoso e cortez argentario costumava distinguir as suas visitas.

— Informaram-me que o conde me tinha procurado; não quiz demorar-me a comunicar-lhe que o soube; eis-nos aqui para lhe sermos agradaveis — declara D. Domingos.

—Trata-se de uma caçada — elucida Joaquim Pedro, depois de um exordio de saudações calorosas — e desejava consultar o marquês, perito no assumpto, ácêrca de certas minudencias.

Estou completamente ás suas ordens responde D. Domingos.

Os trez embrenham-se numa conversa em extremo viva, cortada de argumentos e de pormenores de ordem tecnica. Saberemos breve sobre que factos convergiu.

Paulo Midosi

Escriptor, comediógrafo, cunhado e colaborador de Almeida Garrett nalgumas das suas obras de teatro.

Quando concluiam, um lacaio annuncía ao conde de Farrobo a chegada de Almeida Garrett, introduzido imediatamente no gabinete onde conversavam. D. Domingos diz:

— Meu caro visconde, não perdoarei nunca a mim mesmo não ter assistido á primeira representação do seu drama *Frei Luiz de Sousa.*

— Agradeço-lhe o preito que representa a sua gentilissima desculpa — redargue o poeta, então com quarenta e quatro anos e em plena robustez do seu talento. (1)

— Quem assistiu a essa recita nunca mais esquecerá a noite de 4 de julho deste ano de 1843! — commenta o conde de Farrobo.

(1) Tratei largamente da sua biografia no *Ultimo marquès de Niza*

— Comprehende-se bem com um tal "Telmo Paes„ — cumprimenta Tiago Horta.

— Não me canço de louvar Deus que, entre muitos beneficios com que se tem dignado contemplar-me, me proporcionou visinhos como a familia de Duarte Cardoso de Sá, dona da quinta do Pinheiro...

— Fica aqui ao pé das Larangeiras — interrompe Tiago Horta.

— Fica, aqui na estrada da Luz, antes de chegar a esta nossa casa, em Sete Rios. Ali mandaram construir os donos um confortavel e elegante teatrinho, de ora avante historico — observa o conde de Farrobo.

— Tréguas ás gentilezas — solicíta deleitado Almeida Garrett.

— Por muitas vezes que se represente o *Frei Luiz de Sousa*, e ha de representar-se em quanto se falar portuguez, com dificuldade encontrará interpretação mais cuidada, e se não vejam... — expôe o conde de Farrobo.

— Por favor — impetra Almeida Garrett.

— Do papel de "Magdalena,„ incumbiu-se D. Emilia Kruz de Azevedo; do de "Maria,„ D. Maria da Conceição de Azevedo e Sá; do de "Manuel de Souza,„ Joaquim José de Azevedo; do de "Frei Jorge,„ Antonio Pereira da Cunha; do do "Romeiro„, Duarte Cardoso de Sá; do do "Prior,„ Antonio Maria de Sousa Lobo; do de "Miranda,„ Duarte de Sá Junior; do de "Telmo,„ como já disse, aqui o nosso Almeida Garrett.

— Que pena eu tenho de não ter podido assistir a esse espectaculo unico! — declara D. Domingos.

— Espero que não seja a sua ultima representação — diz Garrett.

— Não será com certeza — afirma o conde de Farrobo. [1]

[1] O drama *Frei Luiz de Sousa* só foi representado em publico pela primeira vez em 1 de agosto de 1847 no teatro do Salitre, embora o tivesse submetido á censura teatral, criada por Passos Manuel em 1839, com séde no Conservatorio, a 6 de maio de 1843. Nesta representação, estreou-se no papel de «Maria», a actriz Maria da Gloria, que obteve um triunfo. Esta artista abandonou pouco depois o teatro para só cuidar do seu amor pelo tabelião João Baptista Ferreira, traductor encartado e correcto dos teatros da Rua dos Condes e D. Maria II. O *Frei Luiz de Sousa* tornou a representar-se neste ultimo teatro a 4 de abril de 1850. Nessa noite inaugurou-se a iluminação a gaz. A interpretação do «Romeiro» foi confiada ao actor Rosa,

Continuem a planear a sua caçada que, com certeza, apresenta mais interesse que a minha pobre peça — propõe o rejuvenescedor do teatro nacional.

— Não diga o que não sente, visconde, — apostrofa Tiago Horta entre serio e risonho.

— Sinto... sinto, que os senhores preferem, tudo a uma caçada — sublinhou rindo Garrett.

— Engana-se, ha uma coisa que nós preferimos ás caçadas — diz Tiago Horta um pouco misteriosamente.

— O quê? inquire um tanto ingenuamente o antigo director do Conservatorio.

— ...As mulheres.

— Que o diga a Jenny Olivier e a *Sonho de Rafael.*

— Que o neguem a Barili, a Bocabadatti, M.^lle^ Clara...

— Que o refute o harem espiritual e material do nosso Almeida Garrett.

pae. O drama foi traduzido para espanhol por D. Emilio Olloqui; para italiano por Veggezi Ruscalla; para alemão pelo conde Luckner e depois para francês. Em 1869 o eminente tragico italiano Ernesto Rossi representou em Lisboa o drama. Desempenhou êle o papel de «Manuel de Sousa Coutinho» e a grande actriz Casalini a de «Maria de Noronha.» Com este drama Almeida Garrett emparelhou o seu nome com os de Antonio José, Antonio Ferreira, Antonio Prestes, Anrique Lopes, Ribeiro Chiado, Correia Garção, João Batista Gomes, Reis Quita, Feijó, D. Francisco Manuel de Melo, padre Abreu e Lima, Manuel de Figueiredo, Nicolau Ruiz, Sá de Miranda, etc., etc.

VII

A espera de touros

— Meus senhores, ámanhan é sabado; como aperitivo à caçada em projecto convido-os a irem comigo á espera de touros — propõe D. Domingos.

— Aprovado sem discussão — confirma Tiago Horta com entusiasmo.

— Não faltarei — condescende o conde de Farrobo com pouco calor.

— Irei — declara Almeida Garrett com frieza.

O coloquio pouco mais dura.

A's três da tarde as ruas atinentes á Arroyos estremecem com o rodar dos vehiculos mais variados. A ladeira do Arco do Cego, a charneca do Campo Pequeno a ladear o palacio do conde das Galveias, o ermo de Entre-Campos, a alameda sinuosa que se estende quasi até o Lumiar accusam um movimento desusado. Ocupavam o adro murado da egreja, do melhor modo que podiam, centenas, senão milhares de pessoas. Ali, ao abrigo da anan vedaçâo, hoje demolida, aglomeravam-se em palanques improvisados, em cadeiras, em assentos mais ou menos cómodos, gente ida de Lisboa, habitantes do sitio, homens da cidade e do campo, peraltas e secias, os balões das janotas e casquilhas, que vestiam da Aline e doutras modistas em voga, e as saias vermelhas da saloiada, em estreita confraternização. Tudo ahi se expandia em ruidosa alegria, numa efusão san, num íntimo convivio de algumas horas.

Por cima desta multidão pintalgada, de camponezes com os seus trajes garridos e dos cidadãos com roupas de tin'as mais escuras, abria os seus braços piedosos á crença do povo temente a Deus o cruzeiro, de tão delgado torso, que apenas projectava

uma tenue sombra em redor de si. Como impetrando a sua benéfica protecção acamava-se ou empoleirava-se no seu singelo pedestal a garotada viva e alegre das cercanías.

Os edís de hoje, vândalos modernos, mandaram apear o cruzeiro como ordenaram a demolição do muro. Não fazia mal a ninguem: nem ao fervor dos que tinham morrido na fé dos seus paes, nem á furia iconoclasta dos que fingem pusilanimamente não acreditar em nada. Em frente da modesta igreja, parapeitado pelo muro aludido, de um adro tão simples e tão caracteriscamente portuguez, ensombrado pela linha esguia e compassiva dos ciprestes do cemiterio proximo de que só o separava a fachada despretenciosa do templo; de guarda ao ridente e modesto presbiterio que o ladeava, via-se de longe, esperava-nos a distancia como um amigo velho, a desejar-nos as boas vindas.

Todos os de hontem o conheceram.

As cohortes de lavadeiras, de hortaliceiros, de leiteiras, de trabalhadores, de padeiros e padeiras, de operarios, quando de madrugada, no inverno ou no verão, tocando as cavalgaduras ou caminhando com o passo pesado e firme de quem se habituou sem sentir, a caminhar muitas leguas, batendo com as solas no pavimento de modo a parecer um exercito ao passar por ali na escuridão ou quando alvoreciam os primeiros clarões da madrugada, todos fixavam nele os olhos, muitos persignavam-se, bastantes *in mente*, pediam á cruz de marmore, símbolo da sublime abnegação prégada por Jesus Christo, o bom exito dos negocios que iam iniciar, a felicidade do dia que começava.

Á vinda, com os alforges vasios, com as bilhas de lata a roçarem sonoras umas de encontro ás outras, com as carroças despejadas, com as algibeiras cheias, bamboleando-se em cima das albardas, com os canos das botas empoeiradas e bem visiveis, fustigando os animaes ou incitando-os do alto da boléa, após uma manhan trabalhosa ou uma jornada de canceira, ao deparar-se-lhe o christão emblema quando a tarde declinava, o crepúsculo subia e o tanger dos sinos das Ave-Marias lembrava essa hora tão recolhida, tão melancolica e repleta de uncção, todos se benziam pregando ali a vista e todos esperavam com a doce calma, que dá a consciencia tranquila, uma noite de repouso e de ventura.

Que mal faria o pobre cruzeiro? ([1])

— Que linda tarde está?! — observa o marquês de Niza levantando os olhos para o alto e demorando-se um instante a contemplar a abóbada azul que nenhuma mancha empanava.

— Não ha céo como o nosso nem terra como a portugueza! — exclama extasiado o conde de Farrobo.

— E com respeito a mulheres não estamos muito mal servidos — aduz Tiago Horta.

— E precise ser patriota — diz o conde de Farrobo.

— O patriotismo nas mulheres é sempre muito apreciavel — sublinha D. Domingos com duplo sentido.

— Nem todos são patriotas como eu? — gaba-se Tiago Horta

— Nesse ponto confesso as minhas teorias da filosofia ecletista — declara o conde de Farrobo.

— Theorias, não, praticas e... das mais positivas e melhores — acentua Tiago Horta.

— Mulheres... amor... Ora o "amor é uma arte do egoismo mais que uma propriedade do nosso instincto„, escreveu não me lembro quem — objecta o marquês de Niza.

— Agora por amor, já reparaste quem vae acolá naquela tipoia! — pergunta Tiago Horta a D. Domingos.

— Oh' com a fortuna! E' a *Sonho de Rafael!* Que mosca lhe morderia!? — responde o marquês de Niza.

— Não te larga um instante.

— Espia-me por toda a parte. Preciso desembaraçar-me dela.

— Ha de ser dificil.

Os três cavaleiros, montados em soberbos corceis de alto preço, trocavam estas frases no meio de um desfilar contínuo dos melhores batedores do Rocio. Ecoava pela estrada, amarelada e poeirenta, um constante trotar e galopar de toda a especie de

([1]) Não escapou ao camartelo demolidor o popular cruzeiro, apesar de em redor dele se ferirem as ultimas escaramuças entre as tropas de Saldanha, que pelejavam pela liberdade, e as do duque de Cadaval, que desfraldavam a bandeira do absolutismo. Não lhe valeu sequer, neste período de incondicional adhesão a tudo quanto apresenta a chancela de Inglaterra, que esse cruzeiro tivesse sido mandado erigir por um inglez, em 1649, para comemorar a emancipação de Portugal, pela qual se batera, nem o salvou da impiedosa picareta a crença de protestante do estranjeiro defensor da nossa independencia! Tudo isto ocorreu hontem. Como se me a figura — tão distante estamos do passado! — que ocorreu ha seculos!

solípedes, um ininterrupto tropel de magnificos especimens de Alter, das nossas mais famosas e apuradas raças cavalares, das pilecas alugadas aos alquiladores em voga, de badanos arreiados vistosamente pelos donos das cocheiras e cavalariças da travessa da Palha e do Arco de Bandeira, entre as quaes avultavam neste ultimo arruamento a do conde de Vimioso, no terceiro quarteirão do lado norte; a do Antonio *Santareno*, do Antonio Hespanhol, do Manuel Hespanhol, do Mourisca pae, a do José Galego, do José Amador, do Luiz Velhino, do José *Bairro Atlo*, do José Sapateiro, situadas no Bairro Alto, Praça da Figueira, Poço do Borratem e outros pontos. O conjunto formava uma miscelanea de côres de kaleidoscopio, um policromo cortejo. Todos que se incorporavam nele, involuntaria ou propositadamente, contemplavam de perto ou de longe as linhas modestas do popular cruzeiro.

— Por mais que se veja é sempre um espectaculo de estranha originalidade este! — comenta o marquês de Niza.

— Eu não sinto pelos touros e pelo toureio um entusiasmo incondicional como os meus ilustres amigos, mas concordo plenamente que nem o desfile antes e depois das corridas de cavalos em Longchamp, em Vincennes, no Bosque de Bolonha em França, ou as do Derby em Inglaterra [1] ou ainda a saída de uma tourada em Hespanha apresentam espectaculo mais variado e pitoresco — confirma o conde Farrobo.

— Olhem para esses carros ornados com coberjões escarlates, tão escarlates, que irritam a pupila de um *malesso* cego e esses admiraveis chailes de Tonkim, guiados pelos mais destros cocheiros do mundo, como o *Fomenica*, o José Maria *Cabeleireiro*, com a sua parelha malhada, o João *do André*, o Roque *Mulato*, o Joaquim *Preto*, etc. — observa D. Domingos.

— E que transportam, não digo o escol da sociedade feminina portuguesa, mas a Antonia e a Emilia Gaioso, [1] a *Chicoria*, a Joaquina dos *cordões*, com o seu inseparavel Sarmento, sargento de lanceiros que veio com D. Pedro IV — informa Tiago Horta.

[1] Celebram-se em Epsom, condado de Surrey, desde 1779, na quarta feira antes do Pentecoste.

[1] Dizia-se que eram filhas de um brigadeiro. Não eram, e sim do professor de musica desse apelido. A Antonia vivia na rua Nova do Carmo, em frente do Margotteau, e teve dois apaixonados fieis: um

— Começa a falar-se por ahi vagamente numa tal Maria Severa, filha da *Barbuda* dona de três tavernas na Madragôa... — lembra o marquês de Niza.

— Porque demonio lhe chamam a *Barbuda?* — pergunta o conde de Farrebo.

— Ora porquê!? A barba rebenta-lhe com tal força na cara que se vê obrigada a cortá-la, umas vezes, e a tapá-la com um lenço outras — esclarece Tiago Horta.

— Uma rua curiosa essa da Madragôa [1] onde só fui uma vez, por curiosidade e porque me levaram — declara sorrindo o conde de Farrobo.

— Não se encontra na Mouraria a requintada arte que o conde procura sempre, mas tambem oferece os seus atrativos — sublinha Tiago Horta, bohemio incorrigivel.

— Não o nego, mas a arquelogia dessa especie não é o meu forte: poucas lojas e o resto casas de habitação... — responde com um sorriso subtil Joaquim Pedro.

— As lojas são poucas, são, mas ainda ha a doçaria do Bernardino, em frente da capela da Saúde; a do funileiro Cidade, ao lado da botica [2]; a loja dos bolos da *Preta Branca*; a do mestre esfola *Longuinho* numa escada, onde ele barbeia os freguezes que, á falta de almofadas encostam a cabeça á parede; e uns poucos de remendões — contraría Tiago Horta.

— Ao anoitecer ninguem pode ali parar com o cheiro a peixe. Entre as ruas da Guia e a dos Cavaleiros juntam-se nos degraus das portas todas as varinas das imediações. Fazem dali praça, vendendo, o que lhes resta do dia, aos operarios que voltam do trabalho e á gente pobre. Que peste! — exclama o marquês de Niza.

tal Pinto, taful da época, possuidor de cavalos, e o José Ramonda segundo baixo de S. Carlos. Acabou na miseria, mendigando nas escadas do Terreiro do Paço. Sua irman Emilia Gaioso habitava na rua do Almada, por cima do estabelecimento de contas e ouropeis Batalha. Era mais bonita que a mana. O seu favorito foi José Carlos Guimarães, filho de um opulento negociante de Cascaes. A *Chicoria* e a Joaquina dos Cordões, esta nutrida e baixa á guisa de bola, tinham transitado para a categoria de alcovetas.

[1] Desde 1853 rua de Vicente Borga.

[2] Nesta botica foi praticante Mariano de Carvalho, jornalista brilhante e estadista de larga envergadura.

— Aposto que nunca visitaste um arraial que ali se faz? — inquire Tiago Horta.

— Onde demonio é isso?

— O fundo da Mouraria não tem saída. Ha ali um recanto, um forno e um pateo. No pateo albergam-se carroças e pelo lado de trás veem-se as paredes de um predio queimado. E' ahi, que se faz o arraial com as suas vendedeiras de bolos, de queijadas, de bolachas, no ambito compreendido entre a casa queimada e a rua dos Cavaleiros. Olha que as bolachinhas de erva doce, fabricadas na Mouraria e proximidades, teem fama!

— Come-as tu.

— Não sabes o que é bom! Estou convencido que nunca comeste as iscas de vitela espetadas num palito, especialidade do Quintalinho, á Cruz do Taboado; nem apreciaste os petiscos da Gertrudes, da *Perna de Pau;* do Manuel Jorge, ás portas de Sacavem; do *Ze Gordo*, na calçada de S. Sebastião da Pedreira, do Calazans, á Cruz dos Quatro Caminhos...

— Basta homem!

* * *

Assim conversando, rindo, chasqueando, perdendo quasi a noção do tempo, tinham chegado ao logar das Marnotas. Baixa, que se estende pela falda das eminencias, desde Carriche até a Mealhada, assemelha-se a um fosso escavado no sopé de uma muralha formidavel. Para dar uma ilusão mais perfeita a esta fortificação natural, as chuvas alagam-na durante largo tempo em varzea e os calores transformam-na em amplos charcos donde breve emanam as exhalações do empaludismo, origem das sezões que convulsiona os povos das cercanías. Erva, palha, algum trigo, uma ou outra oliveira em escala pela vertente, esboçam a pequena vegetação do sitio.

Lá em cima em Montemór, adiante da Ameixoeira, alveja por entre o tom alaranjado das encostas, apenas cortado aqui e acolá por alguns ilhotes de verdura, uma ermida modesta, branca, caiada, padrão da fé de alguns moradores de Lisboa, expulsos da capital pelo medo á peste de 1599 e que para ali trouxeram a imagem de Nossa Senhora da Saúde.

— Lá está o gado! — diz Tiago Horta.

Efectivamente viam-se dispersos, pastando ou deitados, as treze cabeças constituitivas do curro, que no dia seguinte seria cor-

rido na praça do Campo de Santana. Em redor, distinguindo-se apenas das rezes bravas pelo chocalho pendurado ao pescoço, num badalar plangente, mugiam as chocas talvez com saudades das suas lezirias. Marchetando de pontos negros os cambiantes de açafrão das leiras trotavam ou caminhavam a passo os cavalleiros, e, aos solavancos, devido á natureza acidentada do terreno, rodavam, com difficuldade, os trens. Disseminados como vedetas em redor de um bivaque ameaçado de investida, encostavam-se aos pampilhos de cima das montadas, os campinos com o seu barrete verde acairelado de vermelho, de colete vistoso, de jaleca ao hombro, de calção cingido de meia branca, de sapato de salto de prateleira e espora de latão ou prata, centauros verdadeiros da hipologia portugueza, sem rivaes no mundo pela sua elegancia, destreza e inexcedivel arte de picaria.

— Coitados, como parecem mansos, a contemplar com o seu olhar agora nostalgico essas campinas que se estendem por ahi fora! Pensam em tudo menos em fazer mal a ninguem! — observa o conde de Farrobo.

— Mostre-lhe qualquer pano encarnado e verá como a nostalgia do olhar se transforma em furia — replíca sorrindo D. Domingos.

— Os campinos vão levantar o gado! — previne Tiago Horta com as pupilas a resplender e as narinas a dilatarem-se.

A scena agora toma outro aspecto. Por meio do escasso arvoredo, das amendoeiras, das acacias, das macieiras, das larangeiras, onde se ocultam e cantam a saudar o bucolismo do momento as calhandras, os pintasilgos, os pintarroxos, uma infinidade de aves canoras, tudo isto batido e illuminado por um poente de apoteóse, pasce a manada. A um gesto da vara do maioral os animais levantam-se e sacodem a coureacea e rotunda corpulencia. Por instincto, por obediencia, por disciplina adquirida desde o tempo de anejos, agrupam-se, juntam-se, metemse no meio das chocas, deixam-se rodear pelos guias.

— Elles ahi vão! — gritam entusiasmados Tiago Horta e o marquês de Niza.

Breve se embacía a atmosfera com uma densa nuvem de poeira. Por cima do compacto turbilhão tremeluzem os pampilhos e fluctuam os barretes dos campinos, enegrecem os chapéos desabados e doutras formas dos cavalleiros; os chocalhos dos

bois guias e das chocas badalam numa toada de ecloga soturna, agreste, singular, simultaneamente alegre e sentimental. E toda essa amálgama de gado bravo, de reses mansas, de cavalos de picaria, de parelhas inglesas, de sôltas de luxo, de corredores mais velozes que o Pégaso nascido do sangue da Medusa, de carruagens particulares guiadas pelos primeiros nomes do paiz, de trens de praça conduzidos pelas mais destras mãos de redea do mundo, se desenham num turbilhão revôlto, num tropel vertiginoso, na marcha de um moderno expresso, numa cavalgada como nunca a concebeu a mitologia escandinava, como nunca a sonhou a musica de Wagner na perseguição de Gunther pelos hunos ferozes de Etzel do *Annel de Nieblungen*, e isto acompanhado do estralejar constante de inúmeras girândolas de foguetes, do rebentar de bombas atiradas para o meio da promíscua coluna, na esperança de que o curro se trasmalhe e que a tourada do dia seguinte comece ali, com um dia de antecipação.

— E se nós jantassemos aqui em Nova Cintra? — propõe Tiago Horta.

— Pois jantemos — acquiesceram sem mais preambulos os companheiros.

Merecia o pincel de um Teniers e a paleta de um Ticiano a multiplicidade de quadros que se expunham aos olhares mais sôfregos de luz e mais ávidos de diversidades e de imaginativa. Cá em baixo, os caramanchões, entretecidos de hera, matizados de flores de gradações brancas, campesinamente aromaticas, guarnecidos de mesas cobertas de toalhas, tão brancas como a espuma das gazosas que branqueavam os copos dos sedentos, após nutrido crepitar, aguardam os comensaes e olham lá para o cerro, para os cabeços a ressumar verdura, com as moradías a meia encosta, alvacentas, flocos de neve a sobresaír entre a ramagem dos plátanos. Em tôrno, horizontes largos ou curtos, á vontade do observador e do poeta, serras longinquamente azuladas, messes a ondular como um oceano beijado por brisa de pouco ímpeto, encastradas de papoulas de calices rubros como uma faixa cardinalicia, de malmequeres doirados, de oliveiras a sulcar de manchas verde escuro, com lampejos de prata, os alfôbres cromatizados, côrregos a rebrilhar em fundo lodoso e o disco do sol afogueadissimo a imprimir tons de oiro fusco a tudo.

— Admiravel espectaculo este! — exclama extasiado o conde de Farrobo com a sua fina sensibilidade de artista, depois de se

ter apeado e entregue a montada aos cuidados dos moços, como os seus dois amigos.

— E ainda falam nas kermesses da Holanda — comenta D. Domingos.

— A diversão é outra e, falta-lhe este céo e o archote solar que nós temos por cá — redargue Tiago Horta.

Entram num dos caramanchões vazios e immediatamente um criado os vem servir, solícito, conhecidos como os três eram em toda a cidade.

— Estou com apetite — declara Tiago Horta.

— Eis um ponto em que todos chegamos a acôrdo — confirmam D. Domingos e Joaquim Pédro.

Vem a sôpa, a que é feita as devidas honras. Segue o resto, que não recebe acolhimento menos honroso. Espalhadas por varios locaes da horta flamejam as saias vermelhas das salcias, as cintas incarnadas dos camponios, os lenços de ramagens espalhafatosas ; homens, rapazes, cachopas, conversadas e namorados, em pé, a dirigirem-se insultuosos madrigaes, ou assentados em frente de enormes alguidares com salada fresquissima, de travessas acoguladas de peixe frito, de borrachas escuras, de bocal em forma de funil, donde o seu conteúdo transita num gorgolejar contínuo para o ventre dos circunjacentes.

* * *

Quando a voracidade do estômago principiava a ser menos exigente os tres comensaes sentem a pequena distancia, num caramanchão proximo, o dedilhar suavissimo de um instrumento de corda.

— Quem tocará o fado com tanto sentimento ? ! — exclama Tiago Horta parando de comer.

— Algum mestre da arte — observa o marquês de Niza sorrindo.

— O fado, como musica e canção, tem-se desenvolvido de forma prodigiosa de ha uns anos para cá — comenta o conde de Farrobo.

— A culpa é da guitarra. .

— Antes do piano campear como déspota nas salas, as damas preferiam a guitarra a qualquer outro instrumento.

— Por isso lhe chamam o *pianinho.*

— Donde viria o fado? Como nasceria?

— Quem o poderá investigar. Deve ter tido por pae o lundum e por mãe a *modinha*. Conserva resaibos, pelo seu tom plangente, de certos *andantes* da musica tcheque, das *czerdas* hungaras e na opinião de um critico: "O motivo principal do *allegretto* da 7.ª simfonia de Beethoven, confiado, primeiro aos altos e violoncellos, e aos violinos depois, dá uma idéia aproximativa do fado, não só na divisão ríthmica, mas ainda na forma da melodia. (1)

Barão da Regaleira, vestido de zuavo, num baile de mascaras

— Bem se vê que o conde tem em cada musica uma odalisca.

— A quem atira com frequencia com o sultanesco lenço encarnado.

— Dizem outros que foram os arabes que nos legaram o fado.

— Quaes arabes! Se assim fosse ter-se-ía espalhado por todo o pais e só ha pouco o conhece o Porto e ha menos tempo ainda as duas Beiras. Custou a aclimar-se no Algarve e ainda ali existiam mouros no seculo XV. Nenhum vestigio se encontra lá de semelhante toada e letra...

— Ora, o fado vem do mar! Improvisaram-no os marinheiros. Não ouvem?! O seu andamento balança-se como um barco ao sabor das ondas, o seu estilo é melancolico e arrastado como as vagas que vão morrer, umas após outras,na praia distante; vivo de ora em quando como a massa das aguas sacudida por uma lufada impetuosa, sintila nos seus requebros como as lu-

(1) *Chansons et Instruments*, M. A. Lambertini.

minosidades que incandescem as superficies liquidas nas regiões equatoriaes, rendilha-se em trinados como os mais finos pontos de Alençon e de Guypura, estonteia-nos com a effervescencia das suas variações e trémulos. Ora grave, ora frenetico, de acentos nostalgicos, de inflexos voluptuosos, suave um momento, logo irritante, comevedor nos motivos, dolente, moribundo, expirante, só os ermos majestosos do Oceano o podem inspirar, só a alma emotiva e poetica dos maritimos o podem estilizar.

— Bravo, Tiago Horta, que vehemencia, que fervor!

O jantar acabara. O firmamento não perdera ainda de todo as suas alternativas azues e brancas e já se recamava de fulgurações discretas como povoado de um bando enorme de pirilampos.

— Que linda noite! E' caso para dizer como o poeta espanhol: "Las estrellas centellean en el cielo, como las miradas en los ojos de una mujer hermosa„.

Os tres amigos levantaram-se da mesa. Fora, no terreno livre de bancas, nas varias divisorias da afamada casa de pasto; dentro, na sala ampla ou nos gabinetes reservados, as guitarras gemiam num pranto de modulações lacrimosas, os descantes glosados sucediam-se romanticos e langorosos, sapateava-se e batia-se o fado com ardor meridional numa promiscuidade dos apelidos mais nobres do país, de celebres e inexcediveis tangedores do mais vulgarizado dos nossos instrumentos do povo, de pecadoras de todas as classes, numa confraternização de camadas que a maioria olhava com indulgencia, pois sabia que, terminada essa passageira orgía, o fidalgo continuava as tradições de sua casa no palacio, que os estadistas fomentariam o progresso da nação nos seus ministerios, que os militares se bateriam em Angola ou iriam morrer com intrepidez nas tragicas expedições de Moçambique, que a rainha D. Maria II se impunha como um modelo de virtude conjugal, de amor materno e tino educativo, que os mesteiraes, os camponios, os cocheiros, todo o terceiro estado de então, ahi tratado com tão desassombrada e amigavel igualdade, comprehenderiam o seu logar e o seu papel.

— A frequencia recomenda-se pela variedade — assiná-la o marquês de Niza.

— Com o seu fadista á mistura — acentua o conde de Farrobo.

— Sem elle o quadro ficava incompleto — nota Tiago Horta.

O *faiante* daquela época trajava de modo diferente ao que lhe sucedeu. Cobria-lhe a cabeça, umas vezes um boné de oleado, mais largo na parte superior e pala de verniz; outras, servia-lhe de padrão o barrete do uniforme da Guarda Municipal, circundado de fita preta, rematada em laço na banda esquerda. Ostentava no busto franzino, deprimido, de costelas salientes, uma jaqueta de ganga ou de alamares ou ainda um jaleco um tudo nada mais comprido, com as mangas ponteadas de desenhos com botões brancos, mais tarde designadas por jalecos á Polka.

Os ossos das pernas, mal revestidos de carne, bailavam dentro de calças, tambem de ganga, ou largas em todo o seu comprimento, ou á bocca de sino. Prendiam-lhe os alçapões ou portinholas botões brancos que, algumas vezes, á moda mexicana, acompanhavam a costura exterior da pestana, que lhe occultava o sapato, quasi até á biqueira. Este, de cordovão, rasgado a mostrar a meia, nem sempre limpa, com laço de fita preta, á semelhança dos marinheiros da armada real, ou de verniz, patenteavam o grau de janotismo, o miolo da bolsa ou *parné*. Apertava-lhe o busto a típica cinta. Aconchegava-lhe o pescoço um lenço á maruja, de ora em quando esmaltado com bandeiras de varios paises, trazidos dos portos ingleses, e outro de identica estampagem, de pontas pendidas fóra da algibeira.

— Quem é aquella rapariga esvelta que bate o fado com esse rapazote? — inquire Tiago Horta de um dos circunstantes.

— E' a Severa, uma rapariga que principia a tornar-se conhecida entre as da sua classe; eles, o da frente e o da retaguarda são, um, o Mesquita, outrora embarcadiço; o outro, o *Manosinho*, fadistas antigos do Bairro Alto, onde ela morou com a mãe, a *Barbuda*, numa meia porta, na travessa do Poço da Cidade, antes de se mudarem para a rua do Capelão ou rua Suja — informa com pormenores o interrogado.

— E' gentil a rapariguita! — elogia o conde de Farrobo.

— E' apetitosa! — amplia o marquês de Niza.

A tez, uma quasi nada bronzeada, da azougada e flexuosa michela denunciava-lhe a origem de qualquer tríbu de ciganos. De figura mediana, sêca, coleante como uma indiana cobra alcatifa, de cabeça erguida e olhar petulante, sem nenhuma especie de pintura a manchar-lhe a derme, as suas pupilas rutilavam dentro das orbitas com lampejos felinos de pantera sempre na

esculca de presa. Os seus efluvios de pecaminosa volupia e excitação atrahiam o mais cauto e casto com a mesma irresistivel força com que uma agulha magnetizada se vira sempre para o norte. As madeixas negras, sedosas, com ondulações de *moirée*, aureolavam-na nos sacudidos movimentos do bailado indecorosamente lascivo, como as serpentes da mítica cabeça de Medusa, constituindo cada fio preto mais uma tentação nesse corpo formado de sensualissimas tentações.

— Esta mulher é um bronze cinzelado por Benevenuto Cellini! — exclama o conde de Farrobo.

— E' uma figurinha de Saxe feita por um ceramista das Caldas — opina D. Domingos.

— E' como as flores nascidas nos charcos: chamam-nos com as suas côres violentas e apenas as colhemos pregam-nos uma terçan — define Tiago Horta.

A tufada anagua de chita, soprada como um balão a cada reviravolta, o lenço de arabescos multicôres descido da nuca sobre o pescoço, as babuchas de polimento a brincarem-lhe na ponta do pé, imprimiam-lhe simultaneamente um tal caracter de carcoveira abjecção e ao mesmo tempo um tão poderoso encanto, que a carne dos menos libidinosos procurava aquella carne inoculada de vicio, arquejante de desejos inconfessaveis, fremente de contactos impetuosos, de arremetidas torpes, de explosões bestiaes.

— Isto não é mulher, é Lucifer de saias! — balbucia D. Domingos quasi com vontade de se persignar.

— E' a resurreição de uma hetaira de Athenas, arrancada ao vaso grego de um museu! — murmura o conde de Farrobo.

— E' um mercurio que se nos entranha nos ossos para os agitar agora e esburacar daqui a anos — conceitua Tiago Horta com um sorriso de indefinivel malicia.

A estouvanada rapariga, de subito, como se a acometesse um acesso de indebelavel furia, arranca a guitarra da mão de um dos tocadores, senta-se, traça a perna, exibindo-a até muito acima do joelho e numa entoação de contralto onde gemem indiziveis magoas, as taras da sua ancestralidade bohemia, o desprendimento de uma existencia sem objectivo, a delicadeza de sentimentos infantis, as rubescencias de fogo liquido de uma infusão de cantáridas, o seguinte mote:

Tudo quanto o fado inspira
E' o que só me entretem ;
Pois quem do fado se tira
Não sabe o que é viver bem.

Em resposta á quadra uma voz feminina rumoreja aos ouvidos do marquês de Niza :

— Bonita companhia para um descendente do descobridor da India.

— A *Sonho de Rafael !* — exclama D. Domingos contrariado.

— O pesadêlo dos nossos divertimentos — mastiga, entre dentes, Tiago Horta.

VII

Rasgo de audacia

A inesperada aparição da *Sonho de Rafael* produziu sensação identica á de um agente policial numa reunião secreta de conjurados. O fado cessou de bater-se, as banzas emudeceram, os descantes calaram-se; passou por cima dos presentes uma lufada de mau estar, que a todos arrefeceu num calafrio de surpresa medrosa. O primeiro a reagir foi o *Manosinho*. Coçou a cabeça, onde o cabello se dividia em dois troços caracteristicos, metade cortado até á nuca e a outra metade mais comprida, deitada para a frente em melenas ou *bellezas* oleadas e achatadas na testa, de modo a ostentar o *cachucho* ou anel de latão enfiado no indicador. Ao mesmo tempo com a outra mão desencostara da parede uma bengala de cana da India. O outro seu colega acompanhara este movimento chamando a si um cacete e entalando o entre o dedo médio e o indicador.

— Tosca lá! Que *gaja* é esta? Que tome *viso*. Se vem disposta a aliviar a *balda* de algumas *carinhas* em *ardosia* e *cambrainha* para regar a *sociedade*, vá! Estou morto por *piar*... — esvurma o *Manosinho*.

— Esses pandegos quem são? Um delles está a botar os *clisios* que nem um *lince* da Parreirinha aqui para a petiza que parece mesmo um *osga!* Até me está a dar volta á *ralé!* — explode o Mesquita.

— Se algum desses *moços* se faz fino, *endrago-lhe as batas*. Não é o primeiro a quem *resfrio* o céo da bóca só com os *medunhos*. Não me ralo nada com o *quarto de olho* nem com o *estarim*.

— Se alguem se lhe mette no *bestunto sornar* com ela, apesar de ser muito *rolha*, eu cá sou *tingente*. *Noco-lhe a noz* que o *estafo*.

— Para *macanjo*, *macanjo e meio*. A *sarda* depressa se tira do *golpe* onde dorme para *estafar* o de melhor *pinta* e depois *pira-se um a tomar vôo. E' como canta!*

Esta catadupa de palavras saíam-lhe da bôca como quem despeja uma algamia, ao mesmo tempo que a gesticulação exuberante, larga, afectada, lhe punha a descoberto a tatuagem entre o indicador e o polegar, nos braços e no peito, panoplias guerreiras, símbolos amorosos, ancoras, disticos, signos saimão, guitarras, corações atravessados por setas, corações unidos, cruzes, emblemas religiosos, aluviões de desenhos, gravados para sempre entre a derme e a epiderme a traços vermelhos e azues.

O conde de Farrobo olhava com estranhesa para a scena. Tiago Horta exultava com o destempero dos faiantes o que lhe permitia dar largas á sua índole brigan. O marquês de Niza tirara do bolso das calças uma das pistolas pequenissimas, que nunca o abandonavam, especimens maravilhosos de um armeiro londrino, e, quasi sem fazer pontaria, fez saltar a bengala da mão do *Manosinho*. Atónitos os dois fadistas, olham um para o outro, e, sem mais hesitação, fogem como um veado perseguido pela matilha, dizendo:

— Esgueira, que é o marquês de Niza!

Este lance decorrera com a celeridade de uma mutação teatral. A Severa, perplexa, ora olhava para o rasto dos companheiros em fuga, ora para os três amigos, ora para a *Sonho de Rafael*, formosa como Diana, serena como Minerva.

— Quem é o senhor? — pergunta num ancioso ímpeto de curiosidade a tentadora rascôa das alfurjas, descarregando sobre D. Domingos as poderosas correntes dos seus efluvios hipnotizadores.

— Alguem que nunca se deixará dominar pelo seu vicio — declara a *Sonho de Rafael* quasi com solenidade.

— Veremos! — responde a Severa com o seu habitual ar de petulancia, e, tornando a pegar na guitarra, cantou numa toada gemebunda, emquanto os quatro recemvindos se retiravam:

N'este campo *solitarulho*,
Onde a desgraça me *trela*,
Chalro — ninguem me *franfulha*!
Adico — ninguem *m'atrela*. [1].

[1] Neste campo solitario
onde a desgraça me tem
Choro — ninguem me consola!
Olho — não vejo ninguem!
Vida de um homem obscuro.

Os três amigos acompanharam a *Sonho de Rafael* até o trem que a conduzira até ali. Em seguida montaram a cavalo. Entre as latadas de pâmpanos, na horta imensa e acidentada, que é Nova Cintra, nas sombras do arvoredo, através da rede dos galhos e das pernadas, por cima do tilintar das louças e dos vidros, das covas dos valados, com rescendencias a madresilva e rosas silvestres, chegavam até os cavaleiros, já pela calçada de Carriche acima, acordes indistinctos do fado, de cantares, de vozes avinhadas ou cristalinas, de centenas de ruidos desprendidos dessa colmeia, que, aos sabados, na espera de touros, se enchia a transbordar.

Descobriam-se no longo trajecto restos do vertiginoso cortejo. Corceis resabiados pela carreira desabalada, encabritavam-se em upas formidaveis, e escalavam, numa ascensão de furia, alcantis quasi a prumo. No primeiro descanço da alameda do Lumiar bastante gente se desencorporava da cavalgada. Espraiava-se pelas hortas e casas de pasto das imediações. No Campo Grande, perto da igreja, a uns cincoenta metros do templo e do cemiterio adjacente, escancarava as suas portas o famoso retiro do *Collete Encarnado.* [1]

Regorgitava de fregueses durante as vinte e quatro horas, pois nunca se fechava. Dentro daquellas paredes enegrecidas, mal alumiadas por candeias de azeite, com bancas toscas, cobertas de toalhas, que principiavam por ser alvissimas de manhan e de inclassificavel côr pela noite velha, e ainda na horta anexa, onde as mesas de pinho e os bancos oscilantes presencearam scenas típicas e extremamente movimentadas, acotovelava-se um cosmos rouquejante, de extraordinaria vitalidade.

Os três cavaleiros entraram no Campo Pequeno. Descançava ahi o gado. Só proseguia na marcha para Lisboa de madrugada. Essa paragem tomava o aspecto de um acampamento especial. Vehiculos, animaes, camponios, tafues, peccadoras altamente cotadas, hervoeiras sem categoria, sons roufenhos, fados sentimentaes e obscenos, archotes, lanternas, velas de sebo, vinho ás canadas, murros e facadas, tudo isto tripudiava em frente do palacio do conde das Galveias, formando um conjunto es-

[1] Este conhecido retiro pertencera primeiro á Joanna do *Colete Encarnado.* Por morte desta ficou seu proprietario seu filho José. Mais tarde passou para a azinhaga da Torre, no Lumiar. —*Hist. do Fado.*

curo, no meio do qual se destacava uma ou outra luz vacilante e rubra, que aumentava as sombras a proporções gigantescas e evocava os sabbats de bruxas e lobishomens, tanto em voga na fantasia dos cronistas medievos.

— Boas noites, meus senhores! — diz uma voz fresca.

— Boa noite! — respondem em côro os tres amigos.

— Quem é? — pergunta o conde de Farrobo procurando afirmar-se.

— Ora quem ha de ser?! E' a rapariga de ha pouco, a tal Severa! — elucida Tiago Horta, que possuia excelente vista.

A' garupa de um marialva qualquer, dirigindo chufas e chasqueios a quem conhecia e não conhecia, a que mais tarde seria regalona de fama, atrahia sobre si as atenções da sociedade peculiar á espera de toiros.

— Decididamente á tal arruadeira metteu-se lhe na cabeça contar te entre o numero dos seus rufiões — diz troçando Tiago Horta ao marquês de Niza.

— Não é o meu genero; não me parece que faça mossa de consideração na armadura de cristal das minhas predilecções doutro jaez — responde sorrindo D. Domingos.

Na estrada do Rego o conde de Farrobo despede-se dos seus companheiros da tarde, e lembra-lhes:

— Conto comsigo para a proxima caçada.

— Podem contar; não faremos o mesmo que Almeida Garrett faltando hoje á espera de toiros — responde D. Domingos.

Quando o marquês de Niza entrou no seu palacio ao Chiado, outra vez na sua posse, preveniu-o um dos lacaios que o aguardavam ali alguns dos seus melhores amigos.

— Quem serão? — pergunta D. Domingos a Tiago Horta.

— Não nos demoraremos muito a sabê-lo.

Entram num gabinete e D. Domingos ao estender a mão a quem o esperava, exclama:

— Olá, meus caros Juhel! Meu caro Daupias! Que bom vento os trouxe por aqui?

— Consultar o marquês ácerca de um plano que temos em vista.

— Ha de ser bom por força — elogia D. Domingos.

As visitas eram os dois irmãos Juhel, Pedro Eugenio Daupias, com o rodar dos annos, conde de Daupias e ainda alguns dos rapazes que andavam na *berra* naquella quadra.

— Lembrámo-nos fundar uma sociedade?...

— Com que objectivo?

— O de organisar digressões, viagens, passeios campestres, jantares, corridas de cavallos, divertimentos de toda a especie.

— Sem mulheres?

— Não; com mulheres; até com muitas mulheres...

— Como se ha de baptizar essa nova associação?

O marquês de Niza concentrou-se durante alguns segundos, como na resolução de um problema grave, e logo, subitamente inspirado, disse:

— Ha de intitular-se a *Sociedade do Delirio.*

— Bravo! Bravo! — aplaudem os circunstantes.

— Isso é um titulo para fazer tremer todas as donzelas de Lisboa e tornar mais ferozes que Matamoros os pacatos chefes de familia alfacinhas.

— Assim mesmo é que ha de ser — exige a ruidosa assembleia num clamor retumbante.

— O tempo, a tradição, a lenda, transformará a realidade das nossas diversões em bacanaes de Messalina e de Heliogábalo, em devassidões ao lado das quaes as tragicas orgías de Margarida de Borgonha na torre de Nésle serão consideradas inofensivos passatempos — contraría Tiago Horta.

— Pois seja *Sociedade do Delirio*, lavo de aí a minha consciencia — condescende o íntimo de D. Domingos,

* * *

A empresa do Teatro de S. Carlos lucta com serias dificuldades durante o ano de 1844. O publico, ou antes os que dispunham da benevolencia ou da apatía do publico, não perdiam um unico ensejo de ser desagradavel ao empresario Antonio Porto. Além da companhia que o leitor já conhece, a empresa escripturou mais nesse ano a dama Augusta Albertini, os tenores Giuseppi Zoboli, aquele que já era uma celebridade, Henrique Tamberlick, e o baixo Domenicas Rodas. [1]

[1] Eis as operas cantadas nessa temporada:
Lucia de Lammermor, de Donizetti, em 16 de setembro de 1843 por Jenny Olivier, C. Perdolli, Luiz Flavio, Valentim Sermattey, Antonio Casanova e Antonio Picazzo; *Belizario*, de Donizetti, em 27 de setembro, por Herminia, Antonio Paterni, Felix Botelli, etc.; *Anna Bolena*,

A estreia de Albertini e de Tamberlick constituiu um triunfo para qualquer dos dois. A primeira possuia um lindo timbre de soprano, pujante, harmonioso, de estilo acentuado, adaptado ás primeiras operas de Verdi, que as salas dos teatros líricos prinpiavam a apreciar com deleite. Tamberlick andava pelos vinte e quatro anos, pois nascera em Roma em 1820. Com ou sem vocação para a carreira sacerdotal, matriculou-se no seminario de Montefiascone. Depressa se aborreceu do cantochão. Fructificaram as lições recebidas dos maestros Guglielmi e Borgna. Estreou-se no teatro del Fondo em Napoles, na opera *I Capuletti*, de Bellini. Cantava em 1843 no teatro de S. Carlos de Napoles quando Antonio Porto o escripturou para o nosso primeiro proscenio lírico. A sua voz, magnifica, vibrava em ondas de sonoridade, não maviosas, mas nítidas e optimamente articuladas. Nesse tempo o seu *dó sustenido* do peito ainda não alcançara a fama que grangeou mais tarde. No entanto, a sua vocalização límpida e a expressão do seu estilo outorgavam-lhe já um logar de excepção entre os seus colegas.

— Não ha que vêr, é um fraco pelas vozes fortes — observa

de Donizetti, em 4 de outubro, por J. Rossi-Caccia, Luiza Dalti, Luiz Flavio, Felix Botelli, Amalia Rossini; *Torquato Tasso*, terceiro acto, para estreia do barítono Lourenço Montemerli, em 15 de outubro; *Norma*, de Bellini, 22 de outubro, por J. Rossi-Caccia, Herminia Carmini, C. Persolli, Antonio Paterni, Jacomô Galoardi, A. Bruni; *Nabucodonosor*. de Verdi, em 29 de outubro, por Jenny Olivier; Herminia Carmini, Amalia Rossini, Antonio Picazzo, Valentim Sermattey, Casanovi e Bruni; *L'Elisire d'amore*, de Donizetti, em 29 de novembro; *La Somnambula*, de Bellini, em 6 de dezembro, por Rossi-Caccia, Flavio Montemerli, *Il Regente* de Mercadante, em 10 de janeiro de 1844, por J. Rossi Caccia, C. Persolli, R. Cassano, Luiz Flavio, Felix Bottelli, Cairo e Bruni; *Parisina*, de Donizetti em 7 de março, para estreia de Augusta Albertina e do tenor José Zoboli, que substituira por doença o tenor Flavio na *Somnambula*, em 18 de fevereiro; *Maria Stuart*, de Donizetti, em 26 de março, por Rossi-Caccia; Augusta Albertini, C. Persolli, Luiz Flavio, Galoardi e Figueiredo; *Virginia*, de Nini, em 8 de abril, por J. Rossi-Caccia, Luiz Flavio e Felix Botelli; *Profugi di Parga*, de Angelo Frondoni, em 29 de abril por J. Rossi-Caccia, José Zoboli, Felix Botelli, Figueiredo, etc. *Nina Pazza per amore*, de Coppola, em 12 de maio; *Gemma di Vergi*, de Donizetti, em 17 de julho, para estreia do tenor Henrique Tamberlick; *Gabriela di Vergy*, de Mercadante, em 7 de agosto, por Augusta Albertini, Amalia Rossini, Henrique Tamberlick, Valentim Sermattey, Casanova e Picazo; *La Favorita*, de Donizetti, em 8 de novembro, para estrei do baixo Domenicas Rodas.

com acento malicioso um detractor no átrio de S. Carlos.

— Quem é a da fraqueza? — inquire outro proximo dele.

— Quem ha de ser? O mesmo coração sensivel daquela titular muito conhecida, que depois de amar o Coletti entrega agora todo o seu carinho ao Tamberlick.

Conde de Daupias

— O barítono Coletti?

— Referes-te ao barítono romano Filipe Coletti, o que veio cantar aqui em 1837.

— Tinha nessa época vinte e seis anos, fôra discipulo de Bresti, professor de canto no Colegio Real de Napoles e estreou-se três anos antes no Teatro del Fondo dessa cidade, na opera *Il Turco in Italia*. Poucos o excederam na beleza da voz, no primor do canto, no sustentar das notas e no seu método de *smorzare*. Consideravam-no o cantor de mais sentimento do segundo quartel do seculo XIX. Nunca mais ninguem cantou aqui o *Torquato Tasso* como êle.

E que tal era como homem? Como sabes, não estava em Portugal nesse tempo.

— Uma bela estampa, das que captivam as mulheres.

— E ela?

— Ha ocasiões em que S. Carlos parece transformado em ilha dos Amores, como em 1835. A Izabel Fabbrica, contralto, que entusiasmou os frequentadores desta casa, na parte de "Romeu" nos *Capuletos e Montecchios*, nunca mais saíu de Lisboa e casou com o J. Fidié. A Luisa Mathey...

— Que percalço aconteceu á Luisa Mathey?
— Quando cantava a *Norma* enchia-se o teatro.
— Porquê?
— Encontrava-se numa situação igual á da *Norma*. Perdera-se de amores pelo taful do Luiz Mendes de Vasconcelos, descendente de Mem Rodrigues de Vasconcelos, comandante da ala direita na batalha de Aljubarrota, da ala dos *Namorados*...
— Não podia fugir é descendencia.
— O que fugiu foi á constancia. Depois de conquistar Luisa Mathey, cortejou outra dama, ainda parente do empresario Antonio Lodi. Ela sabia-o. De maneira que exprimia os seus ciumes, inspirada pela similaridade de sua situação, pelo voluvel "Polion„, com tal verdade e magua que a todos condoía e encantava.
— Pobre cantatriz!
— Nessa quadra o conde de Farrobo bebia os ares pela bailarina M.elle Clara.
— E o tal namoro com o Coletti?
— O barítono arrastava a asa á soprano Teresa Tavola e não fôra mal sucedido. Depois não pôde resistir ás fulgurações dos olhares que a titular em questão lhe vibrava. O caso tornou-se tão corrente e tão aceite por todos, que os creados do proscenio, quando tinham que colocar quaesquer cadeiras ou bancos, no tablado, os dispunham em frente do camarote donde partia o bombardeamento, de modo a não causar torcicolos a qualquer dos dois namorados...
— Que escândalo!
— Uma noite Coletti, de forma a não deixar duvidas a ninguem sobre o seu intento, rodou com a cadeira de maneira a apenas ficar de escasso perfil para a dama dos seus pensamentos. A platéa crispa-se então num murmurio significativo e logo se ouve por toda a parte em surdina: "Estão amuados! Estão amuados!„
— Como é que, ao certo, se poderia saber isso?
— Coletti apegava-se tanto aos seus habitos que, uma ocasião que cantava o *Torquato Tasso*, não sendo, como era costume, aplaudido no fim do recitativo do rondó, nem por isso deixou de abaixar a cabeça em gestos de agradecimento como se recebesse uma calorosa ovação.
— Agora a tal titular atira-se ao Tamberlick?...

— Com toda a alma, mas parece que os amores serão menos duradouros.

— Porquê?

— O publico não gosta do empresario, do Antonio Porto, ou antes os janotas não o podem tragar. Não sabe viver com eles. Chocam-se ciumes e emulações. Tramam-se enredos, os artistas alegam doenças constantes, e não tem dinheiro.

— Isso de doenças não é de agora.

— Não. Em 1837 adoeceu o Regoli, que foi substituido pelo Zambaiti no *Torquato Tasso;* o Coletti, que cedeu o logar ao Eckerlin na mesma opera; a Adelaide Valentim fez o papel da Tavola, tambem nessa opera; o Regoli tornou a adoecer na *Sonambula* e ocupou o seu posto o Caggiati. Pois se até a Luisa Mathey, por causa dos seus amores mal correspondidos, andou em litígio com a empresa, só se compondo as partes decorridos mezes. Não falo nos incómodos do corpo do baile; em fevereiro adoeceram dez dançarinas.

— Demonio! Assim as empresas vão todas para terra!

— E' o que sucede á actual. Quiz rescindir a escriptura do Tamberlick, mas o marquês de Niza tem organisado tão ruidosas pateadas que foi obrigada a reconduzí-lo. Todavia não se demora por cá muito tempo. O Teatro Real de Madrid não o perde de vista. Ganha aqui doze mil francos e oferecem-lhe lá noventa mil. E' por isso que os amores com a titular não se eternizarão.

— A empresa está condenada.

— Quando se concluiram as cem recitas da assignatura, em julho deste ano de 1844, procurou ainda aguentar-se abrindo uma nova assinatura de quarenta récitas com operas, e contratou em Paris os famosos bailarinos Mabille. Tambem prometia dar espectaculos de mimica e ginastica, em agosto e setembro, pela companhia Avrillon.

Nada disso vingou.

— Tem-se ido sustentando com prodigios de maromba com a Albertina e o Tamberlick, ao passo que os outros artistas foram cantar ao teatro de S. João do Porto, voltando de lá em setembro.

— Mas os Mabilles já tinham dançado em Lisboa.

— Já, o ano passado. (1)

(1) Em 16 de setembro de 1843.

* * *

Decorridos poucos dias após esta conversa entre os dois diletantes no átrio de S. Carlos, o duque de Palmela oferecia na sua esplendida quinta do Paço do Lumiar uma festa citada por todos os cronistas coevos. Vivenda digna de um rei e de um artista, ensombra-a copado arvoredo no meio do qual se estende um colossal dragoeiro, um dos melhores exemplares da Peninsula. Ajardinada em socalcos, disposta á moda italiana, desdobra-se por meio de viçosas paizagens; refrescam-na magnificos tanques de marmore, amplos lagos que se podem toma por naturaes, relvados humidos pela agua que ressuma por todo o ambiente e que lhes transmite permanente frescor; repuchos que brotam do mais denso da verdura e de miríades de flores em infindos caudaes de gemas liquidas e iriadas; estufas recheadas das plantas mais raras e apreciadas; especimens exoticos, ao ar livre ou a coberto, da flora equatorial; vasos de materias preciosas e estatuas assinadas por escultores de renome, distribuidas com requintado gosto pelas ruas de buxo, á beira dos taboleiros policromos, no remate de escadarias monumentaes ou dominando eirados soberbos; aviarios com passaros que nunca excederam certas zonas e cuja plumagem deslumbra a vista; aleas de extraordinario encanto; jardins plantados a certa altura e que se nos afiguram suspensos; a vetegação cresce como se brotasse debaixo dos tropicos.

No topo da colina terraplena-se um alto e vasto eirado, circundado de gradaria de ferro. Ascende-se até lá por duas escadas de pedra. Ao centro do terrapleno ergue-se uma edificação elegante, encimada de uma torre com relogio. Denomina-se *Casa do Monteiro Mór*. Destinam-na os seus proprietarios aos hospedes. O palacio é amplo, não se notabiliza, porém, por qualquer arquitectura especial.

A festa desse dia 24 de novembro de 1844 consistia num almoço dançante com que o dono da faustuosa vivenda obsequiava Fuad Effendi, ministro da Turquia, e o seu secretario Kamil Bey. Reunia-se ali o que Lisboa possuia da gente mais em voga na aristocracia, na alta finança, nas letras, nas artes, até na excentricidade.

— E' um acontecimento historico na arte coreográfica portu-

guesa, dança-se hoje pela primeira vez em Portugal a polka — diz uma das convidadas para uma amiga.

— Á polka é uma dança da Boémia, não é! Dançam-na a Augusta e o Carlos Mabille, não é assim?—redargue a dama do lado.

— Foram contractados para isso.

— Este Mabille fundou um jardim ou um casino de dança em Paris.

— Fundou, de sociedede com um irmão, o *Baile de Mabille* avenida Montaigne, na Alée des Veuves, 87. [1]

— E veio então a Portugal?

— Parece que os negocios nem sempre lhe teem corrido em harmonia com os seus desejos.

O casal de bailarinos inicía a celebre dança. Todos acompanham com atenção e curiosidade os seus passos langorosos, a sua cadencia grave, as suas atitudes quasi hieraticas, as suas evoluções ríthmicas e compassadas. Coroou-lhes a elegancia da exhibição uma prolongada salva de palmas. Houve alguns pares que, sem demora e com belo resultado, começaram a esboçar as primeiras tentativas de imitação.

A festa, que principiara ás duas da tarde, só terminou doze

[1] Em frente da ala ocidental do Palacio da Industria. Foi ali que o famoso Chicard fez dançar pela primeira vez o estouvado *Cancan* e que evidenciaram a sua pericia na nobre arte de coreografía Celeste Mogador, Clara Fontaine, Rosa Pompon, a popularissima Rigolboche, etc. A sala desapareceu em 1875. Charles Mabille parece que deixou em Lisboa algumas dívidas, pois dirigiu de Paris um aviso aos seus pretensos credores lisbonenses, inserto no *Jornal de Utidade Publica* de 3 de setembro 1845. A polka, que foi dançada em publico pela primeira vez, pelos mesmos dois Mabille, em S. Carlos, a 18 de maio de 1845, deu volta ao miolo aos alfacinhas. Passaram á categoria de moda varios objectos crismados com o seu nome Houve chapeus á *polka*; benlaginhas á *polka*, um junco da India, com um nó por castão e que custava um vintem, muito usado, á ingleza, pelos soldados da nossa infantaria. Em 1851, Taborda respresentou no Ginasio a *Polka-mazurca*.

Conta egualmente Pinto de Carvalho que no Brazil a *Polka* inspirou algumas sátiras como o demonstra a seguinte quadra:

Quem quizer que dance a *porca*
Com seus quartos arrufados;
Os amantes gostam disto,
Ficam todos derrotados.

Não é um primor de forma, nem de fundo, mas emfim é uma quadra alusiva, curiosa de registar.

horas depois, ás duas da madrugada de 25. Os numerosos convidados dançaram, comeram, beberam, divertiram-se e conversaram. Uma das novidades que mais preocupavava a opinião publica era a proxima vinda a Lisboa do famoso pianista hungaro Ernst Liszt. As senhoras segredavam a este respeito. Uma, que conhecia os amores do insigne concertista, aventurou:

— Estou com curiosidade de ver se é tão irresistivel como reza a tradicção.

— Para resistir ou ceder? — pergunta uma, de forma a não ser ouvida pelo primeiro que falara.

— Afirma-se que conta amantes ás dezenas — assegura outra dama do grupo.

— Que edade tem? — inquire alguem.

— Deve andar agora pelos trinta e três. (1)

— Na força da vida.

— Tocou pela primeira vez em publico aos nove anos em Oedenburg, e aos onze, isto é em 1822, tocou em Viena num concerto. Tinha a ouví-lo Beethoven. Discipulo de Paer, apresenta-se como compositor, apenas com quatorze anos, em 1825. O que transtornou a sua vida foram as paixões...

— Conte! Conte! — solicitam com empenho todas as senhoras do grupo.

— A sua alma de fogo deixa-se abrasar por uns olhos meigos e candidos..

— Como foi isso? Como foi isso?

Liszt chega a Paris em 1823. Num instante os parisiense rodeiam-no de todas as suas simpatias. A alta roda disputa-o. Não se fala noutra coisa senão no assombro do pequeno Liszt, como todas as damas lhe chamavam. Decorridos dois anos, em 1827, morre-lhe o pae. A sua situação modifica se. Manda ir a mãe para Paris, renuncía ás suas excursões de concerto e consagra-se exclusivamente ao ensino do piano. As suas admiradoras convertem-se em discipulas. Pertencem á melhor aristocracia e formam uma cohorte..

— Nela se alistou?...

— M.lle Carolina de Saint-Criq, filha do ministro do comercio, conde de Saint-Criq. Floriam nela dezasete primaveras e engrinaldava-a uma graça especial. O seu encanto e os atractivos

(1) Ernet Liszt nasceu a 22 de outubro de 1811, em Reiding, na Hungria.

que lhe nasciam dia a dia impressionam até o âmago a alma sensivel do juvenilissimo professor. Liszt descobre na pequena uma predilecção irresistivel para a arte. Emquanto a iniciava nos segredos do seu engenho, revelava-lhe simultaneamente o entusiasmo que no seu peito lhe causavam a poesia, as letras e a pintura...

Estôpa ao pé do fogo depressa arde... — conceitua uma matrona.

— Ninguem mais assistia ás lições ?

— A mãe, a condessa de Saint-Criq. A inclinação que se esboçava entre os dois não lhe escapou. Como sofria de uma doença, que considerava mortal, impelida pelos seus deveres e ternura de mãe, suplicou ao marido que não contrariasse esse romance, capaz de assegurar a felicidade da filha. Pouco depois de fazer esta recomendação, morre ..

— Aposto que entra em scena o pae tirano..

— A morte da mãe ainda aproxima mais a pequena do professor, que tambem chorava seu pae. Ambos, confiados no futuro, como se confia aos dezasete anos, não suspeitavam sequer da calamidade que ia flagelá-los. O conde de Sain-Criq desprezou o derradeiro pedido da esposa moribunda e, num bilhete laconico, despede o moço professor de musica.... [1]

— E foi-se embora?...

— Magoado nos seus caros afectos, Liszt não quiz transgredir as ordens do pae daquela que amava e não ultrapassou mais o limiar da porta do implacavel ministro ..

E os dois pombinhos ?...

— Professor e discípula procuraram a principio consôlo e refrigerio na religião. Pensaram até, um e outro, entrar para um convento. Depois acabaram ambos por ceder ás instancias da familia e renunciaram definitivamente ao projecto de clausura. A pequena levou tão longe o seu sacrificio que, por imposição do pae, casou com um tal M. Artigaux, que possuia uma propriedade nos arrabaldes de Paris.

— Conformaram-se ambos, é claro ?!

(1) **Liszt und die Frauen** (*Liszt e as mulheres*), edição Breitkopf e Hartel, Leipzig, ornado dos retratos das suas fervorosas admiradoras, monographia de M.me La Mara (Maria Lipsius), publicada por occasião das festas da celebração do centenario do nascimento do abade *virtuose* e compositor.

— O casamento dela não se recomendou pela ventura e suportou-o como um martirio. Manteve piedosamente no coração a lembrança do primeiro amor.

— E' ele ?

— Afirma-se que Liszt conserva a mais terna recordação da sua antiga discípula e que vê nela o puro ideal da sua mocidade. Nas suas cartas designa-a pela : "mulher mais idealmente boa que eu saiba."

— Nunca mais se viram ? — pergunta uma curiosa.

— Não sei, ao certo,

— E os outros amores ?

— Serão narrados em ocasião oportuna. São horas de nos retirarmos, de cada um se meter na sua sege e de se recolher a sua casa.

Principia o exodo. Os donos da sumptuosa vivenda recebem as homenagens e os agradecimentos dos seus convidados.

Pela alameda do Lumiar rola num tropel aspero de ferraduras a lançar chispas, de aros de rodas a arrancar faiscas, algumas dezenas de trens. De subito ouve-se um brado, gritos de socorro, exclamações várias e a bulha de uma lucta rapida, mas violenta, desesperada.

O Roque *Mulato*, insigne na nobre arte de bolear, imprimira á sua sege o maximo da velocidade. Depois "quebrara" rapido, com golpe de vista seguro, o cavalo das varas. Ajudara simultaneamente o da sela e assim o guiara, numa carreira de aturdir, doida, por meio dos outros trens, traçando uma curva apertada até incidir como um monolíto sobre a carruagem alvejada e *meter-lhe a roda*, isto é, voltá-la.

Ao passo que a sege do habilissimo cocheiro executava esta audaciosa evolução, de dentro dela saltavam tres homens e, como relampagos, levantavam o guarda-lama do trem derrubado e tiravam de lá uma das duas pessoas que ali iam. A mais edosa gritava como uma possessa.

— Socorro ! Socorro !

A mais nova apenas proferia sons inarticulados que, bem ao certo, não se poderia afirmar se eram de protesto, se de acquiescencia.

Os trez desconhecidos regressaram á sua carruagem com o precioso fardo. O cocheiro, esporeando e azorragando os dois animaes — que breve adquiriram a celeridade da historica mon-

tada de Ricardo III, de Inglaterra, na batalha de Bosworth quando carregava sobre as hostes do conde de Richmonde — imprimiu ao carro um tão veloz andamento que, num instante, deixou os outros a perder de vista.

O rapto durara o espaço de um corisco. Quando quizeram perseguir os raptores já eles se tinham sumido por uma das azinhagas lateraes.

Que desafôro! — gritavam os chefes de familia que se tinham apeado.

— Vive-se em Lisboa peor que no sertão da Cafraria! — berra um exaltado.

— Proezas do marquês de Niza!

— Façanhas da *Sociedade do Delirio!*

SEGUNDA PARTE

Aventuras no estrangeiro

I

O baile das maçarocas

O insólito rapto da alameda do Lumiar produzira estupenda sensação em Lisboa, Não se falou noutra coisa na capital durante oito dias. Constituia o assunto obrigatorio de todas as conversas, não só entre as pessoas da sociedade, mas até nas apreciações exageradamente virtuosas das meninas e matronas burguesas e nos comentarios sanmente desassombrados das mulheres do povo.

Nem a recisão do contracto da empresa do teatro de S. Carlos ([1]), nem a ancia da vinda de Liszt conseguira desviar os espiritos malévolos ou coscuvilheiros do escândalo praticado.

A 23 de janeiro de 1845 a vasta sala do primeiro teatro lírico do país ostentava uma das suas mais notaveis enchentes. A assistencia em pêso contorci a-se num frenesi doentio, num anhelo quasi espasmodico para vêr e ouvir esse artista extraordinario a quem os mais poderosos soberanos tratavam por ami-

([1]) A empresa Antonio Porto devia dinheiro a todos: a artistas e fornecedores. O seu descredito era completo. As hostilidades provocadas, contínuas O governo declarou a empresa «fantastica» e insoluvel. Baseando-se em que não cumprira o contracto e escritura de 15 de dezembro de 1842, rescindiu, por portaria de 23 de setembro de 1844, o contracto,e abriu concurso á adjudicação do teatro pelas duas épocas restantes: 1844 a 1845, e 1845 a 1846 No *Diario do Governo* de 14 de novembro de 1845 declarou que retinha o subsidio para garantir o salario dos artistas. A portaria de 8 de dezembro de 1844 cedeu o teatro a Vicente Corradini e Domingos Lombardi. Os espectaculos começaram imediatamente com alguns dos artistas demorados em Lisboa.

go, a quem os outros artistas admiravam numa homenagem imposta pelo seu excepcional talento, a quem as mulheres da mais alta jerarchia se rendiam num preito de amor, confessando-se escravas, tanto do homem como do musico, a quem a multidão aclamava com vehemente entusiasmo consagrando-o como seu favorito dilecto.

Narra-se que a alavanca que alçapremou a energia de Liszt do abatimento em que o enlace de M.[elle] Carolina de Saint-Criq o lançara, foi ouvir tocar rebeca o inegualavel Paganini. As arcadas maviosas do ilustre violinista, a sua inspiração e sentimento produziram nele o mesmo efeito que um clarim num veterano afeito ás batalhas.

Liszt só tornou a vêr Carolina de Saint-Criq quando regressou a França da sua excursão de concertos em Portugal e Espanha. Viu-a em Pau. Percorrera uma parte da Europa, a Italia, quasi toda a França, a Alemanha, a Russia. Atravessara anos tumultuosos. Acabava de enterrar uma arreigada paixão - a que votara á condessa de Agoult.

Maria Catarina Sofia de Flavigny era francesa pelo pai, antigo oficial do exercito realista, e aleman pela mãe, filha de um banqueiro de Francfort. Casou em 1827 com o conde Charles de Agoult. Conviveu em Paris com escriptores e artistas brilhantes como Alfredo de Vigny, Saint-Beuve, Ingres, Chopin, Mayerbeer, Heine, etc.. Ama loucamente Liszt, separa-se do marido e vae viver com o pianista. Durante as suas viagens conhece George Sand. Escreve um drama, artigos em revistas, ensaios historicos com o pseudonimo de *Daniel Sterne*. Tem de Liszt três filhos: um rapaz, que morre novo; Blandine, que casou com Emile Olivier, presidente do conselho de ministros de Napoleão III; e Cosima consorciada primeiro com Hans von Bülow e em segundas nupcias com o glorioso compositor Ricardo Wagner.

A condessa de Agoult pretendia dominar o amante, ser o seu anjo tutelar, a sua inspiradora. A índole de Liszt não comportava tal submissão. Cançado do seu espirito altivo e dominador, pretendendo quebrar as suas relações com ela, um dia diz-lhe:

-- Não pretendas ser a minha ninfa Egeria. Não são as Beatrizes que fazem os Dantes, e sim os Dantes que fazem as Beatrizes. Além de que, as verdadeiras Beatrizes, teem o bom gosto de morrerem aos dezoito anos.

A frase não prima pela gentileza nem pela generosidade. A mesma condessa de Agoult escreve um livro e consulta Liszt a proposito do titulo.

— O seu titulo? Afectação e mentiras! — responde o pianista.

Quando se lhe deparou, após tão longa ausencia, Carolina de Saint Criq, encontrou-a tal como a deixara. Apresentava no entanto, no rosto, formoso e triste, o indelevel cunho do sofrimento. A emoção intensa que despertou o seu encontro inspirou ao grande artista o tema empolgante do seu belo romance *Je voudrais m'évanouir comme la pourpre du soir.* O amor virginal da sua primeira mocidade refloresce. Ao separarem-se, prometeram fazer diariamente a troca mística dos sens pensamentos á hora do *Angelus.* A partir desse dia mantiveram uma correspondencia regular. A filha de uma amante de Liszt, a mais tarde princesa Maria Wittgenstein, duquesa de Hohenloe, traça da antiga rival de sua mãe, do primeiro amor de Liszt, o seguinte retrato:

«Nesta época M.me Artigaux tinha a figura esvelta e o porte distincto As suas feições eram finas, mas o semblante não apresentava brilho. Os seus olhos e cabelos eram pretos A simplicidade do seu trajar acusava longa residencia na provincia Toda a sua personalidade se impregnava, sem excluir certo encanto, da rigidez de alguem que se inteiriça contra uma dôr profundamente sentida.»

O coração de Liszt não se demorou largo praso sem ocupação. A duquesa Wittgenstein, mãe da princesa Maria, une a sua existencia á do eximio concertista. A principio recebia-o em casa mandando atapetar de flores a sala onde o ídolo do seu culto musical ia tocar. Com o rodar dos anos estabelece-se entre a duquesa, sua filha e Carolina de Saint-Criq uma amisade cordeal. Trocam entre si activa correspondencia. As cartas de M.me Artigaux ressumam queixumes. O seu destino não lhe permite alegrias, e costumava dizer: "Tenho sempre a morte na alma„ A unica e triste alegria da sua existencia era o afecto que dedicava á filha, enferma de uma doença incuravel. A sua mais anhelada aspiração, que era a de vêr Liszt em Weimar, no auge da sua gloria, nunca se realizou. Em julho de 1853 escrevia-lhe:

«Se a misericordia divina me concedesse a alegria de lhe apertar a mão, o meu coração resuscitaria por alguns dias. Amo o com todas as forças da minha alma e desejo-lhe a felicidade que eu não conhe-

ci. Tenho sêde de noticias suas e que não ouso pedir. Consinta que eu veja sempre em si a estrela da minha vida e eu continuarei a dirigir ao céo todos os dias a minha prece: «Senhor, concede-lhe, concede-lhe sem cessar a graça de se submeter á tua vontade!»

Liszt procurava consolar a sua amiga proporcionando-lhe as alegrias que dá a musica. Enviou-lhe os concertos de Mozart, as suas proprias composições e os seus escriptos. O seu mutuo e secreto desejo de se encontrarem em Paris esbarrava com todas as especies de empecilhos e entristecia ainda a sua existencia. Carolina de Saint-Criq escreve a Liszt:

«Esta dolorosa decepção não me espanta. O livro do meu destino está escrito com caracteres tão sombrios! Todavia não posso exprimir-lhe quanto sofro por não poder realizar uma esperança que acaricío ha tanto tempo. Lastime-me na minha tristeza. Perdida esta ocasião, a sorte não me concederá outras e ainda não me sinto com forças para poder pronunciar com submissão o *fiat voluntas* que deveria ser o lema da nossa vida.»

Não lhe foi permitido a consolação infinita "de apertar uma vez mais a mão do seu amigo antes de ser chamada ante Deus„. Em junho de 1856 escreveu á duquesa de Wittgenstein: "Agradeça aquele que ilumina a sua vida as linhas que me dirigiu, e diga-lhe quanto eu sofro por ser obrigada a estar afastada dele ha doze anos.

No seu ultimo testamento, escrito em 1860, Liszt pensa em M.^me^ Artigaux, "na amiga a quem estou ligada por um laço de fraternidade celeste.„ Destinava-lhe, como talisman, um anel que trazia como recordação sua. Carolina de Saint-Criq finou-se em 1872, precedendo-o no tumulo quatorze anos. A' noticia da sua morte, Liszt escrevia á duquesa de Wittgenstein: "Carolina era uma das mais castas revelações da benção divina nesta terra. Os seus longos sofrimentos suportados com tanta doçura como resignação abriram-lhe o céo. Ela entra ali pura para saborear as alegrias celestes. As do mundo não lhe tocaram e só o infinito é digno da sua alma honesta.„

Entre as *vinte e seis* apaixonadas de Liszt, Carolina de Saint-Criq é, sem duvida nenhuma, a mais simpática, a que com o seu perfil etéreo, como diz Michel Delines, contrasta tão curiosamente com tantas celebridades espalhafatosas. Este primeiro e fundo amor explica a evolução moral do futuro abade. O per-

fume discreto deste platonico afecto da mocidade manteve na alma do grande compositor o ideal místico que o conduziu uma primeira vez ao limiar do claustro e devia logicamente ahi reconduzí-lo depois de sopetear até o fastio a vaidade da gloria, em seguida á vaidade do amor.

A apreciação impõe-se por justa. Nenhum soberano viveu no meio de uma côrte feminina tão exaltadamente dedicada e tão pródiga em homenagens ao seu quasi divinal objectivo. O piano onde tocava desaparecia literalmente debaixo de monte de flores raras. Conta-se que um dia, uma discipula, que se apaixonara por ele loucamente, furiosa por não ser correspondida como desejava, puxa de uma pistola e aponta lha:„ "Aqui estou, dispara! — intíma o musico. E a pequena ajoelhou, prosternou-se contricta, a soluçar, ante o concertista.

Contou Saint-Saens que, estando em Budapesth, foi visitar o pianista. Encontrou-o a dormir num sofá, rodeado por uma duzia de soberbas e formosissimas mulheres, postadas diante de cavaletes, a pintarem-lhe o retrato.

* * *

Pensando no que acabo de relatar, no período da sua vida decorrido até esse instante o auditorio, que pouca atenção deu aos varios trechos cantados pelos artistas da companhia lírica, e que constituia a primeira parte do espectaculo, concentrou o espirito com a maxima intensidade de que era capaz, em especial o feminino, logo que o tão amado hungaro percorreu o teclado com os dedos delgados, cuidadosamente tratados e dotados de uma agilidade surpreendente. O delirio meridional da sala tornou-se indescritivel quando um creado lhe apresentou, numa bandeja, diferentes musicas, e tirando uma, ao acaso, e sem a mínima hesitação, começou sobre ela a fantasiar imaginosas e delicadas variações com um brio, um gosto, uma segurança, uma "virtuosidade„ que a todos deslumbrou e comoveu.

O marquês de Niza ocupou a sua cadeira não se preocupando nada com a quantidade de binoculos assestados sobre ele, quasi tantos como os apontados sobre o concertista, nem dos comentarios de que era alvo. No primeiro intervalo aproximou-se do seu inseparavel Tiago Horta e disse-lhe:

— Sabes do que me lembrei?

— Dalguma loucura?!

— Cala te homem, o que eu faço são sempre actos de juizo!... Lembrei-me de oferecer a Liszt uma festa, uma festa a que ele nunca assistiu, apesar do harem que encontra em toda a parte.

— Temos, com certeza, alguma rematada estouvanice.

— Anda de ahi comigo, vamos lá cima ao camarote do Farrobo.

— Vamos.

Houve demorada conversa entre os três. O conde de Farrobo ria e aprovava com a cabeça. Por um certo lapso a sala esqueceu Liszt. Ninguem regatearia qualquer soma avultada para saber o que combinavam os três e que tão joviaes os tornava.

Terminou a récita no meio de um entusiasmo delirante. Quando D. Domingos atravessava, a pé a então rua da Parreirinha em direcção do seu palacio ao Chiado, encontra o seu criado de confiança, que lhe comunica:

— Senhor marquês, está lá em casa um desconhecido, um estrangeiro que não quiz dizer o seu nome e que declarou, muito terminantemente, que esperaria ali até que V. Ex.ª voltasse ..

— E vocês que fizeram?

— A nossa primeira idéa foi expulsá-lo, á pancada, mas depois tivemos receio. .

— De fazer asneira, não é assim? — Bem, vae para casa; manda pôr a ceia na mesa no meu gabinete de trabalho. Eu já lá vou.

D. Domingos continuou pachorrentamente o seu itinerario. Depois em obediencia a qualquer subita reflexão, arrepiou caminho, deu a volta pelo largo da Abegoaria, entrou por uma das portas de serviço e assentou-se á mesa que o serviçal puzera á pressa no aposento indicado. Comida uma fatia de fiambre e bebido um calix de vinho da Madeira puxou para si uma das pistolas, que perto estavam, e ordenou ao servo:

— Manda entrar o tal sugeito.

Entra um homem misteriosamente rebuçado, e com um chapéo de abas largas inclinado sobre o rosto. O marquês de Niza carregou as sobrancelhas lançou um rapido olhar para as pistolas, mas conservou-se impassivel.

— D. Domingos — declara o desconhecido em espanhol tirando o chapéo e desembaraçando-se do capote, — sou eu!

— Francisco! — exclamou o marquês de Niza com vivacidade e surpreza.

— Eu mesmo. Lembras-te quando estiveste em Espanha, completamente exausto de recursos, e que foste obrigado a pedir ao jogo o que te faltava? Frequentaste todas as tavolagens e conviveste com todos os gariteiros. Aprendeste comigo todos os segredos da, por vezes, lucrativa industria. Devido ao teu nome, ao teu sangue, á tua galhardia, depressa adquiriste uma grande supremacia sobre nós. Proclamaram-te, por assim dizer, o nosso rei, e, nessa qualidade, rodeou-te um côrte...

— Estou com certa curiosidade de saber onde queres chegar...

— Encheste-me de promessas e aguardei em Madrid que as cumprisses. Cançado de esperar, meti-me á estrada, prendi um trabuco debaixo da capa, entalei uma navalha na cinta e vim aqui, a corta-mato, trepando serras, descendo vales...

— Quem corre por gosto...

— Queimou-me o sol das campinas de Castela a Velha com as suas ardentías implacaveis, apertei mais de uma ocasião com os dedos nervosos a sevilhana tendo o teu nome nos labios.

— Porquê?

— Devorava-me a fome e abrasava-me a sêde. Ao que parece a sorte mudou de rumo e sopra do teu lado. Esta vivenda é principesca, a sua mobilia não destoaria do palacio de um soberano. Que diferença de quando...

— De quando?

— Da partida que se diz tu teres feito áquele agiota.

— Já não me lembro, aviva-me a memoria.

— Narra-se que tu, um dia, não encontrando já nenhum crédito na bolsa dum famoso usurario, lhe entregaste em penhor os cavalos e creados, com a condição dos pobres servos não se alimentarem até a dívida estar saldada. O Harpagão tentado pela extravagancia do contrato acede á proposta. Tu nunca mais voltaste a liquidar o débito. Os pobres diabos, depois de esperarem um dia todo sem lhes ir á bôca uma côdea de pão, queixavam-se ruidosa e amargamente da situação em que os colocaras. Quem passava ouvia e condoía-se. O onzeneiro é que não se amerceava. Alguem apareceu da tua parte para levantar o penhor. Mas..., para realizar o pagamento, a unica soma que trazia era uma sentença de interdição, que declarava nulas e ilegaes todas as transações efectuadas em teu nome.

— E acreditas nisso ?

— E' o que se conta.

— E vens então ?

— Pela Virgem da Atocha, oferecer-te os meus préstimos e jurar-te pelo Santo Advento que farei quanto me ordenares !

— Não sentes então escrupulo em ficar na minha absoluta dependencia ?

— Não, não me importa que sejas para a gente do povo uma especie de Anti-Christo e que te arreceiem e odeiem como a Lúcifer. Não me importa que as velhas te imaginem um lobishomem e que façam recaír sobre ti a responsabilidade de todas as calamidades sucedidas. Não me importa que os camponezes e camponezas te suponham com os "cabelos côr de sangue e os "dentes côr de fogo„; que habites logares onde silvam as serpentes, que desolam os campos, e que sáias de noite quando a tempestade ribomba para evocar os mortos ; que as tuas mãos sejam garras terriveis e a tua pele esteja á prova do ferro e de fogo ; que te rodeiem sem cessar fantasmas e convivas com o demonio.„ [1]

— Bonito retrato !

— Assim o creou a lenda a teu respeito. Os que te temem procuram ridicularizar-te para definir o que presumem ser a tua moral e os ignorantes fantasiam os mais estupendos quadros de que tu és o protagonista. Passa por ser tão verdadeiro como um dogma que ha momentos em que a tua alma se debate nas mais aflictivas torturas ; que dás urros como se no teu corpo residisse Belzebut ; que te contorces em espasmos de epileptico ; que laceras as proprias carnes em movimentos de hidrofobia ; que te rebolas em abalos sacudidos aos pés dos lacaios em vertigens de desespero e que só deixas de ulular entrecortadas frases de pavor medonho quando, extenuado pelo esforço nervoso produzido, baqueias hirto, coberto de espuma e de sangue. [2]

— Não imaginas, Francisco, quanto me diverte o que acabas de dizer. Tira a capa e come. Deves ter fome. O teu semblante assemelha-se ao de um paciente ao assentar-se no escabêlo do garrote. Come e bebe á tua vontade. Não te faltarão acepipes nem te escasseará o vinho.

[1] *Lisbone et le Portugal,* Pourcet de Fondeyre.
[2] Idem

— Essas palavras sôam como a mais deliciosa das musicas aos ouvidos de um faminto. Quero saciar-me com esses licóres que dão mocidade aos velhos e alento aos novos. Quero mergulhar na alegria que eles provocam as maguas do meu passado. Fico completamente ao teu dispôr, no corpo e na alma.

O desconhecido comeu e bebeu com apetite devorador. D. Domingos contemplava-o com um olhar particular, um olhar onde, de onde em quando, fuzilava um relâmpago. Quando o comensal parecia estar farto, saciadissimo, o marquês de Niza rememora :

— Prestaste me o serviço em Madrid de me franqueares antros abjectos, por mim ignorados, e de me industriares em vicios, para mim desconhecidos. Vieste a minha casa, intimidando os meus criados e dando-te ares de eu ter sido teu cumplice em qualquer vilanía em que és fertil. Repetiste aqui diante de mim, fingindo acreditares que são verdades, aquilo que só a imaginação insensatamente fantasista do vulgo criou ou que os meus inimigos e detractores inventaram em lendas espalhadas adrede e que vão sempre em augmento em formidaveis exageros de fabulas, estupidamente supersticiosas e com aturdimentos de vertigem por isso...

— Por isso? — repete o espanhol Francisco visivelmente inquieto, apesar do seu manifesto estado de embriaguez.

— Como te divertiste a cantar toda essa musica vaes agora assobiar — intíma D. Domingos.

— E se eu... não... quizer... ou... não... puder? — taramela o ébrio fazendo inauditos esforços para dispôr os labios para assobiar e não o conseguindo, como é impossivel a todos que se encontram embriagados.

— Se não quizeres ou não puderes juro-te por Santo Eloy, patrono dos armeiros, que te furo a orelha esquerda com uma bala para nunca mais te esqueceres desta noite — ameaçou D. Domingos pegando com desfastio na pistola que estava a seu lado.

O singular visitante percebeu que o seu interlocutor não brincava e. arrependido de se ter metido em tão arriscada aventura, redobrou de esforços para assobiar, não alcançando mais que emitir sôpros baços, inarticulados e sem nenhuma expressão. Resôa um tiro. O creado de serviço supondo que era o chamamento usual aparece e espera ordens.

— Estanca o sangue da orelha desse homem com um pouco de percloreto de ferro. Depois diz ao mordomo que lhe entregue vinte soberanos e manda-o embora.

* * *

— Como encarará Liszt a festa?

— Por muito que o seu espirito se embrenhe nas regiões do misticismo, é homem e parece que se lhe depara por toda a parte um harem que a fama do seu talento lhe prep ra. Não estranhará, pelo contrario, ha de lhe ser agradavel.

Antonio Maria da Cunha Pereira de Sotto Mayor, taful do seu tempo, diplomata e escriptor laureado

— Virão muitas?

— Veem as do costume e ainda outras; o programa que mandaste espalhar, o que se conta e o misterio que envolve as *maçarocas*, a curiosidade acicatadissima que despertam estes saraus, meio dentro de casa, meio ao ar livre, a precaução que tomaste de anunciar que elas poderiam vir de *loup* no rosto, á italiana, e que o seu incognito seria rigorosamente guardado, deve-nos trazer copiosa afluencia. O unico vapor que pode empanar o azul soberbo desta noite é o resentimento da rainha.

— Não o saberá, como não o tem sabido das outras vezes. O almoxarife consente que nós façamos isto aqui, não só porque tambem gosta, mas ainda porque conta que não transpirará nada lá fora.

— Desta vez o acontecimento dará brado e D. Maria II indignar-se-á que façam de uma residencia real teatro das scenas já ocorridas e das que ocorrerão ..

— Ora adeus! As fachadas e as paredes interiores do palacio de Queluz não se ruborizarão com os quadros plasticos que nós aqui organizamos. Teem assistido a peor...

— Peor?! ..

— Assistiu aos amores do infante D. Pedro com a cunhada, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, mulher de D. Afonso VI; assistiu ás estroinices do infante D. Francisco, filho segundo desse mesmo D. Pedro, que aqui espancava os maridos, violentava as mulheres, atirava no Tejo sobre os marinheiros postados nas vergas para o saudarem, e cuja alma a tradição assegura que vagueou em redor da quinta, durante um seculo, para expiar a pena merecida pelas suas culpas, castigo que terminou em 1842.

— Acreditas nisso?

– Nas almas do outro mundo não, mas acredito nos corpos e na carne que deles fazem parte, nos desejos das açafatas e damas de honor, no repositorio de volupias femininas que compareciam ás cerimonias religiosas, amenizadas por musica de uncção divina; sei que sentiam estranhos apetites sensuaes ao victoriar os desempenados cavaleiros rojoneando touros com intrepidez; sei que suspiravam em aspirações vehementes de amor e luxuria nos trechos iluminados e nas sombras projectadas para que os coloquios atingissem o seu fim; sei que sentiam referver-lhe o sangue em anhelos lúbricos ao contacto dos pares nas mesuras e passos cadenciosos dos minuetes dos salões, dos beijos furtivos dados e colhidos na espessura do arvoredo, sob a protecção das estatuas, no conforto dos bancos monumentaes, no meio das ondas de harmonia e melodia das orquestras, nos reflexos multiplicados ao infinito dos espelhos conjugados, nas luzes dos candelabros, dos lustres, dos castiçaes, que se reproduziam ás míriades, na scintilação estonteante das gemas de mais pura agua e de maior poder rutilante, nos exemplos de efusiva e terna galantaria dados por Carlota Joaquina e pelo seu *esquadrão volante*. em tudo identico ao de Catarina de Médicis, viuva de Henrique II de França...

— Suspende a eloquencia que começam a chegar as convidadas e convidados — diz Tiago Horta ao marquês de Niza, pois

eram os dois que conversavam passeando em frente de um dos pavilhões da sumptuosa e favorita moradía de D. Pedro III.

D. Domingos limitara o numero dos convidados a pouco mais de meia duzia: além dele, do seu inseparavel amigo Tiago Horta, apearam-se das seges, idas de Lisboa, D. Luiz da Camara Leme, marquês de Belas, marquês de Viana, Almeida Garrett, que já começava a ser o *divino*, Sotto Mayor e o conde de Farrobo, que conduziu na sua carruagem Ernest Liszt em honra de quem era oferecida a festa. Joaquim Pedro sondara primeiro, com as devidas reservas, o animo do ilustre pianista acêrca do caracter da diversão, e, ao contrario do que temia, encontrou nele uma ardentissima curiosidade.

As convidadas excediam talvez as duas duzias. Reconhecia-se pelos seus trajes que pertenciam ás mais diversas classes da sociedade. Estavam ali representados os vestuarios pitorescos de todas as provincias de Portugal, desde a saia vivamente escarlate da camponesa minhota até o saiote em pregas da vilan madeirense, o típico capote de pano preto e do lenço de cambraia engomado da burguesa até o vestido em folhos, tufado, o precursor do balão, da camada superior. Todas as damas traziam no semblante uma pequena mascara negra, um *loup*, que tornando-as desconhecidas, não lhes diminuia o fulgor dos olhos aveludados ou chamejantes, a alvura da pele ou o dourado da derme das morenas, o mento bem torneado, a covinha da barba a solicitar beijos incandescentes, as feições correctas ou apetitosas, uma aluvião de aperitivos tornados ainda mais cubiçaveis pelo pedaço de seda que só escondia o bastante para mais exacerbar os desejos.

Numa das salas atinentes ao jardim foram dispostas algumas mesas em cima das quaes, a sobresaírem nas toalhas adamascadas, se viam preciosos cristaes, vinhos de qualidades apreciadas, carnes frias de reses suculentas e de aves saborosas. Num recanto, por trás de um tapamento, cuidadosamente vedado, tocava, sem ser visto nem poder vêr, uma orquestra formada por alguns dos mais eximios guitarristas de Lisboa.

Ao auctor do *D. Sancho ou o Castelo de amor*, do *Tasso*, do *Orpheo*, de *Mazeppa*, etc., a Liszt, receberam-no formando alas as convidadas e convidados; os professores do nosso tão popular *pianinho* saudaram-no executando com mimo e sentimento algumas das suas *Rapsodias hungaras*, já conhecidas. O

insigne concertista, que tanta coisa bela vira e ouvira, lançou um rapido olhar para a sumptuosidade da sala, para as mulheres que o rodeavam, para as estatuas e vasos de marmore dos jardins, para os lagos que tremeluziam em chispas argenteas, de azougue, para os repuxos que jorravam fios de prata liquida, para os viveiros, pomares, cascatas, gigantesco arvoredo, flores de rara formosura e entre elas esplendidos geranios do Cabo e soberbas magnolias, tudo iluminado por uma lua que parecia uma enorme lampada electrica, imprimindo relêvo a cada minudencia, mas esbatendo-a em suavissimas meias tintas, delicioso conjunto aquecido por uma temperatura cálida, amena, vivificante, sensual, e murmurou :

— Esplendido ! Esplendido !

— Para a mesa, senhoras e senhores — convidou um dos presentes.

— Constitue quasi um crime comer ante estas senhoras e em presença de tal espectaculo ! E' uma mansão de amor em que só se devia amar ! — comenta sorrindo Liszt.

— Supunhamos que este é o jardim das Hesperides, colhamos alguns dos seus frutos de oiro. Não é preciso para isso ser Hercules, pois não estão defendidos por nenhum dragão de cem cabeças — observa o conde de Farrobo.

— Esta reunião toma o caracter de festim das bodas de Thetis com Peleu — diz Tiago Horta.

— A que não falta sequer a presença de Juno, Minerva e Venus — comenta Liszt.

— Esta ultima breve nos aparecerá em toda a formosura despida de quaesquer ornamentos artificiaes — diz o marquês de Belas.

— No que será imítada por todas as outras — acentua D. D. Luiz da Camara Leme.

— Espero que não surja a intempestiva discordia atirando com o intrigante Pomo para cima da mesa — retorquiu Liszt.

— Praza a Júpiter que nenhum de nós se veja obrigado a usurpar o dificil papel de Pâris ! — exclama D. Domingos rindo.

— Quem sabe ! — cicía perto uma voz feminina, chasqueadora e bem timbrada.

— Para a mesa minhas senhoras e senhores — convidou Tiago Horta.

Não se tornou necessario repetir a intimação. Os convivas dos

dois sexos assentaram-se e breve não se ouvia mais que a bulha metalica dos talheres batendo de encontro a porcelana dos pratos, o tinir dos cristaes vibrando em choques sonoros nas saudações de visinho ás visinhas, de gargalhadas estridentemente retumbantes, de expressões brégeiramente maliciosas, de exclamações onde a ousadia do sentido e da forma começavam a profetizar qual seria o epílogo deste crescendo de libações, de contactos fogosos, de anceios sexuaes, de desejos violentos como a agua da cheia que rompe um dique. Para mais saturar o ambiente, já de si inebriante, de efluvios capitosos, os guitarristas ocultos faziam chegar até os ouvidos dos convivas alguns dos fados mais dolentes e perturbadores do seu reportorio.

— Vamos ao baile? — desafia uma voz.

— Não se esqueçam que todas e todos deram a sua palavra que nenhuma tentativa seria feita para tirar a mascara fôsse de quem fôsse, ainda mesmo com consentimento da interessada — lembrou outra voz.

— Não só não o esquecemos, mas prometêmo-lo de novo — responderam todos por aclamação.

Principiaram então a formar-se as *maçarocas*, isto é as damas ahi presentes ajudaram-se umas ás outras a juntar as saias em volta do pescoço, e a prendê-las ali por meio de uma fita, o que lhes dava o aspecto das maçarocas de milho descamisadas. Como é de prevêr os homens auxiliavam nas com extremado zêlo. Sujeitos os braços debaixo das roupas, assim colocados só se podiam servir dos membros inferiores.

Começou o baile.

Liszt, bastante afogueado e perdendo um tanto ou quanto a sua habitual compostura, ria com a expansão de um meridional. D. Domingos contemplava com prazer o efeito produzido pela festa por êle organizada e agora já transformada em bacanal. De subito o seu olhar fixou-se numa das *maçarocas*, das que eram mais admiradas e perseguidas. Deteve-se um instante a examiná-la e chamando-a de parte, interpelou-a.

— E's tu?

— Sou — respondeu em tom galhofeiro.

— Não tens pejo?!

— Tem-lo tu?!

— Sáe imediatamente.

— Se me acompanhares...

— Não acompanho.

— Então fico. Não me podes obrigar, não vaes provocar um escândalo, nem revelar, com certeza, quem sou.

— Bem, acompanhar-te-ei - declara o marquês de Niza simultaneamente contrariado e resignado.

— O Pomo da Discordia havia de produzir os seus resultados - conceitúa Almeida Garrett, que adivinhara o diálogo a distancia e que surpreendera o organizador da festa em preparativos de retirada.

II

Boda interrompida

O rapto da alameda do Lumiar e o baile das *maçarocas* desabaram sobre os hombros do marquês de Niza com triturante responsabilidade. Esmagaria outro qualquer menos habituado a arrostar taes embates da opinião publica. As furias dos catões moralistas, que traduziam no azedume das censuras o despeito de não ter provocado escandâlo ainda mais retumbante, não o arranharam nem ao de leve.

Não se sabe se houve alguem impudicamente ousado para relatar o acontecimento á rainha. O certo, porém, é que o almoxarife foi transferido e demitidos dois ou tres guardas coniventes no lúbrico atentado, que vexou mais uma vez o palacio destinado a presencear scenas não destoantes das descritas nas libidinosas obras do marquês de Sade. Houve muita dama, de virtude á prova das mais fascinadoras tentações, que, cerrando os olhos e reconstituindo o quadro segundo a sua imaginação mais ou menos fantasiosa, soltava do mais íntimo do seu peito entranhadissimo suspiro; não se averiguou se com pena de saber tanta gente imersa no pecado da carne, se com pesar de não entrar como actriz em comedia representada tão ao vivo.

Muito se murmurava ácerca de quem seria a dama que obrigou D. Domingos, por ciume, por não querer conceder aos outros o que desejava reservar só para si a privar-se de tão paradisíacas visões. Seria a raptada da alameda do Lumiar, pertencente a uma das melhores familias de Lisboa? Seria a *Sonho de Rafael*? Formulavam hipóteses os mais rubros e juvenis labios de Lisboa. Alongavam o espirito em presumpções suspeitosas das suas mais íntimas amigas as matronas couraçadas de intangivel santidade.

Emquanto não surgisse outra estrela a enriquecer a constelação, a ecliptica dos afectos de D. Domingos girava em volta da

recem-raptada, com a qual a leitora breve encetará relações, e da *Sonho de Rafael.* No entanto, a vida da sociedade de Lisboa seguia o seu curso.

A's recitas e concertos realizados em 1843 suce:iam-se as festas particulares. (¹) Deixou vincadas recordações o baile oferecido pelo segundo conde e segundo marquês de Viana, D. João Manuel de Menezes, antigo oficial de marinha, a 25 de janeiro desse ano de 1843, data do seu aniversario natalicio. Foram já saraus de pôlpa os efectuados a 5 de janeiro de 1841, (²) o de 3 de janeiro de 1842 (³) e o de 19 de janeiro de 1843, (⁴) mas esse excedera tudo pelo brilho esplendoroso dos convida-

(¹) Em 11 de agosto de 1843 houve no teatro de S. Carlos um beneficio a favor das filhas do celebre escultor Joaquim Machado de Castro; representou *Os dois renegados*, de Mendes Leal, a companhia portuguesa do teatro da Rua dos Condes; Julio Cesar Galarin cantou uma aria de tenor, de Donizetti; Vicente Tito Mazoni e Manuel Inocencio dos Santos tocaram fantasias de rebeca e piano; a orchestra tocou uma fantasia de Schira com solos obrigados de flauta por José Gazul, corneta de chaves por F. N. Santos Pinto, rebeca por José Maria de Freitas e violoncelo por João Jordani. Tocaram a sinfonia do *Fausto* em quatro pianos, M. I. dos Santos, José Casimiro, M. Marti, A. Cesar, João Vicente, Amado Frondoni e Klantau; era suplente para as faltas José Vicente. Houve tambem uma aria cantada por Figueiredo e um passo composto e dançado por Judith Rugalli. Os camarotes eram tirados á sorte, excepto as torrinhas, e custavam 3$200 cada um.

Em 13 de novembro de 1843 houve em S. Carlos um concerto monstro executado por 230 artistas; tomaram parte Rossi-Caccia, Olivier, Flavio, Botelli, etc. Não produziu, comtudo, efeito.

Em 7 de agosto do mesmo ano executou-se no Conservatorio uma missa a quatro vozes de F. X. Migoni.

(²) Nesse sarau fizeram-se ouvir a condessa de L. e S. na cavatina da *Astarthea*, D. Maria Joaquina Quintela na da opera *Belizario* e D. Manuel de Sousa Coutinho e Carlos da Cunha e Menezes no dueto dos *Puritanos.*

(³) Assistiram entre outras senhoras a infanta D. Ana, a dona da casa, marquesa de Viana, condessas de Farrobo, Anadia, Ponte, Lavradio, Vimioso, Pombeiro, condessa da Lapa, baronesas de Varenne, da Regaleira e de Campanhan, Madame Maria Krus Brito do Rio, etc. etc

(⁴) Esta festa organizou-se a favor do Asilo da Mendicidade. Entre outros atractivos figurava um bazar. Houve prendas de valor. Forneceram uma parte personagens elevadas. A rainha ofereceu um fauteuil gotico; a imperatriz, um tamborete e outros objectos; D. Fernando, uma colecção de gravuras; a infanta D. Ana, um *écran en tapisserie;* a marquesa de Viana, duas almofadas; o marquês de Viana,

dos e pela nababa magnificencia da moradía do largo do Rato. Ahi nesse palacio, hoje propriedade do marquês da Praia, de vidraças esburacadas pelas balas dos repetidos combates das ultimas revoluções, os jantares, os bailes, os concertos sucediam-se com a rapidez de um moderno *side car* e com a variedade de um kaleidoscopio. Num ambiente artistico e aristocratico, ali trocava impressões, galanteios, idéas, juizos, a alta roda da capital, dançando nos salões, jogando no aposento a isso destinado, disposto em meia lua, apoiada em duas elegantes columnas; lendo e conversando na sala de leitura, magnifica como todo o resto.

Num museu de arte de mobiliario não se encontra maior colecção de preciosidades. Citavam-se além fronteiras: um vaso de bronze dourado, repleto de flores e circundado de velas; um toucador de *vermeil,* em relêvo e prata dourada, coberto de objectos de alto valor, outrora da rainha D. Mariana de Austria e que de acquisidor em acquisidor entrara na posse da marqueza de Viana; [1] porcelanas e jarras do imperio niponico; a mobilia da sala dos retratos com incrustações metalicas e de tartaruga; as tapeçarias e cortinados de tecidos raros; o lustre de cento e quarenta lumes; moveis dos estílos mais requintados; artigos assinados pelo disputado Boule; poltronas Regencia; espelhos Pompadour; quadros e iluminuras de Wateau, o que os mestres da marcenaria, da arte de estofar e de entalhar tinham ideado e realizado na aurea época dos tres reis Luizes e do Imperio; telas de chefes de escolas nomeadas; porcelanas; louças; tudo quanto pode sonhar uma artista, tudo quanto pode fazer desesperar um colecionador inteligente e meticuloso.

Entre o rosario de figuras esveltas e de suprema distincção o

um *fauteuil* gotico bordado pelas suas proprias mãos; Madame Osorio Tavares, um quadro pintado por ela; Madame Krus, um *sachet* para lenços, etc. As *toilettes* mais apreciadas pela crónica coeva ostentavam nas D. Carlota e D. Virginia O'Neill, Madame Sousa Botelho, D. Maria do Carmo Portugal (Valença), condessa da Lapa, etc. Arrematados todos os lotes, iniciou-se o baile. A's três da madrugada a criadagem serviu uma ceia opipara. A dança recomeçou e durou até começar a actividade matinal dos poucos madrugadores alfacinhas.

(1) O segundo conde de Viana, oficial ás ordens de D. Miguel, foi dos mais elegantes rapazes da côrte desse soberano. Casou com D. Maria do Carmo da Cunha Quintela, filha dos condes da Cunha e neta paterna dos primeiros barões de Quintela, e que andava então pelos doze anos. A segunda marquesa de Viana finou-se a 5 de novembro de 1888.

cronista ([1]) desfiou a infanta D. Ana em tulle azul e branco, grinalda de flores da mesma côr na cabeça, soberbo colar de esmeraldas ornado com folhas de oiro; a marquesa de Viana em tulle branco com grinaldas de oiro e flores e penteado onde um admiravel diadema de brilhantes punha uma nota aguda; a condessa da Lapa um *organdi* e decote á du Barry; D. Maria Ponte, em tarlatana branca; D. Carlota, Mariana e D. Maria Palmira Farrobo, as duas primeiras em crépe rosa guarnecidos de ramos de oiro, e a terceira de crépe azul palido com ramos: as *tres graças* como as designavam, etc.

Quem não dançava admirava a bandeira oferecida por D. João VI ao velho marquês, no seu regresso do Brazil, a bordo da nau *D. João VI*, do comando daquele titular. ([2]) Os mais insofridos do estomago transitavam para a sala de jantar, repartida em colunas, com as paredas revestidas de marmores policrómos. Em cima de rendilhados e audaciosamente torneados bufetes ostentava-se a magnifica baixela, afamada pelo seu valor e sua historia. ([3])

Estes saraus, comparaveis a muitos respeitos a qualquer estupenda fantasia de potentado oriental, entravam pela madrugada. Terpsicore insuflava tal animo e vigor aos pares estreitamente enlaçados ora na cadencia languida das valsas, ora no passo comedido e hieratico das quadrilhas, ora nos saltos ageis de corça dos *cotillons*, então no limiar da sua existencia, que não davam nenhum signal de cansaço.

Fora, até o sol expulsar da abóbada profundamente azul os

([1]) Lopes de Mendonça; *Lisbôa doutros tempos.*

([2]) A antiga Camara do Senado de Macau, reconhecida á dedicação que o soberano sempre manifestara por aquela colonia, mandou um estandarte com as armas reaes ricamente bordadas, e deu-o de presente ao rei, o qual o aceitou com tanto apreço, que se serviu dele na sua aclamação no Rio de Janeiro e o colocou como pavilhão real na nau *D. João VI*, em que volveu á patria em 1821. Foi esse pavilhão que ele ofereciu ao primeiro marquês de Viana. *Pinto de Carvalho*

([3]) Narra Tinop: «...Uma nosso embaixador na Russia atrahira a simpatía da grande imperatriz Catarina, que lhe ofereceu aquela preciosissima baixela em prata lavrada e cinzelada. A afeição, pura talvez, foi vivamente censurada, e o nosso embaixador obrigado a retirar-se da côrte. De volta a Portugal, recolheu-se a uma quinta nas proximidades de Coimbra, onde ralado pelas saudades, expirou beijando um retrato querido. Por sua morte foi a baixela vendida aos ourives Monge, a quem a comprou o primeiro barão de Quintela

derradeiros traços da escuridão, os bolieiros das seges, das traquitanas, os cocheiros dos *coupés* no inicio da sua voga, os curiosos, os papalvos cançados de vêr rodopiar tanta mulher elegante freneticamente apertada de encontro a alvos e resplandecentes peitilhos, das luzes do palacio se amortecerem ante o esbranquiçado clarão dos alvores matutinos, retiravam-se pouco a pouco para as suas habitações, com os olhos mais pisados pela vigilia, com o cerebro mais entorpecido pela força da insomnia, com os musculos mais doridos pela hirta e contrafeita posição, que os que lá dentro giravam sobre alfombras macías, pondo a nota severa ou garrida no meio das cabeleiras empoadas e fardas alagartadas dos lacaios, num sibilo caricioso de moirées, num refulgir íriado de pedrarias, numa excitante ofuscação de rostos formosos, de seios flacidos ou tumidos a ofegar, de roliços ou descarnados braços nús, promessas doutros incitamentos menos visiveis.

A politica cabralista da oposição preparava com a mais cega e egoista das teimosias a revolução do ano seguinte, as sangrentas e desoladoras perturbações da Maria da Fonte, as façanhas canibalescas dos patuléas, as proezas facinorosas dos cartistas. Na expectativas dos criminosos abusos praticados pelos "pés frescos„ os admiradores de Euterpe apuravam o seu gosto musical frequentando S. Carlos, animando os concertos e tomando parte neles bastantes entusiastas.

Já me referi aos concertos de Liszt. Em 27 de janeiro de 1845 houve um no palacio do conde de Tomar, presidente do conselho de ministros, á calçada da Estrela; cantaram nele Rossi-Caccia, Albertini, Tamberlick, Cibatti e tocou o grande pianista hungaro. A 15 de fevereiro desse mesmo ano houve outro concerto em S. Carlos; foram executantes o maestro João Guilherme Daddi, que tocou com Liszt um dueto de Thalberg, sobre motivos da *Norma*. Em 8 de março, tambem desse ano, efectuou-se outro a favor do Monte-Pio Filarmonico: ouviram se variações de flauta de Manuel Joaquim dos Santos; Rossi Caccia cantou uma aria; constituiu o resto do espectaculo um acto de opera *Ernani* e três actos do *Diabo amoroso*. [1]

Por matrimonio de sua filha com o conde da Cunha foi-lhe dada em dote a mesma baixela, e, por falecimento da condessa, veio a possuí-la a marquesa de Viana.

[1] Nesse ano de 1845 houve mais: a 18 de abril em beneficio de

Dois acontecimentos musicaes provocaram palestras acêsas e controversias renhidas.

A 31 de março de 1845 realizou-se o beneficio de Miró: Tamberlick, Rossi-Caccia e Santi interpretaram em S. Carlos alguns trechos do drama lírico *Os infantes em Ceuta*, musica daquele compositor e poesia de Alexandre Herculano. Essa obra recebida com aplausos, quando cantada por amadores, foi ouvida com frieza quando se incumbiram de a desempenhar artistas de categoria. Só Tamberlick se salvou. Um espledido côro, a quatro vozes, cantado a primor na Academia Filarmonica, naufragou nas gargantas das coristas. O outro acontecimento de sensação consistiu na estreia, em S. Carlos, de uma cantora portuguesa, D. Clementina Rosa Cordeiro; não se impôs por um triunfo, mas manteve-se como uma promessa.

O amor pela musica adquirira geral intensidade. Na maioria das assembleias, atrás referidas, não se executavam apenas trechos de concerto. Os executantes levavam o exagêro a interpre-

Galeazzo Fontana, harpista de merecimento; executou-se um terceto de duas harpas e piano pelos irmãos Achiles, Galeazzo e Alfredo Fontana (o ultimo de seis annos); o beneficiado tocou um solo de harpa; os irmãos Achiles e Galeazzo cantaram, em caracter, um dueto, *Um secreto d'importancia;* Tamberlick cantou uma aria; deu-se a opera *Ernani*. Em 28 de abril, em beneficio de Lenzi, a orquestra tocou as sinfonias do *Regente* e do *Guilherme Tell*, uma sinfonia de Schira, e Tamberlick cantou em português uma aria composta por Miró. Em 19 de maio, em beneficio de Masoni e Carey, o primeira tocou duas fantasias na rebeca; representou o primeiro, segundo e terceiro actos da opera *D. Sebastião;* Rossi-Caccia cantou a aria do *Regente*; os conjuges Mabille dançaram uma polka. Em 4 de junho, foi a despedida da Rossi-Caccia; cantou um trecho composto por G. Daddi, poesia de Penni: Masoni tocou um solo na rebeca; cantou-se a *Preghiera de Moysés* e varios trechos da *Ana Bolena*. Em 16 de junho, houve em S. Carlos um concerto por cantores tyroleses. Em 20 de junho, realizou-se um concerto em que tocaram rebeca, Masoni, piano, Manuel Inocencio dos Santos e cantou Clementina Cordeiro. Em 27 de junho deu o maestro Daddi um concerto de piano; cantaram Clementina Cordeiro, Teodoro e Figueiredo; tocaram flauta Manuel Joaquim dos Santos e violoncelo Guilherme Cossoul. Em 21 de junho, em beneficio de João Alberto Rodrigues Costa, houve concerto em que tocaram Cossoul, pae e filho, um dueto de melofonos, de Santos Pinto; M. J. Santos tocou flauta, o maestro Daddi piano, Guilherme Cossoul e V. T. Masoni um dueto de violoncelo e rebeca, Achiles e Galeazzo Fontana com Cossoul um terceto de piano e duas harpas, de Caetano Fontana; cantaram Clementina Cordeiro e Figueiredo, *Real Teatro de S. Carlos.*

tar operas inteiras, o que as prejudicava pela extensão e pelas más condições acusticas das salas, incompativeis, em geral, pelas suas acanhadas dimensões, com as exigencias da musica dramatica. Queixa-se Fonseca Benevides: "... A musica classica; as formosas composições de musica de Camara; as grandiosas concepções instrumentaes e sinfonias dos grandes mestres, Beethoven, Haydn, etc. continuavam a ser desconhecidas nas filarmonicas e nos teatros. Apenas um pequeno numero de amadores entretinha o fogo sagrado, tocando em suas casas algumas sonatas, tercetos e quatetos daqueles maestros." [1]

Nessa temporada predominavam os espectaculos de retalhos, pedaços de operas, bocados sôltos. A empresa de Antonio Porto abusava. Os assignantes tinham consentido, não protestando, assistir a algumas recitas sem cerzimento. Nelas cantou Rossi-Caccia trecos de musica e a aria do *Dominó Noir,* de Auber, e a aria de *L'Ambassadrice,* de Auber; e Botelli, cantou egualmente trechos da opera *Le Chalet,* de Adam.

Duas festas notaveis tinham assinalado este mesmo ano, ambas oferecidas pelo conde de Farrobo no sumptuoso teatro das Larangeiras. A primeira verificou-se a 11 de maio. Representou-se *O Salteador* de J. G. Daddi, interpretado por Carlos da Cunha e Meneses, Joaquim Pedro, Duarte de Sá, Carlota Quintela e Fortunato Lodi; a segunda teve por objectivo *O Beijo,* farça com musica de Angelo Frondoni, desempenhada por D. Carlota Quintela, D. Joana Damasio, Francisco de Sá e conde de Farrobo. Representada já no ano anterior, no teatro da Rua dos Condes, os seus intérpretes imprimiram-lhe um relêvo não adquirido até ahi.

De ora em quando invadiam o teatro de S. Carlos companhias alheias. Eis o motivo porque a do Rua dos Condes ali deu em 31 de julho desse mesmo ano o drama *Magdalena* e em 16 de setembro o drama *As Feitiçarias.* Na primeira dessas récitas cantou o rondó da *Straniera* M.^me^ Roborá; cantaram tambem Figueiredo e Teodoro e tocou flauta Antonio Croner. A 12

[1] Corroborando os queixumes de Fonseca Benevides efectuou-se em 3 de junho de 18[illegible] um concerto na Assembleia Filarmonica; executou-se nele a sinfonia da *Semiramis* por quatro harpas e quatro pianos, arranjada por C. Fonseca, e em 18 de setembro um grupo de amadores cantou a opera *Ernani.*

de setembro uma nova companhia portuguesa desempenhou ali o drama *A Moura.* [1]

* * *

A baroneza Helena de R···, embora portuguesa da mais pura linhagem, filha de um diplomata, recebera a sua educação ao acaso dos estagios do seu ilustre progenitor, e adquirira nas capitaes europeias, onde residira, e com as professoras incumbidas de lhe formar a inteligencia e a índole, as qualidades e predilecções bem vincadas dessas terras e um pouco do caracter de quem a ensinara. Assim colhera um pouco da fleugma britanica, absorvera um tanto do positivismo escandinavo, inoculara-se-lhe o habito da réplica pronta das francesas e assimilara a vivacidade azougada das espanholas.

Regressara a Lisboa, com a familia, aos vinte anos. A sua cabeça delicada, o nariz bem lançado, de pouca extensão e um tudo nada mais desenvolvido e revirado na ponta, pupilas quasi negras, de cílios compridos, cabelo escuro, de madeixas ás ondas como a seda de Lyon, e fartos como um lenho massiço de pau santo, de pele setinea, originara uma surpresa irritantemente apetitosa.

O marquês de Niza ao vê-la não sentira nenhum rebate no seu temperamento voluptuoso, mas no convivio quasi quotidiano a que as relações de sociedade o obrigavam, a adoravel candura dessa rapariga excepcional, aliada a uma fina malicia provocadora, arrancaram chispas de desejos á sensualidade meridional do impressionavel titular.

Uma grave doença do pae determinou um casamento de conveniencia. Helena aceitara o barão de R···, mais como um amparo eventual e necessario do que como um marido, personificação real e solicitada dos seus sonhos de donzela conhecedora do mundo, virginalmente pura de corpo, mas sabendo da vida o que narram as amigas casadas e as preceptoras condescendentes e ferteis nos relatos mais variados.

A assinatura das escrituras ante-nupciaes realizou-se numa das salas do palacio da noiva. De nogueira entalhada, os monumentaes espelhos erguidos em cima de cada tremó reproduziam o movimento contínuo dos convidados ali juntos, cada um

[1] *Real Teatro de S. Carlos.*

de expressão diferente, e ainda através das janelas e portas abertas o que se passava no exterior. Noivos e testemunhas pegavam na pena de pato, cuidadosamente aparada, e apunham o seu nome no respectivo diploma, em cima de uma elegante mesa de estílo imperio, de pés audaciosamente lançados, de marmore escuro e luzidio. O tabelião, de abdomen proeminente, de pescoço apopletico enroscado pelas voltas de seda da gravata, de faces rubramente bochechudas, de calças de prezilha e côr alvadía, de casaca de tom de azeitona de Elvas, dava as indicações necessarias.

Servido o copo de água, após um chuveiro de felicitações, abraços, beijos, uma amiga de infancia da que já se podia considerar baroneza de R... sequestra-a ao convivio das outras senhoras, e pergunta-lhe:

— Que pensas de tudo isto? Que efeito te faz?

— Queres que seja franca?... Nenhum. Tenho assistido a tantos destes actos que mais um não me causa a menor sensação.

— Com as outras não admira. Agora este que diz respeito directamente a ti...

— E' a mesma coisa.

— O barão vae ser teu marido. Sabes o que isso significa?... Todas as prerogativas inherentes...

— Sei.

— Ama-lo?

— E' uma novidade... Espero que me seja aprazivel. Depois toda a minha curiosidade está em vibração. Tanta cerimonia, tantas caras solenes, apagam em mim qualquer impressão que não seja a do anceio.

— Se sofreres uma decepção?...

— Paciencia. O barão não é um ingenuo nem um leigo, provam-no as suas multiplas aventuras. Preferia que fosse um rapaz da minha idade. Não é. Resigno-me. Faço a vontade a meu pae. Não hei desfazer-me em pranto como uma Magdalena. Demais não me chamo Candida, nem tenho vontade nenhuma de que os meus actos possam fazer crêr que me crismei com esse nome...

— As mais aproximadas conjecturas fogem, não sei se espavoridas, ante o positivismo da ocasião.

— Não prevejo o ponto que isso atinge, mas lembro-me das

que são colhidas de subito, com muito mais pressa e muito menos formalidades.

— Não lhes chega o tempo para pensar ..

— Nem para antegostar...

– E's de uma força?

— Gosto de rir...

Um grupo de outras senhoras veio interromper o diálogo que prometia ir longe.

Como soube D. Domingos do confidencial coloquio entre as íntimas amigas? Pela casada. Fingindo compadecer-se da cabecinha leviana da nubente, repetiu debaixo do maior sigilo os seus apropositos despropositados, aumentando-os com apendices importantes da sua lavra e condimentando-os com apimentados comentarios.

Actriz Emilia das Neves

Nada mais se tornou preciso para que no temperamento empreendedor do marquês de Niza nascesse um desejo vehemente de enfiar mais aquela apetecivel camândula no copioso rosario das suas conquistas.

O casamento efectua-se decorridos tres dias após a assignatura do contracto ante-nupcial. A capela particular do noivo incendeia-se de lumes, matiza-se de flores e plantas raras, enche-se de parentes, de amigos e de amigas, de criados, dos curiosos a quem se permite a entrada e que lá podem caber. A estatura da noiva, não muito alta, mas flexivel e coleante, é envolvida pelo espumoso vestido de cassa branca, florido bastamente com os indis-

pensaveis símbolos das nupcias. A cauda deixa um leve e nevado rasto branco nas ramagens da fôfa alcatifa. O véo, efervescencia de rendas caras e raras, oculta-lhe o semblante. O seu passo é firme, sem altivez nem pretensão.

Os olhos de D. Domingos ao contemplar esse corpo esvelto e donairoso, que ameaçava vergar como a haste do jasmim ao beijo do cálido vento sul, esbraseavam-se-lhe em clarões de lascivia irreprimivel. A sua fantasia de meridional transformava em modêlo de estatuaria nua tudo quanto ali deslizava e se escondia em refolhudos tecidos, mais leves que as nuvens, envólucro aereo dessa Phryné luzitana, até ahi imaculada e a quem os heliastas não tinham, por ora, precisado absolver.

* * *

Dardejavam a noiva madrigaes e alusões mais ou menos abrégeiradas. Quando tira o véo para o lunch todos os labios se franzem num murmurio de admiração. D. Domingos num ímpeto de arrependimento e de ira concentrada pergunta a si proprio:

— Como é que eu nunca reparei na formosura incomparavel desta mulher, nem na sua azougada e travessa petulancia?

O barão de R... sente que nos atractivos da sua gentil noiva se prégam as vistas insidiosas, saturadas de inveja, das mulheres; as pupilas incandescentes de desejos, faiscantes de malignidade, dos homens. Os membros da familia, os proximos e os afastados, em especial os femininos aconselham, exhortam, enternecem-se, beijam, abraçam, segredam, dessangram-se nas mais atrozes banalidades.

— Coragem, minha filha!

— Que sejas muito feliz é o que do coração te desejo!

— Parece bom homem o teu marido; sê para ele como uma boa filha, o céo te recompensará!

— Tens muito tempo diante ti para gosares!

— Não te amedrontes: o demonio nunca é tão feio como o pintam!

— Quando te vires aflicta péga-te com um santo da tua devoção!

Um poeta que lêra algures este pensamento dizia muito ancho de si, para algumas meninas casadoiras, que o admiravam:

" — Queres um retrato fiel da noite? Fechae as janelas, as vi-

draças, as portas e a noite se desdobrará no meio do vosso aposento. Quereis o retrato fiel da mulher que amaes? Fechae os olhos e vê-la-eis desenhar-se perfeitamente no fundo do vosso coração.»

D. Domingos acompanhava o desfile de todo este cosmorama, ouvia a catadupa de frivolidades que se despenhavam dos labios dos convidados e convidadas e extasiava-se absôrto na contemplação da baroneza Helena de R...

Os recemcasados iam passar a lua de mel para uma propriedade do barão, em Loures. O marido contava os minutos que faltavam para se vêr a sós com a sua linda mulhersinha. Ela, pelo contrario, parecia retardar esse momento o mais que podia.

— Quando se vae vestir para nos irmos embora? — pergunta êle baixinho num momento em que Helena se encontra um pouco mais isolada.

— Não posso deixar de atender as minhas parentas e amigas — responde ela com tal ou qual secura.

Os convidados pactuam um especie de tréguas com a noiva. Consegue ir á sua alcova de solteira. Mobiliario sóbrio, mas elegante. O seu pequeno leito de madeira, á francesa, coberto com uma magnifica colxa da India, verga, por assim dizer, debaixo dos presentes enviados de mil procedencias. Acompanha-a apenas a sua criada de quarto. Principia a mudar de vestido. A serva desacolcheta-lhe o traje da cerimonia e enfia-lhe o de passeio. Ha um instante em que a cabeça da noiva fica tapada com a saia, cuja fímbria apenas lhe toca nos hombros, num momento de hesitação antes de escorregar pelo espartilho, cingir o busto e dcscer sobre os quadris.

— Ai, minha senhora! — exclama a creada numa interjeição de surpresa.

— A serva, ao mesmo tempo que soltava esse brado de fingida angustia, saía, fechava a porta do quarto e dava volta á chave.

— Que é isso? — pergunta Helena emergindo a cabeça do corpete do vestido.

Não podia acreditar no que os seus olhos lhe patenteavam. A seus pés, ajoelhado, cobrindo-lhe de beijos a mão direita, que destramente libertara da pressão do vestido, achava-se o marquês de Niza, de pupilas em fogo, de expressão enternecidamente resoluta.

— Amo-a! Pode fazer ideia de como a amo arriscando tudo para estar aqui prosternado ante si.

No meio do pasmo que lhe imobilisava os labios, lhe paralisava a lingua e lhe tolhia os gestos, Helena contemplava D. Domingos como uma dessas visões, ideal, crepuscularmente belas, que aparecem nos sonhos e que são a consubstanciação, melhor, a personificação das mais audazes quimeras do nosso espirito. A custo e exercendo um forte dominio sobre os seus nervos lassos por uma inefavel sensação de bem estar da alma e do corpo apenas conseguiu balbuciar:

— Sáia, senhor!

— Só depois de ter obtido a certeza que me amará.

— Sáia ou grito!

— A sua criada de quarto está do meu lado, como vê. Se grita, o escândalo é tão temeroso, que vale mais optar pelo silencio e ouvir-me.

— Sáia, sáia, não posso, não devo, não quero ouvir nada!

— Juro-lhe, minha senhora, que estou disposto a tudo para que não pertença a esse homem.

— Como vae evitá-lo?

— De forma tão retumbante que decorridos muitos anos ainda se falará nisso.

Este espantoso acésso de doidice, efectuado com uma felicidade e com ousadia inacreditaveis, tinham penetrado fundo no ânimo impressionavel e romantico de Helena. Ó homem que ali se encontrava na sua frente, numa situação talvez sem precedentes nos anaes do galanteio, transfigurava-se completamente por esse seu acto. Deixara de ser o esturdio que Lisboa em pêso apontava numa sucessão interrupta de loucas extravagancias e convertera-se em paladino do amor, de uma paixão que irrompera vehemente, brutal, insofreavel como um jôrro de agua a ferver de um geyser da Islandia. Sentia que na sua alma brotava o gomo de uma flor que se abre de repente, um sentimento novo, um anceio para uma coisa nova, um anhelo que já não podia conter, que lhe enchia a alma e transbordava em borbotões de ternura.

— Compromete-me, senhor, sáia imediatamente··· peço lhe pelo que mais venere na sua existencia!

A voz de Helena amaciava-se numa súplica cariciosa, nos seus olhos rutilava um clarão estranho. A indignação, a ameaça da pri-

meira surpresa embrandecia ante uma inebriante sensação que lhe quebrava todos os ímpetos da energia.

Durante este rapido e intenso dialogo o vestido de Helena, não acolchetado, nem esbarrando em nenhum obstaculo que detivesse a força da gravidade na sua marcha desnecessaria, caíra-lhe de todo e formou como um pedestal de nuvens a seus pés. Estava agora de saia curta, corpete de setim branco debruado no decote com magnificas rendas de Alençon, unidas por uma nívea e larga fita de seda. Por baixo, os tufos espumígeros das guarnições da camisa, de finissima cambraia, surgiam em contraste com os laços menos brancos que a epiderme leitosa de quem os ostentava, dos hombros admiravelmente contornados dessa noiva tão pouco vestida em presença de um homem que não era o seu marido.

Do vestido escuro que se lhe enroscava nos sapatinhos de seda branca, microscopicos, aristocraticos, fôrmas delicadissimas de pes que enlouqueceriam o conde de Farrobo, ascendiam as meias de seda alvejante, lustrosas, á guisa dos arabescos de açacalado arnez italiano, modelando as curvas suaves, deliciosas de uma perna do cinzel de Praxiteles, ainda mais realçada pela liga enrosetada de fitas e rendas da mesma alvura.

Num arranco de furia amorosa, D. Domingos enlaça Helena num amplexo cego, instinctivo, nervoso, indomavel; cola os seus labios á bôca de rubro morango da quebrantada rapariga, que treme, oscila, verga, se abate, se deixa arrastar, debil palhinha colhida e impulsionada pela violencia de um redemoinho inesperado. Quando Helena, não podendo haurir em si as forças suficientes para resistir a tão imprevista e hípnotizadora conjuntura, retribuia com um involuntario e fervoroso osculo o beijo recebido, de fora da porta a voz do barão, do marido impaciente, perguntava:

— Estás pronta, queridinha?

— Daqui a um minuto — responde a voz de Helena num soluço entrecortado, que nenhum ouvido, por mais subtil que fôsse, conseguiria afirmar se era de angustia se de prazer.

. . . .

Uma hora depois os noivos partiam de carruagem para a quinta do barão, proximo de Loures. Este sentira-se subitamente incomodado ao jantar, acometido por uma insofrivel cólica. Dir-se-ía que o cosinheiro confecionara o jantar de bôdas com um

energico drastico. Triste noite de nupcias essa em que o noivo se revolvia no leito com horriveis dôres de ventre! Helena, ao que parecia, pouco contrariada, propôs o regresso a Lisboa. Aceite a proposta meteram-se numa sege arranjada na localidade, á pressa. E' no caminho, na alameda do Lumiar, que ocorre o rapto descripto no anterior capitulo.

O escândalo repercutiu clamoroso por todo o país e muito em especial em Lisboa. O noivo infeliz, a esposa leviana e o amante audaz constituiram o eixo dos motejos causticos, das censuras asperas, dos comentarios picantes e mordazes da população da capital.

III

Lola Montes

O marquês de Niza resolveu partir para Londres. Originou essa viagem duas razões de vulto : o dar um tal ou qual repouso á maledicencia lisboeta e furtar Helena a qualquer tragica retaliação da *Sonho de Rafael.* Alojam-se os dois principescamente num esplendido hotel da populosa metrópole.

A gente remediada ou rica divertia-se em plena *season.* Nesses ultimos dias os entusiastas do teatro, principalmente os amadores de dança e das dançarinas, esquecendo-se um pouco da tão citada fleugma britanica, só conversavam, e com calor, da estreia, no His Magesty Theatre, de uma assombrosa *estrela* coreográfica que o *manager*, o director, Benjamim Lumbey, descobrira em qualquer parte. Na sala resplandecem os trajes apuradissimos dos *dandies* em foco, das primeiras sumidades, o escol da sociedade londrina, quantos concorrem para o naufragio ou consagração, para o *four* de uma estreante.

O marquez de Niza, aproveitando uma insignificante enxaqueca de Helena, comprou a pêso de oiro um *stall*, movido pela curiosidade da estreia e pelo éco dos comentarios que zumbiam aos seus ouvidos num bezourar de moscardo teimoso. Um dos jornalistas convidado para assistir,na vespera, ao ensaio geral, revelou num dos mais lidos jornaes da City a sua impressão, nos seguintes termos :

«O violinista Nadaut passa o arco pelas cordas do violino e Lola principia a dançar. O corpo é ainda mais gracioso que o seu rosto. Cada um dos movimentos acompanha instinctivamente o ritmo da melodía. Os seus olhos negros scintilam. A graça dita os seus gestos. Os seus pés e os seus tornozêlos são perfeitos. Se não é ainda uma dançarina consumada, não tardará que o seja».

D. Domingos encontra um dos membros mais ilustres da aristocracia inglesa, de quem era amigo, no peristilo, e, na mais vernacula linguagem do colegio Trinity, da universidade de Oxford, pergunta-lhe:

— Quem é, no fim de contas, esta tal bailarina?

— Vou-lhe dizer o que sei; bem pouco; ácêrca do resto interrogue-a o marquez logo, no fim do espectaculo, quando eu o apresentar a Lola Montes. [1]

— Pelo nome parece espanhola.

— Não lho posso certificar. Corre que durante uma viagem que fez da India para a Europa se ligou com uma americana. Após mutuas confidencias, esta aconselhou Lola a que experímentasse o tablado. A indicação agradou-lhe. Quando desembarcou aqui, em Londres, procurou o professor de declamação Fanny Kelly.

— Tomou licões dele?...

— Ouviu-a e, com a maior franqueza, declarou-lhe que não possuia faculdades para fazer carreira como actriz. Apontou-lhe o recurso da dança.

— Tudo é arte.

— Entende-se, depois, com um mestre de bailados espanhoes. Reside em Espanha seis mezes e com tal afinco estuda a lingua daquela nação que desde essa época a tomam por espanhola. Crismam-na ou crisma-se em Lola Montes, volta para Londres, insinúa-se no ânimo do empresario deste teatro, exerce sobre ele um grande dominio e obriga-o a contratá-la como dançarina.

— É bonita?!

— Assegura-se que Lumbey se fia mais na plastica e formosura da mulher que na arte da bailarina.

Sôa o sinal para começar a função, o marquez de Niza entra e assenta-se na sua cadeira. O espetaculo decorre monótono até

[1] Tudo quanto cito ácêrca desta verídica personagem é colhido de um estudo com o mesmo titulo, da pena do escritor inglês W. R. H. Trowbridge, que por seu turno se baseou num folheto: *Historia de uma penitente*, de um pastor da egreja episcopal da America, que assistiu aos ultimos momentos da famosa heroína. Esse confessor em preito de admiração pela moribunda adicionou a esse titulo o sub-titulo: *Em testemunho da omnipotencia do Espirito Santo sobre o coração de uma grande pecadora.*

ao aparecimento de Lola Montes. Não ha duas opiniões na sala sobre a deslumbrante beleza da estreante. A dança realça a sua serpeante flexibilidade. Estava longe de ser um prodigio no culto de Terpsicore. Nessa época, como hoje, a maioria dos espectadores apreciavam mais as curvas voluptuosas de uma perna ideal, o desenho irreprehensivel de uma coxa bem lançada, que os passos e as piruetas mais ageis e obedientes aos preceitos dos *destaques* e dos *batimentos*.

Em meio do relativo silencio que reina na sala silva um assobio estridente, um desses assobios que enregela o mais aconchegado e quente coração de artista. Solta-o Lord Ranelagh. A seguir esse Petronio de Londres, o árbitro das elegancias do Reino Unido, exclama :

— Olha, é Betty James !

Sibila outro assobio. As assuadas, como os aplausos, são contagiosas. Num ápice todo o elegante ambito resôa num côro de assobíos a causar inveja aos mais perítos nessa especialidade das praças de touros, portuguesas e espanholas. Lola não desaníma nem se perturba. Continúa dançando. Lumbey, o empresario, mais experiente, adivinha o desastre. Manda descer o pano.

O espectaculo concluira. Os amigos de Lord Ranelagh cercam-no e ilaqueiam-no de perguntas. O marquez de Niza faz parte do grupo, e aplica o ouvido.

— Quem é, porfim esta tal Betty James, como lhe chamaste ? — inquire um íntimo.

— Vocês teem ouvido dizer que esta dançarína nasceu na India, em Espanha, na Turquia, em Genebra, na Havana, em Montrose, não é verdade ? Que provém de linhagem ilustre ; que um bando de boémios a roubara em creança ; que se gerara no ventre de uma lavadeira de Lord Byron ; que, como ela propria inculca, descendendo de um parentesco aristocratico, pertence a uma nacionalidade historica ? — esboça Lord Ranelagh.

— Temos ouvido tudo isso, temos — confirma um dos do grupo.

— A verdade é que seus paes, por qualquer razão, conservam-se silenciosos acêrca da sua nobre extirpe, receando talvez que lançassem á sua responsabilidade a má conduta da filha. A sua verdadeira origem filia-se em raiz muito menos fantasiosa — continua o narrador.

— Mas, porfim, quem são os paes ? — inquire um mais impaciente.

— Seu pae, capitão do exercito inglês, de boa familia, era filho de *Sir* Edvward Gilbert de Lemirick. A' mulher deste, uma tal Oliver, com um pouco de sangue espanhol nas veias, admiravam-na no seu donaire.

— E Lola ?

— Dizem uns que nasceu em 1818 ou 1824. Não se tem podido verificar, ao certo, este ponto. Batizaram-na com o nome de Maria Dolores Elisa Rosana Gilbert. Daqui provém a lenda da sua origem espanhola. Gilbert, pouco depois da filha vir a este mundo, reune-se ao seu regimento na India levando consigo sua mulher e a pequena Lola. Sete anos mais tarde o pae morre de cólera em Dinapore.

— Lá ficou a pequena orfan...

— Ficou, mas a mãe tornou a casar com o capitão Craigie. Não gostava da filha que lhe herdou a natureza violenta. Abandonou-a aos cuidados dos serviçaes indios que a amimaram em demasia. Resolve desembaraçar-se dela sem detença, mandando-a para a Escocia, para casa dos paes do marido.

— Pobre pequena! — lamenta uma alma condoída.

— Os Craigie — prosegue Lord Ranelagh — possuiam todas as virtudes e todos os vicios dos calvinistas escoceses : eram pessoas respeitaveis, mas de inteligencia curta. Eram tão incapazes de compreender a neta apaixonada que se lhes confiava, como ela de os estimar. A sua severidade faz de Lola uma rebelde...

— Pudera !

— Levam-na então para casa da familia de *Sir* Jasper Nichols, comandante em chefe das tropas de Bengala, intimamente ligado com Mrs. Craigie ! Lady Nichols delibera enviar as filhas para um colegio de Paris. Lola acompanha-as.

— Aposto que são dos anos mais felizes da sua vida ! — observa o marquez de Niza.

— Assim o afirma Lola. Aos quatorze anos vae com os pequenos Nichols terminar a sua educação em Bath, afim de preparar a sua entrada no mundo e na sociedade da India. Mrs. Craigie vem então a Inglaterra...

— O que ela queria era desembaraçar-se da filha...

— Promete a um dos seus amigos, ao juiz *Sir* Abraham Lumbey levar-lhe uma esposa. Achando que Lola se desenvolvera e que se transformara numa linda rapariga, pensa que pode

muito bem uní-la ao magistrado, velho, mas rico. Receando a oposição da filha desenvolve o seu projecto com o maior sigilo. As roupas que manda fazer a Lola, mais de senhora que de menina, despertam as suspeitas desta. Interroga-a. A mãe vê-se obrigada a confessar-lhe os seus intentos. Lola recusa categoricamente sacrificar-se ao egoismo materno...

— No que fez muito bem. Não era tão supersticiosa como os índios que a tinham educado. Dois Lumbeys na mesma existencia são muitos Lumbeys, o empresario que a apresentou tão infelizmente esta noite ao publico e o decrépito juiz com quem a mãe a quiz casar, e naturalmente origem de todos os seus infortunios — acentua um janota dado a filosofias.

— Caluda! Deixem ouvir o resto.

— A resistencia de Lola exaspera Mrs. Craigíe, que jura a si mesmo vencer a teimosía da filha, embora tenha de recorrer á violencia. A mocita apela então para o capitão James, oficial novo, que regressara da India no mesmo barco que a mãe, e suplica-lhe que a salve...

— É claro que o capitão James a salva...

— ...Acede ao pedido e rapta-a no dia seguinte. O par dirige-se á Irlanda, onde nenhum pastor consente em os casar sem o consentimento dos paes, dada a pouca idade de Lola. James envia sua irman a Bath, afim de obter o consentimento de Mrs. Craigie. Após iradas hesitações cede. Como os seus proprios paes fizeram outrora, não quer tornar a vêr a filha. Passava-se isto em 1837. Decorridos oito meses na Irlanda, durante os quaes o casal teve tempo de se arrepender da imprudencia, James recebe ordem de voltar para o regimento na India. Leva para ali sua mulher.

— Ora como na sociedade da India se multiplicam as tentações em volta de uma rapariga nova e bonita!

—.. A bordo não escasseiam passageiros atrahentes. Cultiva-se sem rebuço o *flirt*. O capitão do navio distingue-se pela sua assiduidade. Dado a pensamentos profundos, compara "o amor a um cachimbo, que se enche aos dezoito anos e que se fuma até os quarenta„.

— Fogo ao pé da estôpa!

—...Desembarca, proseguem os *flirts*, os passeios a cavalo. O marido de Lola não se rala muito. Continua "a beber e a dormir como uma boa-constrictor„. Mas não bebe nem dorme tanto que, quando se lhe depara a fascinadora Mrs. Lomer, não

acorde do seu prolongado torpôr, e tão bem, que esse novo *flirt*, iniciado num exercicio de equitação recreativa, a passo, não conclua por um galope desenfreado dos dois pombinhos em direcção de Neilgherry Hills, donde nunca mais voltaram...

— Pobre Lola a quem o marido abandona!

... — Achava-se numa crítica situação. Só a mãe a podia auxiliar. Vivia esta em Calcuttá, onde Craigie desempenhava o importante cargo de chefe de estado maior das tropas da India. O seu primeiro pensamento ao vêr a filha é expulsá-la. Acaba por lhe facultar hospitalidade com receio de qualquer escândalo. Uma recepção oferecida em semelhantes condições nunca pode ser agradavel. O padastro de Lola, bom homem, conciliador, propõe enviá-la para a Escocia para junto da familia...

— Aceitou?

—.. Aceitou. No momento de partir Craigie mete-lhe na mão um cheque de mil libras. Lola amadurece o seu plano. Dispõe-se tanto a ir para casa dos Craigie, de Montrose, como de se aproximar do marido È então que procura o teatro como recurso...

— Recurso que Lord Ranelagh acaba de aniquilar...

* * *

Estas ultimas palavras foram proferidas pelo marquês de Niza num tom de crítica, polida sim, mas bem acentuada. O árbitro das elegancias não estava habituado a que lhe censurassem fôsse o que fôsse, mediu o seu interlocutor dos pés á cabeça e respondeu com desdem:

— Uma mulher que foge ao marido, á familia, para se acolher ao teatro merece que todos os verdadeiros *gentlemen* a inhibam de se atolar numa existencia de devassidão.

— Uma mulher que sofreu o que tem sofrido Lola Montes, engeitada pela mãe, desprezada pelo marido, que encontra em si a energia suficiente para brigar com a adversidade e a vence ganhando a sua vida pela arte tem jus ao respeito e á protecção de quantos se presam de verdadeiros *gentlemen* — redargue inalteravel D. Domingos.

— Os *gentlemen* em Inglaterra não respeitam nem protegem as mulheres levianas, mesmo quando são formosas; reservam as

suas homenagens para as que sabem defender a sua virtude — replíca Lord Ranelagh.

— No meu país não se bate numa mulher nem com uma flor e nunca se perde de memoria o rifão de Le Sage: "A mulher encontra sempre desculpa para as más acções que a sua beleza faz praticar„ — cita c marquês de Niza.

— Moral do seu país — observa com negligencia Lord Ranelagh.

— Mais cavalheiresca e menos hipocrita que a do seu — retruca D. Domingos olhando bem nos olhos o fidalgo britanico.

— Vamos continuar a conversa para o club — propõe um espirito conciliador percebendo que a discussão se azedaria ainda mais e degeneraria em pendencia.

Condescenderam os dois disputadores. O marquês de Niza logo que chegou ao club propôs que, para se acalmarem os nervos dos mais exaltados, se realizasse na sala de armas um assalto ao florete.

O Club em questão, mais tarde o celebre centro politico *Devonshire Club*, vale duas palavras de historia. Fundara-o William Crokford. Nasceu este em 1775, por trás do mercado do peixe do Strand, em Saint-Clement Lane. Esta celebridade londrina, porque o foi, adquiriu tal fama, que todos falavam dele. Não se lhe pode chamar uma reputação invejavel, mas assentava em bases solidas. Tavolageiro emérito, soube elevar-se á categoria dos mais ilustres donos dos salões de jogo, onde se somem riquezas enormes. [1] Na sua mocidade frequentou as *batotas* populares dos arrabaldes de Fleet Street, tanto por paixão pessoal como por interesse de estudo. Não se sabe o que fez até 1823, época em que aparece associado a Jesiah Taylor, administrador do Club de Watier, em Bolton Street. Ao cabo de um ano abandona o socio e estabelece-se por sua conta em Saint-James Street.

Os seus projectos são grandiosos. Planeia edificar um club que eclipse todos os locaes onde os *gentlemen* de Inglaterra possam ser tentados a arriscar o seu dinheiro. Dispostos os salões provisorios no rez-do-chão, vigia os trabalhos de edificação do seu palacio no alto da rua. Nunca, afirmam os contemporaneos, se viu uma tal balburdia em Saint-James-Street. De Bennett Street

(1) *Devonshire Club*, por H T. Waddy.

a Piccadilly é uma imensa e profunda cova, tão profunda, que uma parte do Guard's Club, edificio pegado, desaba.

O palacio Crokford termina e inaugura-se em 1828. Impressiona logo á entrada a magnificencia do *hall* e a escada apoiada em colunas doricas. O grande salão de cerimonias era em estílo Luiz XIV, ornado de pinturas á moda de Wateau, alternando com espelhos. Coloriam as mesas sumptuosos veludos azul e vermelho. Igualavam o luxo deste grande salão o de jantar e das outras divisões do palacio. A sala de jogo era de proporções restrictas, mas suficiente para um numero importante de jogadores. Na extremidade da grande mesa, dividida em compartimentos por linhas amarelas, desenhadas no pano, uma escrevaninha, numa das esquinas da mesa, servia do posto de comando ao mordomo, sempre prestes a negociar os *vales* ou cheques redigidos á pressa pelos seus clientes infelizes.

Crokford conhecia o pariato melhor que Dod, o rei de armas. Era um dicionario vivo de todas as heranças em perspectiva. Com uma discreção muito habil renunciara a qualquer honra aparente na direcção do estabelecimento. Queria ser apenas um humilde gerente — embora tivesse dispendido doze mil e quinhentas libras só na ornamentação interior deixando a uma comissão de titulares, alguns com *sociedade* na casa, o cuidado de imprimir ao club a mais aristocratica aparencia.

Era consideravel o capital em giro. A frasqueira continha, sempre, tresentas mil garrafas de um valor global de sessenta mil libras. A cota custava vinte e um guinéos por ano. Houve logo de entrada mil socios, engodados tanto pelo atractivo do jogo, como pelo cosinheiro Ude, a quem Crockford pagava mil e quinhentas libras por ano. Os lucros liquidos davam á farta para todas estas prodigalidades. Lord River, o mais audaz dos jogadores, perdeu uma noite tres mil e quinhentas libras ao whist, por se ter esquecido que o sete de copas ainda não saíra, e deixou outra noite vinte e mil tantas libras em cima da mesa. Crockford era obrigado a fazer uma *banca* todas as noites de quarenta mil libras durante a sessão parlamentar.

Um pormenor mostrará em que turbilhão vivia esta sociedade. O proprietario fornecia, por ano, dados, novos, no valor de duas mil libras. Esta febre do jogo originara numerosas anedotas. O setimo Lord Montagu, conde de Sandwich, marido da filha do primeiro marquez de Anglesey, não via outra coisa senão o jogo.

Uma noite, como se esquecera da hora de jantar no entusiasmo dos lances, chama um dos creados, e ordena-lhe :

— Dize ao cosinheiro que ponha uma tira de carne fria entre duas fatias de pão e traze-ma.

E comeu esta primeira *sandwich*, sem se levantar da mesa do jogo. A denominação perpetuou-se na culinaria coeva.

Viu-se nos salões de Crockford o conde de Orsay *pescar* um punhado de libras na *massa* de Lord Granville ; viu-se o principe Luiz Napoleão, então no exilio e mais tarde Napoleão III, perder de muito mau humor duas mil libras; viu-se o duque de Wellington gosar das comodidades do club sem nunca arriscar um shelling.

José da Silva Passos

Crockford retirou-se dos negocios em 1840. Acumulara uma imensa riqueza. Residia numa vivenda principesca em Carlton House Terrace. Conseguira ser admitido no Tattersall e possuia cavalos de corrida. Morreu em 25 de maio de 1844, no proprio dia dos *oats*, em que corria uma das suas eguas. Conta-se mesmo que o transportaram, numa cadeira, e já morto, até a janela para fazer acreditar ao publico, estacionado diante da moradia, que o dono da favorita ainda pertencia a este mundo.

Por aqui finda a historia da primeira época do *Devonshire Club*.

Lord Ranelagh, que recebera lições dos primeiros mestres de armas de Paris e Londres, aceitou pressuroso o convite de D. Domingos. Quando o fidalgo inglês se dispunha a pôr o plastron e a caraça o marquês de Niza observou :

— Talvez fosse melhor esgrimirmos com a cabeça e o peito livres.

Lord Ranelagh olhou com surpresa para D. Domingos. Não querendo, porém, mostrar-se menos audacioso, e confiando principalmente na sua destresa acquiesceu, com secura:

— Como queira.

Os dois empunharam os floretes e caíram em guarda. D. Domingos manteve-se em parada de quarta. Rapido, fulminante, com a sciencia especial que adquirira no manejo de todas as armas, bateu uma pancada sêca até a empunhadura no ferro do adversario. Este sentiu os dedos abrirem-se-lhe e o florete saltar-lhe da mão. O marquês de Niza recuou e esperou que o contendor apanhasse a arma e retomasse a guarda. Três vezes o desarmou. Lord Ranelagh, apesar de toda a impassibilidade britanica, transpirava por quantos poros tinha. Perdeu a serenidade. Desde então o titular português provou-lhe por todos os meios posiveis que num duelo a serio êle o teria ferido ou morto a seu capricho. Terminada a lição de esgrima, porque o foi, D. Domingos com um sorriso ironico, disse:

— Deus protege sempre quem defende as mulheres.

— Ou o diabo, porque a maioria delas fizeram pacto com Satanaz!

— São mulheres, pertencem ao sexo das nossas mães, das nossas irmans, das nossas esposas, é nosso dever defendermo las em vez de as atacarmos.

— Seja — condescendeu o vencido apertando um pouco contrariado a mão que o marquês de Niza lhe estendia.

* * *

O marquês de Niza não se preocupara mais com o incidente, entretido como estava em amar a sua raptada Helena, quando, no dia imediato á ocorrencia, e estando a ler o *Illustrated London News*, que lamentava o percalço sofrido pela formosa estreante, sentia o seu desaparecimento da scena e noticiava o termo da sua carreira em Londres, um creado lhe entregava uma carta. Rezava o seguinte:

Meu caro senhor

Sei que tomou a minha defesa no desgraçado incidente do His Magesty Theatre. E' tanto mais para agradecer quanto é estrangeiro e reside eventualmente em Londres. Desejava conhecê-lo. Quer darme esse prazer?

24, Stuart Street.

Sua muito agradecida

Lola Montes

D. Domingos hesitou um instante, Mas foi um instante. Depois do *lunch* procurou a assobiada dançarina no seu domicilio. A entrevista revestiu-se de um caracter cordealissimo, mas tendia a não passar de ahi. Os sentidos do fidalgo português estavam ainda muito dominados pela posse de Helena para que os perigosos e fascinadores atractivos da bailarina inglesa o impressionassem demasiado.

— Contaram-me que um fidalgo, seu patricio, veio a Inglaterra para defender a honra de uma dama inglesa, é verdade?

— E' sim, minha senhora. Por despeito, por maledicencia, por qualquer outro motivo alguns cavaleiros inglesês apodaram de feias umas senhoras deste pais e afirmaram, aos quatro ventos, que não se reuniam nelas a virtude e reputação necessarias a donas da sua categoria e que estavam prontos a sustentar, de armas na mão e em campo aberto, essa afirmativa.

— Uma especie de Lord Ranelagh — acentúa Lola Montes sorrindo.

— As pobres senhoras ofendidas nos seus justos melindres convidaram varios nobres de renome para as defender. Ninguem na aristocracia britanica quiz tomar esse encargo.

— Infelizes!

— Sucedia isto em 1390. O duque de Lencastre, pae da rainha D. Filipa, mulher do nosso rei D. João I, e que bem conhecia Portugal e os portugueses, alentou-as dizendo que recorressem á nobreza da patria adoptiva da sua filha e lá achariam quem, com muito brio e intrepidez, se sentisse extremamente honrado com tal encargo.

— Não se enganou?. .

— Não, minha senhora. As damas enviaram cada uma a sua mensagem a um dos meus compatriotas. Doze eram as ofendidas, doze os ofensores, doze deveriam ser os defensores. O duque

de Lencastre escreveu ao genro e em particular a cada um dos paladinos.

— Aceitaram ?...

— Apenas o embaixador chegou a Portugal e foram lidas as epístolas. Prometeram todos comparecer no local e hora aprasada. Acaudilhou a pequena hoste Alvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço*. Embarcaram todos no Porto, após a indispensavel licença do soberano, excepto o chefe, que preferiu jornadear por terra para correr mundo.

— Como as pobres damas não esperariam impacientes os seus patronos.

— O monarca de Inglaterra mandou armar a liça, toda a população de Londres e ainda dos condados proximos afluiu ao local do prélio. Não será preciso dizer que se a arraia-miuda ali se aglomerava, não havia um unico nome ilustre na heraldica da Gran-Bretanha e Irlanda que não tivesse ahi o seu representante. Ali se encontravam enfileirados os doze ingleses auctores do agravo, os juizes do campo, mas só onze dos portugueses.

— O quê, Magriço faltou ?

— E' o que todos perguntavam, quando salta por cima das barreiras um guerreiro vestido de ponto em branco. O seu cavalo caracoleia, nitre e resfolga pela estacada adiante. Ergue a viseira, saúda o rei, cumprimenta as damas, estreita de encontro ao peito os amigos e posta-se no sitio que lhe compete.

— Bravo ! E' uma scena de romance, de Walter Scott !

— As caramelas soltam os seus acentos vibrantes e marciaes, os contendores metem as lanças no riste e precipitam-se uns sobre os outros. Trava-se renhida e fera a peleja. O furor e o denodo são inexcediveis de parte a parte.

— Venceram os portugueses ..

— Em toda a linha. A primeira victoria pertenceu a Magriço; o seu adversario, derrubado, confessou-se vencido. Não tardou que acontecesse o mesmo aos demais combatentes. O triunfo retumbante dos meus patricios provou, segundo o juizo de Deus, que os seus contrarios tinham caluniado e conspurcado o conceito devido ás damas inglesas. Os arautos declararam a sua honra ilibada e isenta de qualquer mancha.

Lola Montes mergulhou durante alguns instantes em profunda reflexão e, após um instante de silencio, disse :

— Foi então o senhor o meu Magriço ?

— Que idéa?! Entre o acto praticado por Alvaro Coutinho e as palavras banaes que proferi cava-se um abísmo. Não me chame o que eu não sou, nem posso ser — contrariou, rindo D. Domingos.

— Meu caro marquês, sou supersticiosa e arreigou-se em mim a convicção, desde que me relataram o seu acto, que o senhor exercerá sobre a minha sorte uma influencia benéfica. Peço-lhe. Seja o meu Magriço!

— De que forma?

— Vindo em meu auxilio sempre que eu apele para o seu cavalheirismo.

— E quando eu estiver longe?

— Enviar-lhe-ei um mensageiro especial.

— E se não chegar a tempo?

— Ha de chegar; assegura-me o coração, e ele nunca me engana, que será a minha égide nas situações angustiosas da minha vida.

— Quer então arvorar-me em seu cavaleiro andante quando tem tantos *gentlemen* que a admiram e requestam...

— Não viu a outra noite que uma sala em pêso, ou quasi em pêso, arremeteu contra mim como se eu fôra a Besta Fera da Apocalipse. Havia de ser no âmago destes energúmenos que eu escolheria o meu Magriço?

— Eu tambem lá estava...

— Para se diferençar deles, para me proporcionar o maior consôlo espiritual que tenho experimentado em toda a minha existencia.

— Não consente então que me exima á dificil missão com que me distingue?

— Não consinto. O nosso pacto está lavrado e para toda a nossa vida.

— Qualquer pacto para ser legal tem de ser autenticado com um sêlo.

— Aqui tem o que eu lhe posso fornecer.

Um demorado beijo selou o convenio escripto na memoria de D. Domingos e de Lola Montes.

IV

Bofetada lirica

Agradou a aventura ao marquês de Niza. Achou, porém, prudente e generoso não a prolongar. Devia essa contemplação a Helena que tudo sacrificara. Resolve ir para Paris e ali demorar-se alguns mezes até que o tempo fizesse morrer de cansaço e de aborrecimento todos os enredos e coscuvilhices suscitadas pelo escândaloso rapto.

Hospeda-se num dos mais luxuosos hoteis da enxameante e viciosa Babilonia moderna. Apenas no respectivo registo assinala a sua qualidade de português certifica-se que os hóspedes, o proprietario, o mordomo, a criadagem o olham com uma curiosidade acentuada, misturada de admiração papalva. Farto de ser tão mirado e remirado, um tanto irritado, pergunta a um dos criados que exagerava essa irreverencia:

— Que apresento eu de extraordinario para que todos olhem para mim como se eu fôra qualquer animal raro?

— V. Ex.ª é português?

— Que tem isso de extraordinario?

— E' que ainda ninguem fez em Paris o que fez um português?

— Que português?!

— O conde de Farrobo.

— Que fez o conde de Farrobo?

— Esse senhor foi ha poucas noites assistir a um espectaculo na Opera Comica. Representava-se ali uma peça em que se falava em todas as nações da Europa, excepto em Portugal. Maguou-se com esse esquecimento e no dia seguinte alugou o teatro todo. Nessa noite entraram ali, de graça, quantos parisienses

couberam lá dentro. Imagine-se. Não se fala noutra coisa em Paris senão no conde de Farrobo e em Portugal. ([1])

— E' capaz disso e de muito mais — corroborou D. Domingos satisfeito no seu orgulho patriotico.

Nessa mesma tarde o marquês de Niza dirigiu-se á legação de Portugal em Paris, de que fazia parte como addido, para saber onde se alojava Joaquim Pedro.

O primeiro secretario franziu os labios num sorriso enigmatico e respondeu em tom misterioso:

— E' segredo.

— Segredo que eu não posso saber? — inquire D. Domingos.

— Pode — e o diplomata falou baixinho ao ouvido do seu interlocutor.

— São mesmo coisas do Joaquim Pedro! — conceituou o marquês de Niza.

Despede-se, mete-se na carruagem e dá ordem ao cocheiro para se fazer conduzir a um dos primeiros estabelecimentos existentes em Paris de *daguerreotipia*, como então se denominavam as fotografias, arte que ainda esboçava passadas hesitantes ao transpôr o limiar da infancia. ([2])

Nessa época, tirar o retrato de todos os modos, constituia a preocupação obsecante de todas as classes, das mais abastadas ás menos remediadas.

O dono da daguerreotipia recebeu o ilustre cliente com todas as demonstrações de cortezia e amabilidade e preparou logo aparelhos afim de proceder á operação. O marquês de Niza retratou-se em varias posições. Terminado o acto perguntou ao dono:

— Não está aqui em sua casa um empregado com estes sinaes?

E D. Domingos fez a descrição minuciosa de um sugeito.

— Deve ser M. Forbeaux, que vive fora de França em qualquer terra de Espanha e que veio aqui para esta casa para se aperfeiçoar na minha arte. Vou mandá-lo chamar.

Dali a minutos entrava o sugeito em questão, com uma blusa

([1]) Não pude obter a confirmação deste facto, mas encontrei-o na tradição

([2]) Niepce e Daguerre tinham descoberto a fotografia em 1829: só anos depois passou a ser designada por esse nome.

enfiada. O marquês de Niza não pode conter uma gargalhada, e exclama:

— Quem descobriria o conde de Farrobo assim disfarçado em praticante de daguerreotipia?

— Oh, com a fortuna, respeita o meu incognito! — redargue Joaquim Pedro fingindo-se comprometido.

— Que mania é esta?

— Quero conhecer todos os processos e segredos desta arte para a desenvolver no nosso país.

O dono da daguerreotipia passeava o olhar de um para outro dos dois amigos, muito intrigado, não percebendo uma palavra do que diziam. Por fim, dirigindo-se ao que tinha na conta de seu praticante, inquire:

— Mas quem é o senhor?

Não obstante a mimica dactilográfica de Joaquim Pedro, o marquês de Niza, a quem a scena divertia imensamente e que gosava com o pasmo do daguerreotipista francez, disse:

— Este senhor é português, usa o titulo de conde de Farrobo e, para provar que é mais patriota que Bayard, o cavaleiro *sans peur et sans reproche*, e mais rico que o banqueiro Laffitte, que fez a revolução de 1830 á sua custa, alugou toda a Opera Comica para ensinar geografia aos parisienses ignorantes.

— Este é que é o senhor conde de Farrobo, o grande homem das letras, das artes, das industrias?! ..

— Pode acrescentar das mulheres bonitas e dos pés pequenos — aduziu D. Domingos rindo estrepitosamente.

— E eu, estupido, que não adivinhei! Eu, cego, que não divisei logo que era um homem de alta distincção! Eu, nescio, que o tratei como aos outros empregados!

O pobre industrial francês arrepelava-se, arrancava os cabelos e queria lançar-se aos pés de Joaquim Pedro, que não consentiu em tal e que estendendo-lhe a mão propôs:

— Quer continuar a dar-me algumas lições mais?

— Todo o estabelecimento e todo o pessoal está ás ordens do senhor conde.

O incidente terminara e o aristocratico praticante da daguerreotipia saiu com o seu amigo para irem almoçar ao Hardy.

O marquês de Niza demorou-se alguns mêses em Paris. Helena e êle começavam a sentir a nostalgia de Portugal. Combinaram regressar, mas não juntos. Ela iria primeiro afim de que

as linguas bifarpadas da maledicencia se cevassem sobre a demolida reputação menos inexoravelmente. Depois da partida de Helena, D. Domingos passou um dia pela legação de Portugal para se despedir.

— Acaba agora mesmo de ser entregue aqui, para si, um telegrama de Varsovia — participa-lhe o primeiro secretario.

— De Varsovia ? ! — repetiu aprehensivo D. Domingos.

— De Varsovia, sim, a proveniencia está aí bem explícita — insiste o diplomata.

O marquês de Niza abre o telegrama e lê :

«Preciso de si. Lembro-lhe o nosso pacto. Venha sem demora

Lola Montes».

— Parabens ! Nem D. João Tenorio se pode gabar de tão boas fortunas ! — graceja o secretario.

D. Domingos quasi não lhe respondeu. Pediu que lhe visasse o seu passaporte, agradeceu, estendeu a mão e despediu-se. Escreveu a Helena explicando de qualquer forma a sua demora e partiu com tenção de não se demorar. Meridional, de imaginação vivissima e sempre em actividade, conjecturava as coisas mais estupendas ácêrca desta intimação tão inesperada e misteriosa.

Chegou a Varsovia com a rapidez consentânea com os meios de transporte da quadra. Tomou uma carruagem e mandou rodar para a residencia de Lola Montes, que ela prevenidamente lhe indicara para Paris.

O cocheiro condú-lo através da cidade. Era cedo de mais para bater á porta de quem apelara para o seu socorro. Leva-o pela rua dos Eleitores, a oeste da rua dos Senadores. Admira ali a construcção elegante da egreja de S. Carlos Borromeu. Passa mais além pela rua Choldna, via que dá acesso ao arrabalde de Vola, no tôpo do qual se prolonga um vasto campo onde se celebrava a eleição dos reis. Relanceia a rua Leshno, com travessas para a rua dos Senadores. Pelo seu enfiamento divisa a Zelarna Brama ou Porta de Ferro. Na praça do mercado lobriga o bazar, o arsenal e os quarteis Vielopolski.

Visita a praça de Sigismundo. Ao norte desdobra-se a cidade velha — Stare Miasto —, o bairro judeu e mais além a cidadela Alexandre. Essa parte de Varsovia assemelha-se aos povoados

alemães pelas suas vielas estreitissimas e antigas construcções, Ergue-se ahi o mais antigo templo de Varsovia, pois data do seculo XIII. A cidadela, construida de 1832 a 1835, como punição da revolta de 1831, apresentava um tipo desusado com seis fortes muito perto da fortaleza o que lhe tirava, segundo as regras da moderna sciencia militar, uma boa parte do valor.

Ainda para engodar a sua impaciencia visita o suburbio de Praga, na margem direita do Vístula. Pobre, por condição, ainda por cima as aguas o inundam de ora em quando. Deve a sua notoriedade aos sangrentos combates que determinaram a sua tomada em 1794 pelos russos ás ordens de Suvarof, e em 1831 por Paskevitch.

Nos arrabaldes sucedem-se os campos de batalha, as *villas* e os palacios. Vilanov, palacio de João Sobieski, depois de pertencer ao conde X. Branicki, foi parcialmente reconstruido, de 1678 a 1694, pelos prisioneiros turcos em belo estilo italiano e era já afamado pelas suas reliquias historicas, retratos e quadros. Era ahi, no quadrante sul, perto da linda igreja de Czerniakov, objectivo de piedosas romagens, construida pelo principe Estanislau Lubomirski em 1691 e de magnificas residencias de campo, que sobresaía, pela sua modestia garrida, a moradía de Lola Montes.

* * *

Cêrca do meio dia o marquês de Niza faz-se anunciar. Não esperou muito. Lola Montes envolveu-lhe o pescoço no colar dos seus braços esculpturaes e beijando-o com ternura diz-lhe:

— Prometia-me o coração que viria ; não me enganou. Muito obrigado.

— Que fez ? As suas cartas, raras, podiam servir de exemplo de concisão aos lacedemonios menos expansivos — observou D. Domingos.

— Sofri tanto nestes ultimos tempos que até me envergonhava de expôr aos meus amigos estes sofrimentos.

— É então a primeira a quebrar o pacto estipulado . . .

— Ah ! isso não ! Olhe, logo que se espalhou na India o boato de que eu me apresentei no tablado, minha mãe vestiu-se de luto, como se eu tivesse morrido, e expediu ás pessoas suas conhecidas participações de obito. Meu marido não procedeu com mais generosidade. Ao ser informado da minha resolução, reque-

reu divorcio contra mim. Não me defendi. Nestas circumstancias, a sentença foi-lhe favoravel não obstante ser um marido infiel.

— Justiça dos homens.

— Que só a eles beneficía. A assuada que Lord Ranelagh e os seus amigos me fizeram no His Majestic Theatre colocaram-me numa situação extremamente crítica. O meu pequeno capital exgotou-se. O divorcio, os meus inicios no palco alienam-me todas as minhas antigas relações. Em consequencia do cheque sofrido. nem podia pensar no proprio teatro,

— Pobre Lola Montes, todo o mundo a perseguí-la !...

— Não desesperei. Renuncío a Londres e arranjo uma escritura no corpo de baile de Dresde.

— E que tal ?

— O publico fez-me ali um acolhimento hospitaleiro e o mesmo aconteceu em Berlim onde dancei numa festa dada pelo rei da Prussia.

— Uma lufada de sorte afugentou as contrariedades...

— Isso sim ! Tive de cantar nas ruas de Bruxelas para não morrer de fome ; arrostei com o frio da Russia, mas ahi aguardava-me uma recepção agradavel. O tsar Nicolau I, dizem que impressionado com a minha beleza, quiz aproveitar-me para a sua policia internacional. Subi a culminancias que me lisongeavam a vaidade e desci à montureiras donde pensei não poder saír. [1]

— Afirma um proverbio da minha terra que : "Não ha mal que sempre dure, nem bem que não se acabe..."

— Oxalá que seja tão verdadeiro para mim como a protecção que espero obter de si, meu caro marquês.

— Não lhe faltará, creia.

— Vou expôr-lhe o grave motivo que me impeliu a chamá-lo a Varsovia.

— Ouvi-la-ei com toda a atenção.

— O vice rei da Polonia e general Paskewitch mostra-se lou-

[1] É natural que Lola Montes exagerasse. mas corriam a seu respeito boatos extraordinarios. Mentia sem rebuço e robustecia a lenda. Encontra-se com frequencia sem escritura e luta amiude com falta de recursos. Os seus encantos, todavia, asseguravam-lhe outros meios de subsistencia. Durante este período de aprendizagem não perde de vista o seu objectivo — seduzir um principe. Para este efeito sabe de cór o almanach de Gotha.

camente apaixonado por mim. O director do teatro onde estou escriturada ocupa no exercito o posto de coronel de gendarmeria. Segundo os rumores que correm, repartira em tempo esse cargo com o de espião a soldo do seu governo. Os polacos detestam-no...

— E' natural.

— O general Paskewitch chamou-me ha dias ao seu palacio. A conselho de varios amigos, a quem consultei, fui.

— Declarou-lhe o seu amor.

— Ali, após, alguns preambulos, mas sem muitos rodeios, propôs dar-me um magnifico palacio e boa quantidade de brilhantes se eu aceitasse ser sua amante...

— É já velho?...

— O delegado do tsar apresentava o tipo mais burleseo possivel, com a sua estatura baixa e a sua enorme bôca, na qual se descortinavam mais chapas de oiro que dentes.

— Recusou?

— Recusei com respeito, mas com firmesa. No dia seguinte o coronel director do teatro vem aqui a minha casa para me convencer a que eu cedesse aos caprichos do general Paskewitch. Mostrei-me inflexivel.

— A' declaração de amor sucede uma declaração de guerra, estou a vêr...

— E vê bem. Quando nessa noite apareço em scena os assobios, evidentemente encomendados, recebem-me num côro infernal. Acontece o mesmo no dia seguinte. A assuada ameaça eternizar-se. Quiz ouvir a sua opinião. Que me aconselha?

O coloquio entre Lola Montes e o marquês de Niza prolongou-se por largo tempo.

Nessa noite, mercê de boatos adrede espalhados, não havia um unico logar vago no teatro. A casa de espectaculos de declamação e baile polacos é um soberbo edificio que inclue duas salas na mesma construcção. No entanto, o orgulho de Varsovia é o teatro nos jardins Lazienski, plantados em 1767 num antigo leito do Vístula pelo rei Estanislau Poniatowski, com largas e umbrosas ruas lagos artificiaes, um elegantissimo palacete com tetos pintados por Bacciarelli, algumas casas de campo imperiaes e um monumento a João Sobieski. Ha ali tambem ruinas artificiaes, numa ilha que constituem um teatro ao ar livre. Era no teatro dos jardins Lazienski que dançava Lola Montes e que den-

tro das suas paredes se aglomerou uma enchente caudalosa e barulhenta.

Falava-se num esperado escândalo na praça de Sigismundo, ponto central da vida de Varsovia, onde se ergue o antigo palacio real — Zamek Krolewski —, construido pelos duques de Mazovia, ampliado por Sigismundo III e aformoseado por João Sobieski e Estanislau Poniotowski. Ali residia o general Paskewitch, governador geral das provincias do Vístula e as auctoridades militares. As quatro arterias que irradiam dali, em especial a Krakowskie Przedmiescie, a melhor rua da cidade, enchiam-se de uma multidão animada e gesticuladora, que parava um instante ante o monumento erguido a Sigismundo III e que depois se espraiava pela rua Novy Sviat e avenida Uyazdowska Aleja, que conduz aos jardins Lazienski.

Nos outros dois jardins publicos, ambos no centro da cidade, no Sarki Ogrod, ou jardim saxonio, considerado um dos melhores da Europa, o escol da aristocracia de Varsovia passeava nas ruas orladas de velhos carvalhos, formosas e seculares arvores, ou descançava á sombra do elegante teatro de verão ali existente e alargava-se em falatorios. O mesmo ocorria no jardim Krasinsk, ponto favorito de reunião dos judeus.

O auditorio ouviu com indiferença a primeira parte do espectaculo. Apenas Lola Montes surgiu no proscenio a sua atitude modificou-se completamente. Distribuidos por varios pontos da sala, sugeitos vestidos conforme os logares que ocupavam, assobiam furiosamente. Nunca em nenhuma das nossas arruaças populares estrugiu alarido semelhante. Durante dez minutos nada mais se pôde ouvir. O objectivo de tão ruidosa manifestação cessou de bailar, cruzou os braços e aguardou imperturbavelmente a acalmação do temporal. Depois fez signal que desejava falar. Os dos assobics não queriam, mas a maioria, uma esmagadora maioria, obrigou-os a calarem-se e a socegarem. A dançarina furiosa, mas serena na sua furia, com voz forte e bem timbrada, declara:

— Os assobios com que tão injusta e ultrajantemente me acolheram alguns individuos não são espontaneos, nem representam uma opinião sincera, nem sequer uma crítica rigorosa; proveem de creaturas inclassificaveis, assoldadas pelo vice-rei, a quem eu recusei categoricamente as suas homenagens.

Estas palavras são pronunciadas em polaco audivel e correcto.

A quasi totalidade do auditorio, constituida por nacionaes da Polonia, por consequencia inimigos natos dos russos e muito em especial do general Paskewitch, ouvem esta declaração e rompem em clamorosos aplausos. A esposa do vice-rei, a velha princeza Paskewitch, que muito contra vontade do marido assiste ao espectaculo, é a primeira a dar palmas em sinal de aprovação. O alvoroço assume proporções gigantescas. Avultada quantidade de polacos, que detestam o general e o director do teatro acompanham-a dançarina fazendo-lhe uma ovação retumbante. O plano do marquês de Niza, tramado com prudencia e habilidade, guinda-a a heroína.

Aos polacos depara-se-lhes um optimo ensejo de manifestar o seu odio ao governo moscovita e seus agentes. Em menos de vinte e quatro horas está prestes a rebentar uma revolução. O vice-rei e o director do teatro passam um mandado de captura. Previnem Lola. Barricada a porta de sua casa. A policia apresenta-se e declara com marcialidade a que vem. Ela posta se por trás da porta, de pistola na mão, e, com entonação energica, ameaça:

— Ao primeiro que entra faço-lhe saltar os miolos!

Para prender uma mulher não vale arriscar a vida. O chefe que comanda a patrulha hesita no que deve fazer. Neste momento apeia-se de uma carruagem um sujeito primorosamente vestido, dirige-se á auctoridade, e declara:

— Sou o consul de França, reclamo esta senhora na sua qualidade de subdita francêsa.

— Vou comunicar essa reclamação ao vice-rei — expõe o comandante dos esbirros, encantado por se lhe proporcionar um meio de saír da dificuldade.

— Vamos ambos — condescende o consul.

O general Paskewitch receando suscitar complicações diplomaticas entre o seu país e a França limita-se a expulsar Lola de Varsovia.

* * *

O marquês de Niza acompanha-a a Paris. A aventura interessa o. Coaduna-se com a sua índole. Antes de partir para Lisboa obtem-lhe escritura para o teatro da Porte-Saint-Martin. Na noite da sua apresentação ali a sala regorgita de espectadores. Correm tambem boatos singulares. Richochetam diálogos curiosos.

— Assegura-se que a Polonia esteve para se sublevar por causa de um general fazer dela sua amante.

— Ora, se o general quizesse a virtude dela não é de tão puro cristal que se quebrasse por mais uma mossa!

— Parece que foi um polaco seu protector que a trouxe para Paris.

— O certo é que tem tirado o maior partido possivel das aventuras, verdadeiras ou não, que lhe teem acontecido.

— Veremos o que vale.

— Afirma-se que o tal general Paskewitch está tão despeitado que mandou para aqui uma "claque" sua para a assobiar.

Principia o espectaculo. Ainda bem Lola Montes não desenha as primeiras piruetas quando sibilam estrídulos assobios.

— É assim que se trata uma victima da causa sagrada da Liberdade?! — exclamam dois ou três espectadores.

Delphina Perpetua do Espirito Santo

Bailarina em S. Carlos, protegida pelo Conde de Farrobo, estreou-se nas Laranjeiras e foi uma das actrizes mais engraçada do teatro português.

— Qual victima nem meia victima? — contrariam outros de pouco escrupulos, assobiando ainda com mais violencia, talvez peitados para esse efeito.

Lola Montes exasperada por este novo cheque, entrega-se a uma dessas violentas cóleras que a hão de tornar célebre. Num ímpeto, quasi épico, arranca as ligas e atira com elas pela platéa fóra.

Este rasgo vale-lhe uma ovação, mas o espectaculo acaba por determinação da auctoridade. [1]

[1] *Um inglês em Paris*, por Vandame.

O marquês de Niza contorcia se a rir com o expediente tomado por Lola e, numa ceia entre amigos, comentava:

— Se no meu país uma mulher, fôsse quem fôsse, tirasse as ligas das pernas e as atirasse a uma platéa até as cadeiras se desaparafuzariam do chão...

— Para levantar o insulto feito ao publico? — interrompe um dos ouvintes.

— Para levantar as ligas e guardá-las como uma reliquia — conclue placidamente D. Domingos.

Quando de manhan o fidalgo português recolheu ao hotel encontrou ali um telegrama de Tiago Horta, do seguinte teor:

«Vem a Lisboa. Levantaram-se complicações. *Sonho de Rafael* pretende vingar-se de Helena. Não te demores.»

Após uma entrevista e uma despedida muito cordeal entre D. Domingos e Lola Montes, o galanteador titular parte para Portugal. A lembrança do audacioso rapto de Helena sumira-se no esquecimento, mercê de se terem exgotado todas as munições nos paioes da maledicencia particular e publica.

A primeira coisa de que D. Domingos tratou apenas chegara a Lisboa, e, depois de cumprir os seus deveres de familia, foi pôr Helena ao abrigo de qualquer violento atentado por parte da *Sonho de Rafael*. Ocultou-a nas imediações da sua quinta da Foz, perto de Salvaterra, em sitio onde seria dificil á sua rival descobrí-la. Depois de acalmar as impetuosidades provocadas por justificadissimos ciumes da sua dedicada amante, numa primeira entrevista, lançou-se outra vez no turbilhão da existencia estroina da capital. Sendo, um dos seus factores principaes, senão a sua alma, sempre fantasiosa e delirante como a Sociedade que fundara, timbrava em que o considerassem o membro mais activo, engenhoso e cheio de actividade.

O aparecimento de D. Domingos na alta roda lisboeta, após qualquer das suas repetidas e inesperadas excursões galanteadoras ao estrangeiro, causava admirativa sensação.

— Ora aqui tens, em meia duzia de palavras, o ocorrido — conclue o marquês de Niza em seguida a uma rapida narrativa das suas aventuras.

— Como conseguiste acalmar a furia dos zêlos da *Sonho de Rafael*? Tomo-o á conta de um inacreditavel milagre — expõe Tiago Horta.

— Jurei-lhe por todos os deuses conhecidos da mitologia que só a amava a ela.

E acreditou ?

— Se conhecesses a aforismo de Madame d'Arcoville, já não me fazias essa pergunta.

— Que diz o tal aforismo ?

— "A maior parte das mulheres preferem ser menos amadas efectivamente, com tanto que o pareçam ser. A vaidade é o primeiro dos seus sentimentos.»

— Essa tal senhora é injusta com as do seu sexo e comsigo mesmo. De todas as amantes que tens tido, tens e terás, a mais dedicada é a *Sonho de Rafael.*

— Talvez. Mas... Muito lhe agradeceria menos dedicação e mais afastamento.

— És ingrato como todos os ídolos das mulheres.

— Que mais novidades ha ?

— De importancia ? !... Só as bofetadas em S. Carlos.

— Que bofetadas ? !

— Vae á noite ao teatro e lá saberás o que é.

Os dois amigos separaram-se.

Entre as damas escripturadas da companhia lírica na época de 1845 a 1846 encontrava-se Ersilia Ranzi. [1] A *Linda de Çhamounix* celebrizara-se nessa época por um acontecimento, não direi notavel no dominio da arte, mas a vincar um traço fundo nos registos do escândalo. O maestro Antonio Luiz Miró, de quem já falei largamente noutro livro [2] tinha dois filhos : o pianista José Miró, que estudou e se aperfeiçoou em Paris e tocou num concerto em S. Carlos em 17 de agosto de 1842, e o moço tenor Joaquim Miró, que cantou pela primeira vez na Assembléa Filarmonica, interpetrando a *Traviata*, na mesma noite em que se estreou a apreciabilissima amadora D. Carlota O'

[1] O elenco completo, além da soprano ligeiro citada, era constituido por damas : Virginia Grimoldi, Carolina Remorini (comprimaria), Luisa e Catharina Persolli, Clementina Rosa Cordeiro (in genere), Amalia Rossini e Anna Mollo (segundas). Tenores : João Baptista Severi, Joaquim Miró Junior, João Landi, João Paganini (no fim da epoca), Antonio Bruni (segundo). Barítono : Luiz Salandri. Baixos : José Catalano, João Miguel de Figueiredo. Maestro : Antonio Luís Miró. Ponto : Domingos Bisson. Coros : 20 homens e 14 mulheres.

[2] *O Conde de Farrobo e a sua época.*

Neil, menina de vinte anos, e uma das mais aplaudidas cantoras do teatro das Laranjeiras. ([1])

O tenor Miró, escripturado pela nova emprêsa a instancias do pae, apresentou-se pela primeira vez ao publico naquella casa em 19 de outubro de 1845. A sala, com ou sem justiça, rompe numa formidavel pateada manifestando assim o seu desagrado ao novel artista. O pae, num movimento muito natural de cólera, levanta-se da sua cadeira de regente, amarrota e rasga a partitura que tem na sua frente. O estreante, presa de uma abaladora comoção, desmaia. A platéa, num dos seus terriveis acessos de sanha ergue-se intimidativa. Rebenta um vendaval desabalado. Acode D. Carlos de Mascarenhas, comandante da Guarda Municipal, que, com a sua galharda e afavel energia, serena os animos.

Na época anterior, isto é, na de 1844 a 1845, apesar de má, Tamberlick e Albertini tinham interpretado com excepcional brilho o *Ernani e os Lombardos*, operas que se ouviram então pela primeira vez. Esses dois artistas, juntos com Rossi-Caccia ainda mantiveram as tradicções de S. Carlos. Nos anos imediatos a decadencia acentua-se de forma desoladora.

Á entrada do marquês de Niza na platéa de S. Carlos levan-

([1]) Na época de 1844 a 1845 cantaram-se em S. Carlos as seguintes operas : *Il Pirata*, de Bellini, em 8 de dezembro, por Rossi-Caccia, Ana Mollo, losé Zoboli, Santi, Casanova e Bruni. *Norma*, de Bellini, em 13 de dezembro, por Rossi-Caccia, Herminia Carmini, Ana Mollo, Henrique Tamberlick, Figueiredo e Bruni. *Gemma di Vergy*, de Donizetti, em 23 de dezembro, por Augusta Albertini, Henrique Tamberlick. Sermattey, etc *Ernani*, de Verdi, em 1 de janeiro de 1845 por A. Albertini, Amalia Rossini, H Tamberlick, Sermattey, Santi, Figueiredo, e Bruni. *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, em 15 de janeiro, por Rossi-Caccia, Persolli, Tamberlick, Santi, Roveda, Galoardi, Casanova, Celestino, Bruni. Cairo. *Roberto Devereux*, de Donizetti, em 9 de fevereiro, por Rossi-Caccia, Carmini, Zobolli, Sermattey. *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti, em 22 de fevereiro, em beneficio de Rossi-Caccia pela beneficiada, Tamberlick, Sermattey, etc. *I Lombardi*, de Verdi, em 10 de março, por Albertini, Carmini, Tamberlick, Santi, Galoardi, Figueiredo : os bailados eram de Marzigliani *La maresscialla d'Ancre*, de Nini, em 4 de abril, por Rossi-Caccia, Carmini Zobolli. Santi, Casanova. *La Favorita*, de Donizetti, em 14 de abril, em beneficio de Sermattey. *D. Sebastiano*, de Donizetti, em 4 de maio, por Rossi-Caccia, Zoboli, Sermattey. Santi, Casanova Figueiredo, etc. *Parisina*, de Donizetti, em beneficio do aderessista Fornari, em 17 de maio: foi nesta opera que se estreou Clementina Rosa Cordeiro. *Real Teatro de S. Carlos*.

tara-se um certo sussurro. Sobre o leão da moda convergiram todos os olhares. Acicatara-se tanto mais a curiosidade quanto corria á bôca pequena que, com a reaparição na sua cadeira de D. Domingos, coincidiria uma surpresa no proscenio. Cantava-se pela terceira vez a opera *D. Pascuale.* (1)

— Como verás todos os artistas são insignificantes; se não fossem as oito operas novas para Lisboa que a emprêsa pôs em scena e o episodio da bofetada morria-se aqui de aborrecimento — diz Tiago Horta a D. Domingos.

— Pois hoje ainda ha de ser mais divertido — responde o travêsso fidalgo.

— Mais divertido ?! Conheces bem a historia ?

— Conheço Contaste-ma esta manhan. Ersilia Ranzi que desempenha a parte de "Norina" no *Don Pascuale* tem de dar no baixo bufo, no José Catalano, uma bofetada, mas, em vez de lha dar a fingir, uma simples demonstração, dá-lha a valer, o que provocou na primeira e segunda noites um côro unísono de gargalhadas...

— Pois sim, mas o baixo, que a principio tomara o caso por inofensiva brincadeira, percebe que a dama excitada pelo riso do publico aumenta de noite para noite o vigor do sopapo e na ul-

(1) As operas cantadas em S. Carlos no periodo de 1845 a 1846 foram. *Linda di Chamounix*, de Donizetti, em 19 de outubro, por Ersilia Ranzi. C. Persolli, Ana Mollo, Joaquim Miró Junior, Luiz Salandri, Jose Catalano, J. Maria Figueiredo e Antonio Bruni. *Maria di Rudenz*, de Donizetti, em 5 de novembro, por Ersilia Ranzi, Amalia Rossini, João Baptista Severi, Luiz Salandri e J. M. de Figueiredo. *Saffo*, de Paccini, em 16 de novembro, por Virginia Grimoldi, C. Persolli, A. Rossini, J. B. Leveri, L. Salandri, Figueiredo e Bruni. *D. Pasquale*, de Donizetti, em 30 de novembro por Ersilia Ranzi, Miró, Salandri, Catalano e Cairo. *Maria Padilla*, de Donizetti, em 26 de dezembro por Grimoldi Ranzi, Mollo, Landi, Salandri, Figueiredo e Bruni *Cht dura vince*, de L. Ricci, em 21 de janeiro de 1846, por Ersilia Ranzi, Amalia Rossini, João Landi, L. Salandri, J. Catalano e J. M. Figueiredo. *Corrado dAltamira*, de F. Ricci, em 2 de fevereiro, Grimoldi L. Persolli, G. Persolli, A. Rossini, Severi, Landi e Figueiredo. *I due Foscari*, de Verdi, em 5 de março, por Ersilia Ranzi, C. Persolli, Landi, Figueiredo e Bruni. *Paulo e Virginia*, de Mario Aspa, em 12 de março, por Grimoldi, Mollo, Clementina. Landi, Catalano, Figueiredo e Arceri. *Leonora*, de Mercadante, em 13 de abril, por Ersilia Ranzi, C. Persolli, Severi, Miró, Salandri, Catalano, Figueiredo. *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti, em 28 de abril, por Ersilia Ranzi, J. Paganini, R. Salandri. Bruni, etc. *Real Theatro de S. Carlos*

tima vez que se representou o *Don Pascuale*, quando "Norina„ puxa o pé atrás para desfechar o bofetão no velho marido, o baixo foge veloz com a cara e a mão de Ersilia Ranzi só apanhou o ar, obrigando a a fazer uma pirueta desengraçadissima, que não pregou com ela nas tábuas por um verdadeiro milagre de equilibrio.

— Vaes ver hoje - conclue D. Domingos.

A opera segue o seu curso normal. O publico presta pouca atenção aos intérpretes. Tudo anceia pelo incidente da bofetada. No momento preciso, Ersilia Ransi, por moto proprio, ou, como constou, a conselho do marquês de Niza, desconfiando que José Catalano lhe fizesse a mesma partida da ultima noite, segundos antes do momento em que a rubrica exigia o ruidoso contacto da mão fina da prima donna na face rubicunda do baixo, alça o braço e dispara um dos mais tremendos tabefes que teem sido aplicados e ouvidos em tablado lírico. O pobre cantor, colhido de surpresa, não se poude valer da agilidade anteriormente desenvolvida e apanhou a palmada tanto em cheio, que não conteve o movimento instinctivo de levar os dedos á bochecha em fogo e esfregá-la com vehemencia.

Nunca os dotes vocaes de Ersilia Ranzi receberam tão estrondeante ovação. O marquês de Niza esfregava as mãos com visivel satisfação, e exclamou:

– Esta mulher merece ser naturalizada portuguêsa pelo bem que dá uma bofetada.

V

Gariteira famosa

— A revolução é inevitavel.

— Tão inevitavel que já rebentou.

— São então certos os boatos espalhados.

— Certissimos.

— Parece que o país, do norte ao sul, anda descontente com o Costa Cabral.

— Com elle, com o Antonio, [1] com o mano José e com todo o ministerio.

— Afigura-se-me que esta revolução será mais demorada e sanggrenta que as anteriores.

— Ao que me contaram ha pouco no ministerio do Reino, todo o Norte, e em especial o Minho, convulsiona-se num formidavel e indómito ímpeto de rebeldia contra os poderes publicos envolvendo no odio votado aos ministros acentuada repulsa pela rainha e pela protecção concedida ao Costa Cabral.

— Demais a mais os periodicos assopram e disseminam aos quatro ventos infames calunias inventando relações íntimas entre a soberana e o presidente do conselho de ministros.

— O país ainda não recebeu o suficiente preparo para acolher, sem estranheza, um certo numero de medidas liberaes, consideradas pelos partidarios do absolutismo, e são mais que os *cartistas*, como radicaes e contrarias á religião. Os povos sertanejos nunca se conformaram com as leis do recrutamento e menos ainda se resignam a não enterrar os seus mortos dentro das igrejas.

[1] Antonio Bernardo da Costa Cabral foi agraciado com o titulo de conde de Tomar em 8 de setembro de 1845 e com o de marquês em 11 de julho de 1878.

— Se fôsse só isso! Imagina que os inimigos do Costa Cabral convenceram as minhotas de que: "ás mulheres se íam cortar as tranças do cabelo por ordem do governo. O susto feminino incitou os maridos a pegarem em armas e a defenderem, com risco da propria vida, as tranças das mulheres. [1]"

— Será verdade que o movimento é capitaneado por uma tal Maria da Fonte, da Povoa de Lanhoso?

Não se sabe de certeza nem talvez nunca venha a saber-se; o que consta é que ha uma senhora em Lisboa que tenciona ir ao Minho para abraçar a sua correligionaria, como ela diz. A alguem que a interrogou sobre o motivo de tanto entusiasmo, respondeu: "Essa é boa! Pois não permite que eu me entusiasme com uma mulher que quer liberdade de mais?" [2]

— Demonio, coisas em que as mulheres se metem vão sempre para diante!

— E tão para diante, que o coronel Ferreira, o *Trinta diabos*, aconselha a que "se encaminhe a revolta", por que julga improvavel sufocá-la. Os padres até persuadiram os sublevados que as baionetas dos soldados cabralistas não lhes atravessavam os arcabouços.

— Os Cabraes dispôem do prestigio e das forças suficientes para reprimir a insurreição?

— O futuro o dirá.

— Deixemos por algum tempo a política em descanço.

— Não podes, meu caro marquês de Niza, és par do reino, de direito, desde 1826, e por muito que te afastes da politica ela ha de sempre empolgar-te. [3]

— Talvez; quando eu fôr mais velho. Por ora em questões de politica gosto mais de mulheres.

— Que remedio terás tu?

— Não tenho nenhuma queda para as revoluções de caracter partidario. Lembra-te do que resultou ha quatro anos quando o Costa Cabral promulgou o novo Codigo administrativo.

— Lembro me muito bem. A lei publicou-se a 18 de março de 1842, e doze dias depois a 30 do mesmo mês, coligaram-se

(1) Discurso de Rodrigo da Fonseca de Magalhães, na Camara dos Pares

(2) Discurso de Pereira dos Reis, na Camara dos Deputados.

(3) D. Domingos era, como já disse, filho do oitavo marquês de Niza, e por consequencia par do reino hereditario.

todas as oposições cartistas dissidentes, setembristas, miguelistas, á frente das quaes se colocou o proprio irmão. O conde de Tomar teve a honra de ver contra si os factores mais heterogeneos.

— Até o mano se voltou contra elle !

— Dahi se originou a revolta de Torres Novas ha dois anos em 1844, acaudilhada pelo conde de Bomfim.

— O epílogo não podia ser mais miseravel. Os insurretos foram obrigados a renderem-se ás forças governamentaes. a praça de Almeida, seu ultimo refugio, capitulou, e tudo fugiu ou caíu na rêde como um bando de estorninhos alvorotados.

— Tudo homens de valor como o José Estevam e outros...

— E' verdade, mas para que não morressem de fome na emigração e nas prisões foi preciso organizar um baile-sarau em seu beneficio no hotel Peninsular. [1]

— Os ares entroviscam-se muito por aqui. Como sou adido da legação em Paris, vou passar ali umas semanas. Darei assim gaudio a Helena e á *Sonho de Rafael.*

— Como assim ? Tu vaes mas é visitar a tal Lola Montes, que cada vez dá mais que falar de si. Olha que gaudio vaes dar ás duas pobres creaturas que cá ficam !

[1] Esse hotel estava estabelecido no largo das Duas Egrejas, no palacio Ferreira Pinto O sarau-baile realizou-se em 29 de março de 1845. Cantaram Rossi-Caccia, Tamberlick e o Sermattey. Almeida Garrett dedicou áquela cantora uma poesia que ali foi distribuida. Rossi-Caccia foi a cantora mais festejada da temporada de 1843 a 1846. Tinha casado com o esculptor Caccia. Uma das suas corôas era a *Norma* Na mesma noite da estreia dedicaram-lhe uma ode, no estilo da época Principiava assim :

Rossi divina
Deusa do canto.
Quando te ouvimos
Dás-nos encanto.

E termina assim :

Que dure o encanto
Permita Jove.
Pois que delicias
Ela nos move.

Rossi-Caccia despediu-se do publico lisbonense enviando á *Revolução de Setembro* uma carta em extremo comovedora, publicada a 27 de maio de 1845. *Pinto de Carvalho.*

— Sabendo que resido fóra de Lisboa teem a certeza que, não me encontrando ao lado de qualquer delas, não estou ao lado da outra.

— E' bem certo o aforismo que: "Os homens importunam quando as mulheres os não amam; quando são amados, então aborrecem-se soberanamente."

— Não te ponhas a prégar moral, vamos a casa da D. Claudia.

Os dois amigos, que o leitor adivinhou sem custo serem D. Domingos e Tiago Horta, administrador, como se sabe, da sua casa, e que conversavam no Marrare *do Polimento*, desceram pelo Chiado abaixo e encaminharam-se para o Rocio. Pelos dois cruzaram três sujeitos que levaram a mão á cabeça num cumprimento rapido. Vestiam todos um traje singular. Tiago Horta comentou, indicando os três individuos:

Primeiro marquês de Tomar

— Não me posso conformar com esta promiscuidade de vestuario, meio militar, meio civil; os oficiaes do exercito vestem casaco do uniforme, com colete e calça de qualquer fazenda e chapéo alto. Que trapalhada e mau efeito produz tudo isto! Quem dirá que vão ali bravos de tantas campanhas!

— Que queres tu que elles façam, colocados como estão muitos, na terceira secção, e com as notas de moeda descontadas pelos usurarios por menos de metade do seu valor.

— Tens convite para a *partida?*

— Não, mas isso não faz mal. Os rapazes quando querem ir

ás magnas sessões do jogo grande, aos domingos, quartas e sextas, não se prendem com praxes. Um dos mais descarados bate á porta e declara quem é, afirmando que é amigo de um conhecido dos donos da casa. A apresentação está feita. Chama os companheiros e a casa enche-se. Quanto mais gente houver, melhor.

— Muitas casas de jogo ha em Lisboa. Ha quasi tantos garitos como gariteiros.

— Se ha! Que me lembre, de repente, temos a do Januario Correia; a do antigo alfaiate Mesquita; a do velho chapeleiro João de Moraes, especialista na *banca francêsa*; a do Azinhaes, no Arco de Bandeira; a da Gertrudes, á Praça da Figueira; a dos Avelares, na rua Augusta; a *Casa Amarela*, a S. Carlos, no predio da rua nova dos Mártires, contíguo á igreja; a dos Velhinhos; a do Silva Bate-Folha... Eu sei lá? Um nunca acabar!...

— Quem não conspira, quem não se mete em politica, joga o dado, o monte, a banca francêsa, a portuguêsa. Quem tem dinheiro sáe de Lisboa aos sabados vae para Cintra, joga o tempo que quer na hospedaria do Victor e volta na segunda feira para a cidade. (1)

— E que soma de trapaças, de batotas, de espertezas, de ardís, de malandrins finorios, de victimas incautas, de ingenuos escamoteados, de canduras bigodeadas, de traficancias não descobertas, de galezias e de maroteiras!...

— Tu que o digas.

— Donde veio esta D. Claudia?

— Sabe-se lá nunca donde veem estas mulheres! O que se pôde averiguar é que no reinado de D. Miguel residia no Rocio, no primeiro andar do n.º 86. Antes dele embarcar para o exilio mudou-se. Ha seis anos, em 1840, morava no primeiro andar do predio do *Himalaya*, á esquina da calçada do Garcia e travessa de S. Domingos

— De lá é que se mudou para o segundo andar do Rocio, esquina do Arco de Bandeira, onde está agora?

— Creio que sim.

— Quem diabo é o marido, se o é?

— Um tal Brito, mestre de meninos; dá aula de manhan e arma batota á noite.

(1) *Lisboa doutros tempos. Os excentricos do meu tempo.*

— E' assim uma especie de taboleta para cohonestar o estabelecimento; marido em nome, permitindo aos outros exercer as respectivas funcções e fazendo vista grossa a tudo: cabresto daquelas chocas todas.

— De ora em quando *ensarilha*, mas sáe-se mal. Numa sexta feira da procissão do Senhor dos Passos, um tal Assumpção, filho de um procurador, entrou pela casa dentro acompanhado de um grupo de caixeiros malcriados e cometeu lá disturbios e disparates de marca maior. As visitas retiraram indignadas. Foi um salve-se quem puder. O marido da D. Claudia indignado, assoalhou e censurou o episodio nos jornaes. Decorridos dias, o tal Assumpção esbarra com o Brito na rua dos Retrozeiros. Zangado por ele lhe atribuír, em publico, a auctoría das inconveniencias, mimoseou-o com repetidas fricções de cana da India nas costelas.

* * *

Tiago Horta e D. Domingos chegam ao termo da sua digressão. A criada que lhes abre a porta introdú-los numa saleta revestida de verdejante buxo. Ahi se arrumam as bengalas e penduram os abafos e chapéos. Penetram na sala. Tanto ali, como na casa proxima, dança-se. Na outra joga-se. Os convidados, dos dois sexos, pertencem a todas as idades e a variadas classes. Contrastam os cabelos brancos de certos anciãos com as madeixas negras e luzidias de rapazes, de pupilas em fogo ao contemplar os decotes excessivos de determinadas damas e ao voltar das cartas nos baralhos cuidadosamente apertados na palma da mão dos banqueiros. Ha raparigas cloroticas, magras, sêcas, de tosse pertinaz e expectoração tuberculosa; mulheres de trinta anos, de olheiras fundas, faces retocadas a carmim barato, de tranças postiças a represar os pêlos esgrouviados; matronas a orçar pelos quarenta, de abundante tecido adiposo, de seios pendentes, mal amparados por espartilhos de barbas quebradas, rotundas, de curvas salientes flacidas, especie de colchões a que teem ido rebentando sucessivamente tadas as bastas.

Acotovelam-se ali ministros e burocratas, deputados de diversas matizes e oficiaes de diferentes graduações, literatos, poetas, financeiros, negociantes, conselheiros. No avultado numero das jovens a crónica registou os nomes de Mesdemoiselles D. Ana e D. Sebastiana com o adjectivo de "encantadoras„; de director,

as iniciaes C. A. ocultam uma personalidade muito conhecida que se desempenhava do cargo com suma habilidade. Executava contradanças o sr. C. M. M. e fazia banca o "immortal Sequeira. [1]"

A virtuosa D. Claudia damboleava os seus indiscutiveis quarenta anos e saracoteava os seus rechonchudos quadris pelas três casas, olhando com imponente afabilidade para os seus convidados, como a convidá-los a divertirem-se dentro das mais estrictas conveniencias e conforme as normas cerimoniosas e de aristocratico estílo do bom tom. Secundava-a no cumprimento deste moralismo dever o marido. O sr. Brito, muito serio e digno, percorria soléne os tres aposentos. Quando o seu olhar de línce descobria algum gesto menos correcto, algum coloquio mais íntimo, qualquer efusivo aperto de mão, ou mesmo um furtivo beijo trocado entre dois pombos de sangue mais incandescido desviava cauteloso a vista, não fosse a sua pupila perscrutadora turbar recreio tão honesto e animador para perpetuação da raça.

Henrique Midosi

Advogado, escritor, jornalista, professor, comediógrafo e taful dos seus tempos

O calor, determinado por tantas pessoas reunidas num âmbito acanhado e ainda pelo fogoso exercicio da dança, provocava ás vezes expansões mais vivas e instinctivas, atitudes que ao professorado das Belas Artes custaria a aceitar por academicas, posições em que não se respeitava o absoluto recato tão recomendado pelas mães de familia, confissões um tanto divergentes

[1] *Lisboa doutros tempos.*

do preceituado nos mandamentos da lei de Deus, diálogos que não se moldavam precisamente pela doutrina expressa nos catecismos. Emfim, nestas circunstancias, como os donos da casa não desejavam de modo nenhum ser desagradaveis aos seus hospedes, passeavam o seu olhar por grupos de aspecto mais impassivel e de porte menos problematico.

— Ahi vem o Domingos Ardisson!

— Traz oficiaes da esquadra ingleza?

— Traz.

Este rapido ricochetar de perguntas e respostas causou um certo alvoroto, principalmente no elemento feminino.

O antigo oficial da Guarda Nacional e o futuro alferes da Patuleia fez a sua aparição á frente de uma meia duzia de tenentes da esquadra inglesa fundeada no Tejo. Vestia com todo o rigor da ultima moda "casaca azul de botões amarelos, calça côr de flôr de alecrim„. Todos o cumprimentaram com visivel simpatía e feita a apresentação, *pró forma*, dos estrangeiros, Domingos Ardisson disse-lhes, em inglez:

— Agora, cada um divirta-se conforme melhor entender.

Uma das damas de maior íntimídade com o recemvindo interroga-o:

— Então como passa de saúde?

— O quê, V. Ex.ª quer ouvir a minha polka, pronto, minha senhora.

E dirigiu-se imediatamente para o piano onde começou a tocar a unica peça de musica que tinha composto, que executava com perfeição, habilidade que exhibia quer lho pedissem ou não, como acaba de se vêr.

— Sem impingires a tua polka não podes passar — diz-lhe Tiago Horta quando ele levantou as mãos do teclado e os pares cessaram de dançar.

— Diz o dictado que: "Algumas vezes somos injustos ao aceitar o beneficio que nos pertence.„ Proporciono te o goso inefavel de ouvires a minha polka e, em logar de agradeceres esse prazer artistico, espiritual, censuras-me.

— Onde jantaste hoje? — pergunta-lhe D. Domingos,

— Podia dizer-te que no Hardy, o mais competente dos cosinheiros francêses, mas não quero enganar-te, jantei no Ferreira da Horta Sêca, o melhor *fabricante* de orelheira com feijão.

— Onde estiveste a dizer mal de todos os teus amigos e conhecidos...

— Abri uma excepção. Elogiei a acção politica, a pretérita dictadura de Passos Manuel e a actual eloquencia de José Estevam.

— Tambem só esses dois escapam ás fréchadas da tua maledicencia.

— Achas pouco?!

— Reparo que coxeias, como foi isso?

— De uma forma muito simples. Estava hospedado em casa do meu querido amigo Antonio Maria Fidié, ao Campo Grande. Fomos dar um passeio. A certa altura passam duas senhoras nossas conhecidas. Para as cumprimentar recúo. Por trás de mim escancara-se uma vala, cáio lá dentro e quebro a perna esquerda. Ora vejam vocês como os rifões acertam, principalmente aquele que diz: "Põe Deus a mão por baixo, ao menino e ao borracho." Imaginem que eu nessa manhan estava em jejum natural, e acontece-me esse percalço, quando tantas vezes me desequilibrei depois de jantar opiparamente.

— Não querem vir fazer um *brulote?* — pergunta um dos entusiastas do jogo, pois êle constituia o seu ganha-pão diurno e noturno, servindo-se do calão para tornar o convite mais convincente, — a *remelga* está posta.

O marquês de Niza olhou para Tiago Horta, e, não podendo resistir, encaminharam-se para o gabinete onde estava armada a *forca*. Em redor de uma mesa, não muito extensa, comprimiam-se numerosos *pontos*. O banqueiro talhava. As *folhas* do *folhoso* íam aparecendo uma a uma. De ora em quando ouvia-se a palavra *jógo!* O do baralho interrompia a faina, algumas pessoas em volta apontavam, faziam montinhos de pintos, de cruzados novos e aqui e ali lá luzia uma libra e ainda mais rara uma peça de oiro de duas caras. Umas dobravam as paradas, faziam *parolins*, punham de *cêrco* ou *mico*, *saltavam nas da côr*, *iam ás de dentro*, variavam infinitamente a maneira de arriscar o *bago*. Já então era moda, como agora, as pessoas da burguesia e da aristocracia empregarem nestas equívocas diversões a mais descabelada gíria. Resoavam amiude as frases:

— Não me *fales á mão!*

— Esta só pelos demonios! *Veio de porta!*

— Lá está aquela a fazer *pescadinha.*

— Não importa, a banca tem uma grande *armação.*

D. Claudia para animar as artes assentava-se amiude ao lado dos jogadores e não se ensaiava nada para exigir do banqueiro o pagamento de uma parada que não efectuara, isto é de recorrer a um *pescanso,* acção censurada por uns e que servia de mofa a outros.

Cêrca da meia noite foi servido o chá, comprado na loja do Bessone, o mais afamado estabelecimento do genero, e estreitissimas fatias com manteiga de Cintra, pois a inglesa custava a sete tostões o quilo.

O termo do frugal repasto soltava ainda mais os laços, já de si frouxos, do fraco e aparente decoro reinante na heteróclita sociedade. Alguns mais folgazões assentavam-se ao piano e entoavam as canções do *Negro Melro*, de *A mulher do sacristão*, do *Estando o moleiro...* e doutros de egual jaez. Algumas das mamans que acompanhavam os castos rebentos a taes saraus, tinham assomos de indignação a principio, mas a um simples relancear de vista, súplice ou imperativo, das suas tenras vergonteas, acalmavam-se, não desgostando do escandalosinho e socegando as suas consciencias em rebate vendo que o dono e dona da casa simulavam não ouvir nada que melindrasse os bens firmados créditos da honestidade da casa.

D. Domingos perdera uma meia duzia de soberanos com a sua fidalga imperturbabilidade, com grande satisfação dos parceiros que o acumulavam de gentilezas, mas principiava a aborrecer-se.

— Estou capaz de convidar esta gente para ámanhan, para um baile fosforescente — diz êle ao Tiago Horta.

— Tem juizo! Elas não aceitam — contraría o futuro ministro das Obras Publicas.

— Se ha uma que aceite, as outras vão atrás dela como borregos atrás das ovelhas. Vaes vêr. Esboça tu a ideia encobertamente a umas, que eu procederei de igual modo com outras.

— Estás doido, meto-me lá num empreendimento desses!

Após muitos argumentos, pró e contra, Tiago Horta tão rapaz e esturdio como D. Domingos, principiou na sua catequese, fazendo os dois uma exposição muito por alto, laconica, do projectado sarau, empregando na descrição a maxima diplomacia e cautela. A maioria das damas fingia não perceber bem o que lhe propunham. Ambos explicavam, em linguagem metafórica, que

se tratava de uma festa imersa nas mais densas trévas, que cada pessoa poderia levar uma mascara para tapar bem o rosto, que o incognito seria cuidadosamente guardado, que ninguem saberia quem compareceria, que todas poderiam recusar nesse momento a sua assistencia, mas que por prazer seu e dos outros não faltassem.

O *baile fosforescente* realizou-se num segundo andar da rua Augusta. A escuridão era completa. As unicas feições dos dois sexos, tapadas, eram as da cara. A unica iluminação, a produzida por certo pomada fosforescente. Não me posso alongar em pormenores mais particulares. As publicações eroticas do tempo descrevem-no com excitantes minucias. Os historiadores atribuem a invenção desta orgia ao regente de França, Filipe de Orléans. Resa a lenda que quem a importou para Portugal fôra o marquês de Niza. Eis um problema historico para os investigadores erudítos resolverem.

* * *

Vejamos o que ocorrera a Lola Montes em París.

Os cartazes do teatro deixam de afixar o seu nome. (1) Obtem, no entanto, uma notoriedade diferente e mais profícua. Os rumores que circulam a seu respeito atraem Dujarrier, director do jornal *Presse*, á Porte-Saint-Martin. O jornalista dominado pela sua beleza, toma-a para amante e apresenta-a a todos os homens de fama da época taes como Balzac e Alexandre Dumas. Evidencía-se rapidamente como entidade parisiense. Divulgam-se as historias mais inverosimeis ácêrca das suas origens e antecedentes. Nos salões do faubourg e nos boulevards só se fala na sua graça e vestidos. Vandame, que não gosta dela, afirma que tem o ar de uma duquesa, naturalmente graciosa, mas que perde muito quando abre a bôca. A sua inteligencia impressiona Gustave Claudin. "Esta aventureira, escreveu nas suas Memorias, teria representado um papel no seculo XVIII.„

Dujarrier campeia neste brilhante salão. Novo, rico, talentoso, republicano , entusiasta, agrada a Lola Montes. Catequizada pelo ardor democratico do amante, interessa-se vivamente por todas as questões politicas e deplora "não ter nascido homem.„ Impressionado por tal soma de dotes, Dujarrier propõe-lhe casa-

(1) *Vandame*

rem-se. Rasga se-lhe um futuro inesperado, de amor, de redempção social e de luxo. Mulher de Dujarrier, com a sua sagacidade e a sua formosura, Lola pode esperar tudo.

Este paraiso entrevisto cerra-se-lhe brutalmente.

Os corajosos ataques de Dujarrier contra a tiranía politica valem-lhe numerosas inimizades no partido adverso. Beauvallon, porta-voz dos realistas director do *Globe*, anda a ferro e fogo contra a *Presse*. A rivalidade dos dois directores redunda num duelo. O encontro realiza-se no bosque de Bolonha. Epiloga-o uma tragedia. Dujarrier recebe uma bala na cabeça. Lola, informada muito tarde por uma carta do amante, corre ao local do conflito. Encontra-o morto. Louca de dôr, lança-se sobre o cadaver e cobre-o de beijos.

O dramatico incidente não termina ahi. Os amigos de Bujarrier, furiosos com esta catástrofe acusam Beauvallon e as suas temunhas de assassinio, Prendem-nos. O processo, que se julga em Ruão, faz uma bulha enorme. Lola, que não tinha sido intimada, insiste para depôr como testemunha. Dujarrier deixara-lhe em testamento a sua parte nas acções do teatro do Palais-Royal. Representam cêrca de vinte mil francos. Vandame, que assistiu ao processo como curioso, escreve. "Entre todas as celebridades da sociedade e da literatura parisiense, ninguem produziu sensação como Lola Montes. Vestida de preto — um luto discreto de rendas e seda — provocou, quando ergueu o véo, um murmurio de admiração em todo o tribunal.„

O seu depoimento não oferecia nenhum interesse. Lola queria impôr-se. Conseguiu-o. A morte de Dujarrier redú-la aos seus antigos meios de existencia. Precisa aproveitar a celebridade outorgada pela morte do amante.

— Eu atiro melhor que Dujarrier — declara com paixão — e, se Beauvallon deseja uma satisfação, é a mim que se deve dirigir.

Esta atitude vale-lhe a simpatía popular. Consideram-na uma heroína. Os seus dias de gloria aproximam-se do termo. Depressa a esquecem. "Decorridos seis mezes, regista Vandame, toda a gente olvidara o seu nome. Alexandre Dumas, embora não fôsse supersticioso, felicita-se a si proprio com o seu desaparecimento:„ Lola tem mau olhado, comentava, desgraçado daquele que ligue o seu destino ao dela.„

O marquês de Niza chega a París pouco depois dos aconte-

cimentos atrás relatados. Procura Lola Montes. Custa-lhe a encontrá-la.

— Desta vez não me chamou! — censura D. Domingos.

— Para quê?! Parece que acarreto desgraças a todos que se acercam de mim — responde-lhe a bailarina.

— Não se revolte contra o Destino. "Não ha mal que sempre dure, nem bem que não se acabe.„ Já lhe citei este rifão da minha terra. Tem ainda largos anos deante de si, e esses anos hão de ser floridos como a primavera no sul.

— Mas que hei de fazer. meu Deus, que hei de fazer?

— Conheço o principe alemão de Reuss-Greitz; quer uma carta para êle?

— Quero — respondeu Lola Montes após um instante de reflexão.

Vou-lhe dar outra para Reissinger, director da orquestra do teatro real de Dresde. Se falhar uma, talvez não falhe a outra.

D. Domingos escreveu as duas cartas. Lola Montes agradeceu-lhe selando o agradecimento com um beijo.

O marquês de Niza encaminhou-se para a legação de Portugal onde o seu aparecimento era sempre festejado com afectuosas manifestações de regosijo. Não tardou que os moços diplomatas portuguêses principiassem a conversar ácêrca de mulheres.

— Que novidades femininas ha por Paris? — inquiriu D. Domingos.

— Não faltam. Mas aquela em que se fala mais é na mulher ou na amante do pianista Henri Herz.

— Quem é esse tal pianista?

— Provém de uma familia aleman judaica; gosa da fama de ser um dos mais habeis artistas no seu genero. Foi aluno do Conservatorio de París aos dez anos. A sua estreia fez sensação, e depois, tomando por modêlo Moschelés, progrediu de dia para dia. As suas composições são apreciadissimas, os editores oferecem-lhe o triplo e o quadruplo do dinheiro pago aos colega de mais nomeada. (1)

— A mulher! A mulher é que me interessa; ao homem não o quero para nada ainda que seja um semi-deus.

— Para conheceres a mulher, precisas primeiro saber quem é o homem.

(1) *Vie de Moschelés racontée par sa veuve.*

— Resigno-me; dize lá.

— Nunca encontrou rival ao piano aqui em París e em Londres. Sucedeu-lhe o mesmo nas suas viagens pela Alemanha, em companhia do violinista Lafont, na Hollanda, na Irlanda, na Escocia, em Dublin e Edinburgo.

— Ela, ela!

— Ha varias versões. Afirma-se que lhe chamavam a *Estrangeira.* Tinha um feitio especial e contava muitas anecdotas de viagem numa casa onde se hospedara. Ora, ao lado do seu quarto alojara-se um musico de clamorosa reputação, Henri Herz; por qualquer motivo fortuito ligaram-se. [1]

— Não é um romance muito complicado; venha a outra versão.

— Diz-se que vagueava, sem dinheiro, aborrecida pelas cercanías do baile Mabille. Deu-lhe vontade de lá entrar. A' porta, o seu olhar encontrou-se com o de um homem elegante que compreendeu o seu desejo: "Queria, disse ela, entrar no baile, mas queria entrar só. Ora, como não sou frequentadora deste local, obsequeia-me se fôr comigo até a bilheteira, se me comprar a entrada, mas sem exigir que eu lhe consagre a noite„. A singularidade da proposta agradou ao desconhecido, que satisfez o pedido.

— Estava feita a conquista.

— Com esse não. Entra, sem que ninguem a siga. Percorre os jardins duas ou três vezes. Não lhe larga a sombra um sugeito que anda em busca de aventuras. Auctoriza-o com um sorriso complacente a dirigir-lhe a palavra. Ouve-o, responde-lhe, interroga-o. Chama-se Henri Herz. Combinam encontrar-se em logar menos publico. Dahi nasceram as suas relações. [2]

— Falae no mau... Aí vae ela!

— Por defronte do café rodava uma carruagem. Dentro reclinava-se uma dama, das que impressionam apenas as fixamos. O marquês de Niza com o seu penetrante olhar de conhecedor perito analisou-a num relance e exclamou:

— Que esplendida mulher!

(1) Pierre Joblé Duval.
(1) Pierre de Lano.

VI

O Alto do Vizo

O ano de 1846 assinala na historia patria uma lucta civil renhida e sangrenta. As ambições de uns, os despeitos doutros, a intolerancia de uma certa maioria e a intransigencia de todos determinaram a insurreição da Maria da Fonte, que durante quasi dois anos scindiu a familia portuguesa, derramou arroios de sangue, custou quantias avultadas e paralisou o fomento nacional.

Os acontecimentos sucedem-se com rapidez. D. Maria II, receosa das proporções assumidas pela sublevação popular, dá a demissão ao gabinete de Costa Cabral e confia o governo ao duque de Palmela e Mousinho de Albuquerque. Supondo-se bastante forte com a viagem do duque da Terceira ao norte, na qualidade de seu logar-tenente e com a acção ali exercida por esse marechal, vibra o golpe de Estado de 6 de outubro de 1846. Desta vez o seu intento abrigava-se com o arcabouço prestigioso do duque de Saldanha, nomeado presidente do conselho, vincadamente cartista.

O Porto, ao saber este acto politico, levado pelo administrador de Vila Franca, encoleriza-se e insurge-se. A revolta alastra veloz e colhe na sua marcha o duque da Terceira, preso no trem do Ouro. Cria uma junta provisoria, a que o conde das Antas preside, e na qual desempenha o cargo de vice-presidente José da Silva Passos, mola real de todo o movimento insurrecional, O visconde de Sá da Bandeira comunga em identicas doutrinas e apresenta-se na mesma cidade invicta em que tanto ilustrara o seu nome. A Junta decretava e legislava em nome da soberana, afirmava-lhe a sua lealdade em todos os actos publicos, mas nem por isso deixava de a hostilizar nas medidas promulgadas. Antonio Rodrigues Sampaio, que conseguia publicar *O Espectro*,

composto e impresso clandestinamente a bordo de um pontão fundeado no Tejo, deitava constante lenha na fornalha acusando implacavelmente D. Maria II na sua conducta de soberana e no seu procedimento de mulher e esposa.

A habilidade dos generaes da Junta não correspondia aos amplos elementos que lhe tinham confiado. O barão do Casal derrota Sá da Bandeira em Val Passos; o marechal Saldanha inflinge um monumental desbarato ao conde de Bomfim em Torres Vedras, em 22 de dezembro desse ano de 1846, e em que morre o tenente-coronel de engenheiros Mousinhc de Albuquerque; o general Schwalbach destroça o seu camarada Celestino em Viana do Castelo. A cidade de Braga cáe nas mãos das forças do Casal; Soares Franco, á frente dos seus fieis marinheircs, ocupa Valença e Viana. Não obstante estes consecutivos triunfos, as tropas da rainha não dispõem dos recursos suficientes para reprimir a insurreição. Intervem a diplomacia. Os outros países, a Espanha, a França e a Inglaterra, um pouco por conveniencia da dinastia, muito por vantagem dos proprios interesses, resolvem enviar a Portugal um exercito espanhol, sob o comando de D. Manuel Concha, a quem mais tarde a nossa soberana agracía com o titulo de marquês del Duero, por não ter feito mais que dar um passeio militar desde a fronteira até o Porto. Simultaneamente uma esquadra inglesa aprisiona os navios da Junta, a bordo do qual seguia o conde das Antas com a sua divisão.

Assim decorre a segunda metade de 1846 e a primeira de 1847.

As perturbações politicas, o desequilibrio financeiro e economico, o extraordinario desconto das notas, a penuria geral, a intransigencia dos partidos, a divisão nas proprias familias — pois havia algumas em que os homens e as senhoras eram uns pela rainha e outras pela Junta do Porto,—tinham tornado dificil a vida da sociedade e quasi anulado as diversões da capital.

S. Carlos entrou numa época de pronunciada decadencia. A empresa de Lisboa tomara e sublocara o teatro de S. João do Porto. De lá vieram Felicitá Rocca Alessandri, Amalia Patriossi e o tenor Jorge Barbieri. Juntaram-se aqui a Luiz Salandri, Celestino, Mollo, Bruni e cantaram algumas operas no nosso primeiro teatro lírico: o *Ernani*, em 3 de julho e a *Lucia di Lammermoor* em 24 do mesmo mês, desse ano de 1847. Tambem

ali se realizaram bailes de mascaras em 22, 22 e 24 de fevereiro e varios concertos e beneficios. [1]

Só a 24 de janeiro de 1847 se inaugurou a época lírica de S. Carlos. O empresario Vicente Corradini, que sabia tratar dos seus interesses, percebendo que nessa quadra agitada toda a gente se importava mais com a politica que com a arte, contratou por salarios insignificantes alguns dos artistas que tinham ficado em Lisboa sem recursos e sem escritura. Incluiram-se nesse numero as mesmas Alessandri, Patriossi, o barítono seu irmão, o tenor Solieri e Celestino. Mais tarde vieram a dama Adéle Dabedeilhe, o baixo Carlos Porto, optimo artista e excellente voz, o baixo Manuel Florenzo e o barítono Ribas. As principaes figuras de baile eram: Luiza Zimman Martin e o marido, Moreno, Devechi, Gambette, Schira, Erba, Polletti, Rugalli, Maria Luiza e Francisca Leonilda. [2]

(1) Em 11 de março de 1846, em beneficio do Monte-Pio Filarmonico, tocaram solos de clarinete e oficleide Isidoro Franco e Severo José Caetano; cantou-se a opera *Os dois Foscaris* e dançou se a *Palamina*. Em 16 de março, em beneficio de Vicente Pito Masoni ouviu o publico umas fantasias de violino, tocadas pelo mesmo *virtuosi*; cantou-se a opera *Os dois Foscaris* e dançou-se um bailado Em 18 de março Francisco Schira reunia os seus admiradores num concerto, no salão, em que executou uma grande sinfonia obrigada a harpa, flauta, clarinete, violino, violoncelo, corne inglês e corneta á piston. Em 16 de abril, em beneficio de Luzi, a orquestra tocou uma sinfonia de Santos Pinto, com sólos de corneta e violoncelo por Santos Pinto e Jordani. Em 12 de maio houve nesse mesmo teatro sessão de prestigiditação e magia por Benito Anguinet.

Em 15 de julho efectuou-se na Assembléa Filarmonica um concerto em que tocou o rabequista Cesar Rossi e em 3 de outubro cantou-se ali a opera *I due Foscari*, por amadores. Em 2 de maio cantou-se na Academia Filarmonia a opera *Conde de Paris*, de Donizetti, por amadores; cantaram-na: Emilia Mauriti, Emilia Santos, Margarida Mera, Carlota Quintela, Mariana Quintela, Maria da Gloria Benevides, Daniel Francisconi, Eduardo Bourgard Em 10 do mesmo mez representou-se no teatro do conde de Farrobo, nas Laranjeiras, *Les quatre fils Aimont*, opera comica de Balfe por Emilia Mauriti, Palmira Quintela, Carlota Quintela, Rita Viseu, conde de Farrobo, Carlos da Cunha, Joaquim Pedro Quintela, M. Vasconcelos, Serra Gomes e Fortunato Lodi.

(2) Nessa temporada de 1847 cantaram-se as operas: *I due Foscari*, de Verdi, em 24 de janeiro de 1847, por A. Patriossi. Francisca Adelaide Freire, Solieri, I. Patriossi, Celestino e Bruni. *Ernani*, de Verdi, em 31 de janeiro, por A. Patriossi, F. A. Freire, Solieri, Patriossi, Celestino, Bruni. *I Puritani*, de Bellini, em 21 de fevereiro por F. R. Ales-

* * *

O marquês de Niza, na sua constante vida boémia voltara a Portugal. Encontrava-se em casa da *Sonho de Rafael* a 29 de abril desse ano de 1847 quando retumbou por toda a parte num supremo grito de angustia, o brado de:

— Abriram as portas do Limoeiro. Fugiram todos os presos. Veem assaltar as casas e assassinar os moradores!

O pânico avassalou, nos primeiros instantes, os mais valentes. Trancaram-se as janelas, barricadaram-se as portas, cada habitante tomou as medidas de defesa que julgou conveniente para uma investida dos malfeitores.

D. Domingos reagiu contra o temor geral e socegou a *Sonho de Rafael*, que apesar de toda a sua comprovada coragem, exclamava:

— Que vae ser de nós com todos esses facínoras na rua? De mais a mais, eu que queria ir a Setubal visitar meu irmão que está com o Sá da Bandeira naquela cidade.

— Descança que has de ir — prometeu D. Domingos.

O borborinho na rua aumentava. Ao marquês de Niza re-

sandri, A. Patriossi, Solieri, I. Patriossi, Manuel Florenzo; *Pia de Tolomei*, de Donizetti, em 7 de março, por Adelia Dabedeilhe, Tereza Benedetti, Solieri, Patriossi, Celestino, Cairo e Bruni. *I Lombardi*, de Verdi, 16 de março, por R. Alessandri, A. Patriossi, Tereza Benedetti, Solieri, Carlos Porto, Celestino, Bruni e Cairo. *Attila*, de Verdi, em 5 de abril, por R. Alessandri, I. Solieri, C. Porto, Patriossi *Nabucodonosor*, de Verdi, em 16 de abril, por Adelaide Dabedeilhe, Clementina Cordeiro, Benedetti, I Gelatti, Eduardo Medina Ribas, Carlos Porto, Celestino e Bruni. *Il Ritorno di Columella*, de Fioravanti, filho, em 29 de abril, por Rocca Alessandri, A. Patriossi, E. M. Ribas, I. Patriossi, M. Florenzo, I. Gelatti, Celestino e Bruni *Il Barbieri di Siviglia*, de Rossini, em 17 de maio por A. Patriossi, Solieri, I. Patriossi, C. Porto, Celestino, Bruni etc. *Leonora*, de Mercadante, em 18 de junho, por R. Alessandri, Benedetti, Solieri, Ribas, Patriossi, Gelatti, Celestino e Quiroga. A ultima das sessente e três récitas cantou-se em 30 de junho.

Houve mais no teatro de S. Carlos os seguintes beneficios, concertos e espectaculos: Em 22 de abril em beneficio do Monte-pio Filarmonico: Tiago Canongia e Augusto Neuparth tocaram um dueto de fagotes e E. M. Ribas, cantou uma aria; representou-se a opera *Attila*. Em 17 de maio, em beneficio dos irmãos Patriossi, tocaram êstes uma fantasia de piano a quatro mãos; Rocca Alessandri cantou a aria do *Marino Faliero*, a opera foi o *Barbeiro de Sevilha*. Em 16 de julho, houve um concerto em beneficio de V. T. Masoni e C. Fonta-

pugnava-lhe ficar ali metido em casa como uma monja no convento.

— Vou ver o que ha — disse para *a Sonho de Rafael.*

— Se tu vaes, eu acompanho-te — declarou a destemida rapariga com simplicidade, mas com resolução.

Desceram. Principiavam a juntar-se, aos grupos, homens de varias procedencias, armados heterogeneamente. Nas mãos de alguns viam-se espingardas de pederneira e uma ou outra caçadeira.

— Que é isto, no fim de contas? — inquire D. Domingos de um popular, com tipo de operario.

— O que ha de ser. Os patuleias sempre levaram a sua por diante. Soltaram os presos para colocar as tropas da rainha entre dois fogos. Contam para isso, segundo corre, com o levantamento de toda a cidade e cercanías.

— E a guarnição de Lisboa?

— A tropa de linha, com a maior parte da Guarda Municipal, estão em Setubal á espera a todo o momento de serem atacadas pelos regimentos da Junta do Porto.

— O que ficou aqui?

na. Em 8 e 11 de outubro Henrique Spira tocou varias peças no novo instrumento de madeira e palha; a companhia do Ginasio representou o drama *Ernesto* e a comedia *A Sociedade dos treze* Em 26 de abril em beneficio dos artistas portuguêses, representou Emilia das Neves o drama *Estela*; deu-se tambem a comedia *O Peregrino branco*, o primeiro acto da opera *Pia di Tolomei.* Em 31 de julho e em 4 de agosto a companhia portuguesa representou o drama *Uma aventura no tempo Carlos IX* e a peça *Stela.* Em 12 de outubro, em beneficio dos actores Moniz e Taborda a companhia do Ginasio representou em S. Carlos: *Um embaixador* e *Um marido que se desmoraliza.* Em 27 de março cantou-se na Academia Filarmonica a opera *Alzira*, de Verdi, pelos amadores: Emilia dos Santos, Mariana Quintela, Maria Carlota Quintela, Margarida Mera, Francisco Mauricio Kreibig, Carlos da Cunha e Menezes e o tenor de S. Carlos I, Solièri. Em 13 de novembro houve um concerto na Assembléa Filarmonica, em que se tocou o hino do papa Pio IX, então muito popular, por se julgar que êle se conservaria á frente da revolução italiana. O hino foi arranjado pelo maestre Rossini, de um antigo côro da opera *Dona del Lago.*

Representou-se neste ano, no teatro das Laranjeiras, a opera comica *La Barcarole,* de Auber, desempenhada por Carlota Quintela, Mariana Quintela, conde de Farrobo, Carlos da Cunha e Menezes, Emilia Tonnelier e Augusto Cesar de Almeida. *Real Teatro de S. Carlos de Lisboa.*

— Umas duzias de milicianos, obrigados, de má vontade, a prestarem serviço.

Ouvia-se distincta, crepitante, nervosa, impaciente, a certa distancia, a fuzilaria.

— Para além estrondeia o tiroteio.

— E' para as bandas da Sé, Santa Clara, S. Vicente, Graça e Monte. Andam á caça dos fugitivos.

Só uma quinta parte da população da capital se mantinha a favor do ministerio Costa Cabral e por consequencia em prol da rainha; a restante era contra. A idéa de pôr em liberdade os enclausurados da cadeia, deixando evadir á mistura os encarcerados politicos e os de crimes comuns apavorara quasi todos. O marquês de Niza, por curiosidade, seguia um dos grupos que se encaminhava para o Limoeiro, na esperança de recapturar alguns dos malvados. Quando chegava defronte do antigo palacio do conde de Andeiro viram gente a correr pelo telhado e clamorosa vozearia.

— E' um dos carrascos! E' um dos carrascos! Vae fugido! — berravam de varios sitios.

Na realidade via-se galgando apressadamente pelas telhas abaixo um homem robusto. Diligenciava equilibrar-se. Na rua, um dos perseguidores aperra a espingarda, aponta-a, demora-se um segundo em visar bem o alvo e atravessa com uma bala o arcabouço do verdugo. O executor de alta justiça abre os braços, escorrega, cáe e vem despenhar-se nas pedras da calçada, fulminado.

— E o outro? — perguntam da turba.

— O Simões, deixou-se ficar na cela; tem medo que lhe façam a êle o que êle tem feito a tantos.

A excitação dos habitantes acalma-se um tanto. A *Sonho de Rafael*, acompanhada por creado de confiança do marquês de Niza, vae ajustar e dispôr os meios de se transportar a Setubal.

D. Domigos dirigiu-se ao Chiado e entrou no café Marrare do *Polimento*, pegado com o seu palacio. Queria obter noticias. Depressa se lhe assentou ao lado um alviçareiro seu conhecido. Pede-lhe:

— Venham as ultimas?

- Os *patuleias* são danados. Quanto mais pancada lhes dão por lêr o *Espectro* mais diligencias fazem para obter o jornal do Rodrigues Sampaio, de o emprestar aos amigos e conhecidos,

Lê-se por toda parte, ás escondidas nos sótãos das casas, nas trapeiras, nos subterraneos, com luz e ás escuras. O mais bonito ..

— O mais bonito o quê?

— E' que na chapelaria Carvalho, numa das antigas portas do botequim das Parras [1], num cubículo, redige-se um periodico, que os espiões do Costa Cabral nunca conseguiram saber onde se fazia.

— Imbecias espiões tem a policia do Costa Cabral.

— Que será feito do José Pedro das *Luminarias*, dono do botequim das *Parras?!*

—Arrasta por ahi os seus setenta cinco. E' soldado do batalhão da Carta. Desempenha o logar de ordenança e anda de baioneta e muleta.

– Não lhe tem valído de muito ser um cartista convicto.

— Quem tem ganho com isso é o Domingos Ardisson.

— Onde pára?

— Sabes que a revolução se tem propagado como fogo em palha sêca pelo Minho, Trás-os-Montes, Alemtejo, Algarve. O verbo eloquente de José Estevam abre larga brecha nos partidarios dos Cabraes. O conde de Melo evoluciona com as suas tropas no Alemtejo, pois um dos seus ajudantes é o Domingos Ardisson, por tal sinal muito amigo do celebre cabecilha Galamba; o outro é o D. João de Menezes.

— A rainha é teimosa, os Cabraes ainda mais.

— Mas teem de ceder; Lord Palmerston prontifica-se a obter a intervenção da Inglaterra, mas ha de conceder uma amnistia ampla, amnistia que ha de abranger todos quanto pertencem ao partido da Junta, sem excepção. Inclue restituição dos logares aos funcionarios, das honras que foram anuladas, penitencia e desculpas dadas ao duque da Palmela. a quem prendeu no Paço na treda noite de 6 de outubro.

— D. Maria II, com o seu genio, deve ter chorado lagrimas de raiva.

—Tambem as familias dos vencidos de Torres Vedras, a quem a capitulação concedia todas as honras de guerra, choraram lagrimas, mas de angustia e saudade, a pensar no anexim de mau presagio e ainda de peor agouro então espalhado: "Quantos irão que não voltarão!" quando os quarenta e três oficiaes em-

(1) Depois tabacaria *Monaco*

barcaram no brigue *Audaz* a 1 de fevereiro deste ano de 1847, degradados para Angola!

— Verdade, verdade, não se explica bem como o conde das Antas estacionando com uma força importante em Santarem, e ouvindo a artilharia troar em Torres Vedras, não marchou para ali colhendo a divisão de Saldanha entre dois fogos e obrigando a victoria a fixar-se no campo do conde de Bomfim!

— O singular do caso é que todos esses generaes, agora inimigos uns dos outros, Saldanha, duque da Terceira, Vinhaes, Sá da Bandeira, conde das Antas, Bomfim, estimam e respeitam D. Maria II!

— Dizem que está para breve uma batalha em Setubal entre as tropas da Junta e as do governo...

— E a intervenção de Ingiaterra?

— Os animos andam muito exaltados.

— Vamos nós dar um passeio até as margens do Sado.

— Pois vamos!

O marquês de Niza lembra-se da jornada projectada por *Sonho de Rafael* e acedeu á proposta. No dia imediato partiam os dois amigos, munidos dos respectivos salva conductos.

* * *

A 27 de abril desse ano de 1847, o visconde de Sá da Bandeira, comandante das tropas da Junta do Porto, recebera um aviso de *sir* H. L. Bulwer, ministro inglês em Madrid, que o desconcertara. Prevenia o diplomata britanico de que a 18 o governo de Madrid e de Londres tratavam de uma convenção. Os termos desse pacto, assegurava-lhe, eram "convenientes e honrosos tanto para S. M. a Rainha como para a Junta do Porto." Apelava então para êle visconde "afim de que não levasse os negocios a extremos que podiam ser fataes á causa que S. Ev.ª seguia."

A linha de defesa em redor de Setubal completara-se em quasi toda a perifería. Sá da Bandeira julgava do seu dever evitar, ante as negociações entaboladas, a todo o transe, qualquer choque entre os seus subordinados e os do seu adversario, conde de Vinhaes, na sua maioria veteranos intrépidos e disciplinados.

A 30, o visconde respondeu á comunicação do ministro inglês, em Espanha, com uma nota do seguinte teor:

«.. O comandante das forças da Junta do Porto roga a *sir* H. L. Bulwer se digne acreditar que, com justiça, o deve julgar incapaz de desejar que corra sangue inutilmente.

Nesse mesmo dia, respondendo a outra carta de 29, a *Sir* G. H. Seymour, escrevia o seguinte :

«Emquanto á suspensão das hostilidades, muito folgaria que se concluisse imediatamente, mas as considerações que envio ao coronel Wylde impôem-me o dever de esperar pela decisão do general em chefe».

O visconde não se surprehendeu quando, a 29, singrava pelo Sado dentro o vapor da esquadra inglesa *Polyphemus* levando a seu bordo o mesmo coronel Wylde. Apenas fundeou, o oficial britanico participou a Sá da Bandeira que o governo de D. Maria II "aceitara a mediação da Inglaterra para se pôr termo â guerra cívil„. Concluia a participação propondo uma suspensão de hostilidades. (1) O visconde respondeu : "censurando que o general inimigo construisse uma bateria no momento em que os oficiaes, enviados pelo ministro inglês em Madrid e pelo governo espanhol, lhe arrancavam a promessa, que sustentara, de cessar as hostilidades, até que voltassem. Declarava tambem que este procedimento o obrigava a tomar as maiores precauções„.

Era esta a situação a 30 de abril Pelas ruas de Setubal os estudantes, que faziam parte do Batalhão Academico, os voluntarios, os populares e mesmo os soldados berravam como energúmenos :

— Vamos para a frente !

— Não temos medo !

— A victoria será nossa !

Os academicos cantavam :

> Somos jovens, livres somos,
> Somos de mais portugueses,
> O dever nos chama á guerra,
> Afrontemos seus revezes.

Domingos Ardisson, ajudante do conde de Melo, proura Sá da Bandeira em nome do seu chefe e, por incumbencia deste, comunica-lhe :

(1) *Livro azul*, inglês; 1847.

— Senhor visconde, o meu general manda prevenir v. ex.ª de que oficiaes e soldados murmuram por toda a parte; todos declamam contra a inercia a que os condemnam; a indisciplina e a desordem acentuam-se a cada momento; não sabe o que ha de fazer.

— Sei eu; se a divisão não se mantém dentro das normas militares, demito-me do seu comando — declara o mutilado do Alto da Bandeira

— Diriam que V. Ex.ª ..

— Nunca soube o que é o medo, mas não quero comandar insubordinados.

Neste momento os academicos juntavam se á porta do quartel general, e gritavam:

— Vamos ao inimigo, meu general, vamos ao inimigo!

Alguns coroneis, entram no gabinete de Sá Nogueira, e expôem:

— Meu general, não nos responsabilizamos pela disciplina das nossas unidades se V. Ex.ª não manda atacar.

— Os senhores sabem tão bem como eu que temos pouca polvora — argumenta em voz baixa o visconde.

— Não se importam saber disso, atacarão sem polvora e sem comando, será uma verdadeira calamidade — comenta um dos oficiaes superiores.

— Assim o querem... seja. Deem ordem para o combate ámanhan de manhan — condescende Sá da Bandeira com voz surda.

Apenas a noticia se espalha, graduados e praças de todas as fracções, aos magotes, percorrem as ruas cantando, patenteando vehemente entusiasmo. A' noite, a oficialidade concentra-se em frente do quartel-general, e brada:

— Viva o Sá da Bandeira!

— Viva o conde de Melo!

— Viva o tenente coronel Galamba!

— Viva a Junta do Porto!

— Morram os Cabraes!

As musicas cruzam pelas ruas e estacionam nas praças executando marchas e hinos, o que ainda mais aumenta o delirio dos exaltados.

Quando previnem o conde de Vinhaes do que ocorre em Setubal, o general das forças cabralistas responde a quem lhe comunica a noticia:

— Não posso acreditar em tal loucura: Sá da Bandeira conhece tão bem como eu o andamento das negociações ainda pendentes. Romper as hostilidades nesta ocasião é mais que loucura, é um crime.

No entanto, prepara-se para receber o ataque.

* * *

A serra do Vizo encorcova-se de norte a sul. A actual estrada de Azeitão passa-lhe ao setentrião e cava ao meiodia o pequeno vale das Pedreiras. O Alto do Vizo é a mais elevada das eminencias visinhas e ergue-se a cêrca de dois kilometros a oeste de Setubal. Bastantes moinhos salpicam com a mancha branca das suas velas as rochas calcareas e as pouco profundas camadas de solo argiloso, inculto na sua maior parte. Na encosta do poente alvejam dois casaes: o Vizo Grande e o Vizo Pequeno, no meio de um tapete verde de hortaliças, trigo e outras plantações. O conde de Vinhaes estabelecera o seu quartel general no casal do Vizo Grande, dotado de razoaveis casas de moradía, e então pertencente a Manuel Severo de Brito Guedes, tenente-coronel reformado, comandante do forte de Albarquel e governador militar de Setubal. O estado maior de Vinhaes reconhecera as imediações da cidade e logo as suas tropas se acolheram aos entrincheiramentos levantados.

A's seis da manhan de 1 de maio, desse ano de 1847, as duas colunas das forças de Sá da Bandeira dispôem-se a acometer os contrarios. (1) A Guarda Nacional de Setubal guarnece a torre de Outão.

Constitue a primeira Caçadores 5, Fuzileiros da Liberdade, Movel de Coimbra, artilharia de campanha e cento e vinte cavalos. O seu objectivo é desalojar o inimigo das posições da direita, conquistar a imediata, a cavaleiro da esquerda contraria, postar ahi uma bateria e proteger a coluna da direita formada pelos batalhões 1.° de Leaes Caçadores, organizado no Algarve sob o comando do coronel Neutel e denominado assim por ser composto em grande parte de soldados do 5, fugidos depois de aprisionados em Torres Vedras; Emigração Lisbonense; compa-

(1) *Duas palavras ao auctor do esboço historico de José Estevam, etc...* opusculo de João Carlos de Almeida Carvalho.

nhia de Cintra e sessenta cavallos. As instrucções dadas a este troço comprehendiam o ataque á esquerda cabralista, arrasar o seu reducto e secundar as forças da direita.

Completavam estas medidas a ordem transmitida ao major Freire, comandante do 6 de Caçadores ou Batalhão Movel de Portalegre, denominado pela Junta, Conquistador da Liberdade, descer de Palmela e postar-se em reserva junto a S. Paulo, ameaçando a estrada de Azeitão e a retaguarda de Vinhaes. A brigada do Algarve constituia a reserva principal; concentrava-se perto da linha de defesa; formavam-na os batalhões de Atiradores: 1.º de Faro, ás ordens do tenente-coronel José Coelho de Carvalho; 2.º de Albufeira, comandado pelo tenente coronel Judice Samora; de um contingente do 3.º de Lagos. Foi ordenado igualmente que o Movel de Evora e cincoenta cavalos se assenhoreassem das posições da quinta dos Bonecos e alto de Branca Annes, onde tiroteava o forte Barrete de Clerigo, guarnecido por Atiradores do Algarve. Aos navios de guerra, sob o comando de Salter, incumbia proteger as manobras, contendo os cabralistas com os seus fogos.

A coluna da direita envereda pela estrada de Azeitão; a da esquerda, para atrahir sobre si a atenção dos contrarios e auxiliar a operação, marcha pelo caminho proximo, protegida pelo castelo de S. Filipe. A rapidez da investida e a velocidade desenvolvida pelos assaltantes obrigam os contendores a abandonar a sua excelente posição da direita. O major Constantino de Azevedo Cunha, á frente de Caçadores 5, ataca com inexcedivel intrepidez; o tenente coronel Joaquim Guedes, que conduz o Movel de Coimbra, despreza a metralha que estilhaça tudo em redor de si, e corre a proteger a artilharia. Ferido de gravidade, mantem-se no seu posto e incita com o seu exemplo as façanhas praticadas pelos subordinados. Os academicos, que faziam parte da guarda avançada, cantam:

> Quando da patria
> Sôa o clarim.
> Ninguem nos vence
> Morremos, sim.

O conde de Vinhaes logo que o informam da acometida dos populares e da perda das suas primeiras posições, importantes para o proseguimento do combate escalona a divisão como as cir-

cumstancias aconselham. Determina á 1.ª brigada, composta por Infantaria 1 e 2, uma companhia da Guarda Municipal e um esquadrão de Cavalaria 5, que suba pela vertente que conduz ás eminencias e se mantenha ali. Neste momento já a artilharia da Junta, do comando do capitão Rolla e tenente Quaresma, postada na crista do monte, despeja saraivadas de projecteis, que dizimam os cabralistas e abrem largas clareiras nas suas formaturas. Os projecteis ferem alguns dos oficiaes mais graduados das tropas de Vinhaes: o coronel Marcelli, comandante da 1.ª brigada, o coronel Barreto e o tenente coronel Pereira, comandantes dos regimentos 12 e 1.

O tiroteio desencadeia-se num e noutro arraial com extrema violencia. Pelos montes e vales, pelas cristas e vertentes, pelo terreno acidentado de urzes e de pedras utilizadas para mós de moinho e ainda para outras especialidades, a artilharia, a fuzilaria, o estrépito de todas as armas, entôa um hino marcial com estrofes de destruição e de sofrimento. A's detonações aceleradas das peças, servidas com nervosa actividade, ao estralejar incessante das espingardas que os soldados carregam apressadamente mordendo com célere raiva os cartuchos e batendo febris com as varetas nos canos de alma lisa, juntam-se o tropel da cavalaria chocando-se em embates desesperados, a bulha das ferraduras arrancando chispas ao solo pedregoso por onde correm, o tinir de muitas especies de metaes, desde a lâmina das espadas até o ferro dos estribos, os gritos de furia e odio, as vozes de comando, as imprecações e as blasfemias, as pragas e os insultos, os vivas e os morras.

Na primeira carga, realizada por pequenas fracções devido á natureza argilosa do piso o tenente coronel Castelo Branco, cabralista, aleijado da mão direita num combate do cêrco do Porto, vara com um tiro de pistola o tenente Pancada, da Junta. O cabecilha, tenente coronel Galamba, ao ver prostrado o seu camarada, levanta a espada e, com um golpe digno de figurar nos prélios cavalheirescos da Edade Media, degola, Castelo Branco. A patria perdeu nesses seus filhos dois militares intrépidos e dois cidadãos prestimosos que a torpe politica lançou um contra o outro aniquilando-os. Ainda hoje, quem subir, de noite, pelas encostas ensombradas do Alto do Vizo, caminhando de Setubal para Azeitão, lobriga uma luzita bruxoleante, á guisa de fogo fátuo. E' a lampada acêsa na capela de Santa Efigenia, na quinta

da mesma designação, que vela o somno eterno dos dois adversarios, ali sepultados ao lado um do outro.

As tropas de Sá da Bandeira, ao abrigo das suas baterias, canhoneiam eficazmente os contrarios. Não só lhes deteem os ímpetos, mas ainda os obrigam a retroceder e manteem denodados as posições da direita. Nesta fase a Guarda Municipal aproxima-se de Caçadores 5, e grita :

— Vimo-nos entregar !

Uma parte dos recrutas desta unidade acredita no tredo ardil. Os poucos oficiaes que o enquadram previnem-nos:

— Não creiam, rapazes, é um estratagema ! Não se deixem iludir.

Os galuchos só se convencem do desleal artificio quando se vêem envolvidos pelos veteranos da Guarda e atacados pela cavalaria, que lhes atira para cima com as montadas, no meio de um alarído e de um estrepito que apaga o do tiroteio.

— Firmes, rapazes, firmes ! Lembrem-se que Caçadores 5 nunca recua ! Não envergonhem os velhos camaradas ! — exhorta o major Azevedo e Cunha.

O pânico empolga-lhes a coragem e não ouvem os incitamentos dos seus chefes. Os Fuzileiros da Liberdade, que lhes servem de apoio, aguentam-se disciplinados e corajosos. Podem comparar-se na firmeza a soldados velhos, Tudo indica que vão servir de baluarte aos desanimados, que ao abrigo dos seus peitos Caçadores 5 cobre animo, readquira a sua formatura, volva ao combate. Sobrevém uma surpreza que muda a face das coisas. Os partidarios da Junta tinham apreendido armamento vario a bordo do vapor *Royal Tar*. Procedera-se na vespera á sua distribuição aos Fuzileiros. Quando estes vão a servir-se, no momentos crítico das espingardas tomadas, reconhecem com desalento que os canos sujos, os ouvidos obstruidos, não consentem disparar um unico tiro. Uma parte dêles, exaltadissimos pela cólera, partem as armas nos joelhos; outros vão para a retaguarda. No entanto, a maioria do corpo, prosegue no cumprimento do seu dever brigando com tenacidade e deixando caídos no solo bastantes oficiaes e soldados.

Vinhaes, que conhece quanto ocorre, exige um esforço supremo das suas tropas e emprega toda a cavalaria. Os do campo popular, abalados por esta série de contrariedades e ainda pela escassez da polvora, cedem ao numero e á adversidade, mas em ordem,

conservando as suas formaturas, a coberto da metralha do Castelo de S. Filipe e dos navios de guerra. Emfim, Caçadores 5 Fuzileiros e o Movel de Coimbra abandonam as posições até ahi ocupadas, recolhendo no movimento do retrocesso, das eminencias, ainda guarnecidas por defensores seus, umas duzias de combatentes, á testa dos quaes se encontra o bravo tenente José Maria Cristiano.

* * *

O Corpo Academico honra as suas tradicções de pundonor e de bravura. Comando-o o intrépido capitão de Fuzileiros da Liberdade, Fernando Mousinho de Albuquerque. Estende primeiro em atiradores, em seguida concentra-se e acomete com rara intrepidez. Afrontam-no forças muito superiores, que o atacam por seu turno e o obrigam a retroceder, não sem deixar no campo bastantes mortos e feridos, e entre aqueles o seu denodado capitão. As tropas de Vinhaes apertam-nos com furia, em especial a Guarda Municipal, que, na vanguarda, carrega á baioneta num belo movimento de galharda impetuosidade. As víctimas seriam em maior numero se os academicos não se acolhessem á protecção dos fogos do castelo de S. Filipe. A artilharia desta fortificação, intensificando o seu jogar, afastou os adversarios que não conseguiram firmar-se dentro da zona batida pelos seus pelouros e ainda da fuzilaria dos Caçadores de Monchique, de guarnição no castelo. Governa este o major Antonio Candido P. Gamito, militar valente, natural de Setubal, o mesmo que dirigiu uma exploração ao interior de Africa, descrita no livro intitulado *Muata Cazembe.*

A coluna da direita não se porta com menos coragem. O 2.º da Legião de Serezinos, de Braga, comandado pelo tenente coronel Montalverne, uma companhia do Lisbonense, comandada pelo capitão Manuel de Jesus Coelho, e a companhia dos Cintrenses, uma especie de Zuavos da divisão, comandada pelo capitão Berter, levam deante de si as primeiras tropas contrarias, que se encontram emboscadas. O major Montenegro, á testa destes atiradores, galga pela montanha acima; com identica bravura Caçadores 1, comandado pelo major Mendonça, atinge ao mesmo tempo o reducto inimigo, paralelo ao Forte Velho, tratando de o arrasar numa peleja renhida.

O conde de Vinhaes compreende o perigo da situação, e envia,

para se assegurar do exito, a 2.ª Brigada, ás ordens do coronel Abreu, constituida por Caçadores 5, Infantaria 6, duas peças de artilharia e 60 cavalos. Dura este renhido prélio duas horas, com refluxos e refluxos, ora avançando uns, ora recuando outros. A direita empenha-se num combate violento. Forma ahi o Movel de Evora. O valente major Madureira, ordena que seja reforçado o reducto do Barreto de Clerigo e ocupada a quinta de Branca Annes. Os cartistas cedem. Entra na acção, chamada, a Brigada de reserva, do comando do coronel Vaz Ferreira. A ala direita abaúla-se numa corda de recuo. Defende-se agora noutras posições apoiada pelo Forte Velho. As suas bôcas de fogo cospem ininterrupta metralha devido á energia do governador Ponte Horta, capitão Pontes e tenente Arrobas, no que são coadjuvados pela fusilaria dos contingentes de Caçadores 5 e de Cintra, parapeitados no forte.

Sá da Bandeira, num dos logares mais expostos, abrange com a vista o taboleiro onde os combatentes blasfemam na mesma lingua e se matam com as armas dos mesmos arsenaes. A sua serenidade e bravura não se desmentem um só instante. Quando é necessario, corre ao ponto mais arriscado e ahi se conserva não dando o mínimo signal que ouve o troar da artilharia, o crepitar da fuzilaria e que projecteis de todos os calibres desenham, contornam, a sua figura sêca, mas heroica. O conde de Melo, que defendera a bateria do Bomfim do Porto e que nada perturbara a sua intrepidez ante as muralhas de Extremoz, viu caír, ferido, ao lado, o seu ajudante D. João de Menezes.

— Polvora, meu general! — requisitam de todos os lados.

— Lá vae já! Lá vae já! — repete Sá da Bandeira ocultando no ar mais natural as angustias que lhe cruciavam a alma.

A's nove da manhan quando os mortos e os feridos se contavam por dezenas, apresenta-se a Sá da Bandeira o capitão inglês Mac Cleverty. O general da Junta do Porto apressa-se a atendê-lo:

— Venho em nome do coronel Wylde convidar V. Ex.ª a suspender as hostilidades e entregar-lhe o seguinte oficio.

Sá da Bandeira pegou no oficio, quebrou a obreia, desbobrou o papel e leu para si:

A bordo do navio de S. M. B. *Polyphemus* — Setubal 1 de maio de 1847, — ás sete horas da manhã. Urgente.

Sr. Visconde

Neste momento sou informado de que as forças debaixo do comando de V. Ex.ª vão marchando com o intento de atacar as tropas da Rainha. Penso, portanto, que é de justiça informá-lo, que tendo S. M. F. aceitado a mediação da Inglaterra, se V. Ex.ª ficar victorioso, terá provavelmente de encontrar as forças britanicas que estão no Tejo, preparadas para defender a capital e opôrem-se á passagem do rio. E, por outro lado, se V. Ex.ª fôr derrotado, tornar-se-á um dever para mim o recomendar que as tropas do seu comando sejam excluidas do beneficio da amnistia, que, segundo informei hontem, Sua Magestade tem tenção de promulgar.

Tenho a honra etc.

Wylde, coronel

A lucta proseguia com violencia. A esquerda das forças da rainha estavam muito apalpadas com os fogos do Forte Velho e dos navios de guerra, secundados pelas baterias postadas no Alto do Vizo, sob a superintendencia do major Simões.

— Se V. Ex.ª me promete que o general Vinhaes manda cessar o fogo, eu dou imediatamente identica ordem. Desejo evitar uma inutil efusão de sangue; como vê as tropas inimigas sofreram mais baixas que as minhas, em consequencia das vantagens que obtive no principio da acção e das vitimas originadas pelos fogos da esquadra, castelo de S. Filippe e Forte Velho.

Conded de Vila Real

Dado por morto no combate de Chão da Feira

— Prometo.

Partem ajudantes de ordem em varias direcções. Dali a pouco todos os combatentes reocupam as suas anteriores posições. O conde de Melo, ex-

tincta de toda a metralhada, galopa na sua qualidade de chefe de estado-maior, para se entender com o general Vinhaes ácêrca dos varios artigos sobre a suspensão de armas. Assente os termos da convenção o comandante das forças da rainha diz para o seu camarada do arraial contrario, textualmente:

— "Se eu soubesse o estado em que se achavam, tão faltos de polvora, tinham de certo hoje levado uma boa lição e pago cara a ousadia do ataque!...„ [1]

Os écos da batalha reboaram até Lisboa e acordaram no peito das familias dos combatentes repercussões de angustiosa anciedade e de sinistros presagios. Breve atravessou o rio uma numerosa romaria de mulheres de todas as idades e classes; sem demora as estradas até Setubal estremeceram ao rodar dos veículos e ao pisar de passos leves ou pesados de ancians de rostos afogueados ou de raparigas de olheiras profundas. Peregrinavam santa e dolorosamente mães, esposas, filhas, namoradas, a caminho das ambulancias e dos hospitaes de sangue. Não tardou que bastantes se espraiassem pelo campo, onde os maqueiros levantavam os ultimos corpos, e tão cheios de projecteis, que decorridos muitos anos ainda se encontravam em abundancia, reflectindo-se-lhes no semblante o bem pronunciado receio de encontrar o que com tão magoado afan procuravam. Nos bivaques e nos quarteis sucediam-se, numa serie infinita de episodios, scenas de indescritivel alegria e de dramatica comoção.

O marquês de Niza que, com outros amigos idos de Lisboa, fôra presencear as diversas fases da lucta, logo que soube da morte de Fernando Mousinho de Albuquerque, correu a prestar-lhe a derradeira homenagem na improvisada camara mortuaria.

— Pobres academicos deixaram cinco dos seus no campo! — lamenta um oficial.

— E dois deles foram assassinados depois de feitos prisioneiros — explicou outro. [2]

[1] No combate tinham-se distinguido em ambos os campos, além das pessoas já citadas: os coroneis Giton e Bustorf; o tenente coronel Mendes Leite; o major José Estevam; os capitães Pinto Carneiro, Carlos Ribeiro, Domingos Ardisson e José Xavier de Bastos; os tenentes Abreu Vianna e Palma Reis; os alferes Vasco Guedes, D. João de Menezes Manuel Emaur, Antonio Maria da Cunha e Carlos Costa. O primeiro ferido foi um academico. O major Barrote da Guarda Municipal mereceu especiaes elogios ao conde de Vinhaes.

[2] Os academicos, que formaram a linha de atiradores e que es-

— Pobre Fernando Mousinho! O pae morreu na batalha de Torres Vedras: no combate do Chão da Feira, a favor da Carta, em 1836, as primeiras descargas feriram-no gravemente, como aqui os tiros iniciaes lhe vararam o peito de lado a lado — comenta outro.

— Tristissimos resultados das luctas civis! — observa um.

— E' uma familia predestinada para a guerra e para a paz. Os seus membros ou se evidencíam na magistratura, nas refregas contra os inimigos externos ou nas nossas tristes desavenças intestinas — acentua D. Domingos. (1)

— Tambem ao Joaquim Guedes de Carvalho e Meneses, da casa dos condes da Costa, uma bala lhe partiu um braço.

— Nesse combate do Chão da Feira, ferido a 27 de agosto de 1837, e em que o general setembrista, barão do Bomfim, derrotou os marechaes duque da Terceira e de Saldanha, obrigando-os a fugir para Trás-os-Montes, tambem se viram lances bem tragicos, como o acontecido com Fernando de Sousa, conde de Vila Real — nota um dos circumstantes.

— Que foi? Conta! — solicíta um ignorante curioso.

— O Dr. José Eduardo de Magalhães Coutinho, terminara o curso e foi de companhia com o pae, oficial de cavalaria.

caparam, foram: o alferes José Maria Tavares Ferreira, Agostinho Leite, D. Antonio da Costa de Sousa Macedo, Antonio José de Barros e Sá, Antonio Maria de Lemos, Antonio dos Santos Ferreira Jardim, Augusto José Gonçalves Lima, Augusto Zeferino, Candido Maria Cau, Carlos Honório Borralho, Eugenio da Costa e Almeida, Francisco Pimentel de Macedo, Frederico Augusto da Jansen Verdades, Guilherme de Santana e Miranda, José Antonio de Macedo Ferraz, João Antonio dos Santos Silva, João Pereira Ramos Brun do Canto, João Ribeiro Barreira, Joaquim Guilherme de Seixas, Manuel Gomes Pinto, Pedro Joyce, Raymundo Cezar Borges e Xisto Caetano Moniz Barreto. Ficaram feridos Antonio Alves de Macedo, José Gouveia de Sousa, Manuel Ignacio Brun do Canto, e contuso Joaquim de Pinho e Sousa. Mortos: Fernando Mousinho de Albuquerque, tenente Manuel Fialho de Abreu, Ayres de Araujo Pitta Negrão, Domingos Antonio Ferreira, e José Antonio Carlos Madeira Torres

(1) O senhor visconde de Sanches da Baena filía a ascendencia dos Mousinhos de Albuquerque no reinado de D. Diniz, em D. Affonso Sanches, nascido cêrca de 1289. Fernão Gil de Albuquerque, capitão de cavalos, obrou prodigios de valor na batalha de Toro ao lado do principe D. João. De então para cá os diferentes membros dessa familia ora vestem a toga, ora empunham a espada até Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite.

Concluida a refrega o novel medico dispôs-se a prestar os seus socorros a quem deles precisasse. Esbarra com um rapaz a quem uma bala de artilharia dilacerára uma perna. Ouvindo-o gemer em francês, supô-lo estrangeiro. Mandou-o transportar, como outros feridos, para um logarejo proximo. Impunha-se a amputação da perna, mas o medico não dispunha dos instrumentos necessarios. Recorreu ás navalhas de um barbeiro e ao serrote de um marceneiro...[1]

— Apre!

— Durante a amputação o ferido só exclamava: "Mon Dieu! Mon Dieu!„ Escapou. A convalescença não se fez esperar. Declarou-lhe então quem era e que fôra educado em França. Eis o motivo porque no delirio se exprimia em francez. O dr. Magalhães Coutinho foi para o ferido simultaneamente medico e enfermeiro desvelado. Uma tarde, pára á porta da moradía rustica uma liteira. Apeiam-se dela duas senhoras de porte aristocratico. Eram a condessa de Vila Real e sua segunda filha D. Maria Tereza de Sousa, hoje condessa da Ponte. Quando o mutilado poude regressar a Lisboa, a irman tirou do seio "uma bolsa de setim roxo e deu-a ao medico„... Havia lá dentro cem libras...

— Uma bonita continha!

— O medico supôs-se milionario, e ficou desde então considerado como fazendo parte da familia. Ele ainda está ahi "alto. moreno; feio; olhos pretos retintos, ardentes como duas brasas; bôca rasgada, de beiços grossos, mas expressivos. Vida petulante a saltar-lhe da musculatura, da arca do peito, do gesto, dos movimentos, da palavra sempre colorida e fecunda„. Alexandre Herculano diz que é a mais vasta inteligencias que tem conhecido.

O marquês de Niza prometera gratificar com remuneração de vulto quem o informasse onde se encontrava a *Sonho de Rafael*, que partira, como o leitor se lembra, para saber noticias do irmão. Quando D. Domingos se persignava saudando numa ultima oração os restos do amigo, que acabava de transpôr o limiar da Eternidade, um homem, o mesmo a quem incumbira das pesquizas, acercou-se dêle e participou-lhe:

— A senhora que V. Ex.ª procura está aqui mesmo no hospital.

[1] *Memorias*, Bulhão Pato.

— Aqui! Onde?

— Vela o cadaver do irmão.

Um empregado leva D. Domingos até junto daquela que lhe fôra até ahi a mais dedicada das suas numerosas amantes. Ajoelhada, rezava com fervor á beira de um catre, numa das enfermarias. Um rapaz de não mais de vinte anos, vestido com o uniforme dos Cintrenses, soltara ha pouco o ultimo suspiro. Pálido, lívido, á primitiva expressão de sofrimento sucedera a imponente tranquilidade da morte. O marquês de Níza aproxima-se da *Sonho de Rafael* e apertou-lhe a mão em silencio. Ela levantou os olhos para êle e murmurou quasi inaudivelmente:

— Foram portuguêses que o mataram...

Os soluços não lhe consentiram proferir mais palavras.

A intervenção estrangeira obrigou o governo da rainha a promulgar o decreto de 28 de abril, mas foi publicado mais tarde. Amnistiava todos os crimes politicos cometidos desde 6 de outubro de 1846. A insurreição da Maria da Fonte terminara com a Convenção do Gramido. (1) O visconde de Sá Nogueira, julgando-se em situação crítica, refugia-se a bordo de um navio inglês fundeado no Sado, em 14 de junho de 1847. Alguns membros da Junta fogem igualmente. As suas tropas, sem chefe, encaminham-se para o sul, a maioria em direcção do Algarve, perseguidos pelas tropas cabralistas. Os seus detractores apregoavam:

— Sá Nogueira é um militar destemido, não ha duvida, mas é um general que perde todas as batalhas que comanda.

(1) Gramido é uma aldeia, situada na margem direita do rio Douro, freguesia de Santa Maria de Campanhan. Reuniram-se ahi, a 30 de junho de 1847, o general português Cesar de Vasconcelos e o general espanhol Concha, comandante de um exercito de vinte e cinco mil homens que entrara em Portugal, e assignaram a convenção que punha termo á guerra civil. O conde dos Antas, general da Junta, fôra aprisionado em 31 de maio desse mesmo ano de 1847, com quatro mil homens, e entregou toda a esquadra.

VII

Revolução em Munich

— Parabens, arranjaste-lhe uma colocação de primeira ordem; nem mais nem menos que amante de Luiz I, rei da Baviera.

- Consta que esse tal rei não gosa da plenitude das suas faculdades.

— Não sei; o certo é que, no capitulo galanteio, gosa da plenitude de todas as mulheres.

— E' um sultão.

— Não; é um artista que aprecia com entusiasmo o Belo e a sua incarnação feminina.

— Já lhe deviam ter passado as verduras da mocidade, pois anda pelos sessenta e um.

— Anda; nasceu em 1786. Agitaram a sua meninice os abalos da invasão napoleonica na Alemanha. O pae, Max Joseph, estadista habil e aproveitando as oportunidades, conduziu-se com tal pericia que obteve a independencia da Baviera. As lições recebidas da revolução francêsa, em consequencia da qual ficou sem os seus dominios do Rheno e o obrigou a fugir, acautelaram-no. [1]

— "Gato escaldado...»

— Apenas lhe ficou a Baviera, ameaçada de multiplos perigos. O Santo Imperio romano fragmentou se, o espirito revolucionario minava todas as camadas, escolheu um caminho e tomou por elle: o de captar as simpatias de Napoleão I. Para evidenciar a sua sujeição, dá a filha em casamento a Eugenio de Beauharnais, enteado do dominador da Europa. Em recompensa

(1) Trowbridge.

Napoleão I fá-lo ascender de eleitor a rei e amplia-lhe os estados com anexações valiosas.

— Os vassalos condescenderam com tudo...

— Não completamente. Os bávaros, que mostram predilecção pelo evangelho de 1793, não querem sujeitar-se á opressão napoleonica. O orgulho e o patriotismo, fortemente excitado pelas derrotas de Iena, de Austerlitz e de Wagram, leva-os a contrariar esses intuitos. O principe herdeiro, o rei de hoje, toma a direcção do movimento.

— E o pae?

— Ordena-lhe que viage. Aos dezoito anos, numa visita a Roma, o juvenil principe liga-se intimamente com um tal Martin Wagner, moço pintor alemão. Este desperta no futuro Luiz I o amor da arte e do Belo. [1] Chamam-no da Cidade Eterna para servir no exercito de Napoleão I. Bávaro na alma, esta submissão a um tirano estrangeiro, desencadeia no seu coração o odio contra o imperador dos francêses.

— Vamos lá, com uma certa razão.

— Diz, a quem o quer ouvir, que o dia mais feliz da sua vida será aquele em que Strasburgo, onde nasceu, torne a ser cidade germanica. A dedicação pela Alemanha e o culto da beleza, tal era o seu credo, que proclamava abertamente, com paixão, sem se importar com o perigo.

— Devia ter embirrado com o casamento da irman com Eugenio de Beauharnais...

— Tanto, que se atreveu, quando visitou o imperador dos francêses, a voltar-lhe as costas em publico. Semelhante ofensa não devia passar despercebida aos olhos de quem ousava suprimir o duque de Enghien. Mas se Napoleão disse, como se apregoou: "Quem me impede de mandar fuzilar esse principe?" ficou-se pela ameaça e confiou ao destino a missão de o vingar.

— E o pae, o rei?

— A despeito das instancias de Max Joseph, influenciado por Napoleão I, o principe Luiz continuou a sua oposição. Esta atitude valeu-lhe mais tarde, depois de Waterloo, o reconhecimento

[1] Estranha coincidencia. O nome é o mesmo do musico que devia exercer tão grande influencia sobre o extraordinario *rei doido* da Baviera. O pintor Martin Wagner faz revelar em Luiz I a mesma intensa adoração pelas manifestações do Belo, como o musico Ricardo Wagner faz nascer em Luiz II igual sentimento a proposito da musica.

dos bávaros. Em seguída á queda do imperador, e aproveitando a tranquilidade do reino, voltou para Roma para ahi continuar as suas idolatrias...

— As suas manias...

— Vive então conforme os seus sonhos, entre pintores, escultores, arquitectos, a quem aparece como um verdadeiro principe de bohemios. Não frequenta a sociedade. Não cultiva as suas relações. O seu palacio, acumulado de marmores, de bronzes, de quadros, aberto apenas aos inspirados, aos *gregos genuinos*, transforma-se num verdadeiro templo. Acolhe ali com hospitalidade aqueles a quem chama camaradas e entre esses Thorvaldsen e Canova.

— Vivia a seu modo, e: "A vida sem amizades é como o céo sem sol".

— Esta vida de amador de Arte entorpeceria qualquer outro espirito, mas o principe Luiz pertencia a uma casta de genios que querem realizar o seu sonho. Quando volta á Alemanha é para prégar as suas doutrinas de arte, afim de "fazer de Munich a maravilha da Alemanha".

— E conseguiu-o ?

— O mais possivel. Munich representa a completa efectivação dos seus projectos. Sacrifica á creação desta Athenas germanica tudo quanto possue, até o trono. Dispende mais de cincoenta milhões de marcos do seu bolsinho em instituições scientificas e em monumentos. Recomenda aos que efectuavam pesquizas para êle na Grecia e aos pintores que lhe compravam quadros : "Quero o que ha de melhor".

— Sabe ser rei.

— A Glypotheca e a Pinacotheca conteem uma das mais belas colecções de pintura e de escultura dos tempos modernos. Quando sucedeu a seu pae, o rei Max Joseph, em 1825, a sua popularidade estava feita. A sua má vontade contra Napoleão I, a sua independencia de pensamento, o seu desprezo pela etiqueta, o seu amor das artes, captaram-lhe todas as simpatias.

— Afirmam que é bom e simples.

— Assim dizem, mas, apesar das suas teorias democraticas, possue de forma solida a noção do direito divino dos reis. No começo do seu reinado, manifestou primeiro a intenção de manter o regimen liberal instituido por Max Joseph, Após a batalha de Waterloo produziu-se uma reacção por toda a Europa depois

da revolução de 1830 aqui em França, Luiz I segue o exemplo dos outros principes alemães que Metternich impele para o conservantismo. A Igreja catolica romana exerceu sempre enorme influencia na Baviera e os seus ritos pomposos impressionaram Luiz I...

— Com um cerebro como o dele é natural.

— Guiado pelos jesuitas, o partido de reacção, o partido de Austria e de Metternich, domina tudo ali. Ha onze anos que o rei e o país se encontram nas mãos de um ministerio ultramontano, que não se importa nada com as aspirações da nação, ha quasi outro tanto tempo que o soberano perdeu a popularidade dos primitivos tempos. .

— Por causa das mulheres ?! ..

— A sua paixão pelo Belo não se patenteia só pela natureza morta, amplia-se aos seres vivos, e á beleza feminina em particular. Mostra-se tão conhecedor do outro sexo como quando aprecía um quadro ou uma escultura. Todas as mulheres bonitas que vão a Munich podem contar com uma recepção favoravel da parte do monarca. Acorrem ali de todos os rincões do globo. Manda pintar os seus retratos, uma admiravel colecção de formosuras. Existe em Luiz I um misto de Lovelace e de menestrel. Escreve versos com metro grego e procura, ao que se diz, inspiração na contemplação quotidiana dos seus retratos.

Mathias de Carvalho e Vasconcellos

Diplomata e amigo íntimo do marquês de Niza

— É um sultão intelectual e material, repito.

— A principio, como a rainha, uma santa mulher, fechava os olhos ás infidelidades frequentes, o povo fazia o mesmo. Mas depressa os escândalos, junto á sua atitude reacionaria, ocasionaram murmurios. Hoje em Munich não se fala já na *irresponsabilidade do genio*, cita-se a *incapacidade do soberano*. Aqui tens as informações que te posso fornecer de Munich, donde cheguei ha três dias.

Discorriam, nesta conversa, o marquês de Niza que, impressionado com o que vira no Alto do Vizo voltara para a legação de Paris, e o segundo secretario da mesma legação Rosa Lobo, que fôra á capital da Baviera em serviço diplomatico.

— E Lola Montes ! — inquire D. Domingos após em segundo de pausa.

— Ela escreveu-te.

— Escreveu e conta-me coisas mirabolantes ácêrca da sua entrada no principado de Reuss-Greitz.

D. Domingos tirou de dentro da algibeira do peito uma carta e leu :

—"...Á frente da carruagem principesca trotava o escudeiro-mór, de chapeo armado com grandes plumas brancas, farda agaloada com bordados de prata, amplas dragonas de cachos de oiro, agulhetas, calção de camurça, bota de montar, esporas de ouro, e uma espada de dimensões fenomenaes. Atrás o monteiro-mór tambem de grande uniforme. Em seguida a corporação de oficiaes. Neste instante a guarda de honra formou e apresentou armas. Ao cabo de um segundo aparece na varanda o principe, de chapéo de plumas, farda branca bordada a oiro e cheia de condecorações. O seu aspecto era magnifico, mas parecia nervoso...[1]

— Tudo isso por causa de uma dançarina !

— Ouve — e D. Domingos continuou lendo : — "... Toda a côrte, sem excluir as damas, fôra convidada para o jantar que devia ser servido ás cinco em ponto. Era obrigatorio o traje de cerimonia. As senhoras parece que mostraram uma certa relutancia, mas acabaram por condescender. Depois apareci eu numa caléche *à daumont*. Imediatamente o principe, acompanhado do

[1] *Les débuts de Lola Montes en Allemagne*, P. de Pardiellan

seu ajudante de campo se colocou á estribeira. Atrás escalonaram-se o estribeiro-mór, o monteiro-mór e a oficialidade. Nova continencia feita pela guarda de honra. Chegada ao centro da praça, a carruagem pára a um signal do principe, um lacaio salta da almofada, abre a portinhola e perfila-se. Sua Alteza beija-me a mão, oferece-me o braço e conduz-me ao palacio. Chegado ao vestibulo apresenta-me aos funcionarios, aos oficiaes e queria continuar... mas eu quiz passar revista aos doze mocetões da guarda, ácêrca de quem fiz varias observações que, parece, não agradaram a Sua Alteza.

— Que impudente!

— "... Os trinta mil habitantes do principado tomaram-me á sua conta. Disseram que eu desde Leipzig fumara consecutivos cigarros, que me empoleirara na almofada ao lado do lacaio, que lhe batera com o leque por êle não responder a uma das minhas perguntas. As damas de Greitz, comtudo, convieram em que eu sou de uma amabilidade que as encantou.

— Que serie de escandalos!

— "... Tenho aqui um grande amigo, o *Turco*, um cão enorme de Sua Alteza — prosegue lendo D. Domingos —. "Creio que não foi do agrado do principe que eu decapitasse com o meu chicote as flores que Sua Alteza mais apreciava e que me ficavam ao alcance da mão. Tem sido um nunca acabar de festas campestres, de almoços ao ar livre. Ofereceu-me um no *Jaegerbust*, pavilhão de caça construido num sitio admiravel. Durante a refeição tocou uma charanga de instrumentos de metal, e, um côro de estudantes ocultos na verdura ou empoleirados nas arvores, deviam dar a nota coral e alegre...„

— Temos travessura!

— "A comida não era má — continuou lendo o marquês de Niza, — mas a musica e os cantores pareciam ser tirados do inferno. Tantas caretas fiz, tanto me contorci quando eles desafinavam, que o principe impacientou-se e correu com toda aquela cambada. O demonio foi o resto. Um dos meninos do côro que trepara até o ramo de uma arvore não tinha pressa nenhuma de descer. Eu para o obrigar a ser mais agil, açulei o *Turco*. O gaiato berrou como um leitão ao sentir a faca. Sua Alteza correu a livrar o gaiato de alguma dentada do cão e quando chegou ao pé de mim muito mal humorado, com o tom severo de um mestre escola, disse-me: "Que não lhe torne a acontecer isto, minha

senhora. Aqui sou eu o senhor„, ao que lhe repliquei acto contínuo: "E eu a senhora!„

— Lá se entornou o caldo.

— "..., Presumo que o principe perdeu a paciencia porque dali a pouco um tal Kreszner participou me: "Sua Alteza deseja que V. Ex.ª sáia hoje mesmo dos seus estados.„ "Para isso não será preciso andar muito„, respondi-lhe. Quando me despedi do tal Kreszner prezenteei-o com um par de castanholas, e disse-lhe: "E' uma recordação da minha rapida passagem pela vossa nesga de terra„. Devo participar-lhe que a minha saida de Greitz já se não efectuou em carruagem *á daumont*, nem com batedores á frente, nem com mudas, uma simples caléche puxada por cavalos da posta. Dali fui para Dresde com a tua carta para Pessiger, mas não obtive escritura e de lá segui para Munich onde me canta outro galo.„

Emquanto os dois amigos comentam a carta de Lola Montes e riem das suas picantes aventuras, vejamos, seguindo de perto o esboço biografico de Trowbridge, como a fortuna sorri á aventureira, durante um certo período, na Baviera,

* * *

Lola Montes dança num bailado da Opera em Munich. Ouve alguns assobios, mas aplaudiram a sua beleza, senão o seu talento. Na segunda aparição obtem um exito doido. O rei Luiz I assiste a estas duas representações, bem como á terceira onde alcança um triunfo igual. Cinco dias mais tarde, o soberano apresenta-a na côrte como a "sua melhor amiga„.

No inicio ninguem protesta. O exercito, os ministros, até o povo experimentam o encanto da juvenil criatura. Fascina toda a gente. Durante este momento de popularidade, Lola recebe no palacete com que a brindara Luiz I, em Furstenried, as personalidades mais em evidencia no reino. Poderia ter gosado durante largo praso estes exitos mundanos, se se tivesse contentado apenas com eles. O seu triunfo deslumbra-a. De indole ambiciosa, quer conhecer as vaidades do poder.

Inteligente, depressa se põe ao corrente da situação politica da Baviera. Vê o perigo que a reacção prepara ao soberano. Republicana do coração, acolheria de braços abertos a revolução em qualquer outra circunstancia. Mas o seu interesse está intimamente

ligado ao de Luiz I para desejar o derrubamento do trono Resolve salvar o régio amante em quanto é tempo.

Os jesuitas, os inimigos inveterados de Lola Montes, sustentam que ela era agente de uma sociedade revolucionaria com o fim de provocar uma crise ministerial. Pura calunía. Lola Montes, embora republicana, como disse, não se filiara em nenhuma sociedade secreta. Quando os sectarios da Companhia de Jesus começaram a hostilizá-la não albergava nenhuma ambição politica. Queria simplesmente arranjar um principe. Conhecendo a inclinação de Luiz I para a beleza feminina resolveu explorá-lo.

Planeia desembaraçar-se do ministerio ultramontano e insinuar no animo do rei uma politica liberal de reformas. Muito embebida do espirito democratico, não calcula as dificuldades que a esperam. A sua maneira de proceder pôem-na em conflicto com a Igreja de Roma, poderosissima na Baviera. O ministerio, percebendo a influencia que Lola exerce sobre o monarca, tenta torná-la propícia. Pensam casá-la com um nobre. Metternich oferece-lhe um milhão de florins se ela quizer saír da Baviera. Forjam-se contra a dançarina ameaças e conjuras.

Durante este tempo a Europa admira a habilidade da aventureira. Não contente em receber de Luiz I um palacio e presentes magnificos, exige um titulo. O soberano quer satisfazer o seu justo desejo, mas para a enobrecer tem de ser naturalizada. Se Lola não se tivesse indisposto com o ministerio, este não se oporia nem se lembraria de taes formalidades, mas assim reage contra a vontade do monarca. Luiz I não se importa. Agracía Lola Montes com o titulo de baroneza de Rosenthal e condessa de Landsfeld. Para lhe permitir sustentar a sua nobresa concede-lhe, do tesouro publico, um rendimento de dezoito contos. Obriga a côrte a receber a nova condessa e condecóra-a com a ordem de Santa Tereza, que criara.

O ministerio demite-se. O soberano organiza outro composto de liberaes avançados. A Historia regista-o com a denominação do gabinete de Lola. Antes de se retirar, o antigo ministerio vibra sobre o rei uma *admoestação*, a proposito da sua vida particular. Falta sinceridade a este virtuoso desabafo. Só provoca sorrisos. O *Times* em artigo de fundo ácêrca da situação de Munich, dispara sobre o ministerio a sua ironia. "Onde chegaremos se os minis tros desatam a chorar os extravios do seu soberano, e que tor-

rentes de pranto estes pudicos censores não seriam obrigados a verter sobre certos reinados? !!„

Nesse tempo a opinião do *Times* dictava a lei em toda a Europa. Desta vez não conseguiu desacreditar o ministerio derrubado. Os reaccionarios, apoiados pela Igreja de Roma, declaram guerra sem treguas á "dançarina hespanhola„. Atinge proporções de Besta da Apocalipse, A condessa de Lansfeld apoquenta-se pouco com calunias, Replíca aos jesuitas com uma carta que publica no *Times.* Condescende em ser "dançarina hespanhola„ e filha do "mais celebre toureiro de Espanha„. O pretenso pae desmente logo o falso parentesco.

Esta guerra com os jesuitas não se limita a batalhas de palavras.

Os estudantes representavam naquela época um papel de certa preponderancia. Subdividiam-se em diferentes clubs: Franconia, Istria, Palatinado, Baviera e Suabia. O seu apoio valia muito. Poderiam decidir da victoria. As suas simpatías incidiam no partido liberal, mas a *amante do rei* ofendeu-os obrigando, num dos seus violentos acessos de colera, o reitor da Universidade, que a insultara, a demitir-se. Desde esse dia os estudantes voltaram-se contra ela. Na esperança de semear a discordia entre eles, Lola creou um sexto club, conhecido pelo nome de Allemania. Os seus membros usavam gorros incarnados. A sua divisa era: "Lola e liberdade!„ Os outros clubs recusaram-se a reconhecer o Allemania a quem apostrofavam de "criaturas de Lola„.

O espirito aventureiro do marquês de Niza deixa-se arrastar por este turbilhão de inesperados e romanticos acontecimentos e deliberou partir para Munich.

* * *

Chega á capital da Baviera em plena efervescencia, Ha rixas, pugilatos nas ruas principaes. Por baixo da hospedaria onde D. Domingos se aloja um bando de estudantes insulta alguns membros do club Allemania, gritando-lhes para os exasperar:

— "Um cavalo de má raça pode escoucear, mas não uma cavalariça inteira!„

Saraivam os doestos, os ultrages e algumas pedradas á mistura despedidas pelos garotos. Os membros do club Allemania, em menor numero, escorraçados, repellidos, afugentados, berrando

numa furia impotente, abrigam-se num café. Um destes, como um javalí encurralado pela matilha, arranca de um punhal e arroja-se impetuoso sobre os seus perseguidores. De um e outro lado atiram-se ao desvairado e desarmam-no.

— Prendam-no! — gritam de todos os lados para a policia que se acerca.

— Sempre quero vêr quem se atreve a prender um protegído da condessa de Landsfeld! — desafia o exaltado.

Alguem corre a prevenir Lola Montes. A favorita não se demora. Apresenta-se a pé e só. Na expressão altiva e confiada lê-se-lhe a convicção de que basta a sua simples presença para serenar a arruaça. Aguarda-a uma desilusão. Alguem vocifera:

— Ahi está Lola Montes, a causa de todos estes disturbios!

— Fora com a comborça!

O local vibra de assobios estridentes. Ricochetam, como uma pedra arremeçada ao lume de agua, os apupos. Empurram-na, erguem-se braços na intenção de a agredir. Lola não desaníma. Reconhece o perigo e busca um refugio. Faz soar as aldrabas de varias portas, todas se conservam fechadas. Tenta penetrar na legação de Austria, o porteiro, por ordem superior, conserva-se imovel, de ferrolho corrido.

D. Domingos, que assiste da janela da hospedaría ao prólogo da comedia com probabilidades de se converter em drama, tem de descrever uma extensa volta para chegar até o proscenio do arruaceiro episodio. Agil, desce as escadas quatro a quatro, mas embaraçado pela muita gente que se aglomera em ambito relativamente acanhado, vê-se, muito a seu pesar, obrigado a assistir ao desenrolar das scenas como mero espectador.

Alguem informa o monarca bávaro da situação bastante comprometida da sua *Lolotte*, como êle a designava nos seus maus sonetos. Vôa em seu auxilio. Acha-se num instante no tablado do conflicto. Abre caminho ás cotoveladas até lhe oferecer o braço. A coberto da sua real égide pôe-na em segurança na igreja dos Theatinos, sita perto. Lola Montes, que não deixara transparecer o minimo signal de fraqueza ou medo, apenas se supôe com elementos para poder reagir, tira uma das pistolas, com que se armara um dos ajudantes de Luiz I, e aponta-a para a turba irritada, rugidora de ameaças. A ira popular sobe. Não se sabe até onde chegaria se o soberano não expede as respectivas ordens e não surge uma força da guarnição, que a escolta até ao palacio.

D. Domingos obtem nessa mesma noite ser recebide pela amante oficial do rei.

— Tenha prudencia, Lola; o seu jogo é forte de mais.

— Até nisso aprendi consigo, meu caro marquês: ou ganho a partida, ficando com todas as honras e com todas as vantagens do triunfo, ou a perco, sugeitando-me aos percalços da derrota.

— Que vae fazer?

— Inflingir uma perduravel lição aos estudantes: vou mandar fechar a universidade de Munich durante um ano.

— Ha um rifão na minha terra que diz: "Os rapazes são de tal ordem que nem o diabo quiz nada com eles!„.

— Serei mais atrevida que o diabo.

— Arrisca-se, é quasi certo, que o povo se bandeie com os estudantes.

— Ora, o povo! Atè aqui não se impressionou com os lamentos dos jesuitas nem com as jeremiadas do bispo de Augsburgo sobre a imoralidade do monarca. De mais a mais o ministerio favorece-me. E' o meu ministerio, o ministerio Lola.

— Olhe que o povo já obteve aquilo a que aspirava, graças á sua interferencia, e agora...

— O rei, a meu conselho, promulgou o codigo civil e diversas reformas democraticas ..

— O povo é o mesmo em toda a parte. E' ingrato e... morde a mão que hontem lambeu; derruba agora o que ha dias guindou a um pedestal grandioso.

Não se enganou o marquês de Niza nos seus experientes calculos. Apenas se publica o decreto encerrando a universidade, a esquecida e ingrata população de Munich alia-se com os academicos e reclama em altos brados a expulsão da régia favorita.

O ministerio, assustado, apresenta-se todo no palacio. Depara-se-lhe o rei incomodado, mas resoluto. O presidente do conselho consulta-o. O monarca responde-lhe com firmeza:

— Nunca tremi deante de Napoleão I; não vou recuar ante as irreverentes exigencias da turba desaçaimada.

— Senhor — responde-lhe o chefe do gabinete — a ira da nação justifica-se, as suas manifestações são sinceras...

— Prefiro perder a corôa a renunciar á condessa de Lansfeld...

Conhecida esta resposta do soberano, estudantes e populares obstruem sem demora as principaes ruas da cidade com barricadas. Grita-se por toda a parte:

— Morra a barregan ! Viva a Republica !

A força publica sufoca com facilidade os tumultos. Mas sente-se que todo o país cachôa numa ebulição sobre a qual é perigoso lançar qualquer balde de agua fria, facilmente convertivel em azeite a ferver. A inquietação extende-se a todas as classes. Os membros da Camara Alta, representantes da opinião conservadora, moderada, enviam ao palacio uma deputação para suplicar a Luiz I que condescenda com as aspirações geraes. Á for-ça de argumentos cerrados obteem que o soberano assigne um decreto em que exila a favorita. A noticia propaga-se por Munich com a velocidade de um choque electrico. Estudantes e díscolos cercam o palacio da condessa em correrias de selvagens, num alarido de energúmenos.

D. Domingos oferece-lhe o seu apoio.

— Por ora, não é preciso ; não me falta a coragem. Quero ver o rei, conferenciar com êle, ouvir da sua bôca a confirmação do desterro — responde Lola com intrepidez.

— Não sáia daqui neste momento. Arrisca-se a uma desfeita, talvez á morte — replica D. Domingos.

— Não se atreveriam . . .

Resôam tiros.

— Se quer escapar, não perca tempo — aconselha-a um dos raros amigos que ficam perto dela.

— Estão deitando fogo ao palacio ! — previne, espavorido, um dos criados fieis.

— Venha ! — diz com auctoridade D. Domingos.

Lola veste-se de homem. Uma força de cavalaria abre uma clareira na rua para a qual deitam as portas trazeiras da sua residencia. Monta a cavalo. Segue até á fronteira. Ahi demora-se.

— Porque não continúa ? — inquire D. Domingos.

— Quero voltar a Munich — redargue Lola. — Reinei ali como soberana durante dois anos. Só á força me arrancaram dali. Hão de me chamar breve !

VIII

A futura duqueza

Em 1848, se os trinta e um anos do marquês de Niza continuavam a preocupar muito as cabeças romanticas das mulheres portuguesas e estrangeiras, não menos espicaçava as atenções de quem procurava imitá-lo na esturdia prodiga e galanteadora. Sobre a sua inconfundivel personalidade incidiam censuras mordazes. Não se conformavam os que lhe invejavam os actos, a elegancia, a destreza, com a auréola de complacente popularidade que o envolvia, e que o tornava um dos primeiros, senão o primeiro dos fidalgos tafues da capital.

Helena entrara na galeria das recordações. D. Domingos espaçando cada vez mais as suas visitas á raptada doutrora, nos seus continuos deslocamentos entre Lisboa e Paris, habituara-a primeiro ao isolamento e depois á resignação. A *Sonho de Rafael*, que sentia pelo seu voluvel amante profunda, arreigada, estima, comprehendeu com a sua nitida impressão de mulher que se explodisse nos antigos ciumes perderia irremediavelmente não só o violento amor de outros tempos, mas ainda o carinho sereno de agora. Descia as pálpebras sobre as constantes correrias e infidelidades do volteiro titular raciocinando de si para si, com magua, mas tambem com relativa satisfação, que, de todas as mulheres nas suas condições, era ela quem fruía a parcela mais avultada e íntima. Estudara a psícologia muito especial do homem á qual, a seu modo, se escravizara, e deprehendera que nenhuma vehemencia de paixões e de desejos se prosternava, de sangue mais em erupção, ante o Belo. Desequilibrada a potencia psiquica, pela intensa absorpção da físiologica, a plastica, isto é a pureza e perfeição da forma exterior, impressionava-o e dominava-o com incomparavelmente mais força que a linfa cristalina

e as qualidades afectivas de uma alma imaculada. Na sua idolatria pela Mulher o estatuario ensombrava o poeta.

Um biógrafo, seu amigo, o insigne trovador e escritor Raimundo de Bulhão Pato, traçando-lhe o aristocratico perfil, escreveu: [1]

"Inteligencia fina, e da infancia cultivada com esmero; vocação artistica; gosto delicado; imaginação viva até a extravagancia, raro poder de assimilação — lia um livro uma vez e ficava-o sabendo como se fosse auctor dele. Outro dote possuia ainda, dote que tem extraordinario valor — o poder da seducção. Para ser artista consumado faltava-lhe o ideal da mulher. Na Venus, a plastica era tudo para elle, a alma nada!...

"Fisionomia original, como o caracter. Libertino e mistico! Distincção suprema. Grandemente orgulhoso da sua prosapia, mas não o dando a sentir senão aos seus pares, ou aos gravatões dos ultimos dias. A paixão que o dominava era o jogo. Dizia-o ele proprio...

"No meio das suas aventuras estudava. Em agricultura consultavam-no como mestre. Nas letras, distincto amador; sabia de cór cantos de Dante, Ariosto, Tasso, as odes de Manzoni, os versos de Foscolo e do conde Leopardi, que recitava como um florentino. Destro nas armas, atirando á pistola de modo que era admirado em Paris e Madrid. Falava na perfeição as principaes linguas da Europa. Entre os seus íntimos havia sempre homens de letras. Chegava-lhe o tempo para tudo: seduzir mulheres, jogar até altas horas, frequentar espectaculos, meter-se em politica, tratar das suas demandas! Ahi estão vivos advogados, que podem dizer o que ele sabia de leis.

"Vestia com a maior simpleza, mas com a maxima elegancia. Partindo para o campo, punha na cabeça um *panamá* de cem mil réis! Nas ruas de Lisboa ninguem o viu senão de chapéo alto. Por onde seguia, mordendo o charuto havano, entoando um modilho favorito, deixava no ambiente efluvios de grão senhor."

A inesperada revolução de 24 de fevereiro de 1848 transfundira novo sangue e inspirava vivificante alento nos vencidos de 1847. A prohibição do banquete reformista, que determinou a abdicação de Luiz Filipe, repercutiu como um clarim de com-

[1] *Memorias.*

bate no coração dos patuleias, dos cartistas. Nenhum deles se esquecera que as masmorras da Torre de S. Julião se tinham aberto para os receber e que as suas portas foram fechadas por carcereiros inglêses. O odio das facções ateara-se com a esperança de anheladas represalias. As aversões convergiram ainda mais impetuosas sobre a detestada personalidade do conde de Tomar.

Conspirava-se por toda a parte. Conspirava o conde das Antas com correligionarios seus numa casa ao Carmo. Na residencia de cada *cartista* funcionava um club. A séde principal das magnas e ruidosas assembléas para vociferar contra o governo fornecia-a o Marrare do *Polimento*, Ali se reuniam e discutiam as primeiras individualidades do país. Entre outros, Passos Manuel, Oliveira Marreca, Almeida Garrett, marquês de Niza, Bulhão Pato, Alexandre Herculano, ás quintas feiras; Mendes Leal, Rebelo da Silva, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, folhetinista e panfletario emérito, etc, etc.

Alexandre Herculano

Este sinédrio abancava no gabinete onde no verão as damas saboreavam os sorvetes, e que se quadrava, depois de percorrido um corredor, com mêsas lateraes e espelho no topo, em seguida á sala de bilhar, numa especie de atrio, coberto por ampla clara-boia, numa entrada á direita. A este parlamento em miniatura, mas sem oposição, presidia umas vezes Passos Manuel, robusto, de semblante cheio, sugestivo e insinuante, de palavra fluente, de timbre graduado á vontade, de olhos pardos scintilantes, de bôca rasgada em desenho correcto, através da qual brotavam discursos magnificos e anecdotas caracteristicas, de comprida sobrecasaca. camisa de alvinitente linho, colarinhos altos e moles, gravata preta de nó negligente; outras José Estevam.

— Não existem liberdades publicas nem segurança individual — dizia um.

— Os exemplos repetem-se com desoladora rapidez. Em Pernes, um sargento de cavalaria 4, amnistiado, Frederico Pereira Nunes, é assassinado por ser patuleia e cantar a Maria da Fonte. Quem o assassina? Um irmão, cabralista — expõe outro.

— Na mesma época, no Porto, no largo da Feira de S. Bento, outro antigo sargento de artilharia 3, da Junta, entra no hospital em perigo de vida espancado por inimigos politicos — aduz um terceiro.

— Em Coimbra, um sujeito, Cristovam Pinto, que voltava de Sernache, sofre uma espera feita pelo filho e sobrinho do ex-escrivão Antonio de Campos Melo, obrigam-no a correr e desfecham sobre ele como se fôra uma lebre — historía um quinto.

— O juiz criminal do Porto anda a vêr se descobre onde se encontram sequestradas duas orfans, filhas de Joaquim Mascarenhas de Vilar, do concelho de Tondela, raptadas do convento de Aveiro e herdeiras de duzentos mil cruzados. Todos acusam o tutor, e o conde de Tomar protege-o — narra outro.

— O Infante de La Cerda é nomeado chefe do estado-maior da 4.ª divisão, e o substituido não lhe quer dar posse do logar.

— Um destacamento de artilharia 2, que de Marvão marchava para Elvas, pernoitou num casal do monte das Espadas. Levantou-se ali um formidavel motim. O governador da praça mandou para apaziguar a desordem uma força de trinta praças, comandadas pelo capitão Rangel, cabralista ferrenho. As praças durante o percurso libaram á vontade a mais forte aguardente do sitio. Resultado: patuleias e não patuleias levaram tiros, baionetadas, coronhadas, e esteve para ser fuzilado, sem mais forma de processo, o lavrador Antonio Maria Alves; se escapou, deveu-o á energia do furriel Caieiro.

— Tudo consente este governo, sem protesto. No parlamento britanico, o deputado Mr. Humes declara na celebre sessão de 11 de junho de 1846 que D. Maria II é vinte vezes peor como soberana que nunca o foi Carlos X de França, e Mr. Osborne, noutra sessão, diz que ela perdera a corôa por perjura e violadora da Carta Constitucional, e que, se não era vinte vezes peor que Carlos X era, pelo menos, dez...

Os conjurados deste cenaculo acrisolavam o seu fervor na re-

cordação de factos historicos, conhecidos de todos, exagerados pelos jornaes da oposição e elevado a estupendas potencias nas conversas partidarias, murmuradas em voz baixa como sussurro de vozes de beatas rezando orações num templo de abafada resonancia.

De repente sentiram bater, discretamente.

— Entre — auctorizaram diversas vozes.

Surgiu na nesga da porta entreaberta a cabeça do dono do café, que respondendo á muda interrogação daqueles seus freguezes, informou:

— O barão de Ourem, governador civil, mandou-me chamar a mim e a mais dois colegas meus e declarou-nos terminantemente que, se consentissimos discussões politicas nos nossos estabelecimentos, nos ferrava com os ossos na cadeia. V. S.as já vêem...

— Vemos que nos quer pôr na rua. Já vamos.

— As violencias não cessam, temos de recorrer a outros meios.

— Meios ou fins, tanto faz; recorram ao que quizer, contanto que corram daqui para fóra — mastigou o botequineiro muito por entre os dentes.

— Vamos para minha casa — propôs o marquês de Niza; — ali ninguem nos incomodará.

— Emquanto não optarem por mais esse abuso — objectou um recemvindo.

— Em cada uma das minhas salas, dos meus gabinetes, dos meus quartos ha um par de pistolas carregadas... que experimentem... — retorquiu sorrindo D. Domingos.

— Meus senhores — observou José Estevam — permitam que lhes apresente um novo correligionario nosso. Chega de França, foi discipulo do dr. Armando Trousseau, nos hospitaes de Paris; ouviu os discursos de Berryer, Guizot, Ledru Rollin no Parlamento; enlevou-se no verbo fulminante de Lamartine em celebres questões do fôro; conheci-o na hospitaleira cidade das margens do Sena quando emigrei pela segunda vez: o Doutor Tomaz de Carvalho.

Todos estenderam a mão num expontaneo e efusivo gesto ao juvenil medico, de pequena estatura, nariz recurvo, pupilas chamejantes através dos vidros dos óculos de finissimo aro de oiro, de labios delgados, de traço fundo e repregados nas comissuras;

suissas pretas, ás ondas, assetinadas ; de mento barbeado, marmoreo ; de faces salientes ; lavrado de varíola.

A reunião continuou no palacete de D. Domingos.

* * *

Mantinha-se a efervescencia em todos os espiritos e o azedume em todos os corações. Qualquer local servia para atacar os actos do governo. Quando adeptos de partidos contrarios, embora amigos de largos anos, se encontravam, o choque das crenças originava objurgatorias formidaveis, quando não embates em que, não raro, estrondosas bofetadas ou contundentes murros supriam, em abundancia, a míngoa de idéas convincentes e catequizadoras.

— Supunham então os patuleias que assim como o rei Luiz Filipe baqueara com a prohibição de um banquete, a nossa rainha tomaria o caminho do exilio em consequencia do jantar que queriam oferecer no Hotel Peninsular — expunha ironicamente um passeante no Rocio ao grupo de que fazia parte, composto evidentemente de membros politicamente heterogeneos.

— Cale-se, homem ! Teria pejo de pertencer a um partido que tem um tal governador civil. Prohibe tudo, impede tudo. Não deixa que nos teatros se façam alusões ás ocorrencias de França ; manda saír a procissão do Senhor dos Passos da Graça mais cedo com medo da revolução ; escolta a sagrada imagem com metade da guarnição e obriga a outra metade a ficar nos quarteis pronta a marchar á primeira voz ! — berra um dos progressistas do grupo.

— Homem prevenido vale por dois...

— Um sem vergonha que pretendia comer o jantar de graça no Hotel Peninsular.

— Havia de ser fresco o tal jantar ! Mas não se tratou disso. O barão de Ourem o que fez foi prevenir o dono da hospedaria que, se se juntassem ali mais de trinta comensaes, teria de pôr mais um talher para... elle.

— Um comilão ! Não permitiram que o povo manifestasse os seus sentimentos aplaudindo os revolucionarios de Paris, mas sempre quero ver o que fazem agora os cabraes com a subscri-

ção aberta em casa do Rainaud a favor dos feridos de Paris nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro. (1)

— Não fazem nada. O dinheiro subscrito e que ha de ser enviado a M. Goudchaux, do *National*, de Paris, para auxiliar as victimas "tombadas" nas barricadas para defender a liberdade do mundo não chegará para mandar cantar um cego. Lá para a comesaina ainda talvez se juntassem uns magros cobres, para a liberdade... tomaram a liberdade de o guardar na algibeira.

Interrompe a exacerbada discussão o apparecimento de um novo interl cutor que muito afogueado, vocifera :

— A tirania ingente. O capitão Joaquim José Mendonça e Brito acaba de sofrer uma inaudita prepotencia.

— Que foi ? Que foi ? — inquirem os progressistas.

— Por simples suspeita de que conspirava, passaram-lhe uma busca rigorosa á casa. Passeava na rua Augusta quando o avisaram de que gavetas e bahus andavam em polvorosa. Corre como um gamo. Depararam-se-lhe ali os beleguins do juiz criminal, a requisição do governador civil. Fardou-se, foi-se queixar ao comandante da divisão, visconde da Fonte Nova, que, ainda por cima, o prendeu.

— Que vexame ! Isto é peor que Marrocos !

— Não pára aqui. Revistaram todos os vestidos, saias e roupas da atemorisada senhora, que regressava de um passeio a Collares.

— Se conspiravam as auctoridades cumpriram o seu dever.

— Qual dever, nem qual diabo ?! E' por essas e outras que se revoltou o Aragão, que Neuchatel sacudiu os prussianos, que a Hungria se separou da Austria, que se proclamou a republica em Berlim, que a Lombardia sacudiu os opressores, que a Irlanda se emancipou, que Pio IX transigiu com os insurrectos, que o imperador Francisco José fugiu de Viena...

— Eh, homem, basta de calamidades !

— O povo portuguez já não tem fé nem lei ! O que alguns malvados fizeram, apupando no Porto, Passos Manuel, quando se dirigia para o tribunal comercial daquela cidade, na sua qualidade de jurado, não tem perdão de Deus ! O homem a quem D. Fernando, o marido da rainha, chamou : *O rei Passos !* O Benjamim dos portuenses, o idolo da gente do norte !

(1) Alfaiate francês, morador na rua do Alecrim.

— Percalços dos reis e dos ídolos !

Os amigos do grupo, e inimigos irreconciliaveis em politica, com certeza teriam pretendido impôr os seus ideaes á força de insultos, e com argumentos de sopapo e de bengala, se a attenção de todos não fosse atrahida pelo som fanhoso e plangente de uma repercutante buzina.

— Que é isto ? — inquire um dos mais exaltados, em quem a curiosidade sobreleva a exaltação.

— E' o carro do conde de Farrobo que vem buscar os amadores dramaticos para os conduzir ao ensaio do teatro das Laranjeiras.

Efectivamente um esplendido *mail coach*, o melhor que aparecera em Lisboa, percorria as ruas da cidade. Um dos lacaios soprava com toda a potencia dos seus vigorosos pulmões numa trompa de caça, que tendo soado amiudadas vezes o *hallali* ! na perseguição dos veados e corças nas tapadas do multimilionario português, servia simultaneamente na cidade para avisar os *artistas* do aristocratico proscenio, que eram horas de descer e partirem para o templo onde a sedutora Thalia lhes estendia os braços.

— Este Joaquim Pedro Quintela atira com os milhões pela janela fora com as amantes, com as festas e com a mania do teatro — comenta um esquecido por um instante da politica.

— Pois se êle na grande festa que ofereceu nas Laranjeiras a D. Maria II, D. Fernando e imperatriz, até mandou vir creados de Paris. (1)

Aproximaram-se todos da banda ocidental do Rocio para verem quem ia dentro do vasto e sumptuoso veículo. Progressistas e cabralistas pactuaram um armisticio em quanto se avistou a pesada carruagem.

* * *

O Carnaval caíra em principios de fevereiro. A 7 houve baile de mascaras em S. Carlos, mas decorreu aborrecido e pouco frequentado. Porque sucedia assim, quando o baile *costumé* e *masqué* do marquez de Viana, ao Rato, obteve a classificação de deslumbrante; na *Thalia* se dançou delirantemente, se estreou numa comedia francêsa a viscondessa da Asseca e representaram

(1) Em 23 de fevereiro de 1843.

a condessa da Lapa, considerada actriz animada pelo sôpro flamejante da Arte, D. Emilia Krus e amadores Duarte de Sá, Figueiras e conde de Farrobo, applaudidos todos com intenso entusiasmo; quando o baile do Peninsular durou até a madrugada, o da Philarmonica regorgitou de pares; o da Horta Seca e do Club não puderam comportar mais convidados?

Facil explicação encontra o isolamento de S. Carlos. Fornecidos bilhetes da plateia e do salão, pelo governador civil, a sargentos e soldados de comprovada dedicação governamental, quem ousasse exprimir convicção adversa requeria uma sova que alcançava sempre generoso deferimento. Um tal sr. Blanco dormiu nos ferros da rainha por ter a lingua comprida; dois esturrados, João Vicente de Oliveira e B. Martins da Silva julgaram-se no direito de escolher, para arena do embate dos seus ideaes e de experiencias dinamicas dos seus musculos, as pranchas lançadas por cima das cadeiras e que nivelavam o proscenio com a entrada principal. Convocaram se padrinhos, espalharam-se boatos de duelo, mas a pendeneia findou ahi.

As eleições de março de 1848 determinaram uma recomposição ministerial. A 25, o duque de Saldanha reservara para si a presidencia e a secretaría do Reino e distribuira a pasta da Justiça, a João Elias da Costa Faria e Silva; a da Fazenda, a João Crisostomo Freire Correia Falcão; a da marinha, ao barão de Vila Nova de Ourem; a da guerra, ao barão de Francos; a dos estranjeiros, a Gomes de Castro. Tinham abandonado o ministerio José Joaquim Falcão, Bernardo de Gorjão Henriques, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Joaquim José Queiroz e o bispo de Vizeu, D. José Joaquim de Azevedo e Moura. [1]

O duque de Saldanha recebera informação da policia de que uma sociedade secreta deliberara assassiná-lo. Não fez caso. Na noite destinada ao hórrido crime todos puderam contemplar a veneranda cabeleira nevada do marechal, as guias dispersas do seu farto bigode, as suissas branquissimas que lhe enquadravam

[1] Pelejavam denodadamente nas batalhas da politica desse tempo, como pares do reino e deputados, entre outros: Antonio, José Bernardo e João da Costa Cabral, José da Silva Carvalho, marquezes das Minas e Ponte de Lima, condes do Porto Covo, de Sampaio e de Samodães, visconde de Campanhan, Sá Vargas, Pereira de Barros, Carlos Bento da Silva, Pereira Reis, Rebello da Silva (pae e filho), Correia Caldeira, Assis de Carvalho, José Izidoro Guedes, Lopes de Vasconcellos, Antonio Manuel de Noronha, Faria Rego, coronel Lapa

o rosto como uma moldura de linho alvissimo, no camarote de S. Carlos. Não sobreveio nada de anormal.

A 4 de abril, aniversario da rainha, após o jantar oficial do Paço, celebrava-se a récita de gala no teatro lírico.

Na vespera, o chefe superior da policia declarou ao marechal.

— Senhor duque, os carbonarios tramam um medonho atentado contra a soberana e V. Ex.ª.

— Então o que tramam ? inquire o presidente do ministerio sem se mostrar muito impressionado.

— V. Ex.ª sabe; ha um subterraneo que liga o teatro de S. Carlos com o palacio do conde de Farrobo na rua do Alecrim.

— Isso não é uma lenda ?

— Creio que não, senhor marechal, — responde o funcionario policial um tanto atrapalhado.

— Pois se não é, mande-o tapar com bastidores e artigos de mobilia e já os conjurados não o poderão utilizar — indica Saldanha por defastio.

— Na ultima reunião de sabado, em casa de José da Costa Cabral, ao Poço Nóvo, conpirou-se contra a segurança do Estado — insiste o da policia.

— Que se conspirou ?

— Planos terriveis.

— Em os sabendo, ao certo, volte cá.

No dia dos annos de D. Maria II cantou-se a opera *Ana la Prie.* (1) Ainda desta vez os sustos dos denunciantes não assen-

e Couceiro, Vaz Preto, José Ricardo Pereira de Figueiredo, Alvaro Caldeira Pinto, José de Melo Gouveia, Antonio Maria Couceiro, Antonio Felisberto da Silva e Cunha, Joaquim Elias Rodrigues Costa, José Silvestre Ribeiro, duque de Palmella, da Terceira, conde da Taipa, Rodrigo da Fonseca Magalhães, conde das Antas, de Bomfim, visconde de Sá da Bandeira. Manuel Duarte Leitão, Antonio José de Avila, Augusto de Lacerda, Casal Ribeiro, Antonio da Cunha Sotto-Mayor, Florido Rodrigues Pereira Ferraz, etc.

(1) A empreza abrira para a época de 1847-1848 uma assinatura de oitenta recitas em quatro series pelos seguintes preços : Frizas, 160$00 ; camarotes de primeira ordem, 212$00 ; de segunda, 160$00; de terceira, 130$00 ; superior, por mês, 6$00.

O elenco da companhia era constituida por : Damas : Teresa Bovay, J. Olivier, Emilia Librandi, Amalia Patriossi (comprimaria), Rosalina Cassiano e A. Rossini, segundas. Tenores : Ambrosio Volpini, Caetano Baldanza, Antonio Bruni (segundo). Barítonos : Ruggero

taram em nenhum alicerce solido. A sala victoriou a familia real quando ocupou a ampla tribuna e retirou-se sem que os politicos opostos ao ministerio dessem sinal da costumada intransigencia. Onde estavam? O chefe da policia elucidou detidamente o presidente do conselho acêrca dos seus passos, pormenorizando:

— Senhor duque, o José Cabral o os seus partidarios em vez de virem para S. Carlos, onde estavam Suas Magestades, a côrte, os ministros, foram...

— Para onde?

— E' o que todos perguntavam. Foram para o teatro de D. Maria II. Toda a gente reparou n'isso.

— O que se representa lá em baixo?

— As comedias *A sobrinha do Marquês*, de Almeida Garrett, e a *Afilhada do Barão*, de Mendes Leal.

— Tudo familia. O espectaculo é bem melhor que este cá de cima.

— Felizmente ..

— Felizmente o quê?

— Como os soldados tiveram o rancho melhorado e os comandantes dos corpos concederam bastantes dispensas do recolher, fartaram-se de dar vivas a Suas Magestades, a V. Ex.ª, á Carta e sovaram quem não correspondia com entusiasmo.

— Não o deviam ter feito — censurou o marechal muito contrariado.

Em fins de abril cantava-se *Il Ritorno di Columella*. A sala enchia-se sempre que esta opera figurava no cartaz. Viam-se nos seus logares os *dilettanti* de maior nomeada. Não faltava o marquês de Niza nem o seu amigo Tiago Horta.

Pizzicatti, J. Patriossi, Celestino. Baixo: Filippo Sansoni Bailarino e coreógrafo: Lorenzo Viana. Bailarina Maria Luigia Bussola.

As operas representadas na temporada de 1847 a 1848 foram: *I due Foscari*, de Verdi, em 29 de outubro, por T. Bovay, A. Volpini, R. Pizzicatti, Celestino e Bruni. *Giovanna d'Arco*, de Verdi, em 10 de Novembro, por T. Bovay, A Volpini, R. Pizzicatti. Celestino e Bruni *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, em 17 de novembro por J. Olivier. A. Volpini, F Sansoni, R. Cassano, J, Patriossi *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti, em 10 de dezembro por T. Bovay, A. Volpini, R Pizzzicatti, etc. *Attila*, de Verdi em 17 de dezembro, por E. Librandi, A. Volpini, R. Pizzicatti e F. Sansoni. Mais tarde a Librandi foi substituida por Bovay nesta opera. *Ernani*, de Verdi, em 27 de dezembro em beneficio de A. Volpini, pelo beneficiado e T. Bovay,

— Não sei — comentava o segundo, — a *Columella* opéra milagres.

— Não é a opera, é a deliciosa "Ariel„, a incomparavel *mezzo-soprano* Emilia Librandi — observou Almeida Garrett, que, se encontrava perto.

— Pois sim, o que vale não é a artista, é a mulher; tinha razão o jornalista quando escreveu: "é um anjo descido á terra para fazer esquecer nossas horas de pesar, é a mulher em toda a sua belleza, é "Ariel„ em toda a sua poesia» — acode Oliveira Marreca.

— São essas e outras bajoujices que teem salvo o Corradini. Quando é que se viu, como noutro dia, deixar de haver espectaculo por estar enfermo da laringe o bailarino Bussola, e doente de um pé o tenor Bruni?! — objecta Tiago Horta no seu tom sarcastico.

— Tudo se perdôa em homenagem a Emilia Librandi — defande muito a serio D. João de Menezes, rapaz insinuantissimo, pertencente a uma familia nobilissima das casas de Lavre e da Flôr da Murta.

— Emilia Librandi, que na verdade se chama Emilia Hegenauer corrigiu Tiago Horta.

— Emilia Librandi ou Emilia Hegenauer não importa; no que não existe sombra de duvida é que é a mulher mais formosa de Lisboa. Aqui o proclamo e estou pronto a sustentá-lo em todos os campos e por todos os meios — declarou com romantica energia D. João de Menezes,

— As outras formosuras da capital que te agradeçam — redarguiu sorrindo Tiago Horta.

R. Pizzicatti e Sansoni *Othelo*, de Rossini, em 6 de janeiro de 1848, por J. Olivier, A. Patriossi, substituindo o tenor Zopegny, julgado completamente incapaz, C. Baldanza, R. Cassano, R. Pizzicatti, F. Sansoni e Bruni. *Regina di Chypre*, de Paccini, em 22 de janeiro por T. Bovay, C. Baldanza, Rafaella Gallindo, Pizzicatti, J. Patriossi, Bruni, etc. *Il Ritorno di Columella*, de Fioravantti, filho, em 27 de fevereiro por E. Librandi, irmãos Patriossi, Pizzicatti, Sansoni, etc. *La Fidanzata Corsa*, de Pacccini, em 12 de março, por T. Bovay, A. Rossini, C. Baldanza, A. Volpini, Pizziatti, Celestino e Bruni. *Gemma di Vergy*, de Donízetti, em 30 de março, por T. Bovay, em logar de J. Olivier, C. Baldanza, R. Cassano, Pizzicatti, Patriossi e Celestino *Anna la Prie*, de Battista, em 4 de abril por T. Bovay, A. Volpini, Cassano, Pizzicatti, Sansoni, Celestino e Bruni.

— Devemos-lhe o alto favor de, pelo menos, não morrermos de tédio neste teatro e em toda a cidade — nota Mendes Leal para acalmar os animos. [1]

— O peor ou o melhor do caso é que ela, por virtude ou por calculo, não dá atenção a ninguem — graceja Rebelo da Silva.

— E' por honestidade e não com qualquer segundo sentido — acode com vivacidade D. João de Menezes.

— Pois, sim! Vocês empregam esforços inauditos, efectuam cêrcos com todas as regras da castrematação, mandam-lhe valiosos presentes e tudo isso é recusado sistematicamente — exproba Tiago Horta.

— Como a fortaleza parece inexpuguavel e como ando desesperado com tão tenaz defesa, a que não estou habituado, apelarei para o rapto á viva força — declara o marquês de Niza com o seu negligente aprumo.

— Tencionas raptá-la?! — pergunta D. João de Menezes, sub-

(1) Exagerava o dramaturgo e futuro ministro de Portugal em Paris. Além dos espectaculos nos outros teatros e as operas cantadas em S. Carlos, deram-se mais no tablado lírico: um concerto em 16 de dezembro de 1847 o rabequista Pellegrin e o trompa Laugier; representaram-se mais os primeiros e terceiro acto da *Lucrecia Borgia* e a dança *Acmet*. A 23 do mesmo mês deram outro concerto; cantaram-se nessa mesma noite o segundo e terceiro actos da *Lucia*, mais o bailado, e quarteto do *Attila*. Em 27 de janeiro de 1848, o musico Lozano efectuou um concerto de piano, cantou-se a opera *Othelo* e houve um passo a dois. Em 7 de fevereiro, em beneficio dos irmãos Patriossi, tocaram piano a seis mãos os beneficiados e Lambertini, deram-se os segundo e terceiro actos da *Lucia* e um passo a três; Bovay, Baldanza e Pizzicatti cantaram o terceiro acto dos *Lombardos* e os dois ultimos o dueto do *Othelo*; Ignacio Patriossi cantou a aria de «D. Bazilio» do *Barbeiro de Sevilha*, e a do poeta da *Matilde de Shabran*. Em 28 de fevereiro realizou o rabequista V. T. Masoni um concerto: cantou-se a *Lucia* e o terceto dos *Lombardos*, no qual o beneficiado tocou o solo de violino. Em 11 de março, em beneficio do Monte-pio Filarmonico, representou-se a opera *Rainha de Chypre* e bailou-se a dança *Branca-flor*; Rafael Croner tocou um solo de clarinete e V. T. Masoni uma fantasia de violino. O rabequista Augusto Moser deu o seu primeiro concerto em 13 de março; em 25 do mesmo mês tocou Augusto Moser com Manuel Inocencio e Liberato dos Santos um dueto de violino e piano. Em 8 de maio, em beneficio de Antonio Luiz Miró, executou-se *O Deserto*, o de sinfonica e coral, de Felicien David; representaram-se dois actos da *Gemma de Vergy*, e

linhando e destacando com furor mal contido cada uma das paavras.

— Tenciono. Gosto dela, é bonita, não tem cedido aos meus rogos nem condescendido com os meus brindes; não ouve a razão, não se deixa persuadir; ha de submeter-se á violencia — redargue D. Domingos com a ironia a irritar-lhe o tom.

— Não te bastam as mulheres solteiras, casadas e viuvas, que tens raptado? Pretendes ainda inscrever mais esta purissima artista no extenso rol das tuas conquistas? — exclama com ameaçadora serenidade D. João de Menezes.

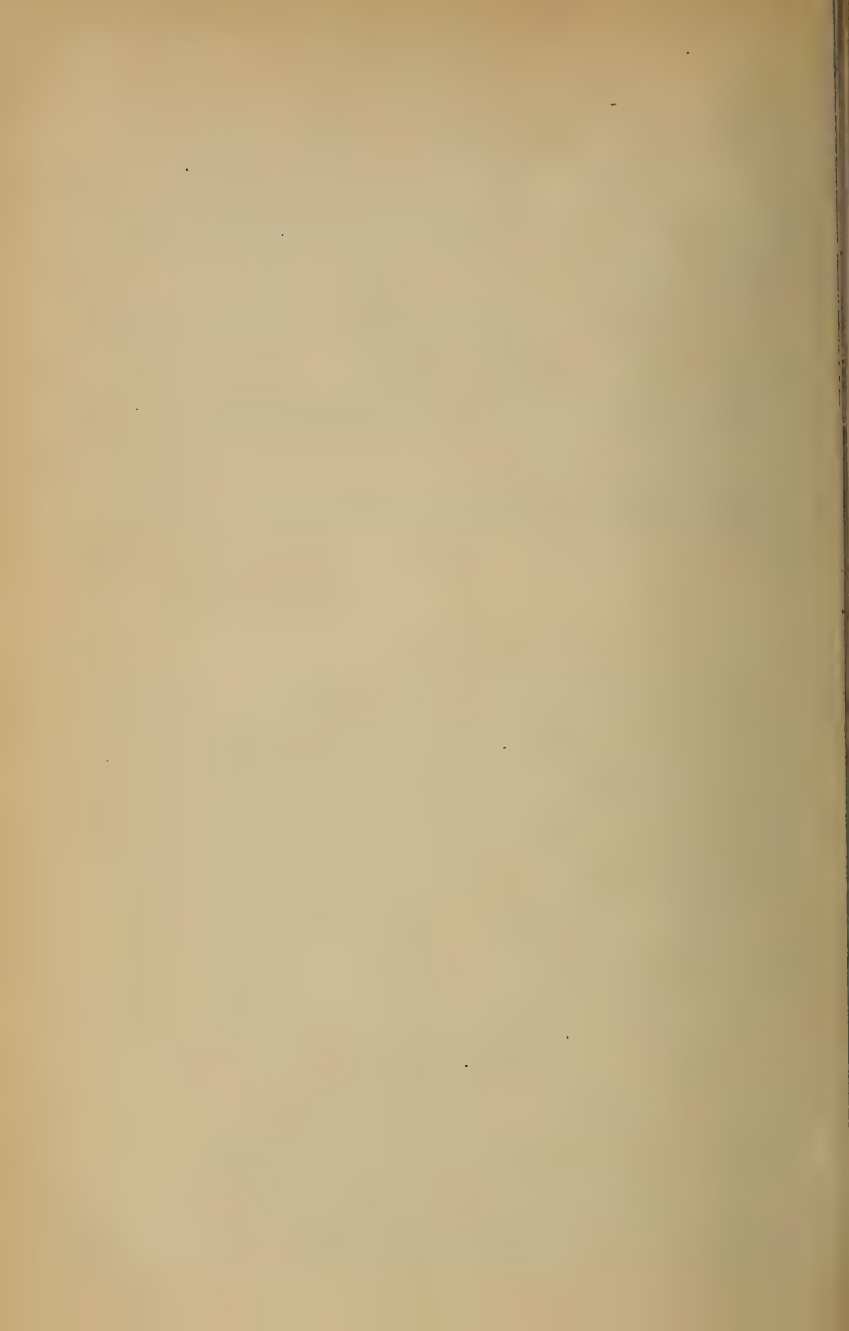
— Projecto ir esta noite com os meus campinos a sua casa e levá-la comigo — declara D. Domingos sem pretender ocultar o acento de desafio da afirmativa.

— Pois tambem eu vou a sua casa esta noite, sósinho, e... não a levas — replica com resoluta simplicidade D. João de Menezes.

a dança *Nympha Napéa*; Baldanza cantou a aria do *Atar* e Volpini a de *Virginia*, operas do maestro Miró.

Nesta temporada, o tablado de S. Carlos serviu para ostentaçóes variadissimas. Assim M. e Mme Chevalier efetuaram varias sessões de prestidigitação: A primeira realizou-se em 30 de dezembro de 1847. Numa das sessões o prestidigitador interpelou directamente a rainha e D Fernando, que assistiam ao espectaculo no seu camarote particular. Não lhe responderam Os espectadores patearem o infractor da etiqueta. Neste espectaculo, em que se cantaram o segundo e terceiro actos da *Lucia de Lammermoor* e o quinteto do *Attila*, com dança, o cartaz dizia: «No segundo intervalo o *Tambor de Marengo*, executados por M. Chevalier, primeiro tambor da Europa. M. Chevalier imitará com uma só caixa e duas baquetas o efeito de uma batalha. Ouvir-se-á o fuzilar das espingardas, o fogo dos pelotões e dos batalhões, o fogo dos soldados e dos recrutas, o rebate, e concluirá pela retirada, imitando o toque de dois tambores juntos». Deram igualmente ali varias representaçõs de jogos icarios e outras habilidades ginasticas Mr. John Lees e seus filhos; a primeira foi em 11 de abril de 1848. Em beneficio do Azilo de Mendicidade a companhia de D. Maria II representou em 22 de abril *A afilhada do Barão* e houve dois actos da opera *Fidanzata Corsa* e um passo a dois.

Em 4 de outubro subiu á scena no Gimnasio a *Marqueza*, opera comica, libreto de Paulo Midosi e musica de A. L. Miró.

Em 11 de julho desse mesmo ano de 1848 cantou-se no theatro das Laranjeiras *Mademoiselle de Mérange*, opera comica de Angelo Frondoni, por Maria Joaquina Quintela, Carlota Quintela, Carlos da Cunha e Conde de Farrobo. *Real Teatro de S. Carlos de Lisboa*

TERCEIRA PARTE

Arte, Politica, Amores

I

Uma tourada historica

— Bonita obra a do ministerio do Reino!
— Nunca ouve escândalo semelhante!
— Como se toleram estas coisas é que eu pasmo!
— Mas o que é? O que sucedeu?
— Não sabes?! Não viste?! E's cego?!
— Não sei, não sei, não sou cego, explica-te.
— Olha para ali. E' um edital da polícia que proíbe todas as manifestações de desagrado, neste teatro de S. Carlos, antes de findar o espectaculo "e que mesmo assim„ só será tolerado com moderação„. Como, ao terminar o primeiro acto, dois ou três rapazes patearam, foram presos, e levados para o governo civil. Embora os soltassem em seguida, a prepotencia não d ixa de ser manifesta e a subordinação do governo aos interesses do empresario uma concussão e um servilismo sem precedentes.
— Vamos lá ouvir o que diz o Vicente Corradini.
— Eu não quero nada com esse bandalho.
— E' um homem inteligente; dispõe de um feitio especial para explorar o teatro...
— As nossas algibeiras é que êle explora. Impinge-nos uma companhia que não presta para nada e óperas mais sediças que marmelada bolorenta! E' por isso que não vem cá ninguem.
— Achas pouca habilidade não aparecerem espectadores, ter contratado artistas de pouco ou nenhum mérito e enriquecer, como o está fazendo?!...

— Eu, não o posso suportar.

— E's talvez o unico; prima pela delicadeza e quando qualquer de nós requesta alguma dama no proscenio, em vez de armar em ciumento grão-turco procura ser condescendente e amavel.

Os dois *leões*, o furioso e o calmo, encaminharam-se para a porta do palco. Ao lado da estreita abertura, como se fosse a do paraíso prometido por Mahomet aos seus sectarios, lia-se em garrafaes caracteres manuscritos o seguinte aviso: "Só é permitida a entrada aos senhores assinantes„.

— Vês, se não fossemos assinantes não podíamos entrar! — diz o iracundo frequentador.

— Podiam, pois porque não podiam?! — responde a voz cantante do empresario Vicente Corradini, metade em português metade em italiano — Os assignantes entram porque são assinantes e podem tambem entrar os meus amigos: ora como todos são meus amigos podem entrar todos...

— Os portugueses não precisam esmolas de antigos vendedores de macarroni.

— *Ma figlio mio, io mai ho venduto macarroni, ci vuol pacienza* — contraría o transigente empresario. [1]

O bravo *leão* serenou e lá foram os dois para os camarins e bastidores galantearem as bailarinas, as coristas, as comparsas, as comprimarias e as primeiras partes.

No dia imediato o improprio corredor, que condescendentemente se poderia denominar *Passos perdidos* na Camara dos deputados, repercutia a progressiva efervescencia do unico motivo das conversas trocadas nos teatros, nos cafés, nas salas, em todos os centros de palestra.

— O escândalo é tremendo — bradava um representante do povo.

— Fazer novo contrato com o empresario de S. Carlos sem concurso e sem garantias para o publico!...

[1] Esbocei no romance *O Conde de Farrobo e a sua época* a biografia de Vicente Corradini. Nunca mais saíu de Portugal. Foi ora empresario, ora director do nosso primeiro teatro lírico. Morreu no terceiro andar da casa onde então existia a tabacaria Dias, ao Chiado, actualmente estabelecimento de roupas de Ramiro Leão. Legou quanto possuia a sua mulher, a dançarina Beppina. Esta morreu por seu turno e deixou no seu testamento uma pensão de oito vintens por dia ao seu amadissimo cãosinho, um *King-chlarles* de estimação. *Tinop.*

—Aqui anda peita grossa.

— Aqui anda mas é mulher.

– O Rebelo da Silva, o Pereira Reis e o Gorjão é que não tiveram papas na lingua! Prejudicar o teatro normal, não querendo executar os artigos do regulamento ([1]), não cumprir a portaria do seu sucessor, é um desaforo!

— O Gorjão, o antigo ministro do Reino, está á falar.

Na verdade, aquele a quem o marechal Saldanha alijara do ministerio na ultima remodelação, depois de se alargar em considerações varias terminou nos seguintes termos . .

— "... Entretanto, no teatro de S. Carlos teem se feito beneficios em dias a que ao de D. Maria II se oferece probabilidades de mais alguns interesses, o que em consequencia dos taes beneficios, lhe produz grave prejuizo. Seria, pois, muito conveniente para o teatro de D. Maria II que ao teatro de S. Carlos nunca fôsse permitido fazer beneficios ás quintas-feiras; de mais é preciso atender a que o teatro de D. Maria II faz muita despeza com as suas récitas; talvez não ande por menos de dezoito moedas cada uma das récitas».

Como sempre a opinião da Camara dividiu-se em partidos. Uns deputados favoreciam tredamente S Carlos, outros pugnavam patrioticamente por D. Maria. Na comissão de Fazenda o relator lembrou cortar tresentos mil réis do ordenado do fiscal do Normal e amputar dois contos dos vinte e dois do subsidio do lírico. O deputado Lacerda reduziu a contenda a esta proporção: 2: 6:: 2: 22 e solicitou que a resolvessem. Assis de Carvalho, frequentador do palco, explicou aos colegas provincianos, que o olhavam com inveja, de que o dispendio era grande, pois o corpo de baile levava, cada temporada, de cinco a seis contos. As primeiras figuras ganhavam, uma, doze contos; outra, oito; e que a orquestra entrava no orçamento do empresario com a verba de nove contos. Epilogou a sua exploração com os seguintes comentarios:

— "... Em quanto ao teatro D. Maria II sinto muito deixar de ser nacional nesta materia... Eu estou tão prevenido contra as peças literarias portuguesas que se dão no teatro D. Maria II, que quando os cartazes anunciam alguma peça portuguesa, que não seja de alguma notabilidade da republica das letras, como o

([1]) Art. 15 do Regul. do decreto de 30 de jan. de 1846.

sr. Garrett e outros, não vou lá. Nesta parte sou anti-nacional, porque não vejo senão faltarem ali todas as condições de uma boa composição: sempre circumloquios enfadonhos, diálogos impertinentes, situações violentas, monólogos extensos, difusos e poucos sentenciosos, caracteres deslocados, scenas sem relação ou nexo e um todo que ou altera a historia ou estraga a imaginação e os costumes. Agora, pelo que diz respeito aos actores em geral, direi que, com a mesma fisionomia e com a mesma dicção, pronunciam palavras de odio, amor, vingança, saudade, etc.. Uma scena de vingança, é, para alguns, o mesmo que uma de amor; a entonação é sempre a mesma, e em alguns até lhes falta o primeiro elemento de declamação — que é a voz e a pronuncia clara„.

A esta acusação cerrada, de um dos deputados do Algarve, respondeu o marechal Saldanha, presidente do conselho e ministro do Reino.

— "... De todos os divertimentos, não ha nenhum que eu aprecie tanto como o teatro lírico italiano, mas tambem sou obrigado a declarar que não ha nada que eu deteste mais que o mau teatro lírico italiano, de maneira que todas as vezes que fui ao teatro de S. Carlos em quanto durou a ultima companhia, declaro que fui só por obrigação, nunca por divertimento, e que saí sempre de lá incomodadissimo. Declararei mais que, se eu fosse árbitro supremo neste negocio, deixaria aquele teatro entregue a si mesmo e dos vinte e oito contos destinados aos dois teatros daria doze ao teatro português · com obrigação de tomar a seu cargo a companhia de baile que hoje existe.„

O relator da comissão de Fazenda entendia que devia ser reduzido o subsidio de D. Maria. Argumentava que as casas de espectaculo medravam tanto mais quanto o Estado menos olhava por elas. O duque de Saldanha não se conformou e, com um pequeno sôpro, derrubou o castelo de cartas edificado pelo seu contradictor. Disse:

— "Respeito muito as teorias do ilustre relator da comissão, mas S. Ex.ª permitirá que lhe diga, que estou decidido a aproveitar a ocasião que tiver para ir ao teatro do Salitre que, pelo principio estabelecido por S. Ex.ª, deve achar-se num estado de perfeição completa (*Rizo*) porque tem estado abandonado, não se lhe tem dado subsidio. Trouxe-se os exemplos do teatro da Italia, aos quaes os governos dão todos os socorros necessarios,

mas esses teatros ali são nacionaes. Eu habitei cinco anos em Viena, e tendo toda a minha vida gostado de teatro, tendo o frequentado em toda a parte onde me tenho achado, não encontrei nunca nenhum em maior grau de perfeição do que o teatro alemão em Viena de Austria. O governo dava-lhe quarenta mil florins, que passa algum tanto de quarenta mil cruzados. O homem que se dedica a ser comico, como tem a subsistencia segura, apenas ali é admitido, busca todos os meios de se aperfeiçoar, e realmente teem chegado aqueles artistas a um estado tão perfeito, que causa admiração ver hoje desempenhar, com a mesma perfeição um papel de menor importancia em uma comedia, a um actor que fez hontem um dos primeiros papeis numa tragedia.» [1]

Com esta discussão toda ficou tudo como dantes. S. Carlos com um subsidio de vinte contos e D. Maria com os seus tresentos mil reis. O subsidio só poude ser aprovado pelo Parlamento em setembro. Como não havia tempo para abrir o teatro em outubro, Vicente Corradini continuou com a empresa de S. Carlos ficando com al.uns dos artistas da época anterior. Discussões, murros, verrinas, diatribes, tinha sido tudo em pura perda. O manhoso italiano cantava victoria em toda a linha, sobrepondo-se á imprensa, á critica, aos assignantes, ao goveruo e ao Parlamento.

* * *

A politica apossa-se de tudo, introduz-se em todos os actos da vida nacional. Apoiava o ministerio Saldanha o conde de Tomar. Virara-se contra o ministerio Saldanha e contra o seu vigoroso esteio, o proprio irmão do conde, José da Costa Cabral, o que mais tarde, não obstante todas as declarações em contrario, ostentaria o titulo de conde de Cabral, inspirador e director politico do *Estandarte*, orgão da oposição que vergastava sem mercê todas as medidas governamentaes. Assinava a sua presença no governo civil, pela energia e isenção com que desempenhava o cargo, o marquês de Fronteira. Comandava a Guarda Municipal, seu irmão, o coronel de cavalaria D. Carlos de Mascarenhas, oficial briosissimo, que tinha a esmaltar o brasão dos

(1) *Diario das Sessões da Camara.*

seus antepassados uma biografia rutilante de intrepidez e de generosidade. Liberal desde a juventude bateu-se como cadete contra as forças do marquês de Chaves; na batalha da Vila da Praia; foi promovido a tenente por distincção e obteve a Torre Espada em Ponte Ferreira, onde ficou contuso; portou-se como um heroe em Souto Redondo; nas linhas de Lisboa conquistou outro grau da Torre e Espada, carregou e destroçou os miguelistas em Loures; rompeu um quadrado inimigo em Pernes; conduziu-se denodamente na Asseiceira; obteve a comenda da Torre Espada simples capitão; salvou a vida a D. Miguel quando o escoltou ao Algarve a caminho do exilio; alcançou rasgados elogios dos generaes espanhoes Elio e Zarratequi fazendo parte da divisão auxiliar á Espanha; deram lhe ali, com o posto de major, a ordem laureada de San Fernando; recusou-se a pelejar em qualquer dos campos quando rebentou a *Revolta dos marechaes*. Joaquim Antonio de Aguiar, ministro do Reino nomeia-o, em 1840, simples tenente coronel, comandante da Guarda Municipal de Lisboa; demora-se no desempenho desse elevado cargo até 1851, até a revolta do duque de Saldanha. Não mancha a sua carreira um unico acto de indisciplina; nenhum sentimento ambicioso empanou a sua dedicação a D. Maria II.

Os "moscas" policiaes descobriram ou pelo menos afirmaram que tinham descoberto uma conspiração, conhecida nos anaes do tempo pela *hidra* ou conspiração das *víboras*, Como protesto contra o cabralismo tiranico os progressistas resolveram lançar mão de um eficaz meio de propaganda — o das touradas. O objectivo aparente fundamentava se em reverter o seu producto a favor dos que gemiam enclausurados sob os ferros da rainha, acusados de delictos politicos.

A 13 de junho desse ano de 1848 enegreciam de transeuntes aa diversas arterias que conduziam á praça do campo de Santana. A população não perscrutava os intuitos da tourada. Vira no cartaz o nome do conde de Vimioso e não quizera profundar mais. Quem não tinha dinheiro, empenhou o melhor que possuia e tratava de ir o mais cedo que podia, não só para apanhar bom logar, mas ainda para gosar dos preparativos, dos preliminares atrahentes da embolação, rega, etc, visto as portas do mingoado coliseu de madeira se escancararem ás duas da tarde, em ponto.

— Indo o conde de Vimioso, a Severa não deve faltar — co-

mentava para o seu companheiro do lado um entusiasta dos touros e do fado.

— Como diabo um fidalgo, tão perto da rainha e do rei, se deixou embeiçar por uma mulher daquela especie ?! — exclamou o outro.

Ambos demonstravam a rijeza dos pulmões e o bom funcionamento do coração conversando e escalando a passo rapido o declive quasi a prumo da calçada de Santana.

— Vae buscá la de sege, com um sargento de sapadores, o Sousa do *Casacão*, que tem excelente voz, improvisa como o Bocage, toca guitarra como um anjo e dizem que é auctor da maioria das cantigas que a Severa canta.

— È um amor que não desata !

— Não desata, não. O conde prendeu-se á Severa em seguida ao *Chico do 10*, seu amante, matar um dos seus muitos rivaes. Foi o fado, a banza, a musica, o «choradinho», que o amarrou de pés e mãos, tanto mais que ele não distingue uma nota de musica da outra.

— Mas o pae, o marquês de Valença, tocava piano na perfeição.

— A Severa por esse tempo fazia valer as suas habilidades na taberna da Rosaria dos *oculos*, moradora no topo da rua do Capelão...

— Bem sei, na chamada *Casa de pedra*. Por signal que essa tal Rosaria andava já pelos quarenta, mas estava bem conservada e gostava do regabofe ; trazia uns oculos encavalitados no nariz e não tocava mal banza.

Assim iam chegando ao campo quantos espectadores o circular edificio de pranchas e tabuas mal apostas e pouco seguras podia comportar.

Sempre houve touradas naquele local, em tempo denominado "Alto da Caganita„. No seculo XVIII celebravam-se diversos e mistcs espectaculos num circo existente ali. Alguns colecionadores mostram com desvanecimento uma noticia na qual se descreve umo tourada, ahi efectuada, a ultima das seis concedida pelo Senado da Camara nesse ano. O tal programa citava como lidadores Angelo Borges de Carvalho Castelo Branco, couteiro régio das coutadas extra-muros ; Antonio José de Araujo Gramato e José Soares Maduro. Divertia o publico num intervalo o *Coxo Benavente*. Anunciava-se a morte de vinte touros, mortici-

nio que seria epilogado com danças de mascaras holandêsas, um gigante e dois macacos. Arquiva-se na Biblioteca Nacional de Lisboa um folheto que se ocupa deste redondel. [1]

Construiu-se depois uma segunda. Comprova a sua existencia uns requerimentos feitos em março de 1808, por Carlos Benci, director de uma companhia de cavalinhos a Mr. Hermann, funcionario da nomeação de Junot.

Sucede a esta a terceira. José Maria Pimentel Bettencourt, antigo proprietario da praça de Buenos-Aires, já de pé em 1808, e da do Poço dos Negros, em 1818, impetra auctorização, em 1824; para construir outra nuns baldios sitos nas trazeiras da igreja de S. Mamede e que seria designada pelo o titulo de *Real Praça do Senhor Infante.* As conspiratas e as revoluções opõem-se á efectivação do projecto. Em 8 de janeiro de 1828 requereu ao Senado para este lhe dar por aforamento o terreno do Campo de Santana onde se erguera a antiga arena. O requerimento alcançou despacho favoravel. Os perítos procederam á medição da area solicitada, estudaram a planta do edificio e o risco da tribuna régia. Era necessario, porém, o beneplacito do Paço. Desenhos e documentos baixam do ministerio da Reino á Intendencia. A burocracia arrasta o expediente com o vagar da lesma. Em julho de 1829 Bettencourt lastima-se amargamente da paralização da sua papelada.

Gorou-se esse designio. Ante esse malôgro, Antonio Joaquim dos Santos, administrador da Casa Pia, pede licença para construir a praça. Auctoriza-o o decreto de 30 de julho de 1830. Observam-se os trâmites da medição. A Casa Pía fixa o fôro e exige o direito dominical de ter ali um camarote„. Presente esta exigencia á instancia competente, resolve ela, por consulta de 21 de março de 1831, nos seguintes termos: "Como parece ao Senado, fazendo aquele abatimento no fôro que merece a Casa Pia, é escusado, quanto ao camarote, por deverem pagar todas as pessoas que concorram ao espectaculo que prepara„.

[1] *Relaçam preta d'uma festividade branca ou (mais claro) retracto em papel branco por um pincel d'azeviche e delineação do applauso dos seis dias de touros, qne estão proximos a cahir, ou propincos a executarem-se na Praça de S. Anna d'esta Côrte de Lisboa. Lisboa, Ofic de Caetano Ferreira da Costa, 1767. in 4.º de 8 pag. em verso.*

Inaugurou a praça D. Miguel e a infanta D. Maria da Assumpção, sua irman, em 3 de julho de 1831, terceiro aniversario da entrada do exercito realista do general Povoas no Porto. (1)

* * *

Ás cinco da tarde nem mais um átomo de pó cabia nas bancadas de pau do tôsco casarão redondo. A pipa municipal borrifou a pista. A areia, um instante de côr mais carregada pelo contacto dos borrifos, logo retomou o tom incandescente do sol a bater-lhe em cheio em quasi todo o seu perímetro e a convertê-lo em granulado tapete de assafrão. Em frente da tribuna real duas bandas regimentaes tocam alternadamente marchas, musicas populares e á moda. O conjunto de alguns milhares de pessoas a conversar formam um susurro como o de vento um pouco forte incidindo em basto arvoredo ramalhudo, através do qual estrugem em notas ásperas, fanhosas, plangentes ou cantantes, o apregoar dos vendilhões. Bandeiras de todos os países fluctuam em dezenas de mastros; dos camarotes pendem colgaduras raras :

— Viva o barão de Almeirim! — gritam do sol quando esse titular toma assento, como "inteligente", no logar da presidencia.

— Vivam os lavradores que ofereceram o curro para esta corrida, o conde de Belmonte e barão de Almeirim ! — victoríam de outro lado.

A corneta dá o respectivo sinal. Abrem-se as portas do cavaleiro e surge na arena, conforme as praxes, a azêmola das farpas, rodeada pelos moços de forcado. São eles nessa historica tarde José Cristiano Velozo da Horta, Luiz Pereira Forjaz, José Inacio Rodrigues Teixeira Mourão, Antonio Gomes Belford, Luiz Antonio Soares, Antonio José de Sousa e Almeida, F. M. A. e J. M. E., que, evidentemente por modestia ou para não se que-

(1) Os mestres de obras orçamentaram a obra em quarenta contos A Casa Pia, auctorizada a fazê-lo por administração, dispendeu 24:455$93 reis. A necessidade do embelezamento do sitio reclamou a demolição da praça, o que se realizou em 1889. O antigo ministerio do Reino comunicou ao das obras Publicas que fôra anulado o fôro de 40$000 reis, pago pela Casa Pia á Camara Municipal, visto o Estado ter entrado na posse do terreno para ali ser edificada a Escola Medica.

rerem meter em bulhas da politica, ocultavam os nomes com iniciaes. O neto, Antonio do Canto e Castro, ladeado dos andarilhos faz as cortezias com aristocratica elegancia e convida a entrar os dois cavaleiros. Entram, montados em esplendidos corceis, sumptuosamente ajaezados, o conde de Vimioso e Joaquim Antonio Victo Moreira, oficial de cavalaria e mais tarde estribeiro menór do Paço. Seguem-nos os bandarilheiros ou *capinhas* : D. José de Almeida Melo e Castro, Luiz Maria Teles de Melo, Manuel Rodrigues Martins, Raimundo Antonio de Bulhão Pato, Francisco Monteiro Talone, D. F. de Carvalho, Luiz Aranha de Menezes, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Francisco Raposo Espargosa, Jorge Guilherme Lobato Pires e A. M. P. Desempenham os logares de moços do touril Francisco Carneiro Zagalo e Luiz de Melo e Castro. A cada sorte rematada com excepcional destreza os espectadores erguidos pelo ímpeto de um entusiasmo irreprimivel saúdam ;

— Viva o conde de Vimioso ! Viva o cavaleiro Victo Moreira !

Segundo uma crítica desse espectaculo sensacional o primeiro "excedeu a sua propria reputação" e o segundo farpeou "com muita pericia". Melo e Castro, exímio com a capa, logo no primeiro boi, feriu-se com certa gravidade num pé. No intervalo, no boi destinado a curiosos, apresentam-se no redondel D. João de Menezes e Melo e Castro ; trajam de Alcibíades, isto é vestidos de malhas e apenas com uma pele a descer-lhes do hombro ; montam cavalos em osso, governados por simples cordões de seda. Ambos, de formas esculpturalmente másculas, arrancam um unísono, vibrante e entusiastico brado de surpresa á compacta assistencia. As damas de todas as classes deliram, e, não se arreceando dos despeitos e ciumes que provocam, bastantes saúdam com os lenços, envolvem os dois magnificos cavaleiros num nimbo alvejante de admiração e sublinham-no com as mais significativas ovações com que os arfantes peitos femininos aureolam o homem que os faz vibrar. Despedido de um camarote, um lenço efervescente de rendas, perfumado como as rosas em abril, bate certeiro no peito de D. João de Menezes, que o colhe, beija e entala na pele de leopardo. A multidão aplaude num paroxismo de loucura. [1]

[1] D. João de Menezes era filho de D. Antonio Maria de Portugal Menezes, moço fidalgo da Casa Real, senhor das casas do Lavre e da

As pégas completaram o delirio da tarde. Houve duas que excederam todas. Uma, de cara, de Luiz Forjaz; outra, de cernelha, de José Horta. Numa delas, quando os forcados correm animosos e obstinados atrás de um *malesso*, que não se deixava agarrar, o *sol*, em peso, levanta-se, e brada:

— Basta! Basta!

A tourada findou com o mesmo ardor com que começara. A maioria dos *aficionados* desejaria que a diversão se prolongasse indefinidamente.

Fora, juntaram-se num grupo, á espera que os seus *batedores* se aproximassem, o marquês de Niza, conde de Vimioso, o Cazuza, Bulhão Pato, Paulo Midosi, Tiago Horta, Cunha Sotto-Mayor etc, o escol dos tafues.

— Onde vamos jantar? — pergunta Tiago Horta.

— Ao Marrare das *Sete Portas* — propõe o conde de Vimioso.

— Vamos — condescenderam todos.

Ao seges abalaram a galope, rasgado, quasi vertiginoso, das osseas pilecas, mas mais velozes que o mítologico Pégaso, em direcção do Arco de Bandeira. Ocupavam as mesas da típica sala personalidades bem conhecidas no meio lisboeta. No entanto, os creados tanto barafustaram que arranjaram logar para o grupo recemvindo. A clientela comia, bebia e discutia, em geral, em altos berros. Na limitada agremiação dos comediantes da época, viam-se Teodorico, Epifanio, Tasso. Aguardavam ali a hora de

Flôr da Murta, morgado de Soure e Ponte de Sór e capitão de cavalaria, condecorado com as medalhas da Guerra Peninsular e de Albuera, e de D Ana Mafalda da Cunha, filha dos condes da Cunha. Seu irmão, D. Antonio Pedro de Menezes. casado com uma filha dos condes da Lapa, finou-se tuberculoso em 1856; sua irman. D. Maria do Carmo, foi condessa de Sabugosa. A mãe de D. João contrahiu segundas nupcias em 1834 com Martinho Teixeira Homem de Brederode, tenente de cavalaria por ocasião da expulsão dos francêses, depois corregedor do Bairro Alto, morgado de Mirandela, de fidalga linhagem transmontana. Pertenciam a esta familia Luiz Teixeira Homem de Brederode, juiz da Relação, o filho deste, Antonio Xavier, fidalgo da Çasa Real e conselheiro da Fazenda; do filho deste, o taful Martinho de Brederode, e mais duas filhas, uma casada com D. José Coutinho e outro com o primeiro visconde da Lançada. Deste ultimo houve dois filhos: Ignacio, mais tarde segundo visconde da Lançada, e Antonio, depois duque de Palmela. O padrasto de D. João de Menezes rivalizava em elegancia com o barão Pombalinho. ambos predecessores do famoso Antonio da Cunha Sotto-Mayor.

ir para os teatros da Rua dos Condes e de D. Maria II afim de representarem a *Profecia*, o *Templo de Salomão* e outras peças muito do agrado do publico nessa quadra. Da sala do bilhar chegavam até aos convivas o som caracteristico do choque das bolas de marfim, e o murmurio ora ciciante ora desabrido dos *mirones*, dos comentadores, dos que faziam apostas, dos que saboreavam o seu café antes de tomar rumo para qualquer diversão. Os outros comensaes olhavam com curiosidade, não isenta de admiração, para os tafues fidalgos toureiros. Estes, depois de saciadas as reclamações mais ferozes do seu robusto apetite, conversaram. O diapasão subia á medida que as libações se amiúdavam.

— Este estabelecimento é "*Forum* e tribuna, escritorio e praça de comercio, palco e ribalta, onde se representam dramas sentimentaes e comedias burlescas, o decano dos botequins da Baixa, sucessor das glorias do Nicola e doutros respeitaveis ascendentes„ — diz Paulo Midosi. (1)

— O seu proprietario, o *Manuel Espanhol*, o Manuel Antonio Peres, (2) educa o seu pessoal de forma unica. Sáem daqui mestres na arte de fornecer saborosas iguarias, como sucedeu aos seus caixeiros, que fundaram uma casa de pasto, o *Hotel des Amis*, no Campo Grande, ha nove anos, em 1839, e que transferiram depois para Cacilhas.

— E educa-os igualmente na arte de carregar nos preços.

— Mas ahi teem o Domingos, o gerente da casa, que nunca regateia lauta ceia a ninguem, que se limita a assentar na costaneira a divida dos pisa-flores que veem cá banquetear-se, e que, na maioria dos casos, não pagam nunca.

— Ah, descança, os outros pagam por si e por eles.

— Tambem teve a gloria de ser seu empregado, até 1832, o Alexandre Fernandes da Fonseca, o iniciador das associações de socorros mutuos no nosso país.

— Antigamente era este o templo dos politicos, dos literatos, dos artistas, discutiam-se aqui os mais levantados problemas da Humanidade...

(1) Folhetim do *Diario de Noticias*.

(2) Morreu em 5 de junho de 1868, em consequencia de uma queimadura num braço, a que se seguiram uma erisipela e uma incuravel febre tifoide. Herdaram o café a viuva e uma filha. *Lisboa doutros tempos*.

— Agora é frequentado por toureiros, por amadores taurinos como aqueles, por indolentes e preguiçosos como nós — acusa Oliveira Marreca com voz sumida.

— Protesto que se malsinem as touradas e os toureiros — contraría um dos presentes irritado — A luta do homem com o touro inicia-se pelas exigencias do instincto de conservação; traduz-se num gosto irresistivel pela caça; tran.forma-se na paixão inebriante de um divertimento audaz; modifica-se num caloroso entusiasmo pela supremacia da força; condensa-se num ímpeto feroz de morrer nas hastes de uma fera enraivecida; compraz se em fazer da equitação uma arte perfeita e nobre; aperfeiçôa-se a tal ponto que, com uma delgada correia, segura na carreira vertiginosa um colosso de força e de rapidez; metamorfoseia-se na fantastica agilidade dum artista que fere impunemente um animal bravio sem ser dilacerado; empenha-se em que um ser fraco chame de frente, cara a cara, peito a peito, um animal poderosissimo, o enlace e o subjugue; e termina impondo-se pela magestade sublime de um *matador*, que chama a si um adversario, o incita, o desafia, e, a pé firme, esperando a arrancada, lhe enterra um estoque até o punho.

— Essa é que é a boa doutrina... — troveja o inflexo varonil de Bulhão Pato.

Neste instante surge numa das portas um rosto petulantemente malicioso de mulher.

— Olha a Severa! — exclamam todos.

O conde de Vimioso encara a afamada cantadeira de fado da Mouraria. Circumvaga a vista em redor. Como não se sentisse com coragem de a mandar entrar, dirige-se á rua, conversa com a baixa hetaira durante um quarto de hora, despede-a, volta para junto dos seus amigos, e diz:

— A Severa oferece-nos nos seus *salões*, no seu rez do chão da rua do Capelão, um sarau de canto e baile.

Os restantes convivas trocaram um breve relancear de interrogação, e o marquês de Niza declarou:

— Aceitamos o amabilissimo convite da dengosa castelan no palacio de que és senhorio.

— E de que ela não paga renda — observa Oliveira Marreca.

— Não tenho coragem para pôr a nenhum inquilino os trastes na rua.

— Faz, como o da anecdota; nunca chegava a esse extremo.. conformava-se em ficar com os moveis.

II

Uma noite de fado

A Mouraria de então diferia bastante da de hoje. A Camara Municipal só discutiu a proposta da abertura da rua nova da Palma em 1852 e a construcção do lanço do Desterro ao Intendente dois anos depois, em 1854. O que havia de ser a futura via acabava na rua de S Vicente á Guia. Ampliava-se ahi num pequeno largo. Pegado com a sinuosa e esguia arteria alvejava a capelinha da Guia, com o frontal virado ao sul. Ladeava-a uma fabrica de velas de sebo, de uma banda; da outra, uma mingoada chapelaria. Em frente, dobrando-se num angulo para o largo do Jogo da Pela ou de S. Vicente á Guia, e para o largo dos Canos, deparava-se ao excursionista a tasca do Carreira, e, fronteira, a taberna do José Avelino. Nas trazeiras da ermida, estendia-se até á igreja do Socorro, a horta das Atafonas, propriedade do velho Tio Francisco ou Francisco da Horta. Lá dentro, as lavadeiras batiam a roupa gemendo e cantando num tanque vasto; uma nora chiava soltando lamentos plangorosos ao tirar agua do poço anexo; as malhas do chinquilho e o som cavo das bolas, chocando umas nas outras, ecoavam em conjunto com as exclamações dos abundantes parceiros, dos sons maviosos e dolentes das guitarras, das notas roufenhas e arrastadas dos descantes, do tilintar dos copos, *sinos* grandes e pequenos, que subiam para a bôca e desciam até as bancas de pinho num movimento mais veloz e menos monótono que o dos alcatruzes. Escolhera-se esse sitio para ahi se celebrar um arraial todos os anos.

Junta da capela da Guia, e já na rua de S. Vicente á Guia, sussurrava uma fontesita vertendo um fiosinho de agua na bacia, em feitio de concha. Na Carreirinha do Socorro, traço de união

entre a Mouraria e a rua de S. Lazaro, mostrava os grossos varões de ferro o portão da quinta do Brandão. Prolongava-se esta até o Desterro. Uma faixa de terreno, da actual rua da Palma, cobria-a um pomar. Defronte da igreja do Socorro alargava-se o pateo do Porciles a meio do qual desenhava o seu perfil o êmbolo de uma bomba para tirar agua. Na visinhança, desdobravram-se, da travessa do Desterro até ao largo do Intendente, diversos quintaes, pateos, casebres, pertença de D. M. Guimarães e Casa Pia, tudo expropriado em 1859, como tambem foram expropriados dois predios ao principio da rua nova da Palma, esquina da rua nova do Amparo, e em frente de S. Domingos, afim de dar maior desenvolvimento á rua. Uma certa área destes terrenos andava alugada ao dono da fabríca da louça, Lamego. Ao rasgar-se a nova rua da Palma, a imagem da Senhora da Guia, adorada na capela do mesmo patronato, transitou para a ermida da Mouraria, conhecida desde essa mudança pela denominação da ermida da Guia.

Os aristocraticos convidados da Severa resolveram ir a pé até á Mouraria. Para o caminho lhes parecer menos longo conversavam.

— Que fraco tu sentes pela Severa ! — observa D. Domingos ao conde de Vimioso.

— Sinto, não ha duvida ! Vá lá explicar-se esse fenomeno. Depois de lidar com as mulheres do nosso meio sabe-me bem vir aqui chafurdar neste lodo. Possue qualidades excepcionaes. E' simultaneamente meiga e varonil, energica e languida, viciosa e pura...

— Pura ?!! ..

— Pura, sim, a seu modo. Joga a pedra como Santo Estevam. Que o diga o *Saquinho,* morto ha pouco de uma tisica, e que nunca levou a melhor com ela ! Quando se empenham batalhas campaes, entre as *purrias* da freguezia do Socorro e outras no largo da Guia e na calçada do Jogo da Pela, basta aparecer a Severa para o bando contrario deitar a fugir.

— Uma garota na acepção completa da palavra.

— O serviço de higiene publica mandou aqui uma vez um medico, um marreco, para cumprir a missão de que o tinham encarregado; pois a Severa, a quem não soube bem a novidade, pega numa acha de lenha, põe-se á frente das companheiras, e, se o homemsinho não foge, levava uma cóça...

— Tem a quem sahir...

— Á mãe, á *Barbuda.* De ora em quando a mãe veste o uniforme do amante, praça do Batalhão da Guarda Nacional, do chamado *Joãosinho,* e vae passear até a rua Suja. (1)

— Aqui — indica o conde de Vímioso apontando para a taberna do José Avelino — é onde o Angelo Cardona, dentista e barbeiro sangrador do bairro, vem "carregar os machínhos„. Afirma a tradicção que foi aqui onde primeiro se vendeu, no tempo da Maria da Fonte, vinho a quatro vintens a canada.

— Barato !

— Ainda houve mais barato. Na rua dos Cavaleiros, na taverna do Filipe do Outeiro, vendeu-se a três vintens a canada..

— Como pode isso ser ?

— Parece que o homem era almocreve e teve a sorte de prender um correio que ia de Lisboa para o Porto, com a noticia da partida do duque da Terceira. O Costa Cabral, reconhecido por este acto, concedeu-lhe um salvo conducto para entrar todos os dias pelas barreiras de Lisboa com três cavalgaduras carregadas de ôdres de vinho, sem pagar direitos. O almocreve não se contentava com isto e fazia varias viagens, no mesmo dia, por portas diferentes, ludibriando assim os guardas da alfandega...

— Deve ser lenda. Tambem se diz que o marechal Saldanha mandou assassinar um correio do conde das Andas, para lhe tirar a correspondencia, e que premiara o assassino com a isenção do pagamento, nos direitos de barreira, dos generos que introduzisse em Lisboa„.

Os do grupo, emparelhados dois a dois, tinham chegado á rua do Capelão.

— E' aqui, á entrada da rua — informa o conde de Vimioso, — que eu me apeio quando venho de sege. O bolieiro não pode ir mais além. A Severa não deve andar longe. Ou está em casa ou na taberna da Rosario *dos oculos.*

A rua encontrava-se em festa. O calor começava a apertar e cada uma das moradoras da típica viela assentava-se no degrau

(1) Era vistoso esse uniforme : «farda verde escuro, acostelhada de cordão de seda preta, arrematado por botões de guiso, amarelos ; dragonas pretas com charlateiras douradas ; canana ornamentada de ferragem luzente ornada de grosso cordão dourado ; barretina com penacho de penas verdes». *Memorias de um homem obscuro.*

de pedra da entrada, damboleava se em visitas ás visinhas ou encostava-se á emblematica meia porta.

— A Severa veio morar para aqui, para aquela loja n.º 36, á esquina do beco do Forno — esclareceu o fidalgo cavaleiro tauromaquico.

— Então já não mora no teu predio da rua da Amendoeira? — inquire Oliveira Marreca.

— Não; ameaçava ruina e abateu. Está ali a construir-se outro; pouco lhe falta para ser habitado; a porta tem o n.º 6. Do antigo só restam os azulejos com a imagem e a legenda: *Toda sois formosa, Maria, 1777.* A mãe da Severa, a *Barbuda*, residiu ali em quanto de lá não a enxotaram os pedreiros.

Como é facil de presumir, a noticia de que a celebre meneza convidara o Vimioso e os seus amigos para um sarau em via tão pouco frequentada pela aristocracia, causara sensação e alvoroço. Não só se encontravam ali todas as visinhas, mas ainda tinham acudido outras colegas de sitios mais distantes. O mesmo sucedia com o sexo forte da localidade. Quantas celebridades a policia não perdia de vista e inscrevia nos seus registos e o fado rasteiro nos seus anaes, todas ali compareceram.

Entre as primeiras, que deixaram o seu nome vinculado na cronica dos amores facílimos, sobresaíam a Maria Romana, a futura contrabandista; a Piedade, mais tarde amazia de um tal Ritto, empregado na administração do bairro, e de quem o filho herdou bens avultados; a Felicidade, rapariga bonita e desenxovalhada; a Umbelina, cega, entrada em anos, que as maledicentes afirmavam datar do tempo dos francêses, da época em que fizera barulho terem entrado nessas vielas alguns moleiros com os seus burros e nunca mais se encontrarem vestigios nem de uns nem doutros; a Gertrudes, a *preta da pala*, a quem um velho tirara um olho com uma sovela em desagravo de um ultraje; a Maria Justina, com pouca cronica; a Maria Madeira, a *Baiona*, desordeira incorrigivel; a Maria da Silva, que anavalhou no pescoço uma rival por causa de um soldado da Guarda Municipal, e que foi desterrada para Castro Marim; [1] a Joaquina dos Cordões; a Maria da Conceição, Capelista, ou *madama Os-*

[1] A esfaqueada, lavada em sangue, ainda foi até casa do regedor, tendeiro á esquina do largo do Terreirinho e da rua da Oliveira, agora rua do Terreirinho.

tra ; a Amalia *Bexigosa ;* a Ana da *Touca* ; A *Cavalo Ardente* , a Scarnichia, Escarniche, que noutra sociedade fôra D. Carlota, oriunda de uma boa familia e finamente educada, e que, de queda em queda, se veio atascar naquele lodo e (²) uma infinidade de outras.

* * *

— Demonio — murmurou o Vimioso em confidencia para D. Domingos — reunem-se aqui os fadistas da Mouraria com os do Bairro Alto ! Não auguro nada bom do fim da festa. De mais, os cá de baixo tosam sempre os de lá de cima.

— Conheces todos ?

— Aquele que além está, de altura regular, corpulento, designam-no pelo Epifacio *Mulato*, e finge que trabalha pelo oficio de torneiro de botões. E' leve como o ar ; as patrulhas por mais que corram não conseguem deitar-lhe a mão. (¹)

— E aquele homem encorporado, de cacete na mão ?

— E' o Justiniano ; arredonda metaes ao tôrno, atira uma paulada por qualquer questiúncula insignificante e refila com tudo e com todos.

— É bom saber-se ? E esse ?

— É o Manuel Saragoça ; já esteve em Africa. A navalha ora está no bolso ora na barriga do parceiro. (²)

— Boa prenda ! E este alentado marmanjo ?

— É o José *Nabo ;* orgulha-se de dar uma facada ou uma paulada como ninguem.

— E os dois que conversam ?

— Alcunham um do Rafael *Serralheiro* e ao outro chamam-lhe Joaquim Nunes, a sua folha corrida enche volumes : mais

(²) Quando os parentes souberam da degradação da leviana mandaram publicar no jornal *O Gratis*, de 16 de outubro de 1847, a seguinte declaração : «Tendo aparecido em Lisboa uma rapariga com o apelido de Scarnichia, declara-se que não pertence a semelhante familia nem mesmo o dito apelido é seu». Camilo Castelo Branco fala nela no seu *Eusebio Macario,* a pag. 51.

(¹) Mudou-se depois para Alfama, e ahi morreu descarregador de embarcações.

(²) Morreu em 1848, com quarenta e cinco anos de idade.

afastado, deste lado, vigoroso e destemido, está o Grilo, criado do funileiro Cidade, e alem o Perico, espanhol e pimpão. ([1])

—E além ?

— Dois do Bairro Alto : o *Pau Ferro* e o João *Arraia*, serralheiro, filho de um sapateiro da rua do Norte, á esquina da travessa do Poço. Não tem papas nas mãos. Uma noite, entra numa taberna onde êle bebia um tenente da Municipal, de ronda. O oficial põe a selecta sociedade no meio da rua, a chicote. O *Arraia* passa adeante dele e espera-o no largo de S. Roque, arranca a muleta a um coxo, ali parado, abre a cabeça de meio a meio ao *guita* e safa-se pela rua fóra de maneira que ninguem o alcançou.

Em redor dos recemvindos principiaram a borboletear as íriadas mariposas do acanhado recinto. As saias de ampla roda, curtas, não tanto como as de hoje, de chita côr de rosa, quasi inteiriçadas pela goma, roçagavam ao contacto uma das outras. Envolvia-lhes o busto um roupão, pegado ás saias, de abotoadura na frente. A meia branca destacava-se no preto dos tamancos á moda do Porto, ou no cabedal dos sapatos de entrada abaixo, ou sapatos de salto com fitas de seda negra a enlear-lhes os tornozêlos. Em cabêlo, pendiam-lhe os oleados bandós sobre as fontes e testa, e, ao alto das tranças, enrodilhadas atrás, cravava-se hirto um espalmado pente de tartaruga.

— Que sécias que elas hoje se apresentam ! — comenta D Domingos.

— Nos dias solenes, quando vão á Baixa ou ao Senhor dos Passos da Graça, e durante a quaresma, trajam o seu capote azul e lenço de cambraia ou de seda. Se não o teem seu, alugam-no por um *caiado*, um pinto.

— Bebam quanto quizerem e o que quizerem, pagamos nós — disse D. Domingos.

— Ó diabo, daqui a pouco o *mundo* da rua do Capelão expandir-se-á em tal alvoroço que acudirá aqui a Guarda Municipal em pêso ! — comentou rindo o conde de Vimioso.

Veio o vinho em ôdres. Tomaram assento os guitarristas afamados. Iniciaram-se os preludios do fado, com variações que faziam vibrar, como um bordão, a espinha dos entusiastas. Prin-

([1]) Mataram-no ás Portas de Santo Antão, num domingo, em que, montado num burro, voltava da feira do Campo Grande.

cipiaram os descantes. Entoaram-se producções de inspirados estros fadistas, improvisaram-se quadras de doentia sentimentalidade, glosaram-se motes de dolente concepção, desenvolvidos com languida melancolia. Punham as cantadeiras os olhos em alvo numa expressão de morbido histerismo ; mergulhavam em éxtase alguns ouvintes ; deliravam como enfermos da dança de S. Vito, outros. Breve os mais habeis nesse genero da poesia, tão essencialmente portuguesa, recorreram aos cantos ao desafio, melhor ou peor metrificados, lançados umas vezes como o roçar caricioso de um beijo, atirados outras com a brutalidade de uma manopla esbofeteadora. A Severa consentiu que algumas das suas companheiras floreassem primeiro na arena da poesia. A Joaquina e a Scarnichia, despediram-lhe uma alusão certeira. Ainda bem o ultimo verso não acabava de ser modulado pelo timbre fanhoso das Laís de saia roçagante, já a dengueira do Vimioso, retorquia, num repelão de vate a bolsar sarcasmos :

Eu já vi numa tourada
A Joaquina dos cordões
Mal viu dar dois trambulhões
Ficar logo desmaiada..

Um ratão dado ao deboche
E do fadinho já farto.
Encontrou a Scarnichia
Á porta, no Bairro Alto

As guelas dos cantadores e das cantadeiras secavam como se por elas passasse o simun ardente do Sahará. As libações sucediam-se aos quartilhos, ás canadas. O sangue, como metido num cadinho de alto forno, começou a aquecer. Ainda durante largo período houve cantos á desgarrada, cantos a *atirar*, canto *sagrado*, canto ao *Divino*, canto á *Escriptura*, fados em que assuntos profanos se misturavam com os religiosos.

— A Severa tem, não só muita *obra*, mas tambem muita *livraria* ! — exclama entusiasticamente o Vimioso.

— Que quer isso dizer ? — pergunta D. Domingos.

— *Ter obra* equivale a fazer fados muito seus, originaes, e *livraria* corresponde a arrumar na memoria trabalhos dos outros — explica o Vimioso.

Os tocadores começavam a perder a posição academica exigida pelos preceitos da arte de tanger a *banza*. Se dois ou tres se

mantinham direitos e elegantes, com o instrumento na rigorosa linha imposta pelos mestres, outros sobrepunham uma perna sobre a outra descuidadosamente, curvavam-se em mesuras desastradas; ora inclinavam a cabeça como a querer introduzir-se dentro da alma do "pianinho„, ora a recuavam num ridiculo arroubamento de efeminado pasmo, arrancando do mais imo do seu ser interjeições langorosas, suspiros de efebos com cio, influxos roufenhos de laringe avinhada.

Os dedos da minoria ainda percorriam ligeiros e destros os bordões e primas do gemebundo aláude, arrancando-lhes os melhores efeitos das cinco afinações do fado; os da maioria entorpeciam-se, como a lingua, com as prolongadas curvas descritas pelos copos desde as bancas até aos labios grossos e denegridos, num emborcar constante do carrascão grosso e capitoso.

— Vamos bater o fado ?! — propõe a Severa.

— Vamos! — Acedem, em côro, timbres que nenhum díapasão ajudaria a classificar.

Generalizam-se os aprestos para o frandulento baile. Arredamse para não estorvar prendas essenciaes do incómodo vestuario. As guitarras soluçam de novo acordes dulcissimos e electrizantes. Paíram no ambiente emanações de aguardente rascante; saturam a atmosfera odôres acres do Torres negro, pesado, bulhento; enxovalham o ar emanações de toda a especie de detrictos, de suores, de oleos das madeixas e tranças empapadas e espelhadas de azeite virgem; adulteram o meio o vicio do corpo e a corrupção dos espiritos.

O marquês de Niza e alguns dos extravagantes excursionistas desta ainda mais extravagante excursão sentiam-se enauzeados, aborrecidos. D. Domingos transmite a sua impressão ao Vimioso.

— Não se retirem já; o mais interessante deste notabilissimo sarau, que poucos se gabarão de apreciar, de principio a fim, consiste no bater do fado — convence o Vimioso.

O *choradinho* ultrapassa as extremas de um delirante acesso de epilepsía. Cada par prepara e recebe o choque com frenesi, quasi com rancor. As pupilas faiscam numa febre simultaneamente libidinosa e de raiva. Ha exaspero e perversidade, ancia de um goso estranho de praser e dôr, ímpetos de malvadez e de caricia, desejos insaciados e insaciaveis de doçuras inebriantes e de indiziveis atrocidades. O homem convertido em fera

pela excitação dos sentidos e a mulher sempre mais exigente, mais sensual, mais voluptuosa, almejando um paroxismo de delirios monstruosos. A carne transformada em brasa, o sexo colhido numa vertigem de sensações irritantes, indomaveis, pretendendo atingir o infinito do nervosismo lascivo. O sangue, metal em fusão, irrompia das veias e das arterias para a derme e punha labaredas na pele. Rutilavam scentelhas a cada contacto entre o silex e o ferro dos que em furia se aproximavam, e o fogo lavrava em chamas que abrasavam não só os dois dementados dançarinos, mas ainda os que boquiabertos, com as fontes a latejar, contemplavam, consumidos pela ignea lava de um desejo sempre progressivo.

— Quem é aquele rapazêlho que bateu o fado com a Severa? — perguntou D. Domingos depois de voltar a si de um pasmo profundo.

— Alcunham-no de Manuel *Botas* [1] — informa Vimioso.

No meio do silencio, quasi de ermo, em que só rumorejava a toada metalica das guitarras, em andamentos compassados ou aturdidos, ouve-se a ameaça:

— Espera ahi que já te arranjo!

Tempesteava a inevitavel desordem. Num instante tudo se embaralhou, refluiu, ondeou, correu, uniu, zangou e agrediu. Refulgiram as navalhas e epadanou o sangue. Trilaram os apitos. Os visinhos deitaram a medo a cabeça fora da janela, os cabos de policia fingiram-se surdos e acudiu uma patrulha da Guarda Municipal para levantar dois faiantes esfaqueados e conduzí-los ao hospital de S. José. Nem vivalma que servisse de testemunha. Tudo se subvertera, como se o chão se abrisse e tragasse os moradores e visitantes da memoravel betesga.

* * *

A tourada obtivera um triunfo, tanto como lide tauromaquica como contenda politica. Mereceu um esfusiante folhetim a Lopes de Mendonça e um agradecimento, publicado na Imprensa, em boa e devida forma, pelo optimo resultado conseguido em be-

[1] Depois inteligente das touradas. Era então muito novo.

neficio das "victimas dos ultimos acontecimentos„. [1] Aconselhava a bôa pratica dos interesses partidarios a realização de mais touradas. Não tardaram. Breve se anunciou outra em Almada, com intuitos absolutamente identicos. Ofereceu o gado o lavrador Vaz Monteiro, o primeiro curro que apresentava em qualquer praça. Além do duplo atractivo dos touros e de fazer pirraça ao governo, surgia o estímulo da burricada.

Os alfacinhas, principalmente os caixeiros, deliciavam-se com os passeios de burro. Ao domingo, os homens, grotescamente escarranchados em albardas ou picarescamente bifurcados em selins, as damas comodamente assentadas em cadeirinhas, trotavam em pitorescas cavalgadas pelas ruas da Baixa, ora escorregando, ora caíndo, ora levantando-se numa alegria ruidosa e comunicativa, num folguedo sem cerimonia em que riam actores e espectadores. Só aos jumentos sobrava razão para se queixarem. Ouviu essa época o seu canto de císne. O progresso passou uma esponja por cima dos alquilés do Campo de Santana, do Poço do Borratem, do Arco de Bandeira, de tantos outros. Ainda hoje persistem as burricadas na outra margem do rio, mas não as realçam o imprevisto de outrora, com a albarda amarela, as almantrixas vermelhas, os coberjões, a originalidade dos arreios e os passeios acidentados ao Alfeite e á Cova da Piedade.

A ultima diversão desta serie de folias politico tauromaquicas efectuou-se no Campo Grande, em que se estreou um novo cavaleiro João Carlos, agraciado pela rebelde Junta do Porto com o aristocratico titulo de visconde de Almeidinha. A ultima farpa registada pelas resenhas dos críticos da nobre *Arte de Marialva*, dessa temporada de 1848, cravou-a D. João de Menezes, de pulso tão forte rejoneando na arena, como de ânimo desassombrado quando aplicava eloquentes e contundentes sovas no lombo dos cabralistas mais audaciosos.

Não obstante a divergencia e ira das paixões a população procurava recrear-se e conseguia-o. Aumentava a concorrencia nas salas dos Clubs e das Assembleias. As reuniões na Horta Seca e

[1] Assinaram esse agradecimento o barão de Almeirim, presidente ; Anselmo José Braamcamp, tesoureiro ; Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos, D. Alvaro Henriques Roma, Vital Pereira Forjaz de Lacerda, José Estevão Coelho de Magalhães, secretario.

na Assembleia Inglesa mantinham a alta temperatura de aristocracia. Os seus estatutos não admitiam negociantes como socios, por mais levantado nivel em que se filiasse a sua especialidade. As infantas, como D. Isabel Maria e D. Ana de Jesus Maria, frequentavam esses saraus de que nem sempre se excluia a politica. Esta ultima apoiava com todas as suas forças o conde de Tomar. As paixões de facção elevadas ao rubro ocasionavam por vezes conflictos graves.

Conta Francisco José de Almeida nas suas *Memorias* o seguinte facto, bem caracteristico :

D. Izabel Maria

Numa assembleia geral de um desses clubs tratava-se de confecionar a lista dos convites das senhoras. Ocorria isto em 1837, Entre outras, alguem propôs a infanta D. Ana. Logo se ergueu o negociante Bessone, oficial da Guarda Nacional, patuleia, que levado pela sua intransigencia partidaria, impensadamente exclama: " – Não quero que a minha familia venha estar ao pé de semelhante pessoa e dos fidalgos que a acompanham„.

Almeida indigna-se e pede ao presidente Rodrigo da Fonseca para pôr cobro a tão azeda discussão. Assim se faz. Posto o convite da infanta á votação é aprovado. Outro socio se opôs á comparencia da tia de D. Maria II : João Sabino Valente. No dia do baile espalhou que mandaria desafiar o paladino da infanta. D. Ana encarregou Francisco Belas de participar ao Almeida que lhe desejava falar. Disse-lhe a irman de D. Miguel :

— Estimo muito conhecê-lo ; sinto que por minha causa esteja envolvido numa pendencia desagradavel.

— Agradeço muito a honra que Vossa Alteza me confere, mas

quanto á pendencia não tenho por ora noticia nenhuma — respondeu Almeida.

Decorrido algum tempo D. Antonio José de Melo procura Almeida, e declara-lhe:

— Estou incumbido, por parte do sr. Valente, de lhe pedir que nomeie alguem para se entender com ele a proposito de umas palavras que o mesmo senhor reputa ofensivas.

Almeida pede ao seu amigo Antonio de Sousa Pereira Coutinho para conferenciar com D. Antonio José de Melo. Após a conferencia e consultado Almeida este reitera-lhe:

— Sustento quanto disse e, se o sr. Valente não retira o seu asserto, fico para todos os efeitos á sua disposição.

Juntaram-se todos na sala de fumar. Almeida manteve-se na sua resolução. Sabino Valente depois de exibir alguns logares comuns, perorou:

— Para evitar o proseguimento de uma questão desagradavel retiro o que disse. Para selar esta resolução fica aprasado um almoço para um dia que ulteriormente indicarei.

O duelo transitou para a historia; nenhuma cronica se referiu ao almoço que nunca se efectuou.

Bessone tambem se arrependeu. Acabou por aceitar o titulo de visconde e conviver, êle e a familia, com as pessoas de elevada jerarquia com quem antes não se queria acotovelar. Quando o duque da Terceira voltou da prisão do Porto acorreu muita gente ao Arsenal para o saudar. Ali se encontrava Bessone, que, no gabinete de João Paulino, se curvava reverentissismo beijando a mão da mesma infanta a quem antes vilipendiara.

No dia imediato ao do sarau, que atrás descrevi, e ácêrca do qual todos os coscuvilheiros e coscuvilheiras de Lisboa se pronunciaram, subiam á rua do Carmo o marquês de Niza e o conde de Vimioso.

— Já viste o tigre-marinho que está aqui em exposição? — perguntou o conde para o marquês.

— Ainda não — respondeu o segundo.

— Pois vale a pena. A filha de Mr. Menay ou Mesnaye, a que mostra o peixe raro, não é um peixe, é um peixão!

— Vamos vêr.

Entraram os dois.

Extasiou-se D. Domingos, não ante a foca, modestas proporções a que ficava reduzido o tigre-marinho, mas ante a sua doma-

dora, uma das mais lindas francêsas que pisara o solo de Lisboa.

— E' uma mulher esplendida. Não pode continuar aqui a estiolar-se nesta atmosfera que tresanda a maresia a muitas leguas de distancia.

— Queres fazer das tuas! Como não pudeste roubar a Emilia Librandi, por que a isso se opôs o D. João de Meneses, pensas agora fazer o teu gostinho com esta!

— E tu vaes ajudar-me.

— Eu! Como?

— Já te exponho o meu plano.

— O melhor seria vêr se ela se rende ás boas.

— Leva muito tempo.

— È mais pratico.

— Se se lhe diz alguma coisa pôe-se de atalaia e previne o pae. Em qualquer dos casos, ou é mais caro ou se torna mais moroso.

— Vamos então a ouvir o teu plano.

Os dois saíram conversando em voz baixa. Um pobre chega-se ao pé dos dois e estende-lhe a mão Ambos esboçam um acento negativo com a cabeça. O mendigo estaca a entoar quaesquer queixumes lamurientos. D. Domingos pára, interrompe a conversa, dirige-se ao pedinte, dá lhe um pinto, e comenta:

— E' bem certo o que escreveu não sei quem: "Damos gorgetas sem que no-las peçam; em compensação negamos quasi sempre a esmola„.

— Aqui em Portugal gorgetas e esmolas encadeiam-se como as ginjas e, ai dos que não dão umas e outras!

Dois dias depois, cêrca da meia noite, hora a que já pouca gente descia a rua do Carmo, parava uma sege em frente da porta da exposição do tigre-marinho. O pae da formosissima francêsa, incomodado, não fôra nessa noite ali. O bolieiro, no momento em que Mlle. Mesnaye se preparava para saír, apeia-se e comunica:

— Menina, o seu pae peorou; deseja que vá o mais breve possivel para o lado dele. Manda-lhe esta sege para ir mais depressa.

A incauta rapariga, sem nenhuma desconfiança, sobe para o vehiculo, que parte ao trote rasgado de dois possantes alasões por ali abaixo. Quando vae para gritar colam-se-lhe á boca fresca e mimosa os labios ardentes de D. Domingos.

— Com mais limpesa não podia ser. Como se vae rir a Severa quando eu lhe contar a partida — murmura rindo o bolieiro, incitando a parelha, e que, como o leitor adivinhou, era o conde de Vimioso.

III

A folia do incendio

O rapto da francêsa da foca convertera de novo o titulo do marquês de Niza em estridente tuba de escandalo, em redor do qual se agrupavam todas as mexeriquices e enredos da limitada população, indolente e aborrecida, dos que só vivem de indagar e comentar a vida alheia. O ruido que a aventura produziu obrigou D. Domingos a ausentar-se para fóra de Lisboa durante alguns dias. Não receava as iras da moral ofendida. Mas não desejava entrar em explicações com a *Sonho de Rafael*, nem causar mais uma desilusão a Helena, nem inquietar mais uma vez a familia. Levou M. Menay ou Mesnaye para uma das suas muitas casas de campo e por ali se entreteve o tempo suficiente para se enfastiar, pouco mais de uma semana. ([1])

Acontecimentos de varias ordens breve desviaram a atenção do publico do incidente, por assim dizer insignificante, de mais um rapto, praticado por uma individualidade que tantos contava no seu activo. Dois sucessos pouco vulgares no meio lisboeta traziam latejantes o espirito inquisitorial dos possuidores, vasios de ideias. Um era o crime de Santa Engracia, o outro o episodio na Camara dos Deputados entre Antonio Cunha Sotto Mayor e o marechal Saldanha, presidente do conselho de ministros.

Maria José, de vinte anos, debruadeira de sapatos, esquartejara sua mãe, Maria do Rosario da Luz, moradora na travessa das Freiras, 13, por ela não consentir que namorasse um tal José Maria. Um dia, proximo de Santa Engracia, alguem desco-

([1]) Pinto de Carvalho escreveu que Mlle. Menay ou Mesnaie residia ainda em Lisboa em 1897, de cabeça toda branca, e que ganhava a sua vida ao balcão de um estabelecimento onde desenhava com gracil donaire a sua figura miudinha e gentil

briu, encostado ao recolhimento do Desagravo, um tronco de mulher. Á mesma hora, uma patrulha encontrava na travessa das Monicas, á Graça, coxas, pernas, braços, igualmente de mulher, cortados aos pedaços. Todo o corpo apresentava dezasete punhaladas. Uma questão de acaso ou de inspiração levou o regedor da freguezia a prender Maria José. Passada uma busca, encontraram na cosinha, debaixo de uns tijolos, a cabeça da mãe. [1]

— É hoje que o Antonio da Cunha Sotto Mayor ficou de dar a resposta ao marechal, a proposito da acusação que lhe fez hontem, de ter mandado assassinar um correio do conde das Antas — dizia-se nos corredores da Camara dos Deputados.

— Como o marechal se fez mais palido que um cadaver! — observou um dos que esperavam a abertura das galerias.

— Diz-se que a carta já foi entregue ao marechal e que nela se exara que o assassino do correio fôra um tal Filipe, do Sobral — informa.

— E' uma torpe calumnia! — exclama um consciencioso.

— A sessão de hoje ha de ser falada — promete um guloso de escandalos parlamentares.

Franquearam-se as galerias. Observaram-se os trâmites do costume. Saldanha pede a palavra e responde ao famoso taful após uma larga exposição; perora:

— . . .Teem-me imputado factos graves, até já me acusaram de um furto de quatrocentos mil réis, mas acusarem-me de assassino, a mim, é a primeira vez.

Estas palavras são proferidas com funda comoção. O presidente, João Rebelo da Costa Cabral, pae do conde de Tomar, adivinha que alguma coisa de muito serio vae ocorrer, pretexta um incómodo qualquer e entrega a campainha presidencial ao seu substituto, Vaz Preto.

— Por muito destemido que seja o Sotto Mayor não lhe queria agora estar na pele. Servi com o marechal Quando êle em campanha tem na voz esse tom de fria irritação, êle, sempre tão lhano e delicado, é fugir-lhe da visinhança — nota um oficial.

O marechal Saldanha prosegue na sua oração:

" — . . .É falso o facto aludido; nunca existiu, e de todas as

[1] O processo instaurou-se em mês e meio. A sentença condenou-a «á morte natural para sempre na forca, que se levantaria no Campo de Santa Clara. . .»

indagações a que tenho procedido, o unico resultado foi lembrarem-me os oficiaes do meu estado maior, que durante a guerra interceptamos dois portadores: um, o correio Barbosa, que, ficando sôlto em Lisboa, voltou ao serviço da Junta; outro, mandado de Castelo Branco, a quem, em logar de tratamento rigoroso, como fez a Junta ao correio Paulo, dos Negocios Estrangeiros, mandei dar a cavalgadura e quatro moedas para voltar para Castelo Branco. As cartas ou bilhetes que chegaram á minha mão, na noite de 22 para 23 de dezembro de 1846, não foram interceptadas, foram entregues pelo portador aos meus piquetes...„

Em seguida a este desmentido, Saldanha lê diversos documentos demonstrativos de ser falso alguem fruir a prerogativa de passar quaesquer artigos pelas portas sem satisfação dos competentes direitos. Depois terminada a leitura, com o seu acento sonoro e marcial, conceitua:

"—...Não moralizei esta acusação; direi unicamente que me parece haver habilitado a Camara a julgar: se tem perante si, em mim, um abjecto assassino, ou, no senhor deputado, um infame calumniador!

Fez-se um silencio profundo e molesto. Na sala completamente cheia, onde se reuniam as pessoas ilustres do paiz, ouvia-se distinctamente o arfar de cada arcabouço. Na solenidade do momento o tecto fazia dobrar, esmagava, a cerviz dos mais intrépidos. Tão aflitiva era a opressão moral que os pulmões não recebiam o ar necessario ao seu regular funcionamento. Asfixiava-se. O marechal Saldanha antes de entrar directamente no assunto, que tão de perto o impressionara, rebateu com bastos fundamentos teologicos uma heresia proferida pelo seu acusador contra o Papa. Só depois, com voz pausada e severa, disse:

"—...Na vida publica do sr. deputado distingo três épocas; a primeira, de militar; a segunda, de escritor publico; a terceira, de deputado. Como militar desertou em frente do inimigo, fugindo e indo esconder-se no seio da sua familia. Pertencia então ao regimento de cavalaria 11, que fazia parte do exercito que eu comandava. Nos escritos, que geral e unicamente se lhe atribuem, entre outras belezas, se acha a de "ser uma linha recta o caminho das Necessidades ao Caes do Tôjo„. Não sei se o sr. deputado admite a expressão como sua? (*Sotto Mayor faz um gesto afirmativo*). Nesse caso aquela expressão quer dizer... que o

caminho do Paço dos nossos reis para a forca é o mais facil e curto. E quem tal escreve advoga, sem duvida nenhuma, o regicidio. (*Muitos apoiados*) Como deputado... estou convencido de que os eleitores que lhe deram os votos, a Camara que o tem ouvido e o paiz que de tudo tem noticia iá hoje lhe fazem justiça ..„ [1]

O marechal dirige-se em seguida a outros interpelantes. Quando acabou Sotto-Mayor pede para que se lhe conceda acto contínuo a palavra. A Camara vacila. Saldanha solicíta dos colegas que seja deferido o requerimento do seu contendor.

— Vamos a ver como ele responde ás acusações concretas do marechal! — comenta, soltando um suspiro de alivio, um frequentador das galerias.

— Duvido que destrua as acusações e a argumentação tão nobremente exposta do Saldanha — refuta outro.

Sotto-Mayor resume o discurso do antagonista, refuta que seja um hereje, assegura ser religioso mas não quer que o acoimem de fanatico e de hipócrita. Depois investe, bastante contrafeito com o adversario, e enfaticamente, apostrófa:

— "Vós, marechal Saldanha, dissestes uma falsidade; emprazo vos a que proveis, não com a vossa palavra, mas com documentos. O Antonio da Cunha não foge, marechal Saldanha! Nem aqui mesmo no Parlamento vós sois capaz de sufocar as minhas vozes, nem condenar a minha inteligencia! Se me chegar a palavra, eu hei de mostrar que o vosso discurso foi uma verrina, foi uma injúria toda dirigida a mim; não apresentastes um só argumento, uma só razão. Declaro á face do Parlamento e da nação, que não fugi; desertei... (*Riso*) Mas que dissestes vós, marechal Saldanha? Dissestes que eu tinha fugido na frente do inimigo; é falso, mil vezes falso! Eu não sou fanatico, nem hipócrita; declaro que nã fugi; estava em Lisboa, muito bem descançado em minha casa, na rua dos Mouros, quando embarquei na fragata *Heroine*, comandada por M. Boudin, que é hoje almirante da esquadra francêsa no mar Adriatico, e a rua dos Mouros não era o quartel general do marechal Saldanha: por consequencia não fugi da frente do inimigo; e

[1] *Diario das sessões da Camara dos Deputados; Entre duas Revoluções.*

onde eu deixar a minha espada nem todos a lá hão de ir buscar...„

— Que defesa tão frouxa! Parece impossivel! O Cunha Sotto-Mayor sempre de raciocinio tão lúcido falou como um menino de escola — aprecía um neutral.

— Meteu os pés pelas mãos e recorreu á mentira — observa outro.

— Lá diz o rifão que: "Negar uma verdade que prejudica não é incorrer em mentira„ — cita um erudíto.

Saldanha pede de novo a palavra e, com secura, sucintamente, á militar, argúe:

— "Direi só duas coisas e mais nada responderei. A Camara está certa de que o sr. deputado dizendo que não tinha fugido, declarou que tinha desertado. (*Cunha Sotto Mayor*: Mas não fugi. — *Vozes:* — Ordem! ordem!) Que tinha ido para bordo da fragata *Heroine*, mas não do Cartaxo. Ora o que eu disse foi, e peço a V. Ex.ª e á Camara que notem, "que o regimento 11, a que o nobre deputado pertencia, estava no Cartaxo fazendo parte do exercito, que eu comandava, e o nobre deputado não estava lá„; disse S. Ex.ª que tinha desertado, parece que quem foge para a fragata *Heroine* em tempo de guerra, foge do inimigo. (*Muitos apoiados*).

— Ora apanha lá esse pião á unha! — exclama alguem na galeria.

Sotto-Mayor, em doloroso queixume, lamenta-se:

— Pena é que os titulos do Saldanha lhe "possam servir de resguardo contra outra ordem de satisfações„ se eu quizer exigir-lhas.

* * *

A frase repetida cá fora depressa se propala. No dia seguinte os ávidos de sensações fortes procuram com ancia os jornaes da feição do taful. Inserem uma carta em que o desgosto de não se poder bater com o marechal se accentúa de maneira quasi insultuosa. Dois dos ajudantes do duque, Damasio Gorjão e Ximenes, mandam desafiar o insolente deputado. O primeiro desses officiaes publíca outra missiva na qual afirma que, em S. Carlos, arrastara pela gola o representante do Algarve, desde a plateia até o salão. Não se falava noutra coisa em Lisboa. Sotto-Mayor sáe de novo á estacada da Imprensa, insere outra

epístola em que desmente tal emergencia e que conclue com os seguintes trechos:

«... Sr. Gorjão, ámanhan vou ao teatro de S. Carlos para o meu logar do costume, que é, como sabeis, na plateia superior, lado esquerdo, olhando para o tablado. Ide lá e arrastae-me: mas vinde só: vinde só, sr. Damazio e arrastae-me. Quero ver como isto ha de ser. Ha coisas de que eu gosto tanto!

Não vos digo mais, sr. Damazio: a vossa carta está abaixo do meu vituperio.

— E' justo confessar que o Sotto-Mayor, rapaz de incontestavel merecimento, tem sido de assinalada infelicidade em toda esta miseravel questão; até nesta carta, sem relêvo litterario nem grandeza de ideias! — comentava Thiago Horta no Marrare do *Polimento.*

— Ha de ser o bonito em S. Carlos! — antegostava um pisa-flôres que se deleitava em assistir ás pendencias alheias, mas que evitava cuidadosamente qualquer que lhe batesse pela porta.

— Podes perder a esperança na scena de pugilato e no inevitavel duelo. Informaram o marechal, no Paço, do succedido, e elle prohibiu terminantemente aos seus ajudantes que proseguissem na contenda, ameaçando-os mesmo de os prender se desobedecessem ás suas ordens — comunicou Rodrigo da Fonseca que fôra nessa manhan ás Necessidades.

— Parece impossivel, dois militares sugeitarem-se a uma imposição dessas! — critíca um, que nunca figurara em desavenças perigosas.

— Homem, estás a lembrar-me um proverbio hespanhol que diz: "Ten presente que el que te cuenta faltas de otro pretende averiguar las tuyas„; achas mal o procedimento dos dois ajudantes, eras capaz de andar peor — zurze Thiago Horta, com o seu genio impulsivo.

Acastelaram-se nuvens entre os dois interlocutores.

— Vocês saboreiam, com dias ou até horas de antecedencia, um escandalosito em S. Carlos, pois hão de tê-lo! — prometeu o marquês de Niza com um sorriso enigmatico, para derivar a tempestade eminente.

O boato espalhou-se logo. Toda a gente á bôca pequena ou a bôca escancarada moída por inquieta e torturante curiosidade, interrogava:

— Que nova loucura preparará D. Domingos?

O sugestivo rumor redundou num lucrativo chamariz para a empreza de Vicente Corradini. Encheram-se as cadeiras e povoaram-se os camarotes. (1)

— Então rebenta ou não rebenta esse escândalo ? — perguntavam os mais impacientes.

— Vocês não gostam de musica, nem de canto ; só estão contentes quando a sala se transforma numa praça de peixe — protesta um *dilettante*.

— A companhia não presta para nada — refuta um maledicente.

— Não é tanto assim. A companhia é regular. As operas *Lombardos, Attila e Macbeth* teem sido razoavelmente cantadas. O tenor Volpini possue timbre melodioso e extenso ; o tenor Baldanza dispõe de uma tão robusta e sonora voz de peito que duvido que torne a entrar neste teatro quem a tenha mais possante. Ninguem o excedeu, o excede e naturalmente o excederá na emissão do *sol*, do *lá* e do *si natural* — argumenta um entendedor.

— E' um batoque, uma figura ignominiosa, gordo como um cevado, baixo com um tacão. E o barítono Zucchini ? Uma cana rachada, que de cada vez que aparece o saúda logo uma pateada !

— Nos papeis serios, sim ; mas não encontra quem o imite nas operas bufas pelo chiste que imprime á personagem e pela arte que em tudo põe. Nesses, o publico não lhe regateia aplausos, prodigaliza-lhos com efusão. (2)

(1) A época lírica de 1848 a 1859 foi a melhor desta empresa. O elenco compunha-se : *Damas:* Marietta Gresti, Irene Secci-Corsi, Clementina Rosa Cordeiro (comprimaria), Rosalina Cassano e Rafaella Gallindo (segundas). *Tenores :* Gaetano Baldanza, Ambrosio Volpini, Antonio Bruni e Quiroga (segundos). *Baritonos :* Giuseppe Fiori, Giovanni Zucchini, Eduardo Medina Ribas, J. Celestino. *Baixo :* Nicolau Benedetti. *Maestros :* Vicente Schira, Francisco Xavier Migoni. *Ensaiadores dos coros :* Jorge Cesar dos Santos, José Nicolau. *Ponto :* José Inacio Canongia, *Coristas :* 24. *Professores da orchestra :* 47. *Coreógrafo :* Viotti. *Bailarinos :* Lorenzo Vienna, Maria Luigia Bussola, Joanna King, Michelina Devecchi, Judith Rugalli, E. Marsigliani, Julia La Rose, M. Moreno, Jesualdi e 16 segundas dançarinas.

(2) Zucchini, decorrido algum tempo, partiu para Paris. Foi ali contractado para o teatro italiano, da sala Ventadour. Cantou lá durante largos anos.

— Modos de vêr...

— E de ouvir...

O regente empunhara a batuta e a orquestra atacou as primeiras notas da opera. A sinfonia executou se sem novidade de maior. Pela plateia inteira correu esta senha:

— Peçam *bis* á aria da velha.

O pano subiu e começou a representação do *Barbeiro de Sevilha.* (1)

— Aposto que o marquês de Niza projecta fazer alguma partida á Clementina Cordeiro.

— Quasi não é mal feito. Estreou-se como primeira dama na *Parisina* em 1845 e está agora em comprimaria.

— E' a unica dama lírica que tem produzido até hoje o Conservatorio de Lisboa.

— Que querias que o Conservatorio fizesse? Não possue voz, nem método de canto, nem plastica apreciavel.

— Se fosse estranjeira, mesmo com esses defeitos, não seria objectivo do chasqueio dos janotas como o é.

— O patriotismo não tem nada que vêr com a arte nem com as mulheres.

— Pois olha que não faz sentido mulheres sem patriotismo.

— E menos ainda homens que não o apreciem.

Os interpretes do *Barbeiro de Sevilha* foram cantando as suas partes, com fortuna varia, até que Clementina Cordeiro entoou

(1) O reportorio da época de 1848 a 1849 foi: *Luiza Strossi*, de Sanelli, em 2: de outubro de 1848, por Irene Secci-Corsi, Rosalina Cassano, Caetano Baldanza, João Zucchini Celestino e Bruni. *Attila*, de Verdi, em 29 de outubro, por Marietta Gresti, Ambrosio Volpini, Nicolau Benedetti, Ribas e Bruni. *Saffo*, de Paccini, em 8 de novembro, por J. Secci-Corsi, Emilia Librandi, substituida depois por R. Cassano, Rafaella Gallindo, C. Baldanza, N. Benedetti, Celestino e Bruni. *Eran due ed ora son tre*, de L. Ricci, em 20 de novembro, por J Secci-Corsi, R. Cassano, A. Volpini, J Zucchini, Eduardo Medina Ribas, Celestino e Bruni. *I Lombardi alla prima crociatta,* de Verdi, em 6 de dezembro, por M. Gresti, Clementina Cordeiro, R. Gallindo, C Baldanza, Benedetti Celestino e Bruni. *Lucia di Lammermoor*, de Donizetti, em 17 de dezembro, por Secci-Corsi, Galbindo, Volpini, Zucchini, Celestino e Bruni. *D Pasquale*, de Donizetti, em 1 de janeiro de 1849, por Secci-Corsi, Baldanza, Zucchini, Ribas e Cairo. *Macbeth*, de Verdi, em 13 de janeiro, por Gresti, J. Fiori, Volpini, Benedetti, Bruni, etc. *Il Barbiere di Seviglia,* de Rossini, em 2 de fevereiro, por Secci-Corsi, Clementina, Baldanza, Zucchini, Ribas, Celestino e Bruni.

a aria da *Berta*. Ao expirar a ultima nota resoaram de todos os cantos da sala:

— Bis! Bis!

A comprimaria supunha-se transportada ao setimo céo. Nunca na sua vida artistica lhe sucedera semelhante triunfo. Decididamente estava feliz nessa noite. A dama faz sinal ao regente e garganteia os primeiros compassos, mas — oh infernal dissonancia! — os professores tocam meio tom acima. Imagine-se! A pobre cantora extenuava-se em prodigiosos esforços para afinar, sem o conseguir. Nem por isso ao acabar deixaram de reboar novamente mais e repetidos:

— Bis! Bis!

O quê, pois apesar do manifesto engano da orquestra, que não sabia a que atribuir, os seus meritos adquiriram tal cotação que o publico queria continuar a deleitar-se ouvindo a de novo? Acedeu aos seus desejos. Repete a aria. Onde teem os professores os olhos e os ouvidos? Se ha pouco o acompanhamento demasiadamente alto não consentia que chegasse até lá, agora os instrumentos desciam tanto que não podia apanhá-los tão em baixo.

— Bravo! Bravo! — aclamaram de todos os lados.

As gargalhadas abafavam a voz da chasqueada artista. Todos riam: os janotas que tinham ajudado o marquês de Niza a pôr em pratica a travessura, a maioria do publico que se tornara seu cumplice e a orquestra que secundara pouco lealmente a conspi-

Beatrice di Tenda, de Bellini, em 13 de fevereiro, em beneficio do tenor Baldanza, por Gresti, Cassano, Baldanza, Fiori e Bruni. *I Masnadieri*, de Verdi, em 8 de março, por Gresti, Volpini, Fiori e Benedetti, *Chiara di Rosemberg*, de F. e L. Ricci, em 13 de março, por Secci-Corsi, Cassano, Clementina, Baldanza, Fiori, Zucchini e Celestino. *Chi dura vince*, de L. Ricci, em 24 de março, por Secci Corsi, Cassano. Baldanza, Zucchini, Ribas e Celestino. *Gli Orazzi e Curiazzi*, de Mercadante, em 9 de abril, por Gresti, Cassano, Baldanza, Fiori, Benedetti, e Bruni. *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, em 21 de abril, em beneficio do tenor Volpini, por Gresti, Cassano, Volpini, Celestino, Benedetti, Bruni, etc.

As danças foram: *As Walchiri*, de Viotti, em 24 de novembro de 1848; *Ilha dos amores*, de Viotti, em 24 de janeiro de 1849; *Os tres Corcundas de Damasco*, baile carnavalesco, de Viotti, em 4 de fevereiro; *Conversação às escuras*, baile carnavalesco de Viotti, em 11 de fevereiro; *Paquita de Vienna*, em 16 de abril. *Real Teatro de S. Carlos de Lisboa.*

ração. Clementina Cordeiro chorava de desespero. Salvo alguns *dilettanti* mais austeros o conjunto entregava-se a ruidosa alacridade.

Este pouco lírico episodio concorreu bastante para obliterar na memoria dos maledicentes puristas o conflito entre Antonio da Cunha Sotto-Mayor e os ajudantes do marechal Saldanha, Ximenes e Salvador da França.

* * *

O Carnaval caíra nos principios de fevereiro e a Terça Feira Gorda a 12 desse mez, noite em que houve baile em S. Carlos. A sociedade de Lisboa deixou-se empolgar pelo delirio da dança, como se toda pertencesse á *Sociedade do Delirio*, fundada pelo marquês de Niza e os seus amigos. Ninguem diria ao presenciar os folguedos em que tripudiava a população que os funcionarios do Estado não recebiam os seus honorarios ha mezes, que a moeda sofrera uma terrivel depreciação, que a policia prendia sem dó nem comiseração quem murmurasse do governo, que particulares e fazenda publica viviam quasi exclusivamente de emprestimos, que a bancarota e a miseria surgiam como pavorosos fantasmas na espectativa, senão realidade, do dia seguinte. Mas tudo foliava, tudo se divertia.

Nos botequins, nos clubs, á esquina das ruas, nos centros de palestra arruinavam o cerebro e os pulmões varios oradores, amontoando acervos de dialectica para condenar ou defender o Carnaval. No Marrare do *Polimento* o espirito dos tafues incendiara-se numa discussão rutilante. Lançavam pês a ferver na fogueira ateadissima os primeiros literatos daquele tempo. Um gritava :

— Por mais que os filosofos préguem e os espiritos sorumbaticos se indignem a folia foi sempre uma necessidade tão imperiosa para o sexo fraco e forte como qualquer das outras a que a imperfeita Humanidade não se pode eximir. Rir, por motivos delicados ou grosseiros, é uma exigencia fisiologica e psicologica que proporcionará vasto campo ao estudo quando os sabios queiram perscrutar minudencias dignas de atenção.

Aduz outro :

— Riem os povos cultos e os povos selvagens, os expansivos e os concentrados, os graves e os frívolos, os economicos e os

Antonio de Sant'Anna e Vasconcellos, visconde de Nogueiras, ministro de Portugal acreditado em Washington. O seu ultimo retrato

pródigos. Todos teem periodicamente uma quadra em que, arredando os negocios serios, se entregam com a ruidosa alegria de creanças a actos e desatinos condenados com severidade noutra época. E' este mais um dos paradoxos em que se embrulham as sociedades que, quanto mais prégam moral e civilização, mais atropelam uma e mais estorvam a outra. Já o bréjeiro do Bocage sentenceava: "Não ha gosto completo nesta vida!„

O ironico exordio provocou um clamoroso aguaceiro de gargalhadas. O orador proseguiu:

— O Carnaval e qualquer outra especie de festas que se lhe assemelha foram inventadas para desempenhar o papel de valvulas de segurança dos povos. Andar durante trezentos e sessenta e seis dias, nos anos bissextos, a moirejar como um negro, a respeitar conveniencias, com a policia, a lei, os escrivães e os beleguins a ameaçar-nos com custas e sêlos, com a decima a espreitar-nos, com os senhorios de atalaia, com os

crédores de contas em punho, com os barbeiros de navalha e lingua afiadas, é justo que ao cabo deles se folgue, se profira uma pulha, se pise um calo a um inimigo, se descomponha um proprietario tirano, se intrigue um tendeiro descaroavel, se ponha o *sal na moleirinha* a quem nos golpeou e inoculou morbidos virus.

Estrondearam os aplausos. O orador enguliu em sêco e proseguiu :

—.. Assim o comprehenderam os povos desde a mais remota Antiguidade e quem os tem governado desde essas longiquas eras. Os egipcios legaram-nos as festas de Isis e do boi Apis, cujas recordações ainda se reflectem no préstito do *Boeuf Gras* em Paris. Os hebreus, apesar de constituirem um povo escolhido, não deixavam passar ano nenhum sem celebrar o folguedo das sortes. Os gregos e as gregas tripudiavam nas bacanaes.

— E' assim ! E' assim ! — berra o auditorio,

O orador prosegue :

—. .Os romanos, que em assuntos de divertimentos, como em outras coisas, ditaram leis ao mundo, foliavam nas lupercaes, saturnaes, etc. O que eram essas folias faz córar de vergonha quem nunca a possuiu. Os gaulezes, na colheita do visco, a tão garotos passatempos se entregavam que os seus druidas de ambos os sexos não figuram na Historia com grande cheiro de castidade. O proprio cristianismo nos seus primitivos anos de pureza não conseguiu acabar com a velharia. Podemos nós, hoje, pecadores como somos, apesar de toda a nossa devoção, dos sermões que ouvimos, das prédicas que nos fazem, fugir ao convívio de Satànaz ?

— Não, não podemos — responde com vehemencia o auditorio.

— E' conhecido o que aconteceu em Italia com S. Carlos Borromeu.

— Que foi ? Que foi ?

— O santo indignado com tanto Carnaval, pois durava uma semana inteira, como ainda hoje sucede em Espanha, fixou o seu termo na Terça Feira Gorda. Aqui foi Troya ! Os habitantes de Milão expediram logo uma embaixada ao Papa a reclamar contra taes disposições e os foliões que a compunham ficaram conhecidos nos fastos da pândega por *Embaixadores do Carnaval.*

— Viva a folia! Viva a folia!

— Os alemães, os holandezes, e, em geral, todos os povos de origem germanica, divertem-se ruidosa e expansivamente nas kermesses, e quem tenha assistido a alguma ha de confessar que embora os moralistas exemplifiquem a gente dessa raça como modêlo de pudicicia, deparam-se-nos por lá de ora em quando scenas, episodios e explosões de ternura, que não podem com certeza servir de edificante padrão á incontinencia meridional.

— E em Inglaterra?

— Em Inglaterra adquiriram justissima fama os artisticos *pageants*, que se repetem umas poucas de vezes por ano e nos quaes se dispendem muitos milhares de libras. Não citarei, para não ser prolixo, os cortejos historicos na Belgica, as feiras francas de alguns paizes, e determinadas festas musulmanas na Turquia e ainda noutras terras do Oriente, onde ao ardor do clima se junta o temperamento incandescido dos seus naturaes.

— Para a rua! Para a rua! Toca a foliar!

A quem apresentar uma idéa original para comemorar este entrudo dou-the um presente bom! — prometeu o marquês de Niza.

— Vamos pensar nisso!

Os rapazes e os que o não eram atiraram-se de roldão pelo Chiado abaixo. A multidão aproveitava o tempo. Congestionava as principaes arterias. Passeou, tomou sol. Pôs em circulação as suas pessoas, as notas do Banco de Portugal, tão quebradas de valor como as de hoje. Ajudou a viver os bolieiros e industriaes varios, atulhou as gavetas dos donos de casa de pasto e botequins, proporcionou aos teatros *enchentes*, após consecutivas *vasantes*, divertiu-se a seu modo como poude e como quiz. Houve desordens e abusos de bebida. Dançou-se com frenesi em bailes politicos e de caridade. Houve bailes patuleias no salão do hotel Bragança, bailes miguelistas no palacio do marquês de Abrantes. Bailaram-se danças contra a Carta e a favor da Carta. No baile da *Peninsula*, no palacio de S. Pedro de Alcantara, os pares aturdiram-se com um *cotillon*, impetuoso terminado por um *galope* delirante. O falecimento da condessa de Mesquitela, cobrindo de nojo bastantes casas da aristocracia, tornaram menos concorrido, o sempre concorridissimo baile dos marqueses de Viana.

A's onze e meia da noite de Terç -Feira Gorda começam a to-

car graves e plangentes todos os sinos da capital. As mascaras que, ainda transitavam na rua a caminho dos bailes, a gente pacata que recolhia a suas casas, ébrios e gente de juizo, os que saíam das tavernas, os que as procuravam, os tristonhos e galhofeiros, tudo aplicou o ouvido, primeiro com pouca curiosidade, depois com sobresalto, em seguida com anceio, por fim com terror. Os sinos tangiam sempre. De começo, o seu badalar compassado ecoou pelas colinas e vales da cidade como um dobre melancolico e fúnebre. Decorrido um minuto a toada acelerava-se. Outro, e o toque convertia-se num rebate de furia, vertiginoso, frenetico, febril, pavoroso, anunciador das maiores calamidades.

— Onde será o fogo ?

— O que estará a arder com tanta força ?

— Não se vê nenhum clarão !

— Deve ser qualquer flagelo peor que um voraz incendio !

— Meu Deus que será !

O folguêdo transformou-se em espanto e logo em terror. A Guarda Municipal, os cabos de segurança, os aguadeiros e as bombas, os scepticos e os tímidos, os militares e os civis, as auctoridades e os funcionarios corriam todos desorientados de um lado para o outro. Os sinos badalavam com progressiva violencia. Alguem se lembrou de subir ao campanario da igreja dos Martires. Lá em cima o sineiro tocava como um desesperado. Ao lado, o marquês de Niza instigava o tangedor obrigando-o a mover-se como se o acometesse um ataque de epilepsia.

IV

O Gaz

— Que mania foi essa, tua e a dos teus amigos, de mandarem tocar desesperadamente os sinos? — perguntava na manhan seguinte o governador civil, o marquês de Fronteira, a D. Domingos.

O marquês de Niza respondeu rindo:

— O Carnaval finda á meia noite em ponto de Terça Feira Gorda. Prolongá-lo é cometer um pecado. Sou um bom cristão. Quiz lembrar aos outros pecadores que eram horas de entrar nas penitencias da quaresma, na meditação dos mil castigos que nos esperam após o inevitavel julgamento final...

— O diabo metido a frade! — interrompe D. José de Mascarenhas.

— Á meia noite do dia de Entrudo surge implacavel a Quarta Feira de Cinzas; atraz da folia desbragada, a reflexão que conduz ao arrependimento; a seguir aos bailes e ás ceias com comensaes impuros e vinhos capitosos, a penitencia sem mercê...

— Tens corda para muito tempo?

— *Memento, homo, quia pulvis est et in pulverem reverteris...* "Lembra-te, homem, que és pó e que em pó te converterás." São estas as palavras que hoje nos templos o celebrante, depois de abençoar as cinzas, que devem ser resíduos dos ramos de buxo levados em procissão no passado domingo de Ramos, as impôe aos fieis traçando com elas uma cruz na testa...

— Sei isso tão bem como tu.

— E' pena que não sejas tonsurado para as receberes na tonsura. Não ignoras, portanto, que a cinza é considerada como o símbolo da penitencia e do luto. Este dia é destinado a chorar, a dar largas ao remorso. E' por isso que o decretaram feriado,

que não se abrem as repartições publicas e continuam fechadas as escolas. A Igreja derrama os seus carinhos e benignidades sobre os arrependidos e penitentes e o governo não quer que as lages da Arcada ressumem a humidade das lagrimas choradas, nem que repercutam os ecos das notas plangentes, dos queixumes doloridos, dos murros batidos no arcabouço como fortes marteladas, do *Mea culpa !* dos que perderam tantas noites nos bailes e num regabofe tresloucado.

— Vae-te embora ! Vae-te embora ! Assustaste o povo de Lisboa, mangaste com a auctoridade, e ainda me pregas um sermão sobre liturgia...

Interrompeu a objurgatoria do marquês de Fronteira a aparição de um empregado superior do governo civil que lhe comunicou ;

— Está ali um homem que tem uma participação grave a fazer a v. ex.ª, referente ás cartas anonimas que teem sido recebidas.

O marquês de Fronteira tocou a campainha e logo que se lhe apresentou o contínuo, ordenou :

— Mande entrar esse sujeito.

O marquês de Niza saíu e, ao descer o Chiado, todos voltavam a cabeça para o contemplar, uns com admiração, outros com inveja, forma involuntaria dos comesinhos de alma exprimirem a sua admiração.

— Então os setembristas tramam uma conspiração para matar a rainha — dizia dali a dias um janota, entre crédulo e sceptico, á porta do Central.

— Ora adeus ! Alguma conspirata forjada pela policia por ordem do governo — retorquiu o companheiro dando-se ares de confidente dos altos negocios do Estado.

— Olha que o Paço está quasi em estado de sitio. Todos os criados da Casa Real foram apalpados e sofreram um demorado interrogatorio. Despediram um galêgo e um antigo serviçal do conde de SaintLéger — informou outro.

— Na noite de 5 para 6 de março as tropas da guarnição mantiveram-se de prevenção, e o rei D. Fernando, na sua qualidade de comandante em chefe do exercito, conservou-se armado e equipado....

— E depois ?

— Veio a madrugada e desfez o papão, E' como o barulho que para ahi se fez com o *Ecce Homo* da Villa da Feira.

— Que demonio foi isso?

— Ha dias o visconde de Laborim interpela o governo na Camara dos Pares ácêrca da chegada do *Ecce Homo* áquela localidade. Em consequencia de boatos espalhados, o povo corre á entrada do povoado, á espera que o senhor *Ecce Homo*, envôlto num riquissimo manto de damasco de seda, roxo, recamado de flores de oiro fino, ladeado pela senhora da Soledade, com uma mantilha de seda azul clara, ingresse na vila. Avista-se, na verdade, dentro em pouco, copioso numero de cavalgaduras...

D. José Trasimundo Mascarenhas Barreto setimo marquez de Fronteira

— Fala com mais respeito tratando-se do senhor *Ecce Homo*.

— A' medida que a cavalgada se aproxima, reconhece-se que o *Ecce Homo* é Bernardo José Correia de Sá, presidente da Camara Municipal e comandante do batalhão de Caçadores Nacionaes. Não lhe ia mal o traje de Salvador. Representava a Senhora da Soledade o amanuense da Camara, José Teixeira Guimarães. Encorporavam-se igualmente no cortejo o administrador do concelho, o escrivão da administração, outros empregados armados de chuços, etc., etc., etc..

— Mas isso é uma parodia sacrílega.

— Espera lá, homem; o Saldanha mandou instaurar processo pelo juiz de direito e tudo correu até a pronuncia...

— Pronunciou todos...

— Não pronunciou ninguem.

— O quê, o juiz fez-se com eles?

— Não se fez com pessoa nenhuma. Não quiz figurar na His-

toria como um segundo Pilatos. Mandou arquivar o processo. Fôra tudo uma questão de Entrudo. Os homens tinham arranjado uma mascarada e não lhes passou pela cabeça ofender a religião.

– Foi isso que obrigou o marechal a recompôr o gabinete?

— Qual?! Os ministros da Justiça, Fazenda e Guerra saíram do ministerio ha dois mezes, em 26 de janeiro, e entraram para lá a 30, o Sá Vargas, o barão de Ourem e o Lopes Branco...

— Mas o Lopes Branco dizia-se progressista!...

— Isso não faz nada ao caso. Apanha a inauguração da iluminação a gaz, o que muito lisonjeará o seu orgulho; o resto são historias!

A população alfacinha libara na taça do progresso. Essas libações determinaram uma especie de *delirium tremens*. Afirmavam os jornaes e asseguravam os embarcadíços e as pessoas habituadas a viajar que na ilha da Gran-Bretanha havia muitas centenas de linhas ferreas. Não se sabia, por cá, muito bem, o que isto fôsse. Causou farta admiração aos basbaques de Lisboa, alcandorados no alto de Santa Catarina, quando viram subir o Tejo a fragata francesa *Couronne*, com um largo penacho de fumo a golfar do cano negro, a andar, sem velas sôltas. Devia ser uma manifestação de Asmodeu! No Porto pouca gente se atrevia a atravessar o rio sobre a ponte pensil, como ainda hoje muitos timoratos ou supersticiosos se apeiam em Vila Nova de Gaia para não cruzar o arco da ponte D. Maria Pia.

O gaz?!

Escancarava-se a boca dos ingenuos quando alguem os informava de que as principaes cidades do mundo, e até algumas secundarias, possuiam milhares de candieiros iguaes aos que o conde de Farrobo encomendara para a sua quinta magica das Laranjeiras.

Como a viação electrica, não ha muitos anos, a inovação do gaz despertou na alma dos conservadores um manifesto movimento de reluctancia. Não podiam levar a bem que o triangulosito amarelado, o leque flamejante, a crepitar, ventoso, desbancasse a chama tão serena e pudica do nacionalissimo candieiro de três bicos, a candeia local tão placida e familiar, a vela roliça e discreta, a tocha liturgica e solene, o cirial hieratico e cerimonioso.

Emfim, o gaz foi caminhando, mas lento e intimidado. Mostrou-

se primeiro até á esquina do Chiado, da banda do Rocio, e até ao Pote das Almas, para os lados do Terreiro do Paço. Ahi estacou por uma temporada. O conservantismo arredava de si, aborrecido, sem lêr, os panegiricos, os artigos encomiasticos, os ditirambos dos poetas lunaticos. Dos botequins de fama, o Marrare *do Polimento* tomou a vanguarda. Transitou para a Baixa e penetrou nos estabelecimentos lôbregos e asfixiantes; invadiu o quartel de caçadores 5, no Castelo de S. Jorge; expandiu-se pelos salões em voga; recebeu-o a antiga livraria Bertrand; introduziu-se no politico botequim do Gonzaga; assentou arraiaes no carunchoso tablado do Salitre; multiplicou-se por quantos antros se industrializavam em mercearias, casas de pasto e até tabernas.

* * *

O decreto de 5 de setembro de 1848 nomeia o conde de Farrobo inspector geral dos teatros. Esta nomeação mais acrisolou, se possivel é, o fervor que o multimilionario dedicava á Arte e ao Belo nas suas complexas manifestações de pureza imaterial e de materialidade feminina.

Em 1836, governa o districto de Lisboa o conselheiro Joaquim Larcher. Projecta constituir uma sociedade para edificar o teatro Nacional. Submete o plano ao ministro do Reino, ao mesmo tempo que indica a conveniencia da acquisição de varios terrenos, dando preferencia a um existente no largo da Anunciada. Passos Manuel cometeu a Almeida Garrett a missão de formar o seu plano para a consecução do capital necessario á construção e fazer rejuvenescer a arte dramatica portuguesa. (1)

Almeida Garrett não dorme sobre o caso. O decreto de 12 de novembro de 1836 cria a Inspecção Geral dos Teatros, Conservatorio e o nucleo de capitalistas para erguer o edificio, tudo obra sua. A escolha recáe no antigo palacio da Inquisição, depois Erario publico, incendiado em 14 de julho de 1836. Confia se a

(1) A arte deveu muito a Passos Manuel Fundou o Conservatorio das Artes e Oficios de Lisboa, o do Porto, a Academia das Belas Artes, a Casa Pia de Evora, o Asilo Rural Militar, no Varatojo; reorganizou e desenvolveu as Escolas Medico Cirurgicas de Lisboa e Porto, os estudos da Universidade de Coimbra, as escolas de instrução primaria; criou associações agricolas, fabris e industriaes nos centros mais importantes de Portugal.

obra ao arquitecto Luíz Chiari. O orçamento ascende a sessenta mil cruzados ou, em dinheiro de hoje, vinte e quatro contos. Não se conforma Passos Manuel com a planta e determina que os lentes da Academia de Belas Artes se dedíquem a esse trabalho. A crise ministerial de 9 e 10 de setembro suspende as diligencias até outubro de 1838.

Nessa época a energia e tenacidade de Garrett obriga o novo ministro a nomear, por portaria de 28 de setembro desse ano de 1838, uma comissão constituida pelo conde de Farrobo, Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, visconde de Castilho e Caetano Martins. Compete-lhe obter o numerario preciso. O governo, apertado com uma dívida á Camara Municipal, concedera para liquidação dela os escombros do Rocío. Onde procurar novo terreno? Fixaram-se os olhos da comissão em certa área do convento de S. Francisco, junto da Bíblioteca. Levantam-se embaraços de consideração, mas o ministro condescende.

Procede-se ao rateio dos acionistas. Os soberanos subscrevem com dez contos, o conde de Farrobo com doze e outros argentarios com oito contos e setecentos mil réis, num total de trinta contos. As Camaras devem legalizar a subscrição, o que demora até 4 de maio de 1839. Parecem sanadas as dificuldades maiores. A secretaría do Reino auctoriza Almeida Garrett a executar o plano quando o conde de Farrobo lhe comunica que não consegue agrupar os acionistas bastantes. Oferece-se, no entanto, para levantar o teatro, se lhe venderem barata a área requisitada e êle ficar como dono do edificio. Não o move nenhum interesse — apenas o da Arte — e tudo se realizará á sua custa. Almeida Garrett propõe ao governo o acedimento a estas condições. O Parlamento aprecía a proposta e aprova. Ainda não se ultíma o negocio. Falta a burocracia dizer a ultima palavra. As clausulas e as exigencias crescem ao capricho dos burocratas. Joaquim Pedro perde a paciencia, renuncía e o assunto imobiliza-se de novo.

A paciencia de Garrett não se exaure. Redige e envia novo projecto em 1840. O Estado fornecerá uma parte dos materiaes e o chão; cobrirá as outras despezas uma companhia organizada pelo governo, amortizando-se, comtudo, o capital de modo que o edificio se considere pertença nacional. O decreto de 6 de novembro desse ano, de 1840, converte a proposta em lei.

Nomeada outra comissão, assenta definitivamente no local do Rocio. Após algumas negociações o governo compra á Camara

Municipal, em 18 de maio de 1841, o que lhe cedera antes, por dez contos de réis. Abre-se concurso para o risco do teatro. O governo dôa, alem do terreno e da pedra das ruinas, os materiaes indispensaveis, com a condição de poder aprovar ou recusar a planta, superintender nos trabalhos e da construcção ser propriedade nacional. Para o efeito contraía-se um emprestimo de cem contos, em apólices de cem mil réis. A hipoteca do teatro e dependencias garantia o emprestimo, afora o rendimento do aluguer da casa, a terça parte de qualquer subsidio anual, a totalidade de quatro beneficios por ano e de três loterias em três anos.

Quando o empreendimento parecia realizar os seus propositos, Almeida Garrett irrita-se com o governo. O ministro demite-o de inspector dos teatros a 16 de julho de 1841. Nova paralização. A 27 desse mês substitue-o no mesmo cargo o conselheiro Joaquim Larcher. Os perítos pronunciam-se contra todos os riscos. O arquitecto italiano, parente da condessa de Farrobo. Fortunato Lodi, desenha uma planta. Recusam-na tambem. Decorre o tempo estéril até fins de abril de 1842. Surge uma solução.

A escritura do monopolio do contrato dos tabacos obrigava os respectivos caixas a tomarem sobre si a empresa do teatro de S. Carlos. Os prejuizos e desgostos contavam-se pelas noites. Propuseram nesta altura o seguinte: Concorreriam com quarenta contos para a construcção do teatro Nacional libertando-os dos encargos de S. Carlos. A instancias de Joaquim Larcher o governo aceita o oferecimento. O ministro aprova o projecto de Fortunato Lodi, ao mesmo tempo que dissolve a anterior comissão e nomeia outra para fiscalizar o andamento do edificio, composta por Larcher, inspector das Obras Publicas e Jacinto Dias de Carvalho, tesoureiro.

Os trabalhos iniciam-se a 7 de julho de 1842. Demolido o que não é aproveitavel, em novembro, desce ao solo o primeiro alicerce. A construcção dura quatro anos. Aprasa-se a inauguração para 4 de abril de 1846, aniversario de D. Maria II. Transita do teatro da Rua dos Condes para este a companhia que ali representava: o escol dos artistas portuguêses. Abre-se um certamen de peças. Entram no arquivo do Conservatorio trinta e três peças. De tantas producções, só são julgadas em condições os dramas: *A vespera de um desafio*, *O poder dos remor-*

sos, *Alvaro Gonçalves o Magriço e os doze de Inglaterra.* A censura julga dignos de premio pelo seu valor relativo os dois primeiros e considera o ultimo de "extraordinario merecimento absoluto e relativo". A direcção escolhe este para a récita inaugural. O aniversario da soberana coincide com as solenidades da Semana Santa. Nessa época os espectaculos interrompiam-se desde o domingo de Lázaro ao da Páscoa, isto é quinze dias. O edificio, com todo o seu recheio, importou em cerca de quatrocentos contos.

A inauguração efectua-se na segunda feira, 13 de abril de 1846, com o *Alvaro Gonçalves.* A peça não valia o que o inspector supunha. O publico, não obstante o entusiasmo da novidade, manteve-se frio. A 30 de janeiro desse mesmo ano, de 1846, o conde de Tomar referenda um decreto pelo qual se adjudica a empresa do Nacional a uma sociedade de artistas, coloca ali a séde da escola de declamação, até ahi no Conservatorio, assegura a subsistencia futura dos comediantes, regulamenta a censura e determina ainda outras medidas que envergonham a incuria governativa de agora. Em 28 de outubro de 1847 outro decreto concede-lhe um subsidio de seis contos de réis por ano, promulga os regulamentos do proscenio, ácêrca da leitura da censura e da representação das producções dramaticas.

As peças arrastam-se a despeito dos esforços dos artistas. O cabecear sonolento do resumido publico que o frequenta demonstra que o reportorio lhe desagrada supinamente. Assim vae até 31 de julho de 1848. Nessa noite, a companhia interpreta *O Alcaide de Faro*, drama em cinco actos, original de Costa Cascaes. Obtém uma ovação. Mais tarde o *Templo de Salomão* e a *Profecia ou a queda de Jerusalem* secundam este primeiro retumbante triunfo. A acção do conde de Farrobo, na sua qualidade de inspector geral dos teatros, fazia-se sentir num retinir clamoroso e vibrante da tuba da fama. [1]

[1] A crítica da época tece incondicionaes elogios á enscenação do actor Epifanio e ao desenho do guarda-roupa de Anastacio Rosa. No desempenho evidenciou-se Teodorico, Epifanio, Anastacio Rosa e Josefa Soler. Ao mesmo tempo acusava Tasso de falsas inflexões no diálogo.

O Anel de Salomão, em opera comica, poema de Mendes Leal Junior e musica de Coppola, representou-se no teatro das Laranjeiras, em 24 de junho de 1853, tendo por intérpretes D. Carlota Quintela D.

* * *

A meio da sessão legislativa desfizera-se um temporal violento na Camara dos Pares. Constituia o tema obrigado de todas as palestras.

— Quem vencerá desta vez, o Pimenta ou o Farrobo? — pergunta um.

— De um e outro lado hão de pôr em jogo toda a rabulice possivel — observa um dos interlocutores.

— Se desta vez o Quintela não vence, gastando como gasta, ficará pobre como Job — objecta um terceiro.

— E o Acordão de ha quatro anos?! — exclama um quarto.

— O que anula o da Relação do Porto?!

O que dá rasão aos inimigos de Farrobo [1]?!

— Se os amigos do conde o não salvam hoje na Camara, adeus festas, teatros, caçadas, carruagens, cantoras e bailarinas!...

Trocavam-se estas impressões no que se poderia chamar então sala dos Passos Perdidos da Camara hereditaria, entre varios sujeitos, que aguardavam a abertura das portas das galerias para assistirem á sessão prometedora de debates ásperos, violentos mesmo.

Aberta a sessão um dos próceres pede e obtem a palavra e, num longo discurso, entre outros argumentos, perora:

— A Carta constitucional impõe no seu artigo 31.º "que o exercicio de qualquer emprego, á exceção dos de conselheiro de Estado e ministro do Estado, cessa interinamente, emquanto durarem as funções de par ou deputado„. Mais. No artigo 33.º

Emilia Teixeira de Melo, D. Joaquina Damasio, Henrique Morley e conde de Farrobo.

A profecia ou a queda de Jerusalem, original de D José de Almeida e Lencastre, subiu á scena em 24 de julho de 1852, quando ali funcionava uma sociedade artistica. Nunca se admirara maior esplendor naquele teatro. Desempenho, musica, bailados, mereceram quentes encomios No entanto, os lucros não corresponderam aos sacrificios feitos.

[1] Transcrevo na integra esse documento interessante para a elucidação do assunto:

«Nos autos civeis vindos da Relação de Lisboa, nos quaes são recorrentes Lino da Silveira e Manuel Joaquim Pimenta e companhia, e recorrido o conde de Farrobo, se proferiu o acordão seguinte:

«Acordam os do Conselho, etc., etc., que sendo principio consignado nas Ord , Livro III, Tit. 20. § 44 que todos os termos assinados

aduz, que "se por algum caso imprevisto, de que dependa a segurança publica, ou o bem do Estado, fôr indispensavel que algum deputado sáia para outra comissão, a respectiva Camara o poderá determinar„. O presidente do conselho, em 3 de janeiro deste ano, propôs e a Camara votou, que "os dignos pares do reino, que eram empregados na capital, pudessem, querendo, desempenhar conjuntamente as funções dos cargos que exerciam...

— O governo apresentou um requerimento contra lei e esta Camara aprovou a transgressão. — interrompe um par.

— Como?! — pergunta um ministro.

— A Carta é clara quando exprime: "O exercicio de qualquer emprego cessa emquanto durarem as funções de par„, — exclama o interruptor.

— Esta Casa, pois — continúa o orador — ultrapassou as suas atribuições acedendo aos desejos do ministerio, "que autoriza os pares, querendo, a desempenharem conjuntamente os cargos que exerciam„. Aos deputados é que se pode autorizar a saída nas circunstancias inesperadas de que "dependa a segurança publica ou o bem do Estado„. Pretende se agora beneficiar qualquer digno par com uma exceção que a Carta só permite aos deputados. Mesmo nestas excepcionalissimas condições só se pode autorizar a *saída* e nunca a acumulação de funções.

— No meio de tudo porque é esta celeuma toda? — inquire nas galerias um estranho á questão.

— O José da Silva Carvalho, par e presidente do Supremo Tribunal de Justiça, a coberto da autorização solicitada, tomou o seu logar e presidiu ao julgamento que pronunciou a sentença de vencimento na demanda entre Farrobo e Pimenta...

— Ah!

— Ora o conde de Farrobo requereu que lhe fosse certificado qual era a interpretação da Camara dos pares quando votou a proposta do governo. No requerimento acentua: "se nessa re-

ás partes sejam havidos por perentorios; sendo igualmente certo, em direito que os termos, que a lei marca e manda contar desde qualquer acto judicial, correm de momento a momento, com o que se conforma o art. 683 da Nov. Ref. Jud. quanto á interposição e apresentação de quaesquer recursos expressão generica que comprehende os embargos, segundo o que se acha disposto nos art. 281, § 3, 282 § 1, 294, e § 2.º da mesma refórma.

solução se compreendia que o sr. Silva Carvalho pudesse acumular a presidencia do Supremo Tribunal de Justiça com as funções de par do reino„?! . . .

— Que responderam?

A comissão de petições emitiu o seu parecer. Opinou que "a resolução da Camara não carecia de aclaração„. Os debates de hoje versam sobre este ponto essencial. Vamos a vêr qual o epílogo desta embrulhada que está apaixonando a população de Lisboa.

Neste momento, na sala, o barão de S. Pedro e o visconde da Graciosa, membros da Comissão, apresentaram cada um o seu parecer, e leram-no em separado. O barão opinava que a deliberação da Camara, de 3 de janeiro, tinha todos os motivos para ser considerada nula; o visconde acentuava que os funcionarios, "exercendo actos de jurisdição contenciosa, não estavam compreendidos na concessão„.

Terminado este primeiro episodio, o relator, visconde de Oliveira, levanta-se e declara:

— Senhor presidente. Mando dois requerimentos de Lino da Silva e Manuel Joaquim Pimenta para a mesa. A «comissão não poude examinar os requerimentos, mas parece-lhe que deve a Camara atendê-los antes de discutir a materia„.

— Esses dois requerimentos são dos contrarios ao conde de Farrobo — conversam os das galerias uns com os outros.

O visconde de Laborim pede a palavra e pergunta:

E sendo expresso no art 726 que os embargos aos accordãos das Relações se devem opôr dentro de cinco dias, contados da sua publicação, ou intimação, disposição identica á do § 1, do artigo 678, não se podendo entender que a frase *opôr embargos* exprima diferente ideia da enunciada no dito artigo — *apresentar embargos*, — antes sendo uma e a mesma a disposição de ambos, quanto ao tempo dentro do qual se devem opôr ou apresentar embargos, como é manifesto não só das letras do art. 726, mas dos logares paralelos, aonde se usa da mesma frase, no sentido de apresentar embargos, art. 678 § 1, 251 § 1, 281, § 3.º e 679; e pelo abuso que se seguiria de considerar satisfeita a lei com uma simples petição a pedir vistas, abuso que os ditos artigos quizeram prescrever do fôro; aliás ficaria incerto, indefinido e só dependente do arbitrio das partes o *fatal* para os apresentar que a lei definiu, fixou e limitou a cinco dias, contados do *acto da* intimação; nem podendo entender-se embargos senão quando se articula a materia com que se embarga o julgado, Ord. Liv. 1, Tit. 3.º § 1, não sendo por petições que se embargam accordãos (Dec. de 19 de novembro de 1784);

— Desejo saber como os requerimentos foram parar á mão do senhor relator ?

— A pergunta leva agua no bico; em toda esta embrenhada questão ha ínteresses de grande alcance e não se sabe ao certo se alguns pares teem ou não rasca na assadura — explica um ouvinte maledicente.

— Os requerimentos foram lançados na caixa e de ali tirados pelo oficial mór da secretaria que mos entregou — informa o apresentante.

— Senhor, presidente — riposta o visconde de Laborim com inflexo entre ironico e astuto, — não é preciso amontoar muitos argumentos para demonstrar que foi modificado o procedimento vulgar do expediente : "os requerimentos devem ir da caixa para a mesa, e desta é que é distribuida pelas comissões.„

— Aconteceu desta vez assim.

— E' uma infracção aos usos da casa.

O presidente para acalmar os animos aconselha o secretario visconde de Gouveia a ler os dois requerimentos. Pautam-se ambos por identica fórmula. Solicitam que se suspenda o debate, "visto penderem embargos na Relação, apresentados por eles, e um requerimento do conde de Farrobo alegando a suspeição de Silva Carvalho. Qualquer resolução da Camara podia, pois, ter influencia no litigio„.

— Veremos o que resolvem ? — duvidam nas galerias.

O requerimento é posto á votação. A maioria indefere os pedidos e que se prosiga na ordem do dia. Crispa a galeria um estremecimento de desilusão.

— Eles lá em baixo *pegam-se !* — sussurra o auditorio.

E sendo certo que o Accordão, fl 326, foi intimado e recorrido no dia 2 de novembro de 1842 pela uma hora da tarde e os seus embargos opostos sómente no dia 8 pelas oito horas da noite, se excedeu o praso legal quando mesmo se não contasse no termo o dia do termo, fazendo-se errada aplicação da Ord , Tit. 13, que fala dos termos, que foram assinados pelos julgadores e não daqueles que a lei assina como no presente caso.

E assim os juizes das tenções vencedoras, contando o termo desde a continuação dos vistos, não desde a intimação, violaram a expressa disposição do art. 726 ; e, conhecendo dos embargos, violaram não só o mesmo artigo, mas ofenderam a Ord. § Liv. 3 Titl. 75 ; porque pelo Accordão que não foi embargado no termo legal tinham os recorrentes adquirido direito, de que não podiam ser privados, porque, se não é livre aos julgadores reformar os termos por eles assinados,

— "Se s. ex.ª quer romper a sua amizade comigo é escusado estar a contrariar-me — diz o conde de Tomar para o barão de S. Pedro com asperesa e azedume.

Rodaram días. A sensação recrudescera. Amigos e adversarios do conde de Farrobo referiam-se com vehemencia ao assunto.

— A Camara dos Pares desprestigiou-se nessa serie de sessões em que se afundou a sua independencia.

— A sua independencia ? !

— A sua indepeneencia, sim. Todos os oradores, e foram muitos, discursaram orientando as perorações pelo quadrante das suas simpatías e não pelo norte dos supremas conveniencias da justiça e do país. Prevaleceram os interesses particulares, a estima que os ligavam a este ou aquele.

— Exageras.

— Não exagero. Foi um levantar de feira. O conde de Tomar e Serpa Machado, afeiçoados ao Pimenta, papaguearam para que vigorasse a deliberação de 3 de janeiro e se aprovasse uma lei regulamentar do artigo 31 da Carta Constitucional.

— Para consumo particular...

— O visconde de Laborim e Felix Pereira de Magalhães, dedicados ao Farrobo argumentavam que o artigo 31.º não precisava sugeitar-se a nenhuma especie de hermeneutica. Estes homens honrados, porque o são, não escrupulizaram em querer transformar a lei em escudo de uma intenção particular.

— Fraquesas da politica.

— O duque da Terceirá e o conde de Samodães afim de que não recaíssem sobre eles qualquer desconfiança de parcialidade favoravel ao Pimenta ou ao Farrobo, para não votarem... deram-se por suspeitos.

nem deles fazer graça alguma, como se exprime a Ord , Liv. 3 • Tit. 2.º § 44, muito menos o poderão fazer aqueles que a lei assina e prescreve contínuas e improrogaveis; nem contra o mesmo Acordão, alem dos embargos dentro do sobredito termo, as leis concediam outro recurso, que não fosse o da revista, do qual se não usou, sem que se fizesse necessario que o artigo 726 cominasse a pena que querem os juizes das tenções vencedoras.

Anulam por estes fundamentos o Acordão recorrido, concedendo a revista e mandam remeter os autos á Relação do Porto para se dar execução á lei.

Lisboa 17 de maio de 1844.

Cardoso, Visconde de Laborim (vencido), dr. Camêlo, Cabral, Abreu Castello Branco (vencido).

— Então ninguem se entende no meio dessa barafunda, dessa desorientação, desse dissidio, que mina todos os espiritos.

— Ninguem! Os pares estão radicalmente divididos: ou pimentistas ou farrobistas; quando falam a proposito de um ou doutro exaltam-se como se a patria corresse qualquer sério perigo.

— O Rodrigo da Fonseca não oculta os seus sentimentos. Atirou-se noutro dia ao Farrobo como um maltez a uma sardanisca...

— O que lhe valeu ser contemplado com um panflêto, de larga disseminação na Camara alta; o panfletario analizava-lhe a vida com o maximo numero de pormenores desde o assento batismal, em que não se encontra nome de pae, até aos seus ultimos actos de administração publica.

— E para isto houve tantas sessões...

— Houve; assanhadas e demolidoras do regimen; o desfecho foi digno do prefacio.

— Como assim?

— Quando chegou o momento da votação, o escrutinio outorgou ao Farrobo vinte votos e ao Pimenta apenas dezenove...

— Então ganhou o Farrobo.

— Ahi é que vae o teu engano. O primeiro escrutinio deu esse resultado. Alguem exigiu segunda contagem. Então desta vez foram vinte votos para o Pimenta e apenas dezenove para o Farrobo.

— Perdeu então este.

— Perdeu e deu-se este caso notavel. A Camara dos Pares resolveu não anular a sua decisão de 3 de janeiro, mas que dahi em diante não subsistia o seu voto de 3 de janeiro.

— Que balburdia!...

— Manifesta-se a contradicção de forma iniludivel. Os próceres legalizavam a acção de Silva Carvalho, acumulando um cargo no qual beneficiara o Pimenta, mas declarava que no porvir o presidente do Supremo Tribunal não poderia ao mesmo tempo funcionar como par.

— Que coisas tão extraordinarias sucedem no nosso país!

— Por um triz que não se abre uma crise ministerial. A proposta arruinadora do Farrobo partiu do duque de Palmela. Houve dois ministros que votaram contra: O marechal Salda-

nha e o conde de Castro. A opinião manifestada pelos dois batia como uma catapulta na situação presidida pelo conde de Tomar. O cheque malfería o ministerio. O governo salvou-se por causa do revez ter sido infligido na Camara hereditaria. No entanto, o Saldanha, aborrecido com tudo isto, quer largar a pasta e voltar as costas ao chefe do gabinete.

— Realizada essa hipótese o conde de Farrobo está arruinado...

— Estará, mas ainda ha pouco se cantou no teatro das Laranjeiras *La part du Diable*, opera comica de Aubert, e, ao concluir o sarau, de exito retumbante, como todos os outros, êle epilogou a festa com o habitual remate de prodiga galhardia, convidando os presentes para assistirem a uma grande surpresa que lhes reservava. (1)

— Que surpreza será?

— Qualquer estupenda manifestação de desperdicio em que as libras se atropelem como os cavalos no final de um *steeple chasse*...

— Murmura-se para ahi á bôca pequena, que a tal surpresa brotou de uma combinação planeada entre o Farrobo e o marquês de Niza.

— Trema o mundo! As aguas do mar vão transformar-se em oiro em fusão e Lisboa numa segunda Ninive com dois Sardanápalos.

— Hão de fazer isto por menos.

— Ou por mais...

(1) Interpretaram-na Carlota O' Neill, Cecilia O'Neill, Maria Joaquina Quintela, Carlos Munró, Carlos da Cunha, Francisco de Sa e E. Bourgard. Carlota O'Neill era filha do negociante irlandês J. O'Neill e de Carolina de Brito O'Neill, que tambem representou nas Laranjeiras, e neta de Antonio Bernardo de Brito e Cunha, contador da Real Fazenda do Porto, enforcado na Praça Nova daquela cidade a 7 de maio de 1829, no reinado de D. Miguel, por liberal. Fonseca Benevides escreve: «Carlota O'Neill a uma simpatica beleza e figura majestosa, juntava uma voz primorosa de grande extensão e lindo timbre, um prodigiosa agilidade e excelente método de canto. Esta ilustre senhora, ornamento da sociedade portuguesa nesta época e uma das maiores notabilidades musicaes, que se tem ouvido em Lisboa, desposou-se com o magistrado Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, mais tarde juiz do Supremo Tribunal de Justiça. Faleceu Carlota O'Neill, de uma morte prematura em 24 de abril de 1858, tendo apenas trinta e quatro anos de idade». O dr. Sá Brandão morreu esmagado pelo antigo elevador da Estrela.

V

Desforra pronta

Que tinham combinado os dois ?

Marietta Gresti, dama ligeira, contratada, como já disse, para a época de 1849 a 1850, crispava a platéa de S. Carlos num sacudido frémito de vehemente arroubamento quando cantava a *Linda de Chamounix*. Conjuntura rara em S. Carlos ! A doçura da sua voz, macia com o pêlo de um gato Angora, dispunha do condão de dulcificar os críticos selvagens e de unir os díssidios irreductiveis. Nunca se vira em S. Carlos sala de tão íntimo acôrdo. A voz de um querubim estabelecera entre os anjos expulsos do empírio e atirados para o inferno, Lúcifer, Luzebel, Satan, etc, e a propria côrte do céo uma tão olímpica harmonia, que a muitos se afigurava assucarado milagre de Santa Cecilia.

No rio balouçava-se a mastreação elegante e altiva de duas fragatas russas aportadas ao Tejo para se abastecerem de victualhas. Todas as noites a oficialidade expandia o seu gosto pela musiça e a sua admiração pelo belo sexo ocupando algumas cadeiras, pagas por bons rublos em ouro, que os maltezes rebatiam com o agio de quinhentos por cento. A 11 de janeiro de 1850 representou-se pela primeira vez na temporada o delicado *spartito* de Donizetti. [1]

[1] Na época de 1849 a 1850 cantaram-se as seguintes operas : *Attila*, de Verdi, em 24 de outubro de 1849, por Gresti, Baldanza, Fiori, Benedetti e Bruni. *Alzira*, de Verdi, em 29 de outubro, por Gresti, Gallindo, Baldanza, Fiori, Celestino e Bruni. *Machbeth*, de Verdi, em 4 de novembro, por Gresti, Baldanza, Fiori e Bruni. *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti, em 7 de dezembro, por Marietta Marinangelli, Baldanza, Fiori Celestino e Bruni. *Ernani*, de Verdi, em 19 de dezembro por Gresti, S. Martin, Carlos Liverani, Fiori, Benedetti, Bruni e

Os engalonados moscovitas deliraram. Ricos, na maioria, deliberam oferecer a Marietta Gresti uma soberba pulseira de brilhantes. Não contentes em afrontar os diletantes nacionaes com a principesca dadiva e a revolvêr no fundo da alma dos admiradores da "diva„ atrocissimo despeito, deliberaram no dia seguinte coroar a sua obra de dissenção convidando toda a companhia para um jantar a bordo, opíparo como um monumento culinario de Vatel, escolhido como uma obra prima de Brillat-Savarin, florído como se a camara do navio se transformasse em qualquer jardim de Cintra, matizada de cima abaixo de multicôres e aveludadas camelias. Alfinetado este contraste entre o caudal de prodigalidade dos vassalos do tsar e a pacata sovinice dos subditos de D. Maria II, no espirito da cantatriz, a cruz de Santo André das embarcações dos boiardos preparava-se para deixar de ser acalentada pela nossa brisa fluvial, colocando os patrios frequentadores do teatro lírico numa situação pouco invejavel. Até o Taborda, que no Ginasio, no *Ensaio da Norma*, parodiava a Gresti, não se poude conter sem aludir ao caso numa referencia incisivamente picante.

Tal desaire inflingido á ufania dos *leões* filarmonicos, sempre tão divergentes em questão de vozes e de saias e agora emparelhados como irmãos siamezes, reclamava imediato e estrondeante desforço. Uma comissão procurou o marquês de Niza e o conde de Farrobo e delegaram nos dois a incumbencia de obrigarem as margens do Tejo a reboarem com os écos de uma desforra clamorosa.

— Que vamos fazer? — perguntaram um ao outro.

— Oferece-se uma caçada nos terrenos comprehendidos entre

Quiroga. *D. Bucefalo*, de Canoni, em 1 de janeiro de 1850, por Marietta Marinangelli, Catarina e Virginia Persolli, Luiz Roco, Caetano Baldanza e Bruni. *Linda di Chamounix*, de Donizetti, em 11 de janeiro por Gresti, C. Persolli, Liverani, Fiori, Roco, Benedetti e Bruni *Maria di Rohan*, de Donizetti, em 4 de fevereiro, em beneficio de Fiori, por Gresti, Persolli, Baldanza, Fiori, Celestino etc., nesta noite a orquestra tocou a sinfonia burlesca de José Casimiro e Judith Rugalli e Lourenço Viena dançaram a redowa *Torquato Tasso*, de Donizetti, em 19 de fevereiro, por Marinangelli, Persolli, Liverani, Fiori, Roco, Celestini e Bruni. *Il Profeta*, de Mayeerber, em 1 de abril, por Gresti, Marinangelli, Baldanza, Liverani, Benedetti, Roco, Celestino, Bruni e Quiroga. As oitenta récitas de assinatura custavam: Frizas 170$000; camarotes de primeira ordem, 216$000; de segunda, 152$000; de terceira, 128$000; Superior, por, mez, 6$000; Geral, 4$000.

as minhas quintas do Farrobo e de Santo Antonio da Castanheira - propõe Joaquim Pedro.

—... Com uma apoteóse que eu lhe prepararei — adiciona D. Domingos.

— Que mais ? — anceia o conde.

— Como o quinau é dado a marinheiros e eu sou almirante do mar das Indias tem por força de meter agua depois de haver muito · · vinho — esplana D. Domingos.

— Qual é o seu plano ?

— Depois da caçada um passeio aquatico nocturno até á ribeira de Santarem.

— E' muito longe.

— Então para juzante, até onde se aborrecerem.

— Não se aborrecerão.

— Faremos todas as diligencias para levarem impressões novas e quentes para a sua fria Russia.

— Apesar de estarmos em janeiro.

— O janeiro nosso, temperado e límpido, é como o agosto deles enfumado pela bruma ou remendado pelos fiapos da geada.

No dia seguinte partiam os dois titulares para o Farrobo e de lá para Santo Antonio da Castanheira, povação situada num plaino fértil e bonito na margem direita do Tejo, abundante de aguas e opulenta de frutas.

Não venho aqui ha bastante tempo ; como isto está decadente ! — exclama o marquês de Niza.

A decadencia não data de agora, vem desde os meados do seculo XVIII e acentua-se lenta mas inexoravelmente, não se sabe bem o motivo — explica Joaquim Pedro.

A carruagem continuava rodando.

— Acolá erguem-se os dois mosteiros : o de monges e de monjas. Fundou aquele, em 1400, D. Pedro de Alemancos. Recebia capuchos sob o patrocinio de Santo Antonio. Aumentou a fabrica D. Jorge de Ataíde, bispo capelão mór. Recheiam-no esplendidos marmores, alabastros e magnificos azulejos ·· [1]

— Anda ligada a êle uma lenda, não é verdade ?

[1] O vencimento do litigio Farrobo-Pimenta, por parte deste, arrancou-o á posse do primeiro. Em 21 de maio de 1920 foi á praça o convento dos frades por um conto de réis. O das freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Anunciada, foi fundado por D. Fernando de Ataíde em 1514.

— Duas lendas.

— Lembro-me vagamente disso.

— D. Antonio de Ataíde, primeiro conde da Castanheira, bemfeitor do mosteiro, foi contemporaneo do cronista Damião de Goes. Zangaram-se os dois e tornaram-se inimigos. A inquisição prende o segundo e condena-o a confisco e degredo. Por favor especial cumpre o degredo no convento da Batalha. A tradicção assegura que o inspirador deste percalço foi o conde de Castanheira. O cronista acreditou e jurou vingar-se. Delineia então as genealogias de Pero Esteves e do "Barbadão„. Atacava o fidalgo no que êle possuia de mais caro : as filaucias da sua extirpe.

— E' depois que aparece na biblioteca da Ajuda as duas genealogias...

— ...Clandestinamente introduzidas ali, reza ainda a lenda, ou pelo proprio Damião de Goes, ou por alguem seu afeiçoado. De repente, sem se saber como, espalharam-se por toda a parte farta copia dessas genealogias.

— Uma e outra querem provar que a ascendencia do conde da Castanheira provém do "Barbadão„, natural de Castela e judeu converso. Da filha, amante do nosso D. João I, brotaram varias casas e uma delas a do conde de Castanheira..

— A outra lenda tenta demonstrar que a mesma linhagem rebenta do filho bastardo de um padre, de nome mestre João, e de uma moura com uma judia conversa á mistura.

— Os cronistas de então como os jornalistas de hoje, quando os magoavam, vingavam-se em amesquinhar as prosapias da fidalguia.

— Tudo isto, no entanto, cáe pela base. Os visados eram todos filhos legitimos com a sua ascendencia absolutamente provada.

— Do que não ha duvida é que a poesia da Ajuda existe. (1)

(1) A poesia da Biblioteca da Ajuda, atribuida tambem a Damião de Goes, é do seguinte teor.

«Mestre João sacerdote
De Barcelos natural,
Houve de uma moura tal...
Um filho da boa sorte :
Pedro Marques se chamava,
Honradamente vivia.

— Os arquéologos afirmaram com as mãos na consciencia que a letra e a côr da tinta parecem dos meados do seculo XVI.

— Os arquéologos tambem se enganam.

— O certo é existirem dentro de uma parede os restos mortaes do meu antepassado, do conde da Vidigueira. Aproveito a ocasião, meu caro Joaquim Pedro, para lhe agradecer a sua religiosa cortezia. Embora proprietario destes mosteiros de Santo Antonio da Castanheira, Cadapaio e Carregado sempre respeitou a igreja para não profanar os túmulos dos descendentes do descobridor do caminho maritimo da India.

— Oxalá que os vindouros observem os mesmos escrupulos.

— O quê, pois ha de nascer em terra portuguesa quem vá ali acordar os que dormem o sono eterno de tantos seculos, deixados em paz nos dias desoladores das guerras com Castela e das invasões francezas, quando queimaram o convento de Santa Clara em Alemquer, em 1811, e que as freiras de lá se refugiaram aqui?

— Vejo o futuro negro com esta sucessão de pequenas guerras civis!...

— Os selvagens do interior de Africa patentearam sempre o maximo respeito pelos mortos Os inimigos quando tomam o teritorio contrario não tocam nas sepulturas.

— Não sei! Não sei! [1]

* * *

Os dois tinham chegado ao seu destino. A' porta da propriedade esperavam dois sujeitos, vestidos campesinamente, mas ambos de aspecto atrahente e resoluto. O conde de Farrobo disse ao marquês de Niza:

E por amores casou
C'uma formosa judia.
D'este que nada se esconde
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe daquele conde
Que se diz de Castanheira.»

[1] O povo da localidade, por varias vezes depois de 1910, arrancou do seu logar, abriu, remexeu e atirou com as ossadas para o meio dos campos. As preciosidades existentes nestas ruinas, valiam á vontade, o décuplo do preço porque foram á praça.

— Apresento-lhe o sr. Antonio Pires da Silva, administrador da companhia das Lezirias do Tejo, em Vila Franca de Xira.., [1]

— Conheço muito bem o sr. Silva e o sr. Francisco Pinto de Campos. um valente da batalha da Asseiceira, nas fileiras de D. Pedro IV, e que foi administrador das minhas propriedades aqui antes do conde lhe confiar a empreitada da estrada a mac-adam, que liga a quinta do Farrobo com o ramal, que vae ter ao convento de Santo Antonio da Castanheira, trabalho que lhe foi confiado a si.

Proferindo estas palavras D. Domingos estendia a mão com a sua proverbial lhanesa aos dois sujeitos que se curvaram numa respeitosa reverencia. Gesto no que o imitou Joaquim Pedro, aduzindo:

— Vão ser os nossos melhores colaboradores na festa em projecto.

— Creio-o piamente, tanto mais que o Pinto de Campos se parece com Victor Hugo, como dois ovos da mesma galinha — graceja o marquez de Niza.

Conde da Redinha

— Mas meu pae nunca foi a França — riposta com vivacidade o sósia do grande poeta de *Notre Dame de Paris.*

— Essas semelhanças ocorrem com certa frequencia, sem que os paes e as mães dos pimpolhos parecidos tenham nisso a menor intervenção — concilía Joaquim Pedro.

Mas quem se parece com um homem da imaginação de um romancista de tal renome ha de ser por força imaginattvo

[1] Foi administrador ali desde 1850 a 1880. Morreu da queda de um cavalo na ponte de Alcoentre, na Azambuja, em agosto de 1881.

— Far-se-á a diligencia.

— É' isso mesmo que nós desejamos.

Demoraram-se as quatro personagens em animada conversa e por vezes até em acêsa discussão. Por fim chegaram todos a acordo e despediram-se.

Dois dias depois iniciava-se nos terrenos dessa localidade, entre a Quinta do Farrobo e Santo Antonio da Castanheira, uma caçada ás lebres. O dia, um dos nossos mais lindo, tépidos e claros dias de janeiro, amanheceu numa alvorada gloriosa e obrigou a levantar ageis e diligentes mesmo os hóspedes mais remissos do vasto palacio, transformado nesses momentos em luxuoso hotel moderno de qualquer das primeiras capitaes do mundo, ou o que era talvez mais exacto, convertido na mais sumptuosa residencia de campo de soberano caprichoso, opulento e artista. Não existia em Portugal, e talvez até em Espanha, moradía de campo que se lhe avantajasse, mesmo tomando para termo de comparação a mansão ducal de Vila Viçosa; a vivenda principesca del Pardo, nos arrabaldes de Madrid; ou o "chateau„ real de Rambouillet nas cercanías de Paris. A arquitetura destes historicos edificios talvez se desenhe mais pretenciosa e imponente nas suas linhas pesadas ou no seu conjunto magnificente, mas nenhum deles iguala o recheio da singela construção reclinada na encosta do Monte Gordo, perto de Vila Franca de Xira. Fiz já minuciosa descrição das preciosidades contidas nas simples paredes da historica e bucolica mansão. Não as repisarei agora. (1)

Ainda o sol não se mostrava no horizonte e já cavaleiros, amazonas, palafreneiros, batedores, guardas, monteiros, caçadores, armeiros, matilhas, homens, mulheres, animaes, imprimiam á risonha paisagem, a nove leguas de Lisboa, uma vida e um movimento cujo similar é preciso ir buscar aos cartões de Van Orley, que representam as *Caçadas de Maximiliano*, em exposição no Louvre. Tudo era folguêdo e alegria por aqueles sitios, outrora ensanguentados pelos combates entre as hostes de D. Afonso Henriques e os esquadrões agarenos, da nosso peonagem e a cavalaria castelhana, dos francêses e as guerrilhas levantadas á pressa nos campos, dos miguelistas e liberaes.

Entre os inumeros convidados via-se a maioria da oficiali-

(1) *O Conde de Farrobo e a sua época.*

dade das fragatas russas, toda a que pudera ser dispensada do serviço de bordo, bem como a prima donna Marietta Gresti e os artistas de maior categoria da companhia lírica. O espetáculo que tudo oferecia recomendava-se pela grandiosidade

— Tenho assistido a muitas caçadas no meu país e fóra dele, oferecidas por imperadores, reis e principes, nenhuma se revestiu de mais imponencia e em especial de mais imaginoso e agitado brilho — declara um grão-duque, oficial da guarnição de um dos barcos moscovitas, ao conde de Farrobo.

— Na verdade, em Portugal nunca ninguem igualou o conde no plano e realização em todo o genero de espetaculos, desde os do proscenio até o que se desenrola agora por montes e vales — acentua D. Luiz da Camara Leme.

— E ainda não entraram em scena alguns elementos dramaticos que estão á espera da *deixa* — observa enigmaticamente o marquês de Niza.

Cêrca do meio dia a caçada atingira o auge. Lebreus e corceis estendiam o corpo, prolongando-se com o terreno, numa galopada de vertigem, atrás de coelhos e lebres, que, após uma carreira doida, eram colhidos, mortos, e iam sendo pendurados num carro especial, que Joaquim Pedro mandara vir de Inglaterra. Quando o sol se mantinha no firmamento, na perpendicularidade consentanea com a estação, as vitimas imoladas a Santo Umberto contavam-se por centenas com orgulho dos monteiros e mais ainda dos caçadores.

Dali a pouco os protagonistas, cavaleiros e amazonas, do que os inglêses denominariam esplendoroso *pageant*, recolhiam á quinta, solicitados pelo cansaço e instigados pelo apetite, embora antes de partir os estomagos se confortassem com um amparador *petit dejeûner*. Desta vez, em logar de ser servido o almoço na ampla e vasta sala de jantar da quinta, comia-se no eirado e terreno adjacente, á guisa de pic-nic, então ainda pouco em uso, mas sendo todas as victualhas fornecidas pelo prodigo argentario, a quem a vitória do Pimenta no litígio intentado ia cercear o melhor e mais volumoso dos seu reditos.

* * *

Principia a opípara refeição, com as montadas perto, pois, apenas se saciasse a fome, a caçada proseguiria, numa segunda

parte, que prometia ser, pelo menos, tão acidentada e interessante como a primeira.

— E' agora o momento — previne o marquês de Niza dirigindo-se ao conde de Farrobo.

— Acha? Então vamos lá para cima — acquiesceu Joaquim Pedro.

Os dois titulares encaminham-se para o palacio e sobem ao mirante. Gosava-se e gosa-se dali um panorama excepcional. Rematava este, á guisa de catavento, uma raposa dourada, que ainda hoje existe, ficando-lhe por isso essa designação. Postados ambos lá em cima, D. Domingos faz um sinal com um lenço a um maioral á frente de alguns campinos, que se ocultavam num massiço do arvoredo.

Neste momento surge por meio dos grupos, assentados ou de pé, uma terrífica aparição. O sangue estacou em todas as arterias, a vida deteve-se em todas as almas. Se Lúcifer emergisse de subito do Averno, depois do dia anoitecer em trevas profundas e das labaredas as avermelharem em clarões sinistros, a surpreza não produziria mais amedrontador efeito, nem o panico avassalaria com mais dominio os espiritos menos acessiveis ao medo. A uma imobilidade de estatuas dos velhos templos egipcios sobrevém um delirio de movimento de aperfeiçoadissimos aeroplanos modernos. Quem conservasse a serenidade e as cataratas não lhe cegassem as pupilas veria particularidades que as damas sistematicamente ocultavam.

— Um touro! Um touro tresmalhado!

Afigurava-se a todos que um animal horrendo, um monstro antidiluviano, um auroque prehistorico, subira das camadas onde os seculos o tinham petrificado, e, insuflado de toda a existencia que perdera em tão demorado torpor, a patenteava ali num arranco feroz de vingança tresloucada.

— Meu Deus! Meu Deus! — bradam os que primeiro recuperam o uso da fala.

Numa célere mutação de animatógrafo, a paralisía convertida em epilepsía, produziu quedas, baques, boléos, correrias, ascensões ás arvores, cavalos espantados, fugas comicas, atitudes caricatas, mas nenhum perigo sério.

Os oficiaes russos colhidos de sobresalto, tinham-se deixado invadir pelo mesmo contagioso pavor e, sem se importarem com a salvação das damas a quem ha dias tinham rendido tão gen-

tis preitos de admiração, procuraram, como muitos outros, porem-se a coberto das investidas do furioso rebento das lezirias.

O marquês de Niza e o conde de Farrobo riam até as lagrimas lhe saltarem pelos olhos fora, no mirante. Ao cabo de uns minutos Joaquim Pedro disse a D. Domingos:

— Para susto já basta!

— Qual susto! Ninguem os manda ser medrosos E' um simples garraio que estava separado para a ferra! Qualquer criança de dez anos lhe bate as palmas e o pega á unha!

O marquês de Niza faz um novo sinal e logo os campinos sáem do seu couto e perseguem o garraio. Este, que vê os seus guardas de pampilho em riste, prestes a conduzí-lo para onde bem lhes parecer, berra e muge, ergue-se em upas sucessivas, encabrita-se e despede coices, baixa as hastes num gesto feroz e despede marradas num contendor imaginario. Os seus movimentos, simultaneamente graciosos e selvagens, ainda mais aumentam o medo das testemunhas obrigatorias da scena, protagonistas forçados do lance. Nesta altura, um dos campinos atira-se abaixo da almantrixa, deita a vara no chão, coloca-se em frente do garraio, arroja-lhe o barrete, o pontudo cresce para ele, o homem arremessa-se-lhe para entre as hastes, os dois formam durante segundos um grupo digno de ser reproduzido por um estatuario genial e o bruto acaba por se confessar vencido, permanecendo quieto, a resfolegar, arquejante, de cabeça baixa, á laia de lutador que entrega o gladio e espera humilhado e com resignação a sentença do vencedor.

Aos portuguêses não causou sensação de maior este dramatico final do acto, mas os estranjeiros, que supunham o arcabouço ou ventre do pegador furado pelas aceradas pontas do seu adversario, esfregavam os olhos como protesto de duvida do que na sua retina se reflectia. Todos, um tanto ou quanto refeitos do susto, exclamaram com entusiasmo:

— Bravo! Viva o português que pode mais que o touro!

Penitenciavam-se neste expansivo aplauso de se terem deixado tomar por um pavor de causa maior na aparencia que nos efeitos.

O comico incidente ainda mais estimúla a vontade para a segunda parte da caçada. Todos os convidados montam e galopam. Agora é talvez mais uma diversão hípica que um exercicio venatorio. Os magnificos cavalos de raça demonstram as suas ad-

miraveis qualidades, quer provenham da Gran Bretanha ou Mecklemburgo quer tenham nascido nas afamadas coudelarias de Alter, nos "haras" de Marrocos ou nas suculentas pastagens da Andaluzia.

O marquês de Niza trotava ao lado do conde de Farrobo e no rasto de varias amazonas.

— Elas e eles nunca se esquecerão deste dia – comenta D. Domingos.

— Nem nós — repete Joaquim Pedro cravando as esporas nos ilhaes do corcel, que deu duas ou três upas e se largou á carga.

— Oh, com a fortuna! A partida é bem pregada! Quem quer que é, vinga-se bem! — murmura D. Domingos imitando o exemplo do amigo e dando a mão ao seu nervoso corredor.

Que sucedera?

Alguem, não se soube quem, largara atrás dos dois titulares um dos mais corpulentos e mais bravos exemplares daquelas campinas. Negro, forte, de armação levantada e perfeita, soprando como a chaminé de um vapor, as narinas dilatadas, de pupilas incandescentes, com a leveza do vento e a acção exterminadora de um furacão, parecia ter comprehendido o intento de quem o guiara até ali e precipitava-se sobre os dois cavaleiros como um galgo em cima de um láparo.

— Que bela estampa! — admira D. Domingos virando se um pouco no selim.

— Deixe-se colher pela estampa e verá a que delgada folha de papel o reduz – moteja o conde de Farrobo.

O perigo começava a ser sério. Toda a gente parara para contemplar o *steeple chasse* entre os cavalos e o touro. A distancia encurtava entre os fugitivos e o perseguidor. Bastava que qualquer das montadas tropeçasse ou tivesse uma hesitação para ser atravessado pelas hastes do cornúpeto e arriscar-se, e quem o montava, a sofrer grosso desaire. Foi o que sucedeu. O *pur sang* do marquês de Niza enreda-se numas urzes, e, não obstante os musculos de aço dos seus jarretes, tem um momento de suspensão. Embora sopeado e ajudado no mesmo instante pelo montador esses segundos de demora permitem á fera chegar até êle Neste ancioso momento ouve-se a voz do conde de Farrobo, um quasi nada alterada, dizendo:

— Atire, atire!

Sôa um tiro. A rez brava baqueia como fulminada, quazi ro-

çando com as pontas pelo ventre do ameaçado corcel. O lance impressionara os espectadores. Acercaram-se pressurosos dos perseguidos cavaleiros.

— Como foi isto ? Quem me livrou de tão inesperado e furioso adversario ?

— O Pinto de Campo e o Pires que além veem — explica o conde de Farrobo.

Os dois administradores, armados de espingardas para a caçada, não das lebres, mas das perdizes, ao verem o touro sôlto, um dos mais poderosos e nédios das manadas, tiveram a presciencia de qualquer facto grave e prepararam-se para todas as eventualidades. Confiados nos possantes predicados dos cavalos que montavam, esperavam que D. Domingos e Joaquim Pedro depressa se encontrassem fora do alcance dos pitons do alentado e feroz bruto. Tal não aconteceu. Não permitia delongas a conjuntura. Pinto de Campos consulta o conde de Farrobo com a vista, pois o touro era dele e passava por ser o mais furioso e perfeito das suas vastas propriedades. Ao ver o gesto de assentimento de Joaquim Pedro aponta a arma e derruba o animal como se a bala usurpasse a acção fulminante da choupa no matadouro.

— Magnifico tiro ! — apreciou D. Domingos.

— Não mangue com a pobresa, senhor marquês; se fosse V. Ex.ª teria feito estacar o animal sem o matar — contraría Pinto de Campos com modestia não isenta de ufania.

— Um belo tiro ! Um belo tiro ! — repetiu D. Domingos com convicção.

E se o marquês mostrasse a esses russos o que vale a pontaria das suas pistolas ? ! — lembra o conde de Farrobo.

VI

Passeio fluvial

Esboçadas algumas modestas evasivas, o marquês de Niza dispôs-se a mostrar a sua inexcedivel pericia no atirar ao alvo.

— Confio tanto em si que não tenho duvida em prestar-me ao mesmo papel que, dizem, uma senhora da sua familia se prestou — declara uma das damas presentes.

— A quê ? minha senhora.

— A fazer saltar-lhe de entre o toucado o pente de tartaruga.

— Isso é uma lenda, minha senhora, como muitas outras que me atribuem. Nunca fiz, semelhante coisa.

— Vae fazê-lo agora.

— Ah, não, minha senhora, não o farei !

— Tem medo ?

— Por v. Ex.ª ; não por mim.

— Então não tenha.

— Não faço isso.

— Não ha que vêr, reconhece que não está hoje nos seus dias felizes.

— Não me tente.

— Não retiro uma palavra do que disse.

— Então caminhe diante de si com a maior naturalidade como se fosse em passeio.

A dama em questão, uma das cantoras da companhia lírica, principiou a andar. Os inúmeros convidados do conde de Farrobo juntaram-se todos num compacto grupo. Tudo se calou. Nem mesmo se ouvia o rumorejar dos segredinhos caracteristicos da presença de mulheres nos actos mais solenes da vida.

D. Domingos puxou de uma das suas pistolas de algibeira e levantou a arma quasi sem apontar. Resoou uma detonação sêca

e o pente, o grande pente de tartaruga que a moda importara dos trajes típicos das mañolas do visinho reino, voou como se mão poderosa e invisivel o arrancasse do sitio onde a criada de quarto o enterrara com tantas cautelas e desvelos.

Ouviu-se um prolongado *ah !* de admiração. Fervilharam os comentarios. A cantatriz que tão voluntaria e insistantemente se expôs ao perigo viu-se assediada de perguntas.

— Que sentiu ?

— Teve receio ?

A pancada da bala a bater no pente foi violenta ?

Ao mesmo tempo alguem dizia :

— Isto não é nada comparado com o tiro do Guilherme Tell.

— Que é isso do tiro de Guilherme Tell ?

— Pergunte-o ao marquês de Niza.

Num instante os presentes exigem de D. Domingos :

— Senhor marquês, mostre-nos a sua habilidade no tiro de Guilherme Tell.

— Minhas senhoras e meus senhores — declara o marquês com a sua galharda fidalguia, onde transparecia uma acentuada pontinha de ironia, — não me nivelem a mim a um homem de habilidades nem equiparem o palacio do Farrobo a uma barraca de feira.

— Que ideia ? ! Longe de nós tal pensamento, senhor marquês ! Faça o que lhe pedimos, faça-nos a vontade.

— Francisco ! chamou D. Domingos.

Apresentou-se-lhe um criado preto que nunca o abandonava.

— Pronto, *siô.*

— Vae buscar uma garrafa.

O moleque não se demorou no desempenho da comissão. Sabendo já do que se tratava, procurou um sitio onde não estivesse ninguem, postou-se ali e levando a garrafa á cabeça deitou-a sobre a carapinha, equilibrando-a com cuidado, de modo que o gargalo ficasse virado para o marquês de Niza.

Um dos presentes, que já vira executar essa extraordinaria proeza, recomendou aos que de bôca aberta assistiam a estes enigmaticos preparativos.

— Reparem bem !

D. Domingos carregou desveladamente a pistola de que se servira ha pouco, elevou-a á altura dos olhos e puxou pelo gatilho. O tiro partiu. O projectil entra pelo gargalho da garra

e fez saltar o fundo sem ofender nenhuma das paredes lateraes.

A concorrencia quasi não queria acreditar no que os seus olhos lhe revelavam. O preto mostrava os dentes eburneos num sorriso de orgulho satisfeito e o marquês encarava os presentes surprehendido por eles se admirarem de um acto tão simples e corriqueiro.

— Admiravel ! Estupendo ! — resoaram de todos os lados.

Chegara a hora de jantar. Era preciso rematar esse dia excepcional com o anunciado passeio nocturno pelo rio. Não descreverei o que foi esse banquete. O mesmo que os anteriores, onde a profusão excedia as raias da prodigalidade na delicadeza das iguarias, na velhice e qualidade dos vinhos, na opulencia da baixela, na preciosidade dos atoalhados. Os comensaes honraiam a bizarra hospitalidade do conde de Farrobo jantando ainda mais do que tinham almoçado e bebendo de modo a fazer suspeitar que as suas guelas e estômagos se encontravam mais sêcas que as regiões desoladamente áridas das charnecas de Africa.

Ao café Marietta Gresti, talvez impaciente por presenciar o desfile fluvial, perguntou ao conde de Farrobo:

— Que horas são ?

Joaquim Pedro meteu a mão na algibeira do seu riquissimo colete de seda, ultimo modelo do King, de Londres e tirou de lá um soberbo cronometro inglês, fabricado pelo mesmo constructor dos do almirantado britanico, e que lhe custara quinhentas libras esterlinas. Consultou-o, e, com cara um tanto ou quanto de desapontado, exclamou :

— Está parado.

— O quê, o conde de Farrobo traz um relogio que não anda?! Não pode ser ! Esse traste inutil tem de ser condenado — aventa um dos convivas já um pouco quente com as repetidas libações.

— Será julgado, sentenciado e condenado por crime de lesa gratidão praticado contra o dono, que tendo dado tanto dinheiro por êle, se convence que lhe não serve para nada, e por lesa-galanteria, por que, devendo ser cortez com uma senhora, se recolheu a uma inexplicavel paralização e se remeteu a um criminoso silencio — acentuou outro não menos exaltado pelos fumos ascencionaes dos licôres.

— Serei eu o executor — declara D. Domingos.

— Vamos primeiro ao julgamento.

Efectua-se um simulacro de julgamento. O magnifico cronometro é condenado a pena ultima. O conde de Farrobo entrega-o com uma tal ou qual solenidade ao marquês de Niza. D. Domingos manda-o pendurar numa das paredes, afastado dela, recúa até a extremidade da casa, puxa por uma das suas pistolas, e declara:

— Só a máquina é culpada do crime pelo qual vae ser punida, só a máquina será justiçada.

Aponta a arma, ouve-se a detonação e a máquina salta do seu envólucro ficando pendente dos aros.

O entusiasmo é indescriptivel. Os presentes erguem D. Domingos em triunfo e fazem-lhe uma ovação em que os vapores do antiquissimo vinho fornecem um contingente igual ao da admiração pela firmeza de pulso do eximio atirador. (1)

— Agora para o rio. Vamos ao passeio!

* * *

Aguardavam os convidados á beira do Tejo algumas dezenas de embarcações. Quando se acomodaram todos os passageiros a bordo, cada uma das naves desde as grandes faluas até os esguios e ageis escaleres, todos se iluminaram numa estupenda profusão de balões á veneziana. A madeira dos barcos desaparecia por baixo de esplendidos e caprichosos adornos de verdura. Dir-se-íam ilhas fluctuantes, á semelhança das que vagueiam pelos gigantescos cursos de agua da America, a deslizar pelo Tejo abaixo, umas impelidas pelos remos, outras rebocadas por dois pequenos vapores, então quasi novidade, alugados pelo conde de Farrobo. De súbito, á guisa de varinha de condão, manejada por fada bela e formosa, as duas margens incendiaram-se em renques compactos e sobrepostos de rubras fogueiras, milhares de almenaras a indicar aos povos ribeirinhos que se incorporava ante os seus olhos ofuscados um desses cortejos citados nas lendas e criados pelas divindades aturdidoras da mitologia escandinava.

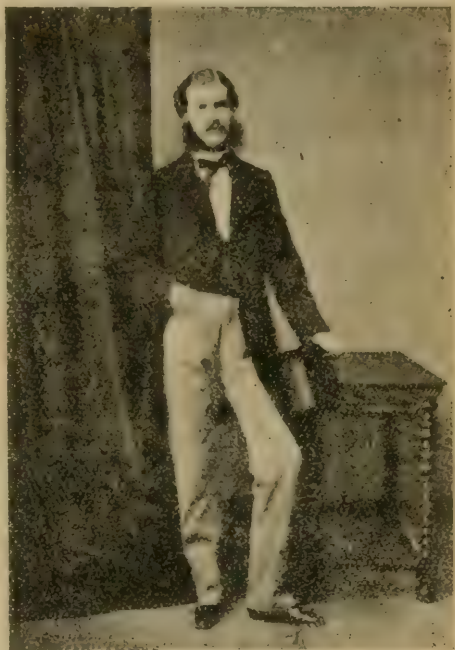
Desde Samora Correia até o Barreiro, desde Vila Franca até Braço de Prata, as duas ribas formavam alas de enormes fachos

(1) Tudo isto foi contado por Pinto de Campos a um empregado da Casa Pia, de Beja, cujo nome, infelizmente, esqueci, e que teve a bondade de me enviar estas informações.

acêsos, num festim de luz rubra, numa exuberancia de archotes gigantescos, a simular que essas ridentes e esmeraldinas ourelas, bordadas de pujante vegetação, de fôfo relvado, de erva espessa e substanciosa, se transformara num scenario das regiões adustas, calcinadas, dos reinos de Plutão e de Proserpina.

— Isto é admiravel ! Nunca supuz poder contemplar quadro tão sugestivo e imponente ! — exclamava Marietta Gresti enlevada.

— Se se anunciasse este espectaculo lá fora e se se acreditasse nêle, Portugal sofreria uma invasão de artistas, de curiosos, de excursionistas, de viajantes sedentos de novidades, de amadores ávidos de sensações fortes — comenta um russo.

— Quem elogia o curso do Rheno com as suas tradicções e belezas necessita primeiro subir ou descer o Tejo e assistir ao perpassar de vistas como estas que nos deleitam as pupilas elogia outro oficial de marinha moscovita.

Ernesto Biester, dramaturgo e tafol popularissimo em Lisboa, casado com D. Amelia Chamiço

Em cada barco havia uma orquestra, de maior ou menor numero de executantes, conforme as suas dimensões. Nuns, guitarristas eximios faziam gemer as dulcissimas liras arrancando as toadas langorosas e plangentes do fado e das suas infinitas variações ; noutros, instrumentos essencialmente nacionaes, vibra-

vam com as cantigas populares educando os ouvidos dos estrangeiros, dos russos e dos italianos, dos barbaros do norte e dos cultos do meiodia, com o nosso folk-lore, demonstrando-lhes o sentimento na melodia e o estro na poesia, que inspiram os cantares das populações ruraes; noutros ainda, os musicos embalavam o singrar vagaroso dos bateis tocando excerptos escolhidissímos das operas mais em voga ou trechos mais saboreados das producções classicas.

— O marquês e o conde são dois artistas; prova-o com dominadora eloquencia a organização deste inolvidavel dia e noite de festa; porque são ambos tão voluveis? — pergunta sorrindo Marietta Gresti a D. Domingos e a Joaquim Pedro com um volvêr de olhos saturado de chasqueadora malicia.

— Declaro que não sei responder-lhe; o marquês de Niza que é professor na materia que ajoelhe a seus pés e faça confissão geral dos seus erros; talvez um arrependimento contricto, uma sincera exposição da *mea culpa, mea culpa!* mereça a sua absolvição — redarguiu sorrindo o conde de Farrobo.

— Quer que lhe diga, com franqueza, porque eu sou voluvel?

— Quero.

— Falo em meu nome exclusivamente e não no de Joaquim Pedro. Tendo ambos grossos pecados desse genero armazenados no cofre da nossas consciencias, cada um de nós meteu-os lá por causas diferentes, visto serem radicalmente dessemelhantes os nossos temperamentos...

— Pois bem, fale em seu nome.

— Não sou eu que vou falar, é a Historia que relata através dos meus labios.

— Ouvirei, muito atenta a Historia, que escolheu um pérfido portavoz para assunto tão momentoso.

— Baudelaire, o admirado e admiravel poeta das *Flores do Mal*, amou com todas as potencias da sua alma Jeanne Duval. Que sucedeu? Essa dama não contente em ser mulata, atraiçoou-o o menos poeticamente possivel com o seu barbeiro — narra D. Domingos.

— Que exemplo!

— Lamartine, o historiador, o politico, o literato, o auctor de tantos livros magnificos em prosa e verso, desde o *Jocelyn* até a *Historia dos Girondinos*, o megalómono por excelencia, que con-

sagrou uma boa parte da sua existencia intelectual e fisiologica, a "Elvira" e a "Graziella", a quem votou esse afecto na realidade!...

— A quem?

— "Elvira" não passava de uma tal Madame Charles, esposa legitima de um quasi nada mais que barbeiro, de um fisico, um "fumiste", que noutras eras se dedicara á aeronautica. ([1])

— E "Graziella"?

— Modestissima jornaleira de uma fabrica de Sorrento, intrigadissima comsigo mesma por ter inspirado tão intensa paixão, pelo mesmo nas bucolicas. "Marion"....

— Qual "Marion"?

— A "Marion" descrita no *Rolla*, de Alfred de Musset, simples...

— Simples quê?!...

— Simples hetaira de um lupanar de baixa esfera de quem o irascivel comediógrafo fizera por algumas semanas sua amante, antes ou depois de o ser de George Sand, com colaboração de Pagani.

— O senhor marquês é um septico que devia ser detestado por todas as mulheres.

— Afora pequenas variantes quasi todas são *Damas das Camelias.*

— Um producto mítico da imaginação dos exaltados, a tal *Dama das Camelias...*

— Maria Duplessis, a mórbida "Margarida Gautier", existiu, viveu, comeu, bebeu. Não se apresentou apenas como um sonho á mente de Alexandre Dumas, filho. Vestiu e calçou antes de ter amado quem lhe pagava bem e de pregar a conhecida partida ao *amant de coeur.* Conheceu-a muito bem o actual consul de França em Lisboa M. Félicien Mallefille, ([2]) amigo intimo de Bernardino Martins. Conta êle "que assistira á ceia, em que, depois de um baile de mascaras, Armand Duval fôra apresentada á celebre *soupesse.*" E não foi só esse que se acotovelou com ela. Conheceu-a bem o Lima da Cardiga, um estroina de Lisboa, a gastar quanto possue em Paris.

Interrompe o dialogo o atracar das embarcações ao Caes das

([1]) *Souvenirs d'un Septuagenaire*, Charles Toubin.
([2]) 1848 a 1849, *Historia do Fado.*

Colunas. Os convidados mostram-se satisfeitissimos multiplicando os seus fervorosos agradecimentas aos dois organizadores da festa. Os russos, tendo adivinhado ou havendo alguma lingua indiscreta que lhes segredasse o verdadeiro motivo daquele goso capuano, ao despedirem-se, confessaram :

— Perdemos as esperanças de assistir á repetição de uma diversão como a de hoje.

Não percam ; voltem a Lisboa com os seus navios que não lhes faltarão folguêdos novos nem espectaculos inéditos ; a bolsa do conde de Farrobo é inexaurivel...

— E a imaginação do marquês de Niza inexgotavel...

* * *

Nos dias seguintes, mão mais que dois ou tres, a murmuração alfacinha encontrou pasto para exercer a sua actividade nas „orgias„ praticadas no Farrobo, como designavam a festa as mexiriqueiras de capote e lenço e as que não usavam tão ambicionadas prendas. Escusado será afirmar-se que diluviaram as censuras. Dos triunfos brotam sempre detractores. A Humanidade, neste ponto, não se modificou desde o seu inicio. Imobilizou-se como a vegetação petrificada pelos seculos.

Decorridas uma a duas semanas depois do que atrás se descreveu entra em casa de D. Domingos o seu amigo Tiago Horta e dispara-lhe á queima roupa.

— Acabo de saber que estás em véspera de cometer mais uma enorme loucura.

Que ares tragicos, homem ! Atribuem-me tantas que já não faço ideia de qual seja. Explica-te.

— Não te faças de novas. Refiro-me á tua moderna "conquista„.

— Queres que te fale com o coração nas mãos, tenho umas poucas em vista, portanto concretiza.

— Sabes muito bem a que aludo.

— A qual ?

— Apega-te com o juizo, a idade começa a exigir-to.

— Estava agora mesmo a ler Alphonse Karr. Sabes o que êle diz a propósito dos conselhos ?

— Não.

— Diz : "On donne facilement des conseils : ça amuse beau-

coup celui que les donne, et ça n'engage á rien celui qui les reçoit.»

— E's incorrigivel.

— Porque não me catequizas com o teu exemplo.

— A ti? Nem mesmo vivendo tanto como o patriarca Mathusalem serias capaz de arrepiar caminho.

— Cala-te! Ouve ainda o mesmo Alphonse Karr: "Il faudrait amener l'homme à se réconcilier avec lui-même et à se contenter des maux inhérents à sa nature».

— Pobre Karr em que bôca veio caír.

— Não te guindes a Catão; a tua materia pecaminosa não to consente. Vaes auxiliar-me nesta nova aventura. Em toda a minha vida não me aconteceu nada semelhante.

— Não auxilío. Não te quero ouvir. Vou-me embora! — declara Tiago Horta com tão pouca convicção, que se assentou e tomou uma posição cómoda para não perder nenhuma das palavras do seu estroina amigo.

— Conheces o cantor Procopio?

— Vagamente, de ouvir citar, mas a que proposito vem o do cantochão?

— O senhor Procopio mora na rua de Santana, n.º 10, a Belem, e foi noutros tempos cantor da Sé Patriarcal. Possue alguma coisa que lhe deixou um irmão e casou três vezes [1].

— Já me lembro; um tipo muito magro, de barba grande e comprida, uma figura de respeito.

— Ora o senhor Procopio gaba-se de encontrar amiude D. Sebastião na quinta de Queluz e ainda com mais frequencia no Aterro.

— E' um visionario, o pobre velho!

— Será. Assegura que D. Sebastião se esquecêra do português e que fala com ele, Procopio, numa língua especial. Corresponde-se muito com um tal F. P. Lobo, sebastianista até ao tutano e enfronhadissimo em tudo que se relaciona com o *Encoberto*. Este envia-lhe com regularidade todas as publicações referentes ao assunto [2].

Bem, depois; onde queres chegar?

[1] *Excentricos do meu tempo.*

[2] *Visão da Madre Leocadia, commentarios ao juramento de D. Affonso Henriques. Prophecia do Moiro Abarramil, Trovas do Pretinho do Japão* e outros prognosticos.

— Em casa dêle, no predio chamado do Bico, ou do Procopio, a primeira casa edificada depois do terramoto de 1755, de que ele é dono, ha...

— Não vejo nenhuma relação.

— Já verás. Mantem ali uma camara de estado onde se ergue um leito com armação, com côlchas de damasco, tudo preparado para agasalhar el-rei D. Sebastião quando desembarcar, numa manhan de nevoeiro.

— Nunca ninguem abusou da sua boa fé?

— Nesse quarto existe uma imagem da Nossa Senhora da Conceição, que êle enfeitou com todas as joias que tinha e ainda lhe adicionou, por enraizada devoção, o habito de Christo com que em tempo o governo miguelista o agraciara.

— E êle onde dorme?

— Trata-se como um pecador remisso. Deita-se nas tábuas do sobrado de um quarto sem janela, onde não entra claridade nem ar. Espera ahi noite e dia que esse quarto se ilumine com o resplendor da fronte de D. Sebastião.

— Se não conclues retiro-me.

— Uma das poucas visitas que o Procopio recebe é uma velhota, ainda mais sebastianista que êle, isto é muito mais maluca. Ora a velhota legou-lhe uma irman falecida, uma sobrinha que é um encanto.

— Já entramos na materia.

— A pequena, que é namoradeira, mas a quem a tia não consente que ponha pé em ramo verde, está morta por bater as asas.

— E tu dispões-te a ajudá-la no vôo...

— Não ha meio: a velha não a larga um só instante...

— Demonio!...

— Será preciso recorrer á força.

— Nem isso é possivel. Rodeia-se de mil precauções e um rapto redundaria num escândalo formidavel...

— Ha de fazer-te grande diferença.

— E gorar-se-hia, mas...

— Ha um mas?...

— Ha. A velha declara a quem a quer ouvir que só dará a sobrinha a D. Sebastião.

— Desgraçada pequena, irá para a cova de palmito e capela!...

— E' isso o que vou evitar.

— Porque meio?

— Serei eu o D Sebastião.

VII

Assomos de contricção

A expulsão de Lola Montes não acalma as paixões que desencadeara na Baviera. A revolução anda no ar. Para salvar a monarquia, o soberano vê-se obrigado a abdicar quinze dias depois da partida da condessa de Landsfeld.

Luiz I aceita o seu destino com dignidade e sem amargura.

Sucede-lhe o filho. Quer continuar a viver em Munich, que não deixa de embelezar á sua custa. Depressa a população esquece a sua incapacidade de soberano para só admirar nele um "professor do Belo". A popularidade que adquire então excede a que lhe valera o seu reinado. Rodados quinze anos, eregem-lhe em Munich, na praça do Odeon, uma estatua com esta inscrição: "A cidade de Munich reconhecida". Após vinte anos de abdicação, morre em Nice, com oitenta e dois. As suas ultimas palavras são: "Deus agradeça, por mim, á cidade de Munich".

A Baviera reclamou o seu corpo e fez-lhe funeraes dignos dele.

Lola Montes demora-se os quinze dias que se seguem á sua expulsão nas proximidades da fronteira, presumindo que seria chamada breve. Corre até que voltara a Munich, disfarçada de homem, e que Luiz I a recebera. Este boato nunca se confirmou. As suas esperanças não duram muito e fica consternada ao saber da abdicação do rei.

Segue para a Suissa. Acha-se na necessidade de ganhar a vida. Dispendera em tricas politicas quanto dinheiro recebera. O seu esplendido palacio ardera e, dos magnificos presentes de Luiz I, só lhe restavam alguns diamantes. Na verdade, encontrava-se mais pobre que quando chegara a Baviera, a ponto de dizer:

— Tinha então cem mil francos, Luiz comeu-mos.

Resolve voltar para o teatro, não na qualidade de dançarina, mas de actriz. Em 1849, está para representar em Londres, no teatro Covent Garden, um drama intitulado *Lola Montes* ou *A Condessa de uma hora.* A censura proíbe a peça por motivos politicos. A pequena habitação de Lola, em Half Moon Street, converte-se em ponto de reunião de todos os *dandies* novos.

Entre esses rapazes, um deles, Stafford Heald, do 2.º regimento dos *Life Guards* apaixona-se loucamente por ela. Atingira a maioridade e possuia cinco mil libras esterlinas de renda. Lola Montes sentindo a sua vida precaria, cansada de lutas e de escândalos, desejosa de repouso e de consideração, consegue casar com êle. Não tarda a compreender o seu erro. A tia de Heald, furiosa com o casamento, manda inquirir do passado da pseudo condessa de Landsfeld e descobre o seu primeiro enlace. Verifica igualmente nos documentos do divorcio certas omissões e irregularidades, que aproveita para acusar a condessa de bigamia. Lola é intimada a comparecer no tribunal de Marlborough Street, no momento em que dava o seu passeio habitual pelo parque. Afecta a maior indiferença e dirige-se para essa convocação acompanhada do marido que, durante o interrogatorio, se conserva a seu lado e leva repetidas vezes a mão da sua formosa esposa aos labios.

Lola recupera a liberdade mediante mil libras de fiança, que o marido lhe arranja. O casal aproveita esse armisticio da lei para saír imediatamente de Inglaterra. Um casamento semelhante entre duas creaturas tão pouco feitas para se entenderem, não podia acabar bem. Vivem durante dois ou três anos em Espanha. Mas o genio de Lola, azedado com todos estes dissabores, torna-se cada vez mais dificil. O menor pretexto encoleriza-a e seguem-se-lhe verdadeiras scenas de loucura. Todos os dias disputam. No decorrer duma destas scenas Lola chega a esfaquear o marido. O oficial inglês deixa-a por várias vezes. Mas tal é a fascinação que ela exerce sobre Heald, que este volta sempre. E' Lola quem o abandonou de vez deixando-lhe os dois filhos do infeliz consorcio.

Heald, que pedira a sua demissão de oficial do exercito e que perdera quasi toda a sua riqueza nesta desventurada paixão, afoga-se perto de Lisboa. Lola Montes volta para Paris. Não a recebe ahi o acolhimento que esperava. Um director de um tea-

tro da America convida-a a ir áquele país. Atravessa o Atlantico no mesmo navio que Kossuth. Aparece em Nova York num drama escripto pelo seu punho e intitulado *Lola Montes na Baviera*. Representa-o ela propria como dançarina, condessa, revolucionaría e fugitiva.

Depois de cinco espectaculos em Nova York representa a peça em excursão por toda a America. Em Nova York acolhem-na hostilmente e tem de saír da cidade. Em S. Francisco celebra terceiras nupcias com um irlandez chamado Hull, de quem se divorcía algumas semanas depois. As suas proezas na Baviera atráem-lhe por toda a parte um novo auditorio, mas gasta acto contínuo quanto dinheiro ganha.

Quando fatiga a curiosidade dos norte-americanos parte para a Australia. Em Sydney, onde intrepreta os mesmos papeis, representa em beneficio dos "Feridos de Sebastopol„ Em Melbourne obtem um retumbante exito chicoteando Seekemp, director do *Ballarat Times*, a proposito de um artigo contra ela. Ovacionam-na nessa mesma noite no teatro quando Lola explica ao auditorio que propuzera a Seekemp bater-se com êle á pistola. Mas as suas chicotadas, de que abusa muito, valem-lhe alguns incidentes desagradaveis. Tendo chicoteado Crosby, empresario de um teatro em que representava, vê-se obrigada a dar satisfações da sua violencia á mulher Esta, uma gigante, parte-lhe o punho e deixa-a meio desmaiada no terreno.

Da Australia regressa a Inglaterra, onde, depois de um sermão ouvido numa igreja, resolve abandonar o tablado. Dedica-se a fazer conferencias em publico e dirige-se de novo á America. Ali, apesar de boa recepção da imprensa, conhece breve a extrema pobreza. Encontra então Mrs. Buchanan, que conhecera outrora numa casa de hóspedes. Esta dama surge á mísera aventureira como a Boa Samaritana. O cristianismo esclarecido praticado por Mrs. Buchanan devia seduzir uma natureza tão impressionavel como a de Lola. A desventurada exprimiu um arrependimento excessivo e anunciou a sua intenção de dedicar o resto dos seus dias a salvar do oprobrio as cortezans. Mas a sua saude, já abalada por mil excessos, não resistiu ás fadigas do seu novo proselitismo. Advertida por um ataque de paralisia do seu fim proximo, em Nova York, em dezembro de 1860, manda chamar para junto da sua cabeceira um pastor, o mesmo de quem atrás se falou. Durante algumas semanas da agonia desta mulher, o

sacerdote ministra-lhe todos os socorros da religião e acalma-lhe a consciencia torturada pelo remorso. O arrependimento pareceu-lhe de um caracter tão excepcional que publicou o folheto já citado. Afrontou a morte com a serenidade de uma santa. Tinha quarenta anos.

Um jornal publicou depois da sua morte a nota seguinte:

Mrs. Craigie, sua mãe, que vive ainda, fez expressamente a viagem de Inglaterra á America para receber a herança de Lola Montes. Mas ao saber que não deixara nada, regressou no paquete seguinte.

Um belo exemplo de moral e de amor materno.

Assim morre a pecadora com cheiro de santidade, uma das mais interessantes aventureiras do seculo XIX. A sua celebridade atingiu as culminancias ha numerosos lustros e constituiu um manancial de noticias de sensação para os jornaes da época.

Lola Montes, escreveu um dos seus biógrafos [1], foi bonita, prendada e imprudente. Nos primeiros seculos do cristianismo teria podido ser uma imperatriz como Teodora ou uma pecadora convertida como Pelagia.

* * *

Ha uma época na existencia do marquês de Niza em que o volteiro fidalgo projecta pautar os seus actos por outras normas, Renuncía ao jogo, repudía o galanteio, cessa as extravagancias, represa os disperdicios. Planeia dedicar-se com todas as faculdades da sua subtilissima inteligencia á agricultura. Aspira a ser o primeiro lavrador do país, e possue condições para o ser. Bastava arrotear as suas fazendas do Paúl para obter uma producção enorme. Ao mesmo tempo lembrou-se de cultivar a politica. Por convicção ou por ser moda alistou-se nas hostes contrarias aos Cabraes.

Com o empenho e a energia das primeiras impressões dedicou-se de corpo e alma ao mais pérfido dos encantamentos. Pretendia ser simultaneamente Catilina e Cincinato. Durante dois meses não atirou com uma libra para cima de uma carta, durante um ano a cronica escandalosa lisboeta não registou nenhum rapto. Os seus inseparaveis amigos de então, João de Andrade Corvo e

(1) W. R. H. Trowbridge.

Pinto Carneiro, enquadravam-no como dois Catões na vida severa de Roma.

Tencionou guindar-se a émulo do conde de Farrobo, que mandara vir do estranjeiro maquinas a vapor e teares, montara fabricas de varias especialidades, contratara na Italia familias inteiras que trouxeram a Portugal o segredo e o exercicio das suas profissões. Ambicionava ser, como se disse, um famoso agricultor e um prestavel industrial de rasgadas iniciativas.

Conseguiu-o? A sua força de vontade foi suficientemente forte para resistir ás saudades do passado e ás tentações do presente?

E' o que se verá no proximo volume, o terceiro da serie, **ESTROINAS E ESTROINICES**.

Ahi encontrará o leitor, além de muitas outras, as personagens principaes da SOCIEDADE DO DELIRIO, sem excluir a *Sonho de Rafael*, Helena e outras individualidades femininas, que deixaram vincado rasto nos anaes da vida amorosa em Portugal e além fronteiras.

FIM DA SOCIEDADE DO DELIRIO

A seguir:

ESTROINAS E ESTROINICES

INDICE

PRIMEIRA PARTE

O marquês de Niza

SEGUNDA PARTE

Aventuras no estrangeiro

TERCEIRA PARTE

Arte, Politica, Amores